UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA HEBRAICA,
LITERATURA E CULTURA JUDAICAS

DANIELA SUSANA SEGRE GUERTZENSTEIN

**O uso do computador e da Internet
pela comunidade judaica ortodoxa paulistana**

São Paulo

2008

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUA HEBRAICA,
LITERATURA E CULTURA JUDAICAS

**O uso do computador e da Internet
pela comunidade judaica ortodoxa paulistana**

Daniela Susana Segre Guertzenstein

guertzenstein@uol.com.br

Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Língua Hebraica,
Literatura e Cultura Judaicas do
Departamento de Letras Orientais da
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo, para a obtenção do título de
Doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Marta Francisca Topel

São Paulo

2008

GUERTZENSTEIN, Daniela Susana Segre. *O uso do computador e da Internet pela comunidade judaica ortodoxa paulistana*. Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo. SP. 2008. 239 páginas.

DANIELA SUSANA SEGRE GUERTZENSTEIN

**O uso do computador e da Internet
pela comunidade judaica ortodoxa paulistana**

São Paulo, ____ de _____ de 2008.

Professora Dra. Marta Francisca Topel

Professor Examinador

Professor Examinador

Professor Examinador

Professor Examinador

AGRADECIMENTOS

À Professora Dra Marta Francisca Topel a quem devo a oportunidade que me foi dada, a bibliografia que me fez conhecer e a sua assídua leitura dos textos deste trabalho.

À minha irmã Carla Júlia Segre Faiman por ter me auxiliado na elaboração de um texto objetivo e imparcial.

À minha irmã Miriam Segre Rosenfeld que me levou a ingressar no programa de doutorado do qual resultou este trabalho e aos meus pais Marco Segre e Ariella Pardo Segre pelo espírito crítico que me incutiram desde a minha mais tenra infância.

Ao meu marido o Rabino Mordechai lehiel (Marco) Guertzenstein e aos meus filhos Boruch, Yaacov Meir, Hava Bácia e Pinhos pela paciência de ter convivido com uma mãe imersa por noites a fio em livros e no monitor de um computador.

Aos rabinos, diretores, estudantes das instituições de ensino da comunidade judaica ortodoxa e a todos os membros da comunidade em questão que concederam informações, fazendo com que a execução deste trabalho fosse possível.

À CAPES, por ter sido contemplada com sua bolsa de estudos, que me possibilitou realizar esta pesquisa.

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	8
1 Introdução	9
2 Objetivos e Metodologia	17
3 Fundamentação Teórica	30
4 Considerações Gerais sobre Judaísmo e Ortodoxia	42
5 Histórico da Comunidade Judaica Ortodoxa Paulistana	53
6 Comunidade Judaica Ortodoxa Paulistana e Cibercultura	94
7 Educação Judaica Ortodoxa Paulistana e Cibercultura	136
8 Estudantes Judeus Ortodoxos Paulistanos e o Ciberespaço	165
9 Conclusões: Paulicéia, Ciberespaço e Judeus Ortodoxos	209
10 Referências Bibliográficas	223
11 Anexos	229

RESUMO

O presente trabalho expõe, inicialmente, algumas definições sobre Judaísmo Ortodoxo, tipos de Judaísmo Ortodoxo, seus modelos educacionais e um breve histórico da comunidade judaica ortodoxa paulistana para subsidiar o estudo e a discussão sobre como a inclusão tecnológica e a interação virtual dos estudantes das suas instituições de ensino ocorrem nesse contexto. Procurou-se demonstrar como os rabinos ortodoxos, temendo que as mudanças tecnológicas conduzam os integrantes de suas comunidades a abandonar práticas que asseguram a continuidade destas, estabelecem normas e interdições em relação ao uso de computadores e da Internet, dificultando a interação dos membros de sua comunidade com elementos externos aos de seus próprios ambientes presenciais. Considerando que atualmente a inclusão virtual é cada vez mais necessária para integrar os cidadãos na sociedade, o presente estudo aborda uma importante questão de forma pioneira ao expor o que a Internet representa para estes indivíduos, deixando transparecer a dificuldade dos rabinos ultra-ortodoxos em solucionar os impasses relacionados ao uso desta nos programas curriculares das disciplinas do Ensino Básico de suas instituições de ensino. Para o presente estudo, elaborado entre os anos de 2004 e 2007, foram utilizadas formulações teóricas disponíveis em artigos, revistas e livros sobre a comunidade judaica ortodoxa e foi realizada uma extensa pesquisa de campo em que foram entrevistadas autoridades rabínicas e líderes da comunidade em questão. Foram, também, analisadas informações obtidas por meio de questionários sobre o uso dos computadores e da Internet respondidos pelos diretores de todas as instituições de ensino judaicas ortodoxas paulistanas reconhecidas pelo MEC e pelos seus estudantes de 1º e 2º ano do Ensino Médio.

PALAVRAS-CHAVE: Judaísmo – Judaísmo Ortodoxo – Internet - Novas Tecnologias – Comunidade Judaica Ortodoxa Paulistana.

ABSTRACT

The present doctorate thesis expounds, initially, some definitions about Orthodox Judaism, varieties of Orthodox Judaism, its educational models and a brief history of the orthodox Jewish community of São Paulo in order to assist the learning and discussion about how the technological inclusion and the virtual interactions of its schools' students take place in this context. It was attempted to demonstrate how the orthodox rabbis establish rules and prohibitions concerning the use of computers and of the Internet, making the interaction between their community's members and outsiders of their own physical environments more difficult because they fear that technological changes will drive their followers to abandon practices that ensure the continuity of their community. Considering that today the virtual enclosure is increasingly necessary to integrating the citizens into society, the treatise at hand approaches an important issue in a pioneer way expounding what the Internet represents to these individuals and implies the hardness faced by the ultra-orthodox rabbis to solve the difficulties related to the use of the new technologies and of the Internet into the secular study programs in their schools. For the present tractate, elaborated between the years of 2004 and 2007, theoretical formulations available in articles, magazines, and other studies about the orthodox Jewish community were employed, as well as an extensive field research interviewing this community's authorities and leaders was performed. Another source of the acquired and analyzed data are questionnaires regarding the use of computers and of the Internet, responded by the principals of all Jewish orthodox schools in the city of São Paulo accredited by the Brazilian Ministry of Education and Culture and by their students of the 10th and 11th grades (High School).

KEYWORDS: Judaism – Orthodox Judaism – Internet – New Technologies – Orthodox Jewish Community of São Paulo.

1 INTRODUÇÃO

Para quem vive nos grandes centros urbanos ou está em contato com eles e faz parte de uma comunidade cosmopolita, nada mais comum do que desejar telefones celulares, sistemas multimídia, computadores e muitos itens da parafernália eletrônica de última geração. Na sociedade contemporânea a tecnologia pode ser considerada sinônimo de progresso, efetividade, funcionalidade, produtividade, praticidade, velocidade, cultura, educação, lazer, higiene e saúde, entre muitas outras coisas. Os satélites e cabos óticos conectam através de dígitos, impulsos e ondas os mais diversos lugares formando uma rede global de comunicações. Por tudo isso, esta minha tese de doutorado aproveita um momento interessante pelas mudanças rápidas e pela velocidade em que se difundem os usos das tecnologias, o qual nos faz refletir sobre as transformações ocorridas nos usos e práticas da comunicação, enquanto as pessoas inventam novos meios ou adaptam as antigas tecnologias criando novas situações e contextos sociais (Rheingold 2000 e Wilson and Peterson 2002:462).

Contudo, qualquer pesquisa no campo da comunicação social deve levar em conta, além do meio de comunicação discutido, a importância da organização social de cada área, seu grau de desenvolvimento tecnológico e características peculiares de seus integrantes, considerando-se que cada região pode conter várias comunidades que se distinguem umas das outras por elementos religiosos e valores culturais peculiares. De modo que se torna interessante pesquisar não só cada comunidade individualmente, mas também a integração e a interação de seus membros e de suas instituições na sociedade em geral.

Foi escolhida, então, como objeto de estudo desta tese a comunidade judaica ortodoxa paulistana, a qual tem instituições de ensino próprias e cujos membros obedecem a leis e costumes que os distinguem, de acordo com o nível de ortodoxia de cada um deles, dos indivíduos de fora de suas comunidades e da grande população em geral da metrópole que é a capital paulista. Desta forma, o presente trabalho se propõe a conhecer os objetivos

com que os estudantes das instituições de ensino da comunidade judaica ortodoxa paulistana mais utilizam o computador, analisando assim a interação desses paulistanos no ambiente virtual da esfera tecnológica conhecida como ciberespaço.

No entanto, temos que lembrar que os judeus ortodoxos são uma pequena minoria entre muitos judeus que pouco ou nada conhecem das leis da doutrina rabínica e adotam um modelo de comportamento que tem como referência muitos dos mais variados hábitos dos diversos ambientes da sociedade em que se encontram.

O tópico sobre a interação da comunidade judaica ortodoxa com outras comunidades no ciberespaço torna-se interessante na medida em que seus membros rejeitam presenciar e participar de quaisquer atividades que contenham elementos que eles considerem como ameaças potenciais a sua submissão e obediência às rígidas normas religiosas de sua doutrina. E, mesmo nesse contexto de segregação parcial, de inclusão cultural seletiva e exclusão social voluntária, os computadores e a comunicação virtual estão sendo inseridos e a linguagem binária e a cibercultura da comunicação virtual, assimiladas pelos seus integrantes.

As comunidades judaicas ortodoxas são caracterizadas pela obediência dos seus integrantes à liderança de suas próprias autoridades rabínicas. Essas autoridades, por sua vez, decretam regras e normas religiosas fundamentadas na doutrina de fé rabínica. O comportamento desses fiéis e das autoridades rabínicas está alicerçado na certeza de que somente assim estão cumprindo a palavra de D-us e executando a sua função no mundo. Quanto mais elevado o grau de ortodoxia das comunidades judaicas, mais seus membros prezam o enaltecimento das características identitárias religiosas que os distinguem e apartam dos indivíduos de outras comunidades, crenças e culturas, o que contribui para a coesão das comunidades de judeus ortodoxos, pela conservação de suas próprias instituições, entidades e elementos culturais e conseqüente segregação ou isolamento gradual da sociedade em geral (Bulka 1991, Heilman & Cohen 1989, Liebman e Finkelman 1964). O temor a agressões ou influências que criem questionamentos à fé faz com que os

judeus ultra-ortodoxos se excluam intelectualmente de ambientes fora do âmbito restrito de suas comunidades (Hartman 1991).

A comunidade judaica ortodoxa não é um grupo homogêneo, pois abrange segmentos que, apesar de serem fiéis à mesma doutrina e seguirem as mesmas leis, têm histórias e hábitos diferentes. Além das diferenças dos costumes religiosos, é importante lembrar que existem grupos de judeus mais ortodoxos e grupos de judeus menos ortodoxos. Portanto, para se entender essa comunidade deve-se levar em conta que os judeus ortodoxos podem ser divididos em centristas moderados, centristas radicais e ultra-ortodoxos. Os judeus ortodoxos centristas são aqueles que procuram compatibilizar a prática dos preceitos religiosos da ortodoxia judaica com a sociedade em geral, em contraste com os judeus ultra-ortodoxos, que tendem a isolar as suas comunidades da sociedade em geral (Friedman 1993 e Lamm 1991). Assim, os judeus ortodoxos centristas moderados são mais cosmopolitas e compartilham mais ambientes fora de suas próprias comunidades, ao passo que os judeus ortodoxos centristas radicais estão mais próximos ao contexto da ultra-ortodoxia judaica, cujos membros se mantêm prioritariamente restritos a seus clãs provincianos.

Deve ficar claro que as diferenças religiosas no nível de ortodoxia não estão relacionadas à obediência de uma quantidade maior ou menor de leis da doutrina rabínica ou a divergências na aplicação de determinadas leis. Os níveis de ortodoxia se refletem no maior ou menor fechamento de uma comunidade e de seus fiéis com relação a valores considerados externos ao judaísmo e no anseio, mais ou menos intenso, de participar o menos possível de ambientes fora do âmbito restrito das próprias comunidades.

O choque entre a ortodoxia judaica e a modernidade das tecnologias dos meios de comunicação se revela no fato de que, quanto maior o grau de ortodoxia e conseqüentemente de provincianismo judaico de uma comunidade, maior a tendência de que, mesmo utilizando a comunicação digital, seus membros não se permitam aprender a usá-la compartilhando livremente ambientes na Internet. Isto porque as autoridades religiosas proíbem ou evitam que seus fiéis adquiram conhecimentos e habilidades fora da religião

potencialmente capazes de levá-los a assimilar valores culturais considerados estranhos à doutrina. Em suma, os fiéis são orientados a evitar situações que estimulem a interação em nível pessoal com indivíduos que não pertencem à comunidade, o que prejudica o aprendizado de técnicas de navegação na Internet e restringe a interação desses usuários no mundo virtual.

A proibição decorre da oportunidade que a mídia digital proporciona a qualquer usuário de interagir, da privacidade de um terminal com acesso à Internet, com quaisquer elementos ou usuários que se encontrem na rede. Ao membro de uma comunidade ortodoxa, abre-se a oportunidade de assimilar valores estranhos à doutrina rabínica e de desenvolver virtualmente relacionamentos com indivíduos e ambientes outrora proibidos ou desaconselhados em sua forma presencial. Esse fator pode gerar uma mudança significativa na participação dos judeus ortodoxos na sociedade não judaica e também nas próprias comunidades judaicas ortodoxas. É importante ter ao menos a idéia de que a abertura da Internet é tão revolucionária que pode descortinar aos seus usuários informações que antes lhes eram inacessíveis e inimagináveis, modificando o conhecimento de mundo e gerando situações anteriormente impossíveis. Tal abertura pode gerar ou catalisar questionamentos e mudanças pessoais, abalando a estabilidade de comunidades inteiras, em que o aprendizado da religião e das disciplinas comuns deve obedecer aos critérios das autoridades religiosas e tem como princípio o contato presencial.

Quanto à geografia social das comunidades, podemos discernir duas categorias. A primeira é representada pelas comunidades locais, cujos integrantes residem em uma mesma região e formam uma determinada comunidade. A segunda é representada pelas comunidades globais, formadas por uma parcela de integrantes que residem próximos e outra que reside nas mais diversas regiões, lugares e países.

É necessário também diferenciar as comunidades pelo seu pertencimento social. As comunidades mais provincianas são aquelas cujos integrantes se mantêm mais submissos às suas próprias autoridades e se restringem a conviver o máximo possível entre si. As comunidades mais

cosmopolitas são aquelas cujos integrantes compartilham e participam de mais ambientes externos e inclusive fora do ambiente judaico.

Desse modo, as comunidades judaicas ortodoxas podem ser divididas em quatro tipos de grupos religiosos: 1) Comunidades judaicas ortodoxas locais provincianas – Seus membros residem em uma mesma região, são submissos às mesmas autoridades religiosas locais e se esforçam em se isolar de pessoas e ambientes de outras comunidades e da sociedade em geral; 2) Comunidades judaicas ortodoxas locais cosmopolitas – Seus membros residem em uma mesma região e têm as mesmas autoridades rabínicas locais como maior referência; procuram integrar a prática das leis da doutrina rabínica a uma participação ativa na sociedade em que se encontram, fora da própria comunidade; 3) Comunidades judaicas ortodoxas globais provincianas – Seus membros não residem em uma mesma região, mas todos eles fazem parte de um mesmo movimento ou corrente judaica ortodoxa multinacional; usam as tecnologias da comunicação para manter contato, procurando, na medida do possível, manter-se alienados de elementos que supostamente poderiam afastá-los das suas comunidades; 4) Comunidades judaicas ortodoxas globais cosmopolitas – Seus membros não residem em uma mesma região, mas todos eles fazem parte de um mesmo movimento ou corrente religiosa multinacional e compartilham ambientes fora de suas comunidades e do âmbito judaico.

Um exemplo de uma comunidade global é o movimento judaico ortodoxo mundial Chabad Lubavitch, cujas entidades podem ser, talvez, comparadas às franquias da Coca-Cola ou do Mc Donald's. Ou, melhor contextualizando, podem ser representadas como parte de um modelo semelhante ao de outras organizações e movimentos religiosos que podem ser identificados por se submeterem a regulamentos em comum. Não são muito diferentes das igrejas católicas apostólicas romanas que devem manter rituais, discursos e atividades de acordo com o cânone pontifical.

Nesse âmbito, o desenvolvimento das tecnologias dos meios de comunicação no ciberespaço oferece a oportunidade inédita de formação de comunidades virtuais entre indivíduos que emigram de uma mesma comunidade, ou de integração de pessoas que se associam por empatia, ou

por práticas comuns ou ainda por uma identidade cultural conjunta. A conexão eletrônica binária à distância no ciberespaço proporciona uma interação entre indivíduos e pode formar e manter uma comunidade virtual (Castells 2003, Lévy 1999 e Rheingold 2000). Assim, os usos da Internet e a apropriação de novas práticas sociais causam às autoridades rabínicas ortodoxas o temor de que seus fiéis passem a compartilhar ambientes, informações e experiências talvez proibidas pela doutrina rabínica, ou mesmo que eles passem a se ocupar mais com outras atividades que não as religiosas. Em contraponto, também existe a possibilidade de os fiéis utilizarem exclusivamente programas permitidos pelas suas autoridades rabínicas e interagirem virtualmente só com pessoas de suas próprias comunidades ou movimentos judaicos ortodoxos.

No contexto de convergência das mídias eletrônicas e da transformação da Comunicação Mediada pelo Computador (CMC) em uma necessidade social moderna, as leis e padrões das diversas autoridades rabínicas que definem quais aparelhos eletrônicos, informações, atividades e serviços da Internet são permitidos e para que objetivos eles podem ser utilizados pelos membros de suas comunidades têm papel fundamental na inclusão destas, de suas entidades e de seus integrantes na sociedade moderna. As diferenças entre as regras das diversas autoridades rabínicas revelam as diferenças de inclusão social entre as autoridades rabínicas, suas entidades e os integrantes de suas comunidades, de acordo com o nível de ortodoxia judaica de cada uma delas.

Nesta situação, para se entender a inclusão na sociedade moderna ou a exclusão dela, de acordo com o nível de ortodoxia judaica, é necessário saber quais programas, por exemplo, arquivos de texto, imagem, som e multimídia, são utilizados e em quais aparelhos eletrônicos. Além de que cabe verificar a origem dos arquivos utilizados pelas autoridades rabínicas e pelos integrantes das diversas comunidades judaicas ortodoxas. É importante, também, saber quais serviços da Internet, como os conversadores MSN Messenger e Skype, correio eletrônico, ambientes automáticos e de interação interpessoal, tanto privados quanto públicos, são acessados e para quê. Se, por exemplo, a CMC com um computador com conexão multimídia à Internet é utilizada prioritariamente para deveres profissionais, escolares, lazer, para conversar com familiares distantes ou outras atividades.

É exatamente por isto que esta tese, além de verificar como as diversas autoridades rabínicas paulistanas e no exterior se portam em relação aos meios de comunicação eletrônicos e seus ambientes, escolheu verificar também o modelo educacional das instituições de ensino judaicas ortodoxas paulistanas, comparando-as a algumas de suas equivalentes no exterior, avaliando a inclusão virtual de seus estudantes do 1º e 2º ano do ensino médio e visitando os ambientes virtuais destes.

A partir dessa investigação, que é o objetivo principal desta tese, podemos adquirir uma maior compreensão de como o ciberespaço está sendo utilizado e assimilado pelos vários segmentos do grupo-alvo. Em acréscimo, viabiliza-se o conhecimento do modo como a tecnologia, o ciberespaço e a sociedade estão se inserindo na comunidade judaica ortodoxa paulistana, redesenhando e socialmente reconfigurando seus meandros.

Ainda na introdução deste trabalho deve-se notificar que os nomes das instituições, entidades e indivíduos citados nesta pesquisa foram grafados da maneira peculiar como cada uma de suas organizações ou eles próprios assinam, e que as palavras hebraicas ditas e escritas por membros da comunidade judaica ortodoxa paulistana foram grafadas literalmente, mesmo que muitas delas são utilizadas por eles em uma forma coloquial, contraindo vocábulos, incorreta segundo as normas lexicais e gramaticais da língua hebraica.

Também é importante lembrar que para a transliteração de palavras hebraicas ao português, a comunidade judaica brasileira geralmente utiliza o “ch” para ser lido com o som do “h” de Helen nos EUA ou do ‘r’ de Rio de Janeiro pronunciado pelos cariocas e que utiliza o “sh” para o som de “x” no português. De modo que, para evitar confusões na leitura de outras palavras hebraicas que se encontram nesta tese, suas transliterações para o português seguiram o mesmo padrão.

Contudo, é necessária atenção extra porque, por exemplo, o *Movimento Chabad Lubavitch*, assim escrito pelas suas próprias instituições e entidades brasileiras, para que seja entendida a pronúncia correta deste nome poderíamos grafá-lo em português: ‘*Movimento Habad Lubavitz*’.

Após a conclusão deste trabalho, decidiu-se retirar os nomes dos rabinos entrevistados para impedir a identificação dos mesmos, e, omitir os nomes das instituições de ensino pesquisadas para, assim, evitar a exposição indevida de pessoas e das escolas que colaboraram com a pesquisa. Os nomes dos entrevistados foram aleatoriamente substituídos por letras e os nomes das escolas por números. O contexto das declarações e conteúdo das informações foi preservado para não corromper o caráter da pesquisa.

Pode ser relevante lembrar que os estudantes entrevistados já não se encontram mais nas instituições de ensino pesquisadas. Além disso, este trabalho reflete um determinado momento da comunidade judaica ortodoxa paulistana no que diz respeito à utilização do computador e da Internet, com informações específicas sobre suas instituições de ensino, as opiniões de seus rabinos e de seus estudantes naquele determinado período.

Por último, deve ficar claro que o intuito desta pesquisa foi apresentar detalhadamente informações relativas a uma determinada comunidade, que, juntamente com estudos sobre outras comunidades, podem vir a colaborar na elaboração de novos projetos de ensino em prol da inclusão profissional de todos os cidadãos.

2 OBJETIVOS E METODOLOGIA

2.1 OBJETIVOS

2.1.1 Objetivo Principal

O objetivo principal desta tese é observar e compreender como as novas tecnologias dos meios de comunicação, o computador e a Internet, estão sendo incorporadas pela comunidade judaica ortodoxa paulistana. O universo de pesquisa abrange todas as instituições de ensino da rede educacional dessa comunidade.

O estudo da incorporação do uso do computador e da Internet por essa comunidade constitui um ponto privilegiado para refletir sobre:

- Como as novas tecnologias da comunicação, a modernidade e os valores da sociedade maior são incorporados pelos integrantes da comunidade;
- As diferenças doutrinárias entre as autoridades rabínicas das diversas vertentes religiosas da comunidade e de outras semelhantes no exterior em relação ao uso das novas tecnologias de comunicação;
- As diretrizes estabelecidas em cada instituição de ensino da comunidade judaica ortodoxa paulistana, as orientações, permissões e obrigações quanto ao uso do computador e da Internet em particular;
- As diferenças na utilização do computador e da Internet pelos estudantes do 1º e 2º ano do ensino médio das instituições de ensino da comunidade judaica ortodoxa paulistana, divididos por instituição e por sexo;
- As dissonâncias existentes entre as autoridades rabínicas, as instituições de ensino e os estudantes da comunidade judaica ortodoxa paulistana quanto ao uso do computador e da Internet;

- Os traços que distinguem a comunidade judaica ortodoxa paulistana das outras comunidades judaicas ortodoxas em relação ao uso do computador e da Internet.

2.1.2 Objetivo Secundário

- Elaborar inicialmente um breve histórico da comunidade judaica ortodoxa paulistana. Vale salientar que esta é a primeira pesquisa que apresenta informações sobre as origens e o desenvolvimento das diversas entidades e instituições de ensino, das vertentes religiosas e das autoridades rabínicas mais influentes dessa comunidade.

2.2 HIPÓTESES

A pesquisa, que tem como tópico principal a inclusão ou a exclusão do ambiente digital entre os estudantes das instituições de ensino da comunidade judaica ortodoxa paulistana, ou seja, a comunáutica (navegação no ciberespaço) e a Comunicação Mediada pelo Computador (CMC) desses alunos, parte das seguintes proposições:

- Com o desenvolvimento das tecnologias dos meios de comunicação são fortalecidos os laços entre indivíduos e grupos judaicos ortodoxos de origens e costumes semelhantes, o que resulta na formação de novas comunidades virtuais judaicas ortodoxas globais e no fortalecimento de movimentos e correntes religiosas multinacionais que parecem tribos virtuais no contexto universalista do ambiente global digitalizado.

- O elevado grau de ortodoxia judaica de uma comunidade não corresponde obrigatoriamente a uma menor quantidade de equipamentos digitais utilizados pelos seus integrantes. No entanto, à medida que aumenta a ortodoxia judaica tornam-se mais definidos os objetivos com que as tecnologias são empregadas e as regras concernentes a quais ambientes virtuais podem ser compartilhados.

- Integrantes da comunidade judaica ortodoxa têm virtualmente seus horizontes abertos e sentem-se tentados a ultrapassar determinados limites, infringindo suas normas religiosas.

2.3 TÉCNICAS UTILIZADAS PARA A OBTENÇÃO DE DADOS

2.3.1 Fontes Primárias e Pesquisa de Campo

Ainda que não tenha sido desenvolvida uma técnica de observação participante, meu conhecimento direto do universo judaico ortodoxo israelense, norte-americano e especificamente, nos últimos anos, o paulistano e minha condição de judia ortodoxa pertencente à comunidade como esposa de uma autoridade rabínica reconhecida por todas as suas vertentes e educadora da religião e da cultura judaica ortodoxa, lecionando disciplinas de Judaísmo e de comunicação social nas instituições da comunidade e participando na instauração de cursos de nível superior para judeus ortodoxos na capital paulista, me permitiram fazer uso de diversos dados e observações imensamente úteis na formulação das hipóteses que norteiam esta pesquisa desde o seu começo.

A pesquisa de campo baseou-se na realização de entrevistas com pessoas-chave da comunidade judaica ortodoxa paulistana. Foram entrevistadas autoridades rabínicas da comunidade, diretores, coordenadores pedagógicos, professores e uma amostra de estudantes de todas as 11 instituições de ensino reconhecidas pelos órgãos governamentais de educação brasileiros.

Entre essas 11 instituições de ensino somente oito têm programa escolar para estudantes na idade do ensino médio. Dessas oito instituições somente sete têm o programa de ensino médio reconhecido pelos órgãos governamentais de educação brasileiros. Dessas sete, os diretores de somente seis responderam e permitiram que seus coordenadores pedagógicos e estudantes respondessem aos questionários desta pesquisa.

A coleta dos dados da pesquisa de campo foi dividida em duas fases. A fase inicial abrange duas etapas: 1) Entrevistas com as autoridades rabínicas que lideram a maior parte das entidades e das instituições de ensino da comunidade judaica ortodoxa paulistana; 2) Pesquisa Preliminar dividida em duas partes: a) investigação da proposta educacional e dos programas escolares de todas as 11 instituições de ensino reconhecidas pelos órgãos governamentais de educação brasileiros, b) entrevistas com uma amostra de estudantes das 11 instituições de ensino da comunidade judaica ortodoxa paulistana.

A segunda fase foi a aplicação de questionários nas diretorias das escolas e nos estudantes das seis instituições de ensino que formam o principal objeto de estudo desta tese.

2.3.1.1 PRIMEIRA FASE DA PESQUISA DE CAMPO – ENTREVISTAS

1. Entrevistas com as autoridades rabínicas

As autoridades rabínicas escolhidas correspondem aos principais mentores das decisões e diretrizes educacionais a serem tomadas nas entidades e instituições de ensino da comunidade judaica ortodoxa paulistana.

Foram entrevistados os Rabinos *A* e *B*, rabinos da comunidade judaica ultra-ortodoxa asquenazita paulistana; o Rabino *C*, um dos representantes do Rabinato de Israel, e o Rabino *D*, um dos rabinos da comunidade judaica ortodoxa asquenazita paulistana; os Rabinos *E* e *F*, dois dos rabinos da comunidade do *Movimento Chabad Lubavitch Paulistano* e de todas as instituições regulares de ensino fundamental, médio e superior de curta duração dessa comunidade; o Rabino *G*, um dos rabinos da comunidade judaica ortodoxa sefaradita paulistana e de todas as instituições regulares de ensino fundamental, médio e superior de curta duração dessa comunidade.

2. Pesquisa Preliminar

As instituições de ensino da comunidade judaica ortodoxa paulistana investigadas na pesquisa preliminar foram: 1) *Colégio Beth Chinuch – lavne*; 2) *Ieshivá Or Torah*; 3) *Mesivta*; 4) Instituição feminina de ensino *Beth Jacob*; 5) Instituição feminina de ensino *Talmud Torá – Gani*; 6) Instituição masculina de ensino *Escola Lubavitch*; 7) Instituição masculina de ensino *Yeshiva Or Israel College*; 8) Instituição masculina de ensino *Maguen Avraham*; 9) Instituição feminina de ensino *Maguen Avraham*; 10) Instituição masculina de ensino *Ieshivá Tomchei Temimim*; 11) Instituição feminina de ensino *Benos Isroel*.

As entrevistas com o corpo docente e com os estudantes da pesquisa preliminar serviram para a elaboração e teste dos questionários da segunda fase da pesquisa de campo.

- a) Nas entrevistas com os representantes do corpo docente, ou seja, com o diretor da instituição, com o coordenador pedagógico e com dois professores escolhidos aleatoriamente de cada uma das 11 instituições de ensino, foram investigadas as suas propostas educacionais, os seus programas letivos e as suas normas tanto técnicas, quanto religiosas em relação ao uso dos computadores e da Internet no nível institucional. Ao mesmo tempo foi sondado o que se pode definir como uso "inapropriado" ou "apropriado" dos computadores e da Internet em cada uma das instituições, os motivos, as proibições e as sanções em relação ao uso inadequado.
- b) Nas entrevistas com os estudantes visou-se conhecer os hábitos, o acesso e os objetivos com que o computador e a Internet são utilizados por alunos e alunas. Foi entrevistada, depois de escolha aleatória, uma amostra com um estudante de cada turma da 3ª à 7ª série do ensino fundamental e dois estudantes de cada turma da 7ª série do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio de todas as 11 instituições. Muitas das entrevistas com os estudantes foram realizadas informalmente fora da escola e do horário letivo.

As entrevistas com o corpo docente e com os estudantes revelaram a necessidade da elaboração de um questionário para a direção das escolas e

de dois questionários para os estudantes, já que os diretores de algumas instituições solicitaram que o questionário para estudantes não citasse a Internet.

As entrevistas da pesquisa preliminar serviram também para que fossem selecionadas as turmas de estudantes em que seriam aplicados os questionários em cada uma das instituições. As entrevistas revelaram que o uso do computador entre os estudantes torna-se estável após a sétima série do ensino fundamental até um ano antes da última turma de cada uma das instituições. Os estudantes de último ano, em contraste violento com os estudantes de todas as séries anteriores dessas instituições de ensino, geralmente iniciam uma busca intensa por novos contatos e ambientes para seu futuro próximo fora da escola.

Portanto, o grupo escolhido para a segunda fase da pesquisa de campo limitou-se às instituições de ensino da comunidade judaica ortodoxa paulistana que têm programa letivo acima da sétima série do ensino fundamental e concordaram em participar desta pesquisa e aos estudantes que compartilham disciplinas das turmas do primeiro e segundo ano do ensino médio.

Em suma, das 11 instituições de ensino da comunidade judaica ortodoxa paulistana, cinco fizeram parte somente da primeira fase da pesquisa de campo. A *Ieshivá Or Torah*, a *Escola Lubavitch* (masculina) e a instituição feminina de ensino *Benos Isroel* não oferecem programa letivo acima da sétima série do ensino fundamental. A instituição masculina de ensino *Mesivta* foi excluída da fase dos questionários pelo fato de seu corpo docente alegar que os estudantes se restringem aos estudos religiosos, que consistem somente no exame de textos religiosos impressos e em discussões e trabalhos presenciais, sendo o uso da Internet em princípio proibido e inaceitável.

Já a instituição de ensino masculina *Maguen Avraham*, apesar de ter turmas do maternal até o fim do ensino secundário, só participou da primeira fase da pesquisa porque o seu diretor em 2004, quando foram aplicados os questionários, o diretor (que permaneceu no cargo até dezembro de 2006), não autorizou a realização de qualquer pesquisa a respeito de assuntos

relacionados aos meios de comunicação e muito menos sobre a Internet. Portanto, os questionários não foram distribuídos nessa instituição.

2.3.1.2 SEGUNDA FASE DA PESQUISA DE CAMPO – QUESTIONÁRIOS

As instituições que participaram da segunda fase da pesquisa de campo, ou seja, da fase dos questionários, foram: 1) A instituição feminina de ensino *Escola(1)*; 2) A instituição feminina de ensino *Escola(2)*; 3) A instituição de ensino feminina *Escola(3)*; 4) A *Escola(4)* com turmas femininas e masculinas separadas; 5) A instituição masculina de ensino *Escola(5)*; 6) A instituição masculina de ensino *Escola(6)*.

Os três questionários aplicados foram: 1) *Questionário para a Direção das Escolas* – QDE (anexo 1); 2) *Questionários Curtos para Estudantes* – QCE (anexo 2); 3) *Questionários Longos para Estudantes* – QLE (anexo 3).

O Questionário para a Direção das Escolas – QDE foi respondido pelos diretores e pelos coordenadores pedagógicos ou coordenadores de informática de cada uma das seis instituições que fizeram parte desta fase. O Questionário Curto para Estudantes – QCE foi aplicado às alunas das instituições femininas *Escola(1)* e *Escola(2)* e o Questionário Longo para Estudantes – QLE foi aplicado aos estudantes da instituição de ensino feminina *Escola(3)*, da *Escola(4)*, da instituição masculina de ensino *Escola(5)* e da instituição masculina de ensino *Escola(6)*.

Os questionários, aplicados nos estudantes que cursam o primeiro e o segundo ano do ensino médio, foram respondidos em anonimato. Nas instituições com menos de dez estudantes por turma, os questionários foram aplicados inclusive nos estudantes do ensino fundamental que freqüentam aulas conjuntas com os estudantes do primeiro ou do segundo ano do ensino médio. Nas instituições também com menos de dez estudantes por turma que têm em seu programa letivo um quarto ano acima do ensino médio, os questionários foram aplicados inclusive nos estudantes do terceiro ano do ensino médio.

Não foram aplicados questionários em estudantes do último ano ou do terceiro ano do ensino médio quando este é o último ano escolar da instituição, a fim de evitar que as mudanças de costumes dos estudantes e a procura de um futuro próximo fora da escola influenciassem a pesquisa, que não tem o objetivo de tratar especificamente desse momento crucial.

1. Questionário para a Direção das Escolas - QDE

O QDE (anexo 1) foi entregue aos diretores de cada uma das seis instituições de ensino contempladas na segunda fase desta pesquisa.

O QDE da instituição feminina de ensino *Escola(2)* foi respondido pela coordenadora em comum de informática das instituições do complexo educacional da *Escola(2)* e revela informações também sobre a instituição masculina de ensino. A diretoria da instituição responsável pela aplicação do QDE foi avisada sobre as informações reveladas sobre a instituição masculina e consentiu que todos os dados registrados no questionário fossem apresentados nesta pesquisa.

O QDE investigou 1) Instrumentos de mídia digital de cada uma das instituições; 2) Programas instalados; 3) Serviços oferecidos; 4) Programa das disciplinas que utilizam os computadores da escola; 5) Uso do computador e da Internet pelos alunos e pelos professores na escola; 6) Regras e normas técnicas, orientações e proibições educacionais ou religiosas de cada uma das instituições, quanto à utilização da mídia digital e dos meios de comunicação de massa.

A informação obtida nos QDEs foi selecionada e transcrita como parte da descrição de cada uma das instituições.

2. Questionário Curto para Estudantes - QCE

O QCE (anexo 2) investiga somente o uso do computador e não cita a Internet. O QCE viabilizou a aplicação de um questionário para estudantes nas

alunas das instituições femininas de ensino judaico ortodoxo paulistano *Escola(1)* e *Escola(2)*.

Na instituição feminina de ensino *Escola(1)* os questionários foram aplicados em todas as alunas do ensino médio. Na instituição feminina de ensino *Escola(2)* o QCE foi aplicado em todas as alunas da sétima série do ensino fundamental até o segundo ano do ensino médio.

O QCE avalia: 1) Onde e como o computador é utilizado pelas alunas; 2) Capacidade do terminal; 3) Programas mais utilizados; 4) Objetivos com que o computador é mais utilizado, requisitando exemplos. Como não foi possível mencionar a Internet, foram redigidas duas perguntas dissertativas: 1) O que as alunas mais gostam de usar no computador; 2) O que as alunas mais gostariam de poder usar no computador.

Os QCEs foram tabulados por turma e por instituição de ensino. Foi elaborada a tabulação comparativa entre as tabulações por instituição de ensino. Sendo femininas as duas instituições de ensino em que os QCEs foram aplicados, seus dados refletem somente o uso do computador pelo sexo feminino nesse segmento da comunidade judaica ortodoxa paulistana.

3. Questionário Longo para Estudantes - QLE

O QLE (anexo 3) investiga o uso do computador e da Internet pelos estudantes das instituições de ensino e foi aplicado nas instituições de ensino judaico ortodoxo paulistano *Escola(3)*, *Escola(4)*, *Escola(5)* e *Escola(6)*.

O QLE tem como primeira parte o QCE. A segunda parte verifica: 1) Local de acesso à Internet; 2) Finalidades para as quais a Internet é utilizada e 3) Navegação na Internet, ou seja, os serviços mais utilizados e os *sites* mais acessados.

Na instituição feminina de ensino *Escola(3)* e na masculina *Escola(6)*, as turmas têm poucos estudantes e todas as duas têm um quarto ano acima do ensino médio. Portanto, o QLE foi respondido nessas instituições por todos os estudantes do ensino médio. Na instituição masculina de ensino *Escola(6)*, que

oferece um curso superior de curta duração, além do terceiro ano do ensino médio, o QLE foi respondido por todos os estudantes que cursam alguma disciplina com alguma turma do ensino médio.

Os QLEs foram tabulados por turma, por sexo e por instituição de ensino. Foram também elaboradas tabulações comparativas entre tabulações femininas e masculinas por instituição entre todas as instituições de ensino.

No apêndice desta pesquisa encontra-se a tabulação comparativa dos QLEs femininos por instituição, a tabulação comparativa dos QLEs masculinos por instituição, a tabulação comparativa dos QLEs femininos e os QLEs masculinos por instituição entre todas as instituições de ensino e a tabulação comparativa entre a tabulação total dos QLEs femininos e total dos QLEs masculinos.

2.3.2 Fontes Secundárias

A pesquisa histórica desta tese, com o objetivo de tornar conhecidos a formação e o desenvolvimento da comunidade judaica ortodoxa paulistana, utilizou a bibliografia existente sobre a comunidade judaica paulista e dados de arquivos pessoais e institucionais obtidos em locais e instituições visitadas e em entrevistas com anciões da comunidade. Algumas datas e informações sobre organizações e instituições de ensino judaicas não ortodoxas paulistanas, por exemplo, a instituição judaica de ensino do Cambuci, foram extraídas de documentos em português e em ídiche que se encontram no Arquivo Histórico Judaico-Brasileiro.

Foram visitados os cemitérios da comunidade judaica paulista e todos os prédios, não destruídos antes de 2005, de todas as instituições de ensino da comunidade judaica ortodoxa paulistana citadas no histórico desta tese.

Uma fonte de informação importante foram as publicações das instituições de ensino da comunidade judaica ortodoxa paulistana para sua própria comunidade. O *Colégio Beith Chinuch – lavne* vem publicando anualmente a mesma página sobre a sua fundação na agenda escolar que

entregou aos seus estudantes em 2004, 2005, 2006, 2007 e no seu *site* na Internet. As instituições de ensino *Ieshivá Ohr Torah*, *Mesivta*, *Beth Jacob* e a *Ieshivá Tomchei Temimim* publicaram livros de circulação e distribuição restritas sobre sua fundação e desenvolvimento por ocasião de eventos festivos. Em 2004, a instituição de ensino *Beth Jacob* produziu um DVD, distribuído juntamente com seu livro especial comemorativo de 50 anos de fundação. A instituição de ensino *Talmud Torá – Gani* publicou em 2004, 2005, 2006 e 2007 um pouco de sua história em um caderno de normas de conduta distribuído às suas estudantes no início de cada ano. Em 2005 a *Escola Lubavitch* distribuiu algumas páginas e vendeu aos seus alunos um CD sobre a instituição. As outras instituições de ensino da comunidade judaica ortodoxa paulistana pesquisadas relataram a sua história mostrando revistas que produziram, ou artigos que publicaram sobre suas instituições, além de fotos e documentos.

As escrituras israelitas e a literatura rabínica serviram nesta pesquisa de doutorado como ponto de referência das normas da doutrina rabínica seguidas com rigor pela comunidade judaica ortodoxa. Quer dizer, leis bíblicas, citações do Talmud Babilônico e explicações detalhadas de leis, costumes e decretos rabínicos do *Shulchan Aruch*, o código de leis que serve como base comum para o comportamento de todos os judeus ortodoxos, vêm ilustrar algumas normas religiosas tais como elas são ditadas e exigidas pelas autoridades rabínicas no seio de suas comunidades.

Além dos informativos distribuídos pelas instituições de ensino da comunidade judaica ortodoxa para seus estudantes, serviram como informação de novas normas e decretos de autoridades rabínicas em relação ao uso de computadores e da Internet jornais, revistas, livros, artigos, cartas com orientações e decretos redigidos e assinados por autoridades rabínicas em português, hebraico e inglês nos últimos três anos. As revistas *Nascente* e *Chabad News*, o boletim eletrônico semanal *Meor HaShabat* e o boletim *Meor Hatorá* da comunidade judaica ortodoxa paulistana, os jornais israelenses *Ieted Haneeman* e *Erev Shabat* e os boletins semanais em hebraico *Sichat Hashavua* são alguns exemplos. Do mesmo modo, serviram como fonte de informação adicional artigos sobre computadores e Internet publicados nos

jornais judaicos religiosos *Jewish Press* e nas revistas judaicas religiosas *Jewish Observer*, *Jewish Action*, *Moment* and *Jewish Education News*, da comunidade judaica ortodoxa dos Estados Unidos da América, que se encontravam arquivados na hemeroteca da *Yeshiva University* de Nova York até fevereiro de 2004.

Para comprovação de informações recebidas nas entrevistas da pesquisa preliminar, foram visitados os *sites* das instituições de ensino, as páginas e os *blogs* promovidos pelos estudantes dessas instituições. Os *blogs* foram examinados no final de cada mês para a confirmação de dados obtidos na parte prática da pesquisa de campo e entendimento de como funciona a CMC entre os estudantes em espaços públicos virtuais.

2.4 MÉTODO DE ELABORAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Esta tese inicia-se com considerações gerais sobre judeus, Judaísmo, ortodoxia judaica, comunidades judaicas ortodoxas e os seus modelos educacionais.

A seguir é apresentado um breve histórico do desenvolvimento da comunidade judaica paulistana, produto de uma investigação em fontes primárias e secundárias, ou seja, livros e documentos, além das entrevistas sobre a imigração e os imigrantes que formaram ou vieram a fazer parte da comunidade. Este histórico acompanha na medida do possível a ordem cronológica dos fatos, apresentando inicialmente algumas informações sobre a comunidade judaica brasileira e sobre a comunidade judaica paulistana e suas escolas, para, então, finalmente introduzir detalhadamente informações sobre o desenvolvimento da comunidade judaica ortodoxa paulistana e de suas instituições de ensino.

Os dados colhidos nas entrevistas com as autoridades rabínicas, o uso da mídia digital feito por estas e as regras que elas ditam nesse âmbito para os membros de suas comunidades são apresentados antes das informações dos

questionários da pesquisa. O intuito é que se entenda primeiro as normas religiosas sobre a interação digital ditadas pelas autoridades rabínicas, para que depois sejam compreendidas a maneira e a medida da inserção de atividades digitais e a interação dos estudantes em ambientes digitais judaicos e não judaicos, tanto dentro do programa de estudos das instituições de ensino, quanto fora dele.

As informações dos artigos publicados sobre Judaísmo e Cibercultura, parte das fontes secundárias da pesquisa, foram pouco usadas, contudo seus dados serviram para enriquecer o conhecimento da autora, o que contribuiu para a elaboração da tese.

A análise do ambiente digital de cada instituição utilizou os dados obtidos dos Questionários para a Direção das Escolas (QDE). O uso dos computadores e da Internet pelos estudantes foi analisado através dos dados obtidos nos questionários curtos e nos questionários longos para estudantes (QCE e QLE).

Os dados obtidos nas entrevistas com os rabinos, nas respostas dos Questionários para a Direção das Escolas (QDE) e nas respostas dos questionários dos estudantes (QCE e QLE) foram submetidos a uma análise qualitativa, com o intuito de observar para quais atividades, para a aquisição de quais informações e em quais ambientes de interação os rabinos permitem o uso do computador e da Internet pelos integrantes de suas comunidades. Verificou-se também para quais atividades os computadores e a Internet estão sendo inseridos nos ambientes escolares e quais são os usos que os estudantes das diversas instituições de ensino da comunidade judaica ortodoxa paulistana fazem deles.

Foi realizada uma análise quantitativa das respostas dos questionários dos estudantes, justamente para que se pudesse conhecer não somente as diferenças entre as atividades e elementos digitais utilizados por esses estudantes, mas também as variações quantitativas do uso de acordo com o modelo educacional de cada uma das instituições de ensino e com o sexo.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Um levantamento bibliográfico me fez encontrar uma quantidade crescente de pesquisas sobre a presença das mais diversas comunidades na Internet, sobre a formação de comunidades virtuais e inclusive vários artigos que trazem endereços eletrônicos da comunidade judaica ou que tratam de Judaísmo. No entanto, concluí que ainda não foram efetuadas, ou publicadas, investigações científicas que abordem a influência da mídia digital na transformação dos hábitos das comunidades, tendo como objeto de estudo os costumes dos judeus ortodoxos e muito menos, como universo de pesquisa, a comunidade judaica brasileira e a comunidade judaica ortodoxa paulistana em particular.

A minha abordagem teórica fundamenta-se basicamente em alguns princípios da teoria da comunicação de Marshall McLuhan (1964), que preconizam que o meio de comunicação e a informação contida nele constituem uma só mensagem, que pode ser considerada uma extensão do conhecimento de seu emissor e tratada como um elemento cultural. Assim, tendo o uso do computador e da Internet como referência, sendo eles os elementos culturais a serem analisados, foi feito um estudo sobre os objetivos com que ambos são mais utilizados pelos estudantes do 1º e 2º ano do ensino médio das instituições de ensino da comunidade judaica ortodoxa paulistana. O intuito é, através da interatividade desses usuários no meio digital, captar diferentes facetas da maneira como eles se refletem no prisma da mídia eletrônica e se integram na sociedade moderna.

Walter Benjamin (1990) escreveu que existe uma diferença qualitativa entre o ritual de um espectador que observa e sente a aura da unicidade e autenticidade de obras originais e o contato desse espectador com reproduções técnicas. Assim, pode-se considerar que a proximidade física e a interação entre os elementos de um culto presencial fazem com que este seja conceitualmente diferente de cerimônias executadas com o auxílio de equipamentos de amplificação e reproduções eletrônicas e de suas transmissões virtuais.

Para ilustrar a importância da presencialidade nos rituais judaicos, podemos lembrar que as leis da doutrina rabínica decretam que se deve ouvir a própria voz do leitor, pronunciando corretamente as palavras lidas diretamente do rolo de pergaminho manuscrito por escribas qualificados segundo o modelo exato da canonização bíblica reconhecida pelas autoridades rabínicas. Escutar o eco da voz do leitor, ou a sua amplificação eletrônica via microfone, ou sua cópia em uma gravação, ou ainda a voz do leitor lendo de uma reprodução impressa do texto bíblico são variações que não isentam nem eximem o fiel de sua obrigação religiosa. Portanto, os fatores de presencialidade e a necessidade de objetos santos e não de reproduções servem de exemplo para demonstrar que para a comunidade judaica ortodoxa as tecnologias não podem substituir, dentro ou fora de uma sinagoga, os elementos básicos dos rituais religiosos presenciais. A aura de sagrado de objetos como as escrituras e de rituais como a leitura diretamente do pergaminho determina que estas práticas religiosas dependam completamente da presencialidade dos seus elementos de culto e que sua execução se encontre limitada a um determinado local.

A necessidade absoluta dos objetos de culto e do relacionamento presencial dos fiéis verificada na doutrina rabínica se mantém em muitos rituais da comunidade judaica ortodoxa, o que cria a dependência quase que total de interação direta e de práticas presenciais entre os seus membros, para que estes possam obedecer a seus preceitos religiosos.¹

A abordagem desta tese relaciona o conceito de aura de Walter Benjamin às práticas decorrentes de rituais da comunidade judaica ortodoxa ditados pelas leis rabínicas, nos quais há necessidade da presencialidade de todos os elementos, tanto dos objetos sagrados como pergaminhos e o chifre de boi nos dois primeiros dias do ano judaico, quanto da participação humana em um determinado espaço físico e tempo que se torna único. Este enfoque irá se mostrar útil na medida em que forem apresentadas quaisquer práticas

¹ No Talmud Babilônico, no Tratado Meguilá 23b, consta que somente quando dez homens judeus adultos se reúnem pode ser oficiada a reza da santificação, o que faz com que uns necessitem dos outros e a presença de todos seja cobrada pelas autoridades rabínicas e pelos participantes das próprias comunidades. Deste mesmo modo eles se necessitam mutuamente para que sejam produzidos e consumidos artigos elaborados de acordo com as normas de suas autoridades rabínicas. Esta dependência mútua contribui para a coesão entre os fiéis e para a manutenção da comunidade.

presenciais religiosas e análises de novos hábitos digitais assimilados pelos membros da comunidade.

Quanto à comunicação digital, esta tecnologia difere dos outros meios de comunicação de massa pela capacidade de conjugá-los em um complexo que pode ser definido como multimídia, isto é, bancos de arquivos de programas digitais interligados com mensagens de texto, auditivas e audiovisuais acessíveis aos usuários da rede sem restrições geográficas, desde que estejam disponíveis os equipamentos e programas de conexão e acesso necessários. Com a democratização, a ampliação e a popularização do universo de informações digitais e a disposição de novos elementos culturais diante dos usuários, a comunicação virtual padronizou modelos de linguagem digital. Assim, um aparelho digital que funciona em diferentes idiomas pode ser utilizado por qualquer usuário familiarizado com a apresentação gráfica digital e com a dinâmica de ícones e hipertextos, bastando que seja acionado algum decodificador disponível de tradução simultânea para o idioma desejado, transformando-se a comunicação digital potencialmente em uma poderosa fonte de comunicação de massa.

A uniformização da linguagem possibilita uma análise da influência dos meios de comunicação na sociedade segundo o legado teórico de Theodor Adorno (1990), que pioneiramente chamou a atenção para o poder dos meios de comunicação de massa na formação de opiniões de seus usuários e manifestou o temor de um possível domínio dos *media* por determinadas classes ou grupos, que agiriam como formadores de opinião do grande público. Do mesmo modo, pode-se interpretar os meios de comunicação digital como um meio de comunicação de massa que corre o risco de ser controlado por organizações. E, caso alguma delas tenha condições de regular o uso dos computadores, dos meios de comunicação digital e da Internet, ela poderá se apropriar desses meios para difundir seus próprios valores culturais e inibir o acesso a um mar de informações digitais livre de parâmetros político-geográficos.

O domínio da Internet por uma determinada entidade poderia surgir se um governo decretasse uma política em prol de determinados grupos e

interesses sociais, fazendo com que os servidores de Internet de seus territórios permitissem o acesso somente a certos endereços e serviços eletrônicos, e providências fossem tomadas para bloquear a transmissão independente de quaisquer sinais digitais com transmissoras estrangeiras. Ou ainda poderia acontecer que uma classe viesse a monopolizar o mercado digital de uma área e introduzisse em seus servidores públicos programas bloqueadores, além de uma configuração obrigatória estipulando os programas de interação na Internet.

Apesar de diversas entidades e instituições particulares e de governos como da China já terem investido amplamente no controle de programas e serviços utilizados nos seus terminais, as tentativas parecem ainda não ter conseguido viabilizar o bloqueio absoluto de elementos e valores culturais indesejados, tendo permanecido viável a comunicação entre pessoas, culturas e comunidades diferentes dentro de uma esfera conhecida como ciberespaço.

A manipulação dos meios de comunicação digital por grupos ou classes na sociedade em geral, tema de que se ocupou Adorno (1990) no quadro dos meios de comunicação de massa de sua época, encontra-se muito além do objetivo proposto nesta tese. Porém, são discutidas as idéias sobre o poder de uma classe de formar opiniões, no momento em que tratamos da influência de um grupo dentro da comunidade estudada, o qual consegue impor a seleção dos meios de comunicação e dos conteúdos utilizados na parte pedagógica das instituições de ensino.

Em suma, as discussões sobre a influência da comunicação de massa na formação de opiniões na sociedade foram imensamente úteis nesta tese, mas adaptadas e transportadas para um contexto menor, que são os ambientes da comunidade estudada. Desse modo, o poder de uma classe na sociedade pode ser relacionado ao poder de um grupo na comunidade e sua influência no controle dos meios de comunicação tanto impressos quanto virtuais utilizados pelas instituições de ensino e pelos membros dessa comunidade, os quais têm assim suas opiniões dirigidas.

A escolha do conteúdo didático dos equipamentos utilizados no ensino reflete imensamente como e para que o computador e a Internet são inseridos

nas instituições de ensino e utilizados pelos estudantes da comunidade estudada.

Neil Postman (1994) divide o uso da tecnologia na sociedade em três estágios. O primeiro estágio é classificado como instrumental, ou seja, o homem usa seus conhecimentos, portanto as ferramentas que cria, para atingir determinados fins. O segundo estágio é o tecnocrático, quando o homem e a sociedade passam a depender da organização de seus processos tecnológicos. O terceiro estágio foi chamado de tecnopólio, correspondendo a uma tecnocracia absoluta. O tecnopólio é o estágio em que o homem procura na tecnologia a autorização para as suas decisões, convencido de que através dela pode encontrar soluções para todas as dúvidas e necessidades humanas e para os dilemas mais profundos.

Torna-se evidente que, se um homem tem uma doutrina, ele pode utilizar as mais diversas tecnologias ou mesmo depender de algumas delas. Mas, se este indivíduo se encontra primeiramente submisso a uma doutrina apta a determinar quais instrumentos tecnológicos são permitidos e com quais objetivos devem ser utilizados, pode se tornar mais difícil a sua integração na tecnocracia de uma sociedade mais ampla, para além da comunidade que segue tal doutrina. Do mesmo modo, podemos entender que determinadas posturas doutrinárias ou religiosas fazem que seus fiéis colidam frontalmente com idéias tecnopolistas.

O conflito causado entre a doutrina de um grupo ou comunidade e o tecnopólio leva as autoridades doutrinárias a procurar definir os seus próprios limites, os limites do que é permitido ou proibido no campo fértil e em rápido desenvolvimento das intervenções tecnológicas. Este ponto de vista é útil para que se entenda a influência das autoridades sobre os membros de suas comunidades, a submissão destes àquelas e os conflitos gerados entre os membros dos diversos grupos doutrinários no complexo de uma sociedade multicultural e tecnológica.

Nesta pesquisa sobre a comunidade judaica ortodoxa são utilizadas as diretrizes teóricas de Neil Postman (1994) sobre a maneira como o homem domina e manipula sua criação, ou a maneira como ele se torna dependente

das suas tecnologias para efetuar até as suas práticas mais banais ou tomar qualquer decisão. Tal fundamentação teórica nos auxilia a entender o relacionamento entre a ortodoxia judaica e a tecnologia e o modo como a comunidade estudada nesta pesquisa utiliza as diferentes tecnologias e os meios de comunicação e como ela interage e se integra nos ambientes virtuais modernos.

Howard Rheingold (2000) discute o poder que os meios de comunicação digital têm de formar comunidades virtuais. As comunidades virtuais de Rheingold unem no ciberespaço pessoas que têm interesses em comum independentemente de suas localizações geográficas, podendo criar entre estas um vínculo social altamente significativo. Esse vínculo pode chegar ao ponto de um indivíduo se comunicar e interagir mais intensamente com pessoas com as quais ele não se encontra presencialmente do que com quem está ao seu lado.

Os fundamentos de Neil Postman (1994) sobre o uso das tecnologias na sociedade e os conceitos de Rheingold (2000) sobre as comunidades virtuais e o relacionamento interpessoal de seus integrantes servem de embasamento teórico para a análise da utilização dos computadores e da Internet na comunidade estudada, nas suas instituições de ensino e pelos seus estudantes. Essas teorias são instrumentos para uma compreensão da criação de comunidades virtuais pelas pessoas do grupo estudado e de um pouco a respeito da interação desses usuários no ciberespaço.

Acompanhando Pierre Lévy (1999) e Manuel Castells (2003), esta tese apresenta a globalização digital e a cibercultura partindo do pressuposto de que a globalização representa a internacionalização, a multinacionalidade ou, ainda mais, a expansão da rede virtual que alcança, associa, conecta e engloba simultaneamente os arquivos digitais de todos os seus usuários independentemente de suas regiões, culturas e credos. Segundo as abordagens de Lévy e de Castells, a cibercultura representa um complexo global de informações digitais que disponibilizam os mais diversos serviços culturais e econômicos a todos os seus usuários.

A galáxia da Internet de Castells (2003) descreve o mundo principalmente através de suas mudanças econômicas, mostrando o desenvolvimento do ciberespaço e as oportunidades que este propicia aos seus usuários, mas com dificuldade chega a abordar a situação das periferias deste universo digital, pouco se referindo aos seus excluídos. Lévy (1999), discorrendo sobre a conexão planetária da Internet, discute a cibercultura e enaltece o fator da inserção multicultural, da multinacionalidade, da rapidez e da globalização, que fazem com que o ciberespaço transforme toda a humanidade em uma aldeia global. A perspectiva de aldeia global de Lévy enxerga o universo através de uma rede global conectada por meio de ambientes virtuais, os quais ele declara que refletem o sumo, ou o ápice da representação simbólica e do desenvolvimento tecnológico humano.

Este ponto de vista faz com que se passe a entender a aldeia global como um gigantesco arquivo que reflete o desenvolvimento tecnológico do conhecimento humano. No entanto, esta argumentação leva ao reparo de que os conhecimentos tecnológicos ou não tecnológicos dos excluídos da aldeia global, ou as experiências presenciais alheias ao ciberespaço, que não podem ser sentidas virtualmente, não devem ser desconsiderados.

Devemos saber que não são somente dificuldades financeiras, desenvolvimento, organização e responsabilidade social que determinam quem são as periferias da sociedade virtual e definem a exclusão digital de determinados grupos. Esta tese demonstra que existem os excluídos digitais voluntários, para os quais a inclusão dos meios tecnológicos em seus grupos é seletiva e a interação nos ambientes virtuais muda de acordo com as diferenças culturais, doutrinárias e pessoais de seus membros.

Quanto à comunidade judaica ortodoxa, o conceito de global é utilizado na medida em que é apresentada uma comunidade global judaica ortodoxa, que representa uma corrente religiosa judaica ultra-ortodoxa ou um movimento judaico ortodoxo multinacional com membros nas mais diversas regiões do planeta. Essa comunidade global pode eventualmente formar uma comunidade virtual, mas o que une seus integrantes é basicamente a submissão a uma ideologia, a uma mesma doutrina, ou a uma autoridade rabínica suprema em

comum. A essas comunidades globais se contrapõem as comunidades locais, cujos integrantes residem em uma só região.

Quanto à interação dos homens com a tecnologia, Steven Johnson (2001) escreve que um usuário da comunicação virtual migra e se insere no ciberespaço, como que anatomicamente, através do desenho arquitetônico dos ícones do monitor diante dele. Para Johnson estes ícones são as janelas dos programas, que servem como uma passagem e são a extensão digitalizada do usuário, assim como a fala é a extensão de sua comunicação oral e a ação é a extensão da sua comunicação gestual. Estas idéias de Johnson servem para apresentar figurativamente como os usuários da Internet se inserem através dos terminais eletrônicos em uma extensa rede digital para interagir nos mais diversos tipos de ambientes virtuais.

Margaret Wertheim (2001) escreve que a decadência social e ambiental revela a desintegração da humanidade e faz com que o ciberespaço possa ser idealizado como um reino além dos problemas de um mundo material conturbado. O domínio digital passa a ser visto como uma oportunidade de construir um substituto tecnológico para o espaço cristão do céu.

Contudo, comparar o ciberespaço a espaços imateriais concebidos anteriormente pelo homem faz com que a transmissão digital corra o risco de ser mistificada em um contexto no qual seus códigos passem a simbolizar valores míticos equivalentes a hieróglifos e enigmas latinos, gregos, aramaicos e de outros idiomas associados a conhecimentos esotéricos, sobrenaturais, religiosos ou cabalísticos.

Asa Briggs & Peter Burke (2004) narram a história do desenvolvimento dos ambientes sociais e dos meios de comunicação paralelamente à evolução da sociedade. O surgimento de novas tecnologias como a imprensa e o advento de novos contextos comunicativos como os livros e jornais catalisam transformações sociais, de modo que o uso de cada meio de comunicação pode ser entendido com base no que ele implica de mudanças dos contextos sociais e de transformação dos costumes de seus usuários.

Resumindo, tanto as idéias de Johnson (2001) quanto as concepções de Wertheim (2001) e de Briggs e Burke (2004) ajudam a dimensionar o ciberespaço como um ambiente que converte e converge eletronicamente várias maneiras de comunicar, criando diferentes regiões virtuais e novas maneiras de interagir, transformando a comunicação entre as pessoas e a sociedade.

Os ambientes virtuais podem ser comparados a lugares e situações presenciais do passado apresentados por Burke e Briggs. Um exemplo de ambiente social são os bares entre a primeira e a segunda guerra mundial, que serviam como espaço fértil para a apresentação pública e difusão das mensagens de pessoas comuns. Na medida em que se constata a semelhança entre aqueles bares e as salas virtuais de discussão, onde qualquer pessoa pode expressar as suas idéias a todos, vale que seja recordado que, mesmo quando não havia discriminação racial quanto à freqüência, os judeus mais ortodoxos sempre evitaram se encontrar nesses ambientes.

Mesmo que a comunicação interpessoal de um bar possa ser comparada à comunicação digital de uma sala virtual de discussão, as identidades virtuais, a transmissão de arquivos ao invés da presencialidade criam uma situação antes inexistente, que é a da facilidade de um indivíduo incorporar uma identidade fictícia para compartilhar um espaço público. De modo que as comparações entre ambientes reais e virtuais têm apenas a proposta de nos instigar a verificar se a Internet é utilizada pelos judeus ortodoxos para acessar informações de fontes e ambientes outrora evitados.

Outra teoria utilizada nesta tese é a de Pierre-Léonard Harvey (2002) sobre a apropriação e a incorporação dos meios digitais. Harvey trata da transposição da tecnologia utilizada nos meios de comunicação tradicionais para as tecnologias multimídia do ambiente virtual. Sua teoria relaciona o uso do programa Office com a escrita mecânica e o e-mail com o correio tradicional. Outras transposições são a da vitrola e da fita cassete à leitura de arquivos musicais de bancos de memória digital como discos e acessórios com memórias legíveis por um computador (ex: CDs, DVDs e equipamentos portáteis de memória), a da pesquisa em enciclopédias impressas à pesquisa

em arquivos de informações digitalizadas e a da pesquisa em bibliotecas e hemerotecas e outras entidades à navegação em serviços de informação na Internet.

Um exemplo surpreendentemente contrário de transposição de hábitos é o fato de a comunicação digital conseguir propiciar o costume de utilizar a escrita em alguém que antes só se comunicava oralmente. Ou, como no caso dos judeus ortodoxos, pessoas que não conversam com indivíduos estranhos à sua comunidade passam a se comunicar virtualmente com desconhecidos.

Portanto, nesta tese é utilizada a teoria da apropriação, incorporação e transposição dos meios de comunicação como referência, para entender as práticas sociais anteriormente utilizadas que foram transferidas para a mídia digital e também para verificar se surgiram ou foram assimilados novos hábitos através da tecnologia digital.

Esta teoria da apropriação dos meios de comunicação possibilita ressaltar que justamente a assimilação de novos hábitos pode alterar a interação de membros da comunidade estudada com a sociedade. De modo que a inclusão na cibercultura vem mostrar diferenças, equivalências e conflitos entre a participação presencial e a integração digital dos estudantes que fizeram parte desta pesquisa.

Esta tese não visou analisar esquemas lingüísticos de comunicação e funções de linguagem. Também não foram citados modelos de comunicação e não foi feito um estudo lingüístico mais profundo sobre as funções comunicativas das diferentes formas de linguagem e informação e do conteúdo das mensagens dos ambientes virtuais. Portanto, não foram analisados profundamente o conteúdo lingüístico e os fatores psicológicos das mensagens. O objetivo foi, em primeiro lugar, apresentar as mudanças sociais geradas nos diferentes segmentos do grupo estudado pela assimilação e influência das diferentes maneiras de se comunicar digitalmente e dos ambientes virtuais.

Os pesquisadores anglo-saxônicos Heilman & Cohen (1989), William Schaffir (2000), Charles S. Liebman (1964) e Norman Lamm (1990) analisaram

vários grupos da comunidade judaica ortodoxa. Portanto, a partir das categorias utilizadas por esses pesquisadores na definição dos grupos estudados foi elaborada uma divisão da ortodoxia judaica em três tipos. Esta operação viabilizou a análise das diferenças de inclusão, ou de exclusão desses grupos na sociedade e no ciberespaço de acordo com o grau de ortodoxia deles.

Portanto, a comunidade judaica ortodoxa foi dividida em grupos de judeus ortodoxos centristas moderados, de judeus ortodoxos centristas radicais e de judeus ultra-ortodoxos. Os judeus ortodoxos centristas moderados são aqueles que se encontram mais assimilados e integrados à sociedade não judaica, ao passo que os judeus ultra-ortodoxos se mantêm reclusos em suas comunidades, evitando assimilar valores que considerem conflitantes com sua doutrina.

Para a apresentação dos modelos de educação das instituições de ensino da comunidade judaica ortodoxa paulistana e das maneiras como os seus programas de ensino associam o aprendizado das disciplinas religiosas com as matérias laicas, foi necessário ter como base os modelos de educação judaica ortodoxa descritos pelo Prof. Dr. Rabino Norman Lamm (1990), diretor da *Yeshiva University* de Nova York, que é a universidade mais importante entre as que desenvolvem estudos rabínicos ortodoxos nos E.U.A.

Lamm (1990) apresenta dois modelos básicos de educação para os judeus ortodoxos. O primeiro modelo é utilizado pelos judeus ortodoxos centristas, por associar os conhecimentos científicos aos religiosos, integrando-os no programa curricular. O segundo modelo é utilizado pelos judeus ultra-ortodoxos, porque dá a prioridade máxima aos estudos da religião, sendo os estudos laicos anexados somente quando se fazem necessários para a sobrevivência de seus integrantes ou do grupo.

Tanto Lamm (1990), quanto o Prof. Dr. Jonathan Sacks (1991), Rabino Chefe da Grã-Bretanha, contribuem para que possa ser desenvolvida uma relação estreita entre o modelo educacional, o grau de ortodoxia e a interação de cada um dos grupos judaicos ortodoxos na sociedade. De modo que é possível pensar que, à medida que aumenta o campo comum de conhecimento

entre os judeus ortodoxos e os não judeus, maior é a integração entre os dois lados.

Se o modelo de educação utilizado pelas instituições de ensino judaicas ortodoxas é responsável pela organização tanto dos estudos religiosos, quanto dos assuntos laicos, ele pode influenciar diretamente na qualidade do programa da disciplina informática. Nesta situação, deve-se levar em consideração que o conhecimento da informática e das práticas da comunicação digital está intrinsecamente correlacionado à participação no ciberespaço e possivelmente na sociedade não judaica em geral.

Para exemplificar melhor o estado de inclusão ou de exclusão social, de acordo com o grau de ortodoxia judaica, foram utilizados exemplos do nível de isolacionismo e de fundamentalismo que caracteriza os mais diversos grupos judaicos ortodoxos segundo artigos e pesquisas de Yoel Finkelman (2002), William Shaffir (1987, 1997, 2000) e Menachem Friedman (1993).

Esta pesquisa associa de maneira inovadora os conceitos de comunidades globais e de comunidades locais ao grau de ortodoxia judaica e investiga como e com quais elementos os membros dessas comunidades interagem virtualmente, apresentando a maneira como as comunidades e seus integrantes se encontram refletidos no ciberespaço.

A fundamentação teórica desta tese foi elaborada para possibilitar o desenvolvimento da argumentação sobre as diferenças entre as práticas presenciais e virtuais dos integrantes dos diversos segmentos da comunidade estudada. Sobre tais bases passou-se a avaliar a inserção dos meios de comunicação digital nas comunidades e a interação de seus membros em ambientes virtuais, além dos contrastes entre as práticas presenciais e virtuais de acordo com a divisão dos grupos da comunidade judaica ortodoxa.

4 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE JUDAÍSMO E ORTODOXIA

4.1 JUDEUS E JUDAÍSMO

Para que possamos entender a comunidade judaica, a comunidade judaica paulistana e adentrar nos setores da comunidade judaica ortodoxa paulistana em particular, faz-se necessário reter algumas noções sobre judeus, Judaísmo e religião judaica.

Podemos considerar judeus os seguidores do Judaísmo, conhecidos também como membros do Povo Judeu ou da Nação Israelita, ou ainda denominados Filhos de Israel. Portanto, os judeus podem ser considerados um grupo de origem étnico-religiosa, que descende dos antigos israelitas e dos convertidos ao Judaísmo em vários momentos e situações, já que a religião judaica considera judeu ou judia quem nasceu do útero de uma mãe judia e todos aqueles que se convertem ao Judaísmo com o objetivo de cumprir todas as leis da religião judaica.

O Judaísmo é uma das primeiras religiões monoteístas de que se tem notícia e uma das mais antigas a ter suas tradições praticadas ainda hoje. Sabe-se que a sua história está vinculada à formação de outras religiões semitas monoteístas e que os valores judaicos tiveram grande importância na estruturação de religiões como o Samaritanismo, o Cristianismo e o Islã.

Contudo, não se pode definir facilmente o Judaísmo como uma religião, etnia ou cultura. Sua história de 4.000 anos inclui períodos de escravatura, anarquia, teocracia, conquistas, ocupações e exílio. Os judeus foram influenciados pelos antigos egípcios, pelos babilônicos, persas e pela cultura helênica. E, com a dispersão dos judeus pelo mundo, as sociedades, as culturas e os movimentos modernos como o Iluminismo e o Nacionalismo influenciaram a formação de novas tendências doutrinárias, vertentes religiosas, movimentos e correntes dentro do Judaísmo.

Não obstante, é importante notar que entre os judeus encontram-se não só indivíduos que cumprem as leis e tradições judaicas, mas também os que

abandonam as tradições judaicas e têm outras convicções, aqueles que se definem como agnósticos ou ateus e os que se denominam judeus seculares.

Os judeus seculares são de modo geral pessoas que não sustentam os princípios de fé da religião judaica e se opõem aos fundamentos religiosos das autoridades rabínicas. No entanto, desejando manter a identidade judaica sem cumprir leis religiosas, estes indivíduos adaptam os conceitos judaicos de acordo com as suas próprias ideologias pessoais mesmo que em contradição com a doutrina da religião judaica.

4.2 GRUPOS ÉTNICOS JUDAICOS

Para entender as diferenças entre as entidades dos diversos grupos e setores da comunidade judaica, suas filosofias e características sociais, deve-se levar em conta que os judeus podem ser divididos em três grandes subunidades étnicas: 1) os judeus asquenazitas;² 2) os judeus sefaraditas³ e 3) os judeus orientais, conhecidos também como judeus mizrachistas⁴. Outras subunidades étnicas judaicas que não têm presença significativa no Brasil, mas merecem atenção, são os judeus iemenitas, os judeus hindus *Benei Israel*⁵ e os judeus etíopes conhecidos como *Betei Israel*.⁶

² *Asquenazita*: termo utilizado para denominar os judeus oriundos da Europa Central e Oriental e suas comunidades. *Ashkenaz*: do hebraico: é uma região da Europa Central. *Asquenaz* é uma referência geográfica a Alemanha Medieval ou a região do Sacro Império Romano Germânico.

³ *Sefaradita*: do hebraico: espanhol. Usado para denominar os judeus espanhóis que fugiram na época da Inquisição, muitos formando *comunidades judaicas sefaraditas* pelos países ao redor do Mar Mediterrâneo e em países como a Síria e o Líbano e outros mais ao leste já no continente asiático. Este termo é também utilizado para denominar as comunidades judaicas que seguem a doutrina rabínica através do Compêndio de Leis *Shulchan Aruch* redigido pelo Rabino Iosef Karo (1488-1575), ou Beth Iosef. Deve-se lembrar que outros grupos de judeus também utilizam o Compêndio de Leis do *Shulchan Aruch* para seguir a doutrina rabínica, considerando que os judeus asquenazitas cumprem as leis contidas nos comentários ao texto do *Shulchan Aruch* redigidos pelo “Rema” ou “Ramo”, o Rabino Moses Isserles (1520-1572), sobre como os costumes judaicos asquenazitas locais devem prevalecer para os judeus asquenazitas perante esta legislação.

⁴ *Mizrachistas*: do hebraico: orientais. Muitos destes judeus têm origens sefaraditas. Os judeus orientais são os judeus de países euro-asiáticos e asiáticos. O termo é usado também na denominação de algumas comunidades judaicas norte-africanas, que não têm obrigatoriamente ascendência sefaradita ou asquenazita.

⁵ *Benei Israel*: do hebraico: filhos de Israel.

⁶ *Betei Israel*: do hebraico: casa de Israel. São os judeus etíopes, chamados pejorativamente de *falachas*, e os judeus etíopes convertidos ao cristianismo, conhecidos como *falashmuras*.

A comunidade judaica paulistana é formada principalmente por famílias e grupos de judeus asquenazitas, sefaraditas e orientais. Para que a comunidade judaica em geral e a paulistana em particular possam ser estudadas e entendidas é importante considerar, além da divisão intra-étnica, as principais tendências doutrinárias, vertentes e distinções de religiosidade.

4.3 GRUPOS RELIGIOSOS JUDAICOS E ORTODOXIA JUDAICA

Os judeus asquenazitas não formam um grupo ou categoria religiosa específica e muitos deles não são religiosos e inclusive se opõem à religião judaica, a ponto de se autodenominarem judeus ateus, entre outras definições. Mesmo assim, podemos classificar quatro tendências doutrinárias principais dentro do Judaísmo entre os judeus de origem asquenazita: 1) Judaísmo Liberal e Reformista; 2) Judaísmo Reconstitutivista; 3) Judaísmo Tradicionalista ou Conservador; 4) Judaísmo Ortodoxo. A ortodoxia dos judeus asquenazitas pode ser dividida em duas vertentes: a) Judaísmo Ortodoxo Moderno⁷ e b) Judaísmo Ultra-Ortodoxo, que abrange o Hassidismo.⁸

No caso dos judeus sefaraditas e orientais, não existem escolas ou tendências doutrinárias específicas dentro da religião judaica. Além dos que deixaram de cumprir os costumes religiosos, os judeus sefaraditas e orientais podem ser distinguidos em: 1) judeus tradicionais e 2) judeus religiosos. Entre os judeus religiosos sefaraditas encontram-se: a) os judeus religiosos melhor denominados como judeus tementes centristas⁹ e b) os judeus tementes puristas.¹⁰

⁷ Os Rabinos Samson Raphael Hirsch (1808-1888) e Azriel Hildesheimer (1820-1889) tiveram grande influência no desenvolvimento do Judaísmo Ortodoxo Moderno. Este surgiu na Alemanha em oposição à proposta reformista do Judaísmo naquele país e como tentativa de integração dos judeus e do Judaísmo à modernidade estritamente através dos preceitos da doutrina rabínica.

⁸ *Hassidim*: do hebraico: piedosos, e também devotos. Apesar do termo *hassidim* ter sido anteriormente utilizado na longa história judaica, ele define uma vertente do Judaísmo Ortodoxo que provém da Europa Oriental (Bielo-Rússia e Ucrânia) no século XVIII, com o Rabbi Israel ben Eliezer (1700-1760). O *hassidismo* dá início ao desenvolvimento de correntes judaicas que enfatizam a espiritualidade e a alegria, tornando seus seguidores judeus místicos, puristas e sectaristas. O *hassidismo* surgiu como um movimento que revelava aos judeus não eruditos, fora das academias rabínicas, de uma maneira não racionalista, o que são considerados como segredos divinos contidos na doutrina judaica.

⁹ Esta vertente judaica sefaradita estuda as ciências seculares e os conhecimentos de outros grupos e comunidades utilizando a doutrina rabínica como único referencial religioso. Este foi um dos tipos de

Mesmo que as subunidades étnicas e religiosas tenham sido devidamente delineadas, deve-se saber que as categorias não são herméticas. Isto é, as distinções entre elas não implicam a existência de grupos completamente fechados.

Devemos constatar que, somente a partir do surgimento de uma tendência doutrinária reformista judaica na Alemanha do século XIX, a obediência rigorosa aos princípios da doutrina rabínica recebeu a conotação de tendência doutrinária ortodoxa, especificamente ortodoxa judaica, dando origem ao termo "Judaísmo Ortodoxo". E, do instante em que a escola reformista do Judaísmo começou a formar as suas próprias autoridades rabínicas, as quais se baseiam não somente nos princípios da doutrina rabínica para explicar seus princípios e a sua fé, em se tratando de distinguir os diversos setores da comunidade judaica, surge a necessidade de especificar a tendência doutrinária de cada autoridade rabínica ou fazer referência à comunidade judaica da qual ela faz parte.

Para que se entenda quem é ortodoxo e por que essa definição foi aplicada a uma tendência doutrinária da comunidade judaica, deve-se levar em consideração que ortodoxia significa uma condição de conformidade absoluta com um certo padrão, norma ou doutrina. Expressa a interpretação ou sistema teológico implantado como único e verdadeiro e informalmente usado para demonstrar intolerância em relação ao que é novo ou diferente.

Quanto ao Judaísmo Ortodoxo, sua característica principal consiste no fato de que suas autoridades e comunidades obedecem às leis, regras e normas decretadas através da hermenêutica da doutrina da Lei Oral¹¹ (Berger

Judaísmo que floresceu na comunidade espanhola até a Inquisição. Entre muitos rabinos e eruditos judeus daquela época, o rabino, médico e filósofo Moisés ben Maimon (1135-1204), conhecido como Maimônides, ou Rambam, é um exemplo. Contudo, deve-se lembrar que diversos rabinos se opuseram aos trabalhos de Maimônides e a esta vertente do Judaísmo, a qual não pode ser entendida como a única representante do Judaísmo da Espanha da sua época.

¹⁰ Judeus que se opõem ao estudo das ciências e conhecimentos das outras comunidades não judias de sua época, receosos de que as influências destes venham a desvirtuar o Judaísmo e a sua comunidade.

¹¹ A Lei Oral, segundo a interpretação que a literatura rabínica dá ao versículo Ex 34:27 do Pentateuco, são as leis, considerações e explicações orais recebidas junto com as Tábuas da Lei (no hebraico/aramaico: Tábuas da Aliança) e com o Pentateuco no Sinai. De acordo com a literatura rabínica, o Pentateuco foi escrito, mas a Lei Oral tinha que ser transmitida e ordenada oralmente. No entanto, a Lei Oral foi compilada, porque muitos de seus sábios estavam sendo mortos pela dominação romana. O primeiro texto da Lei Oral é a *Mishná*, redigido por volta dos anos 200 da era comum. A *Mishná*, com a

1998). As comunidades judaicas ortodoxas reconhecem uma pessoa como rabino¹² ou como autoridade rabínica somente se ela demonstra erudição profunda na Bíblia Hebraica e utiliza unicamente os princípios doutrinários da Lei Oral e a legislação do *Shulchan Aruch*¹³ como referência básica para a tomada de qualquer decisão. Portanto, não é somente a obediência aos 613 preceitos deduzidos do Pentateuco e considerados como ordens ou leis de D-us que define as comunidades judaicas ortodoxas.¹⁴

As comunidades judaicas ortodoxas são reconhecidas por seguirem a rigor unicamente a doutrina rabínica, de modo que a ortodoxia judaica pode ser corretamente identificada pelo zelo e o apego absoluto às regras desse sistema doutrinário e pelo modo como este é implantado e mantido principalmente nos setores ortodoxos da comunidade judaica.

Contudo, um versículo da Bíblia Hebraica freqüentemente usado para caracterizar o Judaísmo Ortodoxo é a lei que proíbe, em certa circunstância, os grãos novos. O Rabino Moses Schreiber (1762-1839), conhecido como Hatam Sofer, e outros rabinos de comunidades judaicas ortodoxas utilizavam esta lei bíblica como referência para a proibição de inserir qualquer inovação no Judaísmo e nos cultos judaicos (Topel 2005:72).

adição da *Guemará*, formou inicialmente o *Talmud Jerusalemite*, redigido aproximadamente em 350 e.c., e posteriormente o *Talmud Babilônico* finalizado somente nos anos 700 e.c.. O *Talmud Babilônico* é mais estudado nas comunidades judaicas por ser mais completo.

¹² Segundo a tradição judaica, a primeira autoridade rabínica foi Moisés, que, como consta no Tratado Ética dos Pais 1:1 do Talmud Babilônico, a transmitiu a Josué. A autoridade rabínica é transmitida da autoridade rabínica vigente à geração posterior através do ato simbólico de cobrir com as mãos seus discípulos, quando estes são ordenados responsáveis pelo cumprimento de todas as leis orais e escritas recebidas no Sinai. Estas autoridades recebem o poder oracular, de acordo com a interpretação que a tradição rabínica dá ao versículo Deut. 17:10 do Pentateuco: “*eles* vão te dizer e instruir o que fazer”. Apesar de os romanos terem proibido a ordenação de rabinos, esta prática continuou até 425 e.c.. No hebraico a palavra *samchut* vem do ato de cobrir. Hoje em dia, como símbolo da antiga prática, o rabino recebe um certificado chamado *Semichá* de uma autoridade rabínica ou da instituição onde completou seus estudos rabínicos.

¹³ *Shulchan Aruch*: do hebraico: “Mesa Posta”. O *Shulchan Aruch* foi publicado pelo Rabino Iosef Karo entre 1550 e 1559. O Rabino Iosef Karo fundamentou-se principalmente nas obras legislativas dos legisladores talmudistas Rabino Isaac Alfasi (1013-1103), Maimônides (1135-1204) e Rabino Ascher ben Jehiel (1250 ou 1259-1328). O *Shulchan Aruch* é considerado pelos judeus ortodoxos, exceto os iemenitas, a obra de maior importância da jurisprudência rabínica desde o Talmud Babilônico.

¹⁴ Maimônides, no *Sêfer Hamitsvot*, codificou 613 decretos, que segundo ele resumem e abrangem todas as leis orais e escritas judaicas. As obras de Maimônides foram consideradas controversas por várias autoridades rabínicas de seu tempo. No entanto, o patamar em comum das comunidades judaicas ortodoxas atuais, além da obediência às leis codificadas por Maimônides (autor do Compêndio de Leis *Iad HaChazaka* e considerado pelos judeus iemenitas o autor da obra de maior importância da jurisprudência rabínica após o Talmud Babilônico) encontra-se principalmente nas discussões que têm como base legal o *Shulchan Aruch* (nota 13 no presente capítulo).

No entanto, do ponto de vista destes mesmos rabinos, esta sanção somente ilustra a proibição de inovar e modificar os costumes e rituais judaicos introduzindo em estado de igualdade estudos e costumes, inclusive religiosos, da sociedade circundante, como ansiavam por fazer os adeptos de um Judaísmo mais liberal e reformista em formação na Alemanha naquela época. De qualquer modo, esse dado demonstra que as autoridades rabínicas das comunidades judaicas ortodoxas e as suas comunidades tendem a repelir qualquer inovação e modificação em seus cultos, estendendo essa rejeição aos aspectos mais comuns da vida cotidiana.

Em relação à introdução de novidades entre os judeus ortodoxos, não se pode esquecer que o próprio Rabino Hatam Sofer era perito em astronomia, geometria e história. Ademais, as novas descobertas tecnológicas iam sendo analisadas e em seguida rejeitadas ou aproveitadas por autoridades rabínicas das comunidades judaicas ortodoxas. Até hoje a inserção de qualquer novidade nos diversos setores das comunidades judaicas ortodoxas segue estritamente as restrições doutrinárias impostas pelas suas autoridades rabínicas.

Para reconhecer os ambientes judaicos ortodoxos é importante ter como ponto de referência que todas as comunidades judaicas ortodoxas se destacam, assim como outras comunidades judaicas religiosas, pela preocupação de organizar uma sinagoga, ou um centro de rezas e estudos da prática dos preceitos religiosos e uma escola de estudos judaicos para seus filhos. Porém, as características principais mínimas e básicas de todas e quaisquer comunidades judaicas ortodoxas são três: a preocupação fundamental de que o *shabat*¹⁵ seja santificado e respeitado estritamente de acordo com as leis da tendência doutrinária do Judaísmo Ortodoxo nas casas e nas instituições dos integrantes das comunidades, o consumo de alimentos

¹⁵ *Shabat*: do hebraico: *lishbot* ou greve, interrupção do trabalho do começo do pôr-do-sol de sexta-feira até o aparecimento das primeiras três estrelas no sábado à noite.

estritamente *kasher*¹⁶ e, para as mulheres casadas, a observância das leis de pureza familiar e a utilização de um *micve*.¹⁷

4.4 TIPOS DE ORTODOXIA JUDAICA

Entendida a ortodoxia como a obediência rigorosa a uma doutrina, sendo os ortodoxos conhecidos pejorativamente pela intolerância em relação ao novo, a vertente do Judaísmo Ortodoxo com horizonte de se integrar com as outras comunidades não judias foi chamada entre os anglo-saxões de "Judaísmo Ortodoxo Moderno".¹⁸ Este se iniciou de fato como uma alternativa judaica ortodoxa para a associação do Judaísmo à atualidade, estritamente de acordo com os princípios da tendência doutrinária judaica ortodoxa e não do modo preconizado pela tendência doutrinária judaica reformista. Contudo, o Judaísmo Ortodoxo Moderno equivale a um tipo de ortodoxia judaica que já existia anteriormente e inclusive pode ser encontrado abundantemente na literatura rabínica que o antecede.

Portanto, do ponto de vista de classificação, os "judeus ortodoxos modernos" asquenazitas e os "judeus tementes centristas" sefaraditas, conhecidos por associar os estudos religiosos judaicos ao aprendizado das ciências da sociedade moderna, aprendendo as ciências seculares sob a ótica da doutrina rabínica (Heilman & Cohen 1989, Lamm 1991), podem ser classificados como "judeus ortodoxos centristas". De modo que podemos denominar essa vertente doutrinária como "Judaísmo Ortodoxo Centrista".

Entre os "judeus ortodoxos centristas" encontramos os "judeus ortodoxos centristas moderados", que seguem a ortodoxia judaica de forma mais branda e moderada, e os "judeus ortodoxos centristas radicais". Essas

¹⁶ *Kasher*: do hebraico: permitido para consumo de acordo com a lei judaica.

¹⁷ *Micve*: do hebraico: Tanque especial de água de chuva ou de fonte natural para o ritual de purificação. O uso do *micve* é fundamental para a continuidade de qualquer comunidade judaica ortodoxa. As mulheres judias ortodoxas casadas imergem em um *micve* quando terminam de contar sete dias após o término de um sangramento uterino para voltar a ter contatos físicos, interrompidos ao início do sangramento, com seus maridos. O *micve* é necessário no final do processo de conversão de um(a) gentio(a) ao Judaísmo. Existem muitas leis e costumes judaicos que relacionam a imersão em um *micve* à purificação religiosa.

¹⁸ Vide nota 7 no presente capítulo.

definições equivalem às utilizadas por Menachem Friedman (1993),¹⁹ mas foi efetuada uma adaptação dos termos para a língua portuguesa, para evitar associações incorretas com noções políticas.

Os "judeus ultra-ortodoxos" asquenazitas e os "judeus tementes puristas" sefaraditas são reconhecidos pela extrema intolerância à introdução de novidades nos cultos e nos costumes dos judeus. A vertente judaica ortodoxa desses grupos ficou conhecida como "Judaísmo Ultra-Ortodoxo". Dentro do Judaísmo Ultra-Ortodoxo asquenazita encontram-se também correntes hassídicas.²⁰

Para facilitar a nomenclatura sobre ortodoxia judaica, talvez se possa pensar na possibilidade de excluir o termo "centrista". No entanto, este "centrismo" não deve ser removido com demasiada facilidade, pois ele representa justamente os grupos judaicos ortodoxos que, em oposição ao Judaísmo Ortodoxo de um modo geral e especificamente ao Judaísmo Ultra-Ortodoxo, procuram conciliar a ortodoxia judaica com a modernidade através de um caminho central.

4.5 COSMOPOLITISMO, PROVINCIANISMO, REGIONALISMO E GLOBALISMO DAS COMUNIDADES JUDAICAS ORTODOXAS

O Judaísmo Ortodoxo Centrista tem a característica de ser "cosmopolita", por seus integrantes tomarem parte de ambientes e atividades fora de suas comunidades. São considerados judeus mais ortodoxos aqueles que ficam mais restritos às atividades de sua congregação²¹ (Elazar 1980:261, Heilman & Cohen 1989:208). Portanto, os judeus mais ortodoxos são aqueles que participam mais de sua congregação, morando próximos, estudando,

¹⁹ "... Entre os grupos ortodoxos, além disto, há uma continuação: no lado 'direito' nós podemos colocar os grupos mais reacionários que procuram preservar o máximo possível o modo de vida tradicional religioso; à 'esquerda' as comunidades que, apesar da sua professada obrigação com a halachá, têm um papel ativo na sociedade moderna e produzem artefatos de sua cultura" – em Friedman (1993:209).

²⁰ Vide nota 8 no presente capítulo.

²¹ Heilman & Cohen dividem os judeus em "cosmopolitas" e "paroquiais". No entanto, o termo "paroquiais" não deveria ser utilizado, pois pode levar a que as entidades religiosas citadas pelos autores sejam confundidas com as jurisdições das Dioceses Católicas Apostólicas Romanas. Portanto, no lugar de "paroquial" é utilizado o conceito de "congregação", que reflete melhor as qualidades das organizações comunitárias judaicas ortodoxas.

rezando, convivendo e dependendo uns dos outros, o que resulta em congregações fechadas e coesas. Quanto mais ortodoxos os judeus, maior o "provincianismo" de suas congregações. Contudo, quanto mais isoladas essas congregações, menos se sabe sobre seus valores e costumes. E, quanto mais provinciana, mais excêntrica ela pode parecer, a ponto de algumas de suas características culturais peculiares correrem o risco de ser interpretadas como atraso, mau gosto ou falta de cultura pelos indivíduos cosmopolitas.

Deve-se levar em conta que existem congregações judaicas que prezam sua identidade própria e autonomia em relação às outras comunidades judaicas e se caracterizam pelo seu regionalismo e pela propensão a só considerar seus interesses particulares e os assuntos locais, concernentes às regiões onde se encontram. Além dessas entidades judaicas regionalistas, encontram-se congregações judaicas que pertencem à rede global de algum movimento judaico ortodoxo ou ainda de alguma corrente hassídica.

Deste modo, notamos a existência das "comunidades judaicas ortodoxas regionalistas" com autoridades rabínicas supremas locais, e das "comunidades judaicas ortodoxas globalizadas", cujos integrantes estão vinculados também a autoridades rabínicas de outras regiões.

Portanto, cada congregação judaica ortodoxa de uma região pode constituir um dos dois tipos de comunidade judaica ortodoxa regionalista: 1) Comunidade Judaica Ortodoxa Centrista Regionalista, caracterizada pelo seu cosmopolitismo e regionalismo, ou 2) Comunidade Judaica Ultra-Ortodoxa Regionalista, caracterizada pelo seu provincianismo e regionalismo.

As outras congregações judaicas ortodoxas regionais não regionalistas podem fazer parte de dois tipos de comunidade judaica ortodoxa globalizada: 1) Comunidade Judaica Ortodoxa Centrista Global, caracterizada pelo seu cosmopolitismo e globalismo; 2) Comunidade Judaica Ultra-Ortodoxa Global, que tem por traço fundamental o provincianismo cultural, constituindo um movimento judaico (ou uma corrente hassídica) multinacional estratificado em uma faixa global de pessoas com características identitárias em comum.

4.6 MODELOS EDUCACIONAIS DO JUDAÍSMO ORTODOXO CENTRISTA E DO JUDAÍSMO ULTRA-ORTODOXO

Há dois modelos fundamentais de programas de estudos judaicos ortodoxos centristas: 1) *Torá im Derech Erets*²² e 2) *Torá u'Madá*.²³ Estes dois modelos associam o estudo do Judaísmo Ortodoxo com o estudo das ciências seculares, formando o caminho central da ortodoxia judaica centrista (Lamm 1990:111 e 139).

Os judeus ultra-ortodoxos também têm dois modelos fundamentais de programas de estudos judaicos ortodoxos: 1) *Torá u'Malachá* ou *Torá ve'Umanut*, que é o estudo do "Judaísmo e de um Trabalho" ou "Judaísmo com uma Profissão"; 2) *Talmud Torá ke'Negued Kulam*; em hebraico, "Somente Estudo da Torá". A seleção dos estudos seculares do primeiro modelo e a isenção ou proibição do segundo ocorrem porque os conhecimentos e práticas seculares são vistos como um perigo potencial para a manutenção de um "Judaísmo Puro", de um "Judaísmo Autêntico", tomado como a "Verdade Divina", que os fiéis têm a obrigação de seguir (Topel 2004:152 e Liebman 1979:20).

Quanto às instituições de ensino, a "ortodoxia centrista" pode ser medida, independentemente do emprego do modelo de estudo *Torá im Derech Erets* ou *Torá u'Madá*, em uma escala de "moderação" a "radicalidade". Os judeus ortodoxos centristas moderados tendem a intercalar as aulas de Judaísmo e de estudos laicos. Os ortodoxos centristas radicais fazem com que nas suas instituições de ensino as disciplinas de religião sejam lecionadas de manhã, quando o aluno está mais descansado e pode dedicar-se melhor ao estudo, sendo as disciplinas seculares lecionadas, geralmente, no período vespertino.

Quanto às instituições de ensino ultra-ortodoxas, independentemente do modelo de estudo judaico ultra-ortodoxo adotado, *Torá im Malachá*, *Torá*

²² *Torá im Derech Erets*: do heb: "Torá pelo Caminho do Mundo". Seu fundador, o Rabino Samson Raphael Hirsch (1808-1888), define este termo como "Torá com Cultura". Segundo este modelo, os estudos seculares auxiliam a entender a Torá mais profundamente, mesmo que a Torá nos diga como contemplar a natureza e escutar a História (Lamm 1990:112-113).

²³ *Torá u'Madá*: do heb: "Torá e Ciência". Defende o estudo da Torá e das Ciências mesmo que não formem uma unidade (Lamm 1990:139).

ve'Umanut ou *Talmud Torá ke'Negued Kulam*, o estudo das disciplinas seculares é reduzido ao máximo.

É interessante constatar que, de algum modo, o ensino laico das instituições de ensino judaicas ultra-ortodoxas é geralmente melhor nas instituições femininas do que nas instituições masculinas. Isto porque a doutrina rabínica determina que os homens judeus são obrigados a estudar a Torá, o que conduz as autoridades rabínicas ultra-ortodoxas a considerar que justamente os homens, na medida do possível, não devem parar de estudá-la para se dedicar a quaisquer outros assuntos. Quanto às mulheres, as autoridades rabínicas ultra-ortodoxas explicam que, como elas também foram designadas para cumprir a Torá, devem aprender a cumpri-la e fazer com que seja cumprida.

Os judeus ortodoxos centristas acreditam que justamente o estudo da Torá, associado ao estudo das ciências seculares, expande a visão da grandeza da criação divina, de modo que este modelo central seria o caminho correto. Contudo, entre os judeus ultra-ortodoxos existe a fé de que aqueles que seguem piamente a linha *Talmud Torá ke'Negued Kulam*, que estuda somente a Torá como fonte de sabedoria e conhecimento divinos, e se comportam fielmente segundo os preceitos bíblicos e rabínicos são os justos merecedores da bondade e atenção divinas.

5 HISTÓRICO DA COMUNIDADE JUDAICA ORTODOXA PAULISTANA

5.1 JUDEUS NO BRASIL E EM SÃO PAULO

A partir dos anos 90 cresce substancialmente o número de instituições judaicas ortodoxas na cidade de São Paulo, para amparar o movimento de *teshuvá*²⁴ (Topel 2005:117). A presença crescente, no final do século XX, de judeus com *kipót*²⁵ e mulheres vestindo camisas com mangas compridas e saias cobrindo os joelhos nas ruas paulistanas faz com que a comunidade judaica ortodoxa paulistana se torne um assunto a ser estudado no contexto brasileiro.

Entretanto, deve-se saber que a história dessa comunidade antecede o movimento moderno de *teshuvá*, que marca o retorno ao cumprimento dos preceitos rabínicos mantidos pelo Judaísmo Ortodoxo. Infelizmente ainda não temos à disposição uma bibliografia significativa sobre a formação e desenvolvimento da comunidade judaica ortodoxa paulistana. Assim, muitos dos dados expostos neste histórico foram retirados da bibliografia sobre a comunidade judaica brasileira e sobre a comunidade judaica paulista e de documentos e testemunhos sobre a comunidade judaica ortodoxa paulistana.

A comunidade judaica ortodoxa brasileira atual não é produto das primeiras imigrações de cristão-novos, que remetem à fuga da Inquisição na época do descobrimento do Brasil. A primeira comunidade judaica brasileira conhecida foi a *Congregação Zur Israel* de Recife, da época em que este território se encontrava sob domínio holandês, em aproximadamente 1640. Quando o território foi tomado em 1645 por Henrique Dias e Felipe Camarão, a fuga de seus judeus do solo brasileiro, teve papel fundamental na formação da *Congregação Shearit Israel*, em 1654, a primeira e única sinagoga de Nova York (EUA) até 1825.

²⁴ *Teshuvá*: do hebraico *lashuv* ou retorno, simboliza o retorno à religião judaica e a obediência aos preceitos rabínicos de acordo com o judaísmo ortodoxo.

²⁵ *Kipót*: plural de *kipá*: do hebraico: solidéus, pequenos chapéus de pano ou crochê (redondos como um pequeno disco, ou em forma de cuíca ou de tigela de cozinha sem alças).

Os judeus dessa comunidade que permaneceram no Brasil passaram a ocultar a sua fé e tiveram sua religião transformada. Muitos costumes judaicos e cripto-judaicos²⁶ brasileiros perderam a identidade original, de modo que também muitos descendentes de judeus e marranos brasileiros não têm mais conhecimento de suas origens. Assim, sabemos que a comunidade judaica ortodoxa moderna brasileira não foi formada pelos judeus que chegaram na época do Descobrimento, ou pelos marranos que desbravaram as matas sul-americanas entre os bandeirantes, nem por outros imigrantes e seus descendentes que chegaram à América do Sul até o século XVIII.

No século XIX, com a liberdade de religião assegurada em território brasileiro aos súditos ingleses, pelo artigo 12 do Tratado Comercial assinado com a Inglaterra em 1810, começa a desenvolver-se uma comunidade judaica no norte do País, ainda antes do ciclo da borracha (Lins, 2004). Pouco se sabe sobre os imigrantes judeus dessa época no sul e sudeste do País. Também pouco se conhece sobre os judeus imigrantes da Alsácia e Lorena e de outros lugares no interior do Estado de São Paulo que formaram a primeira *kehilá* paulista, ou seja, comunidade judaica paulista, e especificamente paulistana, ainda no século XIX (Falbel 1984:107 e Freidenson & Becker 2003:35).

A capital paulista não teve, até o começo do século XX, uma comunidade judaica relevante. As primeiras marcas judaicas concretas paulistanas eram algumas sepulturas do final do século XIX na ala não católica e na parte protestante do Cemitério da Consolação, muitas das quais foram deslocadas para o ossário público do próprio cemitério e outras foram transferidas para o Cemitério Israelita de Embu, próximo à capital paulista.

A partir do início do século XX várias entidades judaicas foram formadas com a chegada de judeus da Europa Oriental, através da iniciativa do ICA (*Instituto de Colonização Agrícola*) ou JCA (*Jewish Colonization Agency*), fundado em 1891 em Londres, com capital majoritário do Barão Maurício Hirsch, para financiar a imigração de judeus às terras americanas e estabelecer

²⁶ Costumes de origem judaica praticados às escondidas do Santo Ofício da Inquisição, ou costumes que o Santo Ofício definia como judaicos.

escolas e entidades beneficentes judaicas, assim como para auxiliar certas comunidades judaicas na Europa Oriental e em outros lugares.

Parte dos imigrantes judeus dos países da Europa Oriental inicialmente se estabeleceu em cidades do interior do Estado de São Paulo, entre elas a cidade de Franca, onde já se encontravam famílias judias desde o fim do século XIX. Estas famílias e os imigrantes, juntamente com os judeus que se dirigiram diretamente à Capital, tiveram um papel primordial na formação das primeiras instituições judaicas da cidade de São Paulo (Falbel 1984:108).

5.2 COMUNIDADE JUDAICA PAULISTANA

O financiamento da JCA, no final do século XIX, para o programa de colonização da Argentina e, no começo do século XX, para o Rio Grande do Sul gerou um fluxo migratório dentro da América do Sul. Alguns judeus oriundos da Europa Oriental a caminho do Rio Grande do Sul faziam escala no porto de Santos e fixavam residência em cidades do Estado de São Paulo. Outros judeus saíram das colônias agrícolas da JCA e se transferiram para cidades no Uruguai, na Argentina e para outros centros habitacionais e capitais de Estados brasileiros mais ao norte.

Assim, não só a imigração direta de judeus da Europa Oriental para a capital paulista, mas também o fluxo migratório gerado pelo programa de imigração da JCA para as suas colônias na América do Sul e também a migração dos judeus do interior do Estado de São Paulo para a capital contribuíram para o crescimento da comunidade judaica paulistana, composta, até então, principalmente de judeus remanescentes da imigração da Alsácia e Lorena, estabelecidos no Estado de São Paulo desde antes da virada do século XIX para o século XX.

Entre os judeus da Europa Oriental muitos cumpriam as leis rabínicas de acordo com o Judaísmo Ortodoxo. A comunidade das colônias da JCA no Rio Grande do Sul tinha entre seus integrantes o *shochet*²⁷ e o *rabino*²⁸

²⁷ *Shochet*: do hebraico: magarafe, abatedor de aves e gado, de acordo com as regras da religião judaica.

desenvolvendo a princípio uma cultura própria em torno à sinagoga e suas atividades culturais. Além das atividades comunitárias religiosas que seguiam estritamente os padrões do Judaísmo Ortodoxo, foi criada também uma orquestra, corais e teatro. Mas, segundo relatos dos colonos (Scliar sem data), a vida no mato do Rio Grande do Sul parece ter sido muito difícil, o que forçou muitos a sair à procura de centros urbanos, assim chegando inclusive à capital paulista, onde estavam se formando organizações de auxílio aos imigrantes judeus.

O Rabino Mordechai Guertzenstein (Marcus Guertzenstein) foi enviado no final do século XIX pela JCA para as colônias do Barão Hirsch na Argentina e depois para o Brasil, primeiro para a colônia de Philippson e em seguida para a colônia de Quatro Irmãos, ambas no Rio Grande do Sul. Em 1914 foi para São Paulo e, após contratempos, obteve o controle do abate de animais, fazendo com que a comunidade judaica paulistana tivesse acesso à carne *kasher*.²⁹ Ficou também conhecido por ter sido questionado pelas autoridades locais sobre indivíduos da comunidade judaica e ter servido de árbitro em desacordos familiares, comerciais e outros litígios. Em 1923 mudou-se para o Rio de Janeiro (Wolf 1988:88), onde se encontra sepultado em um mausoléu no Cemitério Israelita na Vila Rosali.

Pela falta de registros e conhecimento sobre a presença de imigrantes judeus paulistanos em épocas anteriores, sobre a imigração da Alsácia e Lorena no século XIX e outras imigrações de judeus para São Paulo no começo do século XX, o Rabino Mordechai Guertzenstein é considerado o primeiro rabino a regularizar, pelo menos temporariamente, a produção de carne abatida segundo as normas rabínicas para a comunidade judaica paulistana.

Contemporaneamente, no início do século XX até a era do governo de Getúlio Vargas (1930 – 1945), a imigração de judeus do Império Otomano, entre eles de judeus turcos, sírios, libaneses de Jaffa (Tel Aviv - Yafo), Safed e

²⁸ Rabino é uma autoridade judaica. Este título é transmitido pelas autoridades rabínicas a seus discípulos, sendo outorgada a estes a responsabilidade pelo cumprimento dos mandamentos e decretos da doutrina rabínica. Vide nota 12 no capítulo 4.

²⁹ *Kasher*: do hebraico: permitido para consumo de acordo com a lei judaica. Assim como consta na nota 16 no capítulo 4.

Jerusalém, formava a comunidade paulistana de judeus sefaraditas³⁰ e de judeus do Oriente Médio (Mizrahi 2003:82-88).

O primeiro *micve*³¹ paulistano foi construído em 1915, no Cambuci, pelo Sr. Isaac Sayeg da comunidade judaica sefaradita sírio-libanesa paulistana. Entre os imigrantes da então Palestina havia famílias de origem asquenazita³² e sefaradita, fugindo das crises e arbitrariedades que acometeram suas comunidades. Anos depois, foram acrescentados a esta comunidade, os judeus que chegavam à capital paulista como consequência do massacre da comunidade judaica da cidade de Hebron (Hevron) executado por muçulmanos em 1929, assim como, por causa de outras perturbações que acometeram suas comunidades judaicas até a fundação do Estado de Israel.

Ao chegar a São Paulo estes judeus sefaraditas integravam-se às famílias de costumes judaicos religiosos similares aos seus, abrindo instituições e participando de outras já formadas. Com o decorrer do tempo e com a melhoria das condições financeiras, muitas famílias se mudavam para residências melhores em bairros afastados, o que dificultava a presença nas sinagogas às quais pertenciam e o cumprimento das leis de *shabat*,³³ que proíbem acender luzes, andar de carro, entre outras ações.

Estas comunidades judaicas paulistanas começaram antes da metade do século a perder seus descendentes através de casamentos com indivíduos

³⁰ *Sefaradita*: do hebraico: espanhol. Usado para denominar os judeus espanhóis que fugiram na época da Inquisição, muitos formando *comunidades judaicas sefaraditas* pelos países ao redor do Mar Mediterrâneo e em países como a Síria e o Líbano e outros mais ao leste já no continente asiático. Este termo é também utilizado para denominar as comunidades judaicas que seguem a doutrina rabínica através da legislação do Compêndio de Leis *Shulchan Aruch* redigido pelo Rabino Iosef Karo (1488-1575), ou Beth Iosef. Assim como consta na nota 3 no capítulo 4.

³¹ *Micve*: do hebraico: Tanque especial de água de chuva ou de fonte natural para o ritual de purificação. O uso do *micve* é fundamental para a continuidade de qualquer comunidade judaica ortodoxa. As mulheres judias ortodoxas casadas imergem em um *micve* quando terminam de contar sete dias após o término de um sangramento uterino para voltar a ter contatos físicos, interrompidos ao início do sangramento, com seus maridos. O *micve* é necessário no final do processo de conversão de um(a) gentio(a) ao Judaísmo. Existem muitas leis e costumes judaicos que relacionam a imersão em um *micve* à purificação religiosa. Assim como consta na nota 17 no capítulo 4.

³² *Asquenazita*: termo utilizado para denominar os judeus oriundos da Europa Central e Oriental e suas comunidades. *Ashkenaz*: do hebraico: é uma região da Europa Central. Assim como consta na nota 2 no capítulo 4.

³³ *Shabat*: do hebraico: *lishbot* ou greve, interrupção do trabalho do começo do pôr-do-sol de sexta-feira até o aparecimento das primeiras três estrelas no sábado à noite. Assim como consta na nota 15 no capítulo 4.

não judeus, inobservância de leis judaicas, como as regras do *kasher*³⁴ e as leis femininas de pureza familiar das mulheres casadas,³⁵ e diminuição da participação em outras atividades das congregações religiosas da comunidade judaica.

Uma parte da nova geração brasileira nascida ou educada no novo ambiente abandona assim quase que totalmente os valores judaicos trazidos e implantados pelos seus pais no Brasil, desejosa de atender, por força das circunstâncias da vida profissional, econômica e social, às solicitações da sociedade adotiva (Rattner 1977:103).

Até que fossem fundadas as primeiras entidades judaicas ultra-ortodoxas paulistanas que separam as instituições de ensino masculinas das femininas e que fosse aberta a primeira *ieshivá*,³⁶ nas escolas da comunidade judaica paulistana meninos e meninas estudavam juntos ou no mesmo prédio com alunos religiosos e não religiosos. Assim era na primeira escola judaica de São Paulo, o *Talmud Torá Bet-Sepher Yvri*, fundado em 1917 (mesmo que não tenha sido encontrada documentação suficiente que prove o seu funcionamento como uma escola regular), e posteriormente no *Gymnasio Hebraico Brasileiro Renascença*, fundado em 22 de abril de 1922, ambos localizados no bairro Bom Retiro.

O primeiro cemitério judaico paulistano foi fundado em 1923 no bairro de Vila Mariana, por uma iniciativa conjunta de cinco entidades constituídas por uma maioria de judeus não necessariamente religiosos ou ortodoxos da comunidade judaica paulistana. Nas primeiras lápides desse cemitério pode-se constatar o fluxo de judeus das colônias da JCA no Rio Grande do Sul para São Paulo.

Na década de 30 a comunidade judaica paulistana incluía judeus religiosos e judeus não religiosos; entre os últimos estavam os judeus não ortodoxos que trouxeram para São Paulo, assim como para o Rio de Janeiro, as conhecidas "polacas" (Kushnnir 1996:72). As atividades sociais dos judeus

³⁴ Vide nota 29 no presente capítulo.

³⁵ Imersão ritual em um *micve*, para purificação das mulheres casadas.

³⁶ *Ieshivá*: do hebraico: literalmente do verbo "sentar", ou "assentar". A *ieshivá* é uma instituição masculina de estudos rabínicos.

que tratavam dessas moças contrastavam com as atividades dos judeus ortodoxos da mesma origem, que então formavam um centro judaico ortodoxo paulistano de estudos rabínicos e construíram em 1930 o primeiro *micve*³⁷ da comunidade asquenazita³⁸ paulistana.

Anciões da comunidade judaica asquenazita nascidos na primeira e segunda década do século XX declararam em suas entrevistas para esta pesquisa que os judeus ortodoxos poloneses paulistanos eram muito fechados não só aos não judeus, mas inclusive a judeus ortodoxos de outras origens, dedicando-se ao estudo de ciências naturais e de textos da literatura rabínica que não eram estudados pela comunidade judaica ortodoxa em geral.³⁹

Na mesma época foram abertas escolas israelitas e centros de estudo de Judaísmo, mas estes aos poucos foram sendo fechados. A *Escola da Sinagoga Israelita Brasileira* da comunidade da Mooca é um exemplo. Este estabelecimento iniciou os estudos religiosos e de hebraico em 1930 com jardins e primário. Foi regularizado no Ministério da Educação em 1933 e funcionou até 1970, tendo o programa regular no período matutino e as disciplinas de judaísmo e de língua hebraica à tarde.

Também o *Ginásio Israelita-Brasileiro Talmud Torá*, fundado e mantido pela *Sociedade Brasileira de Instrução Religiosa Talmud Torá*, fechou, em 1932, o seu maternal, jardim de infância, pré-primário, primário, ginásio e colegial completos, equivalentes a pré-escola, ensino fundamental e ensino médio, atualmente denominados como pré-escola e ensino básico completo.

Outro exemplo é a *Escola Israelita Brasileira "Luiz Fleitlich"*, no Brás, aberta em 1937, transferida, em 1955, para novas instalações, onde funcionou até 1972, recebendo alunos judeus de diversas origens, inclusive da comunidade sefaradita, para um programa matutino de disciplinas regulares e

³⁷ Vide nota 31 no presente capítulo. Este foi o primeiro *micve* paulista a ser freqüentado por judeus asquenazitas.

³⁸ Vide nota 32 no presente capítulo.

³⁹ Entrevista, realizada em outubro de 2004 pela autora desta pesquisa, com três anciões da comunidade judaica ortodoxa paulistana. Os textos referidos são as partes chamadas de *Tosefta*, que em hebraico significa acréscimo, anexadas no final dos Tratados das edições clássicas rabínicas do Talmud Babilônico.

vespertino para as disciplinas de Judaísmo, que em uma primeira fase incluíam o aprendizado do ídiche.⁴⁰

Outras escolas israelitas paulistanas abertas e desativadas com o tempo foram a *Escola Religiosa Israelita do Cambuci*, que teve as primeiras atas escolares em ídiche datadas de 1947, e o *Ginásio Israelita Brasileiro do Cambuci*, que veio a fundir-se na década de 70 com o *Colégio I.L.Peretz*, sendo desativada definitivamente a escola do Cambuci.

Outra escola que abriu e fechou no século XX foi o *Ginásio Israelita Brasileiro "Scholem Aleichem"*, no Bom Retiro. Aberto em 1947, foi transferido em 1953 para novas instalações e funcionou até 1980.

A *Escola Israelita Brasileira "Theodor Herzl"*, iniciada em 1964 e reconhecida pela Delegacia de Ensino com o registro de número 2142 em 13 de setembro de 1968, que funcionou até 1973 na Lapa, é mais um exemplo.

Informalmente, nas sinagogas foram também sendo organizadas aulas de preparação para o *Bar Mitsvá*,⁴¹ grêmios recreativos e grupos masculinos de estudos rabínicos de imigrantes judeus ortodoxos que iam chegando ao Brasil e outras muitas atividades sociais, culturais e beneficentes da comunidade israelita em geral.

Em contraste com as famílias de judeus ortodoxos de sinagogas no Bom Retiro e no Brás e das duas sinagogas da Mooca, conhecidas por manter muitos costumes e leis rabínicas segundo a tendência doutrinária do Judaísmo Ortodoxo, a *Sinagoga da Abolição* ficou conhecida por ter sido uma comunidade cosmopolita de valores universalistas. A *Sinagoga da Abolição* foi aberta por sefaraditas e recebeu os asquenazitas alemães que iam chegando ao Brasil e modificando os costumes rabínicos, aceitando facilmente casamentos com não judeus (Mizrahi 2003:110).

A *Escola Brasileira Israelita Chaim Nachman Bialik* abriu suas portas em 1943, no bairro de Pinheiros, o *Colégio I.L.Peretz* iniciou sua sinagoga em 1948 e o colégio começou a funcionar a partir de 1951 na Vila Mariana.

⁴⁰ *Ídiche*: Idioma que funde o hebraico com o alemão e com outros dialetos locais da Europa Oriental.

⁴¹ *Bar Mitsvá*: do hebraico: refere-se à emancipação religiosa dos meninos judeus aos treze anos.

Assim, ao mesmo tempo em que São Paulo tinha judeus ortodoxos poloneses aficionados às ciências naturais e escolas israelitas estavam sendo abertas com nomes em homenagem a judeus emancipadores e renovadores do Judaísmo, uma com o nome do poeta ucraniano autor de poemas em hebraico – Bialik (1873-1934) – e outras duas com os nomes de dois dos alicerces da literatura ídiche moderna – o escritor e humorista russo Scholem Aleichem (1859-1916) e o escritor polonês Peretz (1851-1915) –, chegou a São Paulo em 1947, vindo de Israel, o *Munkatcher*⁴² *Rebbe*,⁴³ o Rebe Baruch Rabinovich. Natural da Polônia, voltou para Israel em 1963.

A característica extraordinária do Rebe Baruch Rabinovich está no relacionamento de um rabino ultra-ortodoxo com a comunidade judaica liberal e o mundo acadêmico. Este rebe pertenceu à *Kehilá Asquenazita de São Paulo* e é até hoje o único rabino ortodoxo da Europa Oriental que se graduou em Filosofia pela Universidade de São Paulo. A profunda formação rabínica ultra-ortodoxa, agregada a conhecimentos gerais e estudos acadêmicos, terminou por influenciar a formação da comunidade de judeus ortodoxos da Europa Oriental que estavam chegando a São Paulo após o Holocausto.

5.3 INSTITUIÇÕES DA COMUNIDADE JUDAICA ORTODOXA PAULISTANA

Para uma melhor compreensão das hipóteses centrais deste trabalho, faz-se necessária a retomada do início das principais congregações ortodoxas e escolas da comunidade judaica ortodoxa paulistana, na ordem cronológica da fundação dessas instituições, até os dias de hoje.

⁴² *Munkatcher*: do ídiche: de *Munkatch*, uma vila localizada na antiga Bielo-Rússia, sudoeste da Ucrânia.

⁴³ *Rebbe* ou *Rebe*: no hebraico e do ídiche: rabino (nota 28 no presente capítulo e nota 12 no capítulo 4). O rebe é um mestre, um guia espiritual equiparado pelos seus fiéis (os *hassidim*) a uma majestade religiosa.

5.3.1 Centro de Educação Religiosa Judaica, Colégio Beth Chinuch – lavne

O Colégio Beth Chinuch - lavne foi fundado na região dos Jardins em 1946, e em 1950 foi criada a entidade jurídica Centro de Educação Religiosa Judaica, tendo o Sr. Benjamim Citron como primeiro presidente. Com a regularização jurídica do Colégio Beth Chinuch - lavne estruturada sob o leque institucional da entidade Centro de Educação Religiosa Judaica, foi desenvolvida a grade curricular de Judaísmo e das disciplinas laicas do colégio.

No histórico do Colégio Beth Chinuch - lavne (fundado por sobreviventes do Holocausto), editado ainda pelos seus fundadores e impresso na agenda escolar e na Internet no site da escola (lavne 2004, 2005, 2006 e 2007), consta que a instituição iniciou-se com o intuito de reconstruir as vidas desses sobreviventes e criar uma nova comunidade ortodoxa.

O Colégio Beth Chinuch - lavne abriga atualmente um berçário, escola maternal, ensino fundamental e ensino médio. A grade curricular atual inclui aulas do ensino religioso de disciplinas de Judaísmo e de matérias laicas em horários intercalados. Depois de vários diretores de diferentes vertentes ortodoxas, atualmente esta instituição de ensino é dirigida por rabinos ortodoxos sefaraditas e recebe famílias de judeus tradicionalistas e conservadores asquenazitas, de judeus tradicionais sefaraditas e de judeus ortodoxos centristas de um modo geral.

O Colégio Beth Chinuch - lavne é hoje a única instituição de ensino da comunidade judaica ortodoxa paulistana cujos alunos, ao fim do ensino médio, têm condições de disputar diretamente uma vaga nas universidades públicas brasileiras ou nas melhores faculdades particulares.

Parte das famílias que matriculam seus filhos nesta instituição de ensino deseja que eles recebam uma educação judaica de acordo com a doutrina rabínica nos moldes do Judaísmo Ortodoxo, que aprendam a rezar, estudar, praticar os preceitos religiosos e o idioma hebraico, contudo sem abrir mão do estudo das disciplinas laicas e dos conhecimentos seculares.

Esta instituição abriga também estudantes de famílias de judeus tradicionalistas ou conservadores, de judeus tradicionais e de judeus ortodoxos centristas que se definem sionistas e desejam a educação descrita acima, incentivando o colégio a induzir os alunos ao domínio da língua hebraica e à criação, ou desenvolvimento, de algum vínculo que estimule a emigração a Israel ou, pelo menos, favoreça o estreitamento de uma relação com as comunidades judaicas israelenses ou algum movimento sionista.

Encontram-se também estudantes de famílias de judeus ortodoxos centristas não sionistas que almejam o fortalecimento do ensino de Judaísmo ao mesmo tempo em que pleiteiam o melhor nível possível para as disciplinas laicas.

É neste ambiente escolar que o estudante inicia o dia letivo com a reza matinal, seguida das aulas das disciplinas de Judaísmo e das disciplinas laicas intercaladas, as quais recebem importância equivalente no horário escolar e, teoricamente, também no currículo escolar.

O critério educacional do *Colégio Beth Chinuch - lavne* segue os padrões dos modelos educacionais *Torá im Derech Erets* ou *Torá u'Madá* dos judeus ortodoxos centristas. Contudo, a priorização dos estudos seculares, que na prática ocorre nesta instituição, reflete a propriedade ortodoxa centrista moderada, isto é, traz à tona as características menos ortodoxas da instituição.

5.3.2 Entidades Judaicas Asquenazitas Ultra-Ortodoxas Paulistanas: Instituições Masculinas de Ensino Judaico Ultra-Ortodoxo *ieshivá Or Torah e Mesivta*

O Rabino Elimelech Ashkenazi, ao chegar dos EUA ao Brasil, dá início à primeira *ieshivá*⁴⁴ paulistana, a *ieshivá Or Torah*, e funda a *Comunidade Ortodoxa de São Paulo "Kehilas Hacharedim"*, tornando-se seu rabino-chefe de 1958 até 1970.

⁴⁴ Vide nota 36 no presente capítulo.

Atualmente, a *Comunidade Ortodoxa de São Paulo "Kehilas Hacharedim"* é liderada pelo Rabino Meir Avraham Iliovits e inclui as instituições masculinas de ensino *Ieshivá Or Torah* e *Mesivta*, além de um centro masculino de estudos rabínicos para adultos e atividades extracurriculares de estudos rabínicos para meninos.

Hoje, a *Ieshivá Or Torah* abrange as classes do maternal até a 6ª série, 7º ano, e a *Mesivta* inicia-se na 7ª série, 8º ano, do ensino fundamental. Estas duas instituições juntas oferecem estudos de Judaísmo do maternal até o fim do ensino médio e o programa curricular das disciplinas regulares do ensino fundamental brasileiro. As disciplinas de Judaísmo utilizam somente referências da literatura rabínica autorizadas pelas autoridades rabínicas judaicas ultra-ortodoxas e são lecionadas em ídiche⁴⁵ no período matutino. As disciplinas do ensino fundamental são lecionadas no período vespertino.

Também dos EUA em 1958 chega a São Paulo mais um rebe, este nascido na Áustria, o *Ratzferter* Rebe loel Beher. Descendente de uma linhagem nobre de líderes rabínicos, recebeu formação rabínica ultra-ortodoxa, estudou posteriormente advocacia e vários dos membros de sua comunidade cursaram universidades brasileiras.

A *Congregação Israelita Ortodoxa "Kehal Chassidim"* começou sob a liderança espiritual do Rebe loel Beher e atualmente abriga uma ampla rede de serviços de assistência social, além do centro masculino de estudos rabínicos *Kollel Shlomei Eliezer*, que tem como *ruv*⁴⁶ responsável o Rabino Ytzhak David Horowitz e como líder e guia espiritual o Rebe Zicha Beer, respectivamente o genro e o filho do Rebe loel Beher.

A comunidade do Rabino Iliovits e as famílias da congregação dos Rabinos Zicha Beer e Y. D. Horowitz seguem linhas semelhantes de ultra-ortodoxia judaica hassídica.⁴⁷ Suas instituições são consideradas entidades irmãs. Estas entidades de judeus ultra-ortodoxos asquenazitas paulistanos

⁴⁵ Vide nota 40 do presente capítulo.

⁴⁶ *Ruv*: do ídiche: rabino na pronúncia ídiche austro-húngara.

⁴⁷ *Hassid*: do hebraico: *hessed* significa bondade. *Hassidim* são os judeus conhecidos como piedosos ou devotos, por servirem a D-us com devoção. Vide *hassidim* e *hassidismo* na nota 8 no capítulo 4.

abrigam muitos convertidos, asquenazitas, sefaraditas e orientais que assumem cumprir plenamente as orientações destes rabinos.

É interessante constatar que a formação secular do Rebe Ioel Beher de Ratzfert poderia levar-nos a imaginar que seus filhos seriam educados de acordo com uma visão de mundo judaica ortodoxa centrista. Contudo, diferentemente do Rebe de Munkatch que estudou na Universidade de São Paulo, cujo sogro nos EUA foi líder de uma facção judaica ultra-ortodoxa anti-sionista, mas cujos descendentes frequentam universidades, os descendentes do Rebe Beher retornaram ao Judaísmo Ultra-Ortodoxo devolvendo as suas entidades a característica provinciana da segregação cultural, intelectual e social.

Nas instituições de ensino destes judeus ultra-ortodoxos os alunos aprendem de modo geral a língua nativa do país hospedeiro, matemática e noções gerais de ciências e saúde. O idioma falado nas aulas de Judaísmo é o ídiche, já que a língua hebraica das escrituras é santa e não deve ser usada fora dos estudos santos de Judaísmo.

As letras e vogais do hebraico e do aramaico das rezas e dos estudos judaicos são lidas pelos membros desta comunidade como no ídiche, adquirindo uma sonoridade semelhante à das línguas da Europa Oriental, onde estes judeus se encontravam, o que torna a pronúncia das mesmas palavras irreconhecível aos ouvidos acostumados com o hebraico sefaradita ou moderno. Os membros desta comunidade evitam falar o hebraico coloquial moderno, apesar de presumidamente conhecerem bem o hebraico bíblico, por considerar que o hebraico falado atualmente é um produto lingüístico moderno de gramáticos judeus seculares e, como tal, deve ser evitado.

A rigidez quanto ao uso do ídiche e a proibição do usufruto de produtos de mídia produzidos por judeus não ortodoxos nas instituições de ensino e residências assumem importância fundamental na educação desta comunidade. As instituições de ensino destes judeus ultra-ortodoxos seguem basicamente os padrões do modelo educacional *Talmud Torá ke'Negued Kulam*, incluindo atividades educacionais extracurriculares de Judaísmo em todas as horas possíveis.

Contudo, quando surgem problemas de ordem econômica, as autoridades rabínicas destas instituições permitem aos seus fiéis a adição de algum aprendizado laico suficiente para o exercício de uma profissão que possa lhes garantir o sustento de maneira digna. Assim, as autoridades rabínicas ultra-ortodoxas terminam por orientar em casos individuais programas de estudo nos moldes educacionais de *Torá u'Malachá* ou *Torá ve'Umanut*.

Somente em 1958, quando a cidade de São Paulo recebeu os judeus húngaros ultra-ortodoxos, os costumes da ortodoxia judaica com padrões semelhantes aos dos judeus ultra-ortodoxos dos *stetels*⁴⁸ da Europa Oriental começaram a se fixar entre os integrantes da comunidade judaica ortodoxa da capital paulista.

5.3.3 Instituição Feminina de Ensino Judaico Ortodoxo *Beth Jacob*

Logo após a fundação da primeira *ieshivá* ultra-ortodoxa paulistana, em 1958, foi aberta a instituição feminina de ensino judaico ortodoxo *Beth Jacob*. Inicialmente esta instituição ministrava somente disciplinas do currículo de Judaísmo, sendo as disciplinas do ensino laico cursadas no *Colégio Beth Chinuch - lavne*.

A escola *Beth Jacob* foi fundada graças à iniciativa do casal Jacks Moscovits. A partir de 1969 o *Beth Jacob* começou a funcionar em período integral. Suas disciplinas de Judaísmo, lecionadas no horário matutino, sempre utilizaram somente material didático permitido pelas suas autoridades rabínicas. O programa das disciplinas laicas é lecionado à tarde.

O *Beth Jacob* tem hoje berçário, jardins, ensino fundamental até o fim do ensino médio (antigo magistério) e um ano optativo, conhecido informalmente nesta escola como 4º colegial, após o ensino médio. A partir dos anos 70, a escola começou a receber filhas de famílias de judeus sefaraditas e orientais ortodoxos, diminuindo drasticamente o uso da língua ídiche na dinâmica de classe.

⁴⁸ *Stetels*: aldeias na Europa Oriental.

A instituição de ensino *Beth Jacob* reuniu inicialmente famílias de judeus ortodoxos asquenazitas de várias ascendências, entre elas algumas de origem húngara, ultra-ortodoxas, que defendiam que o ensino primordial é o das disciplinas de Judaísmo, devendo ser evitado o estudo secular.

Apesar do temor destes judeus ultra-ortodoxos no que diz respeito aos valores seculares introduzidos através das disciplinas laicas, as disciplinas do currículo secular são lecionadas. No entanto, nesta instituição é norma tratar as disciplinas de Judaísmo como prioridade absoluta, ficando as disciplinas laicas em um segundo plano.

A *Beth Jacob* segue o modelo educacional judaico ultra-ortodoxo *Torá u'Malachá*, semelhante ao modelo *Torá ve'Umanut*. E, como o modelo educacional de "Torá e Profissão" permite a elaboração de um programa de estudos que proporciona o desenvolvimento de certas habilidades e a absorção de alguns conhecimentos gerais, as estudantes da instituição têm a possibilidade de seguir um programa de disciplinas seculares e de no 4º ano optativo, após o ensino médio, aprender a executar algumas tarefas profissionais.

5.3.4 Movimento Chabad Lubavitch

Cabe salientar que a expansão do *Movimento Chabad Lubavitch* em nível global iniciou-se de fato sob liderança do Rebe Menachem Mendel Schneerson, que chegou da antiga União Soviética aos Estados Unidos e liderou o movimento a partir de 1950 até 1994, como o sétimo rebe da dinastia da corrente hassídica de Lubavitch.⁴⁹ Este rebe assumiu, em 1950, a liderança deste movimento hassídico ultra-ortodoxo liderado até então pelo seu sogro,⁵⁰ com sede no bairro do Brooklyn, em Nova York, nos Estados Unidos da América. A expansão do movimento se deveu ao carisma da figura rabínica peculiar deste rebe, que, além de possuir um vasto conhecimento no campo religioso, secular, científico e humano, tem, segundo se acredita, sensibilidades

⁴⁹ Local na região da República de Belarus, na antiga Bielo-Rússia.

⁵⁰ Rabino Joseph Isaac Schneersohn

sobrenaturais de um espírito profético. Sabe-se que os judeus hassídicos enxergam o seu rebe como um homem visionário a quem o Todo Poderoso se revela, ou seja, como um homem conectado com D-us (Schaffir 1987:75).

O Rebe Menachem Mendel Schneerson descende de uma dinastia de rabinos ultra-ortodoxos. Tendo saído da Rússia em 1927, passou por Berlim, onde ficou até 1933, estudando em Heidelberg. Foi em seguida para Paris, onde se graduou em engenharia na Universidade da Sorbonne, e esperou em Marselha o visto que recebeu em 1941 para emigrar para os EUA.

Como líder do *Movimento Chabad Lubavitch*, a partir de 1950, em Nova York, o Rebe Menachem Mendel Schneerson sempre se manteve financeiramente com os trabalhos e projetos profissionais que efetuou, entre eles o cálculo de uma das pontes entre Manhattan e Brooklyn. Este rebe, desde o início de sua liderança, trabalhou para que a filosofia do movimento, ou seja, sua doutrina, na forma de aulas, discursos, reuniões, cartas e orientações religiosas, fosse divulgada através de todos os meios de comunicação possíveis e imagináveis. Também se tornou uma figura pública pessoalmente acessível a visitas.

Em seu discurso, nota-se a postura pragmática deste sétimo rebe da corrente hassídica de Lubavitch, que demonstra que as teorias científicas são baseadas em cálculos limitados, que pecam por não incluir variantes desconhecidas, e que o conhecimento completo, a verdade e única certeza estão contidos nos ensinamentos divinos transmitidos na literatura rabínica.

Não obstante, sua própria mensagem doutrinária faz uso de informações científicas para fundamentar um modelo de comportamento e fé segundo as teorias de cunho doutrinário judaico ultra-ortodoxo. Este tipo de discurso aproximou de seu movimento religioso muitos judeus intelectuais, políticos e profissionais de todos os campos.

A expansão e a internacionalização desse movimento, que utiliza todos os meios permitidos para a sua divulgação e para atingir seus fins, o raciocínio peculiar de seu líder e os poderes divinos sobrenaturais atribuídos à ligação desta autoridade rabínica com D-us, além da sua responsabilidade religiosa

para com todos os judeus, o Judaísmo e o mundo, atraíram os tipos mais diferentes de pessoas à procura de D-us, de uma fé e religião, de ajuda, de rumo, de uma identidade, de uma utopia e de conhecimento.

Contudo, é necessário enfatizar que, embora milhares de simpatizantes do movimento não tenham adotado a ortodoxia judaica como forma de vida, outros milhares se transformaram em judeus ortodoxos, disseminando sua fé no seu rebe e no Judaísmo (Topel 2005: 105).

Apesar de o último líder deste movimento de origem judaica ultra-ortodoxa ter estudado em uma universidade, sua comunidade não é aconselhada a seguir o modelo de sua biografia pessoal em relação aos estudos acadêmicos.

O pragmatismo do *Movimento Chabad Lubavitch*, de grande atividade proselitista entre os judeus laicos e liberais, no que diz respeito ao modernismo, dá-se na visão de que os ambientes e elementos estranhos à comunidade são úteis somente para a missão de encontrar judeus afastados do Judaísmo, sendo o uso das tecnologias modernas um meio válido de aproximar qualquer judeu do cumprimento dos preceitos judaicos de acordo com a tendência doutrinária do Judaísmo Ultra-Ortodoxo. Para que o *Movimento Chabad Lubavitch* seja corretamente entendido, deve-se ter a devida atenção de não confundir as atividades voltadas para a própria comunidade com as atividades criadas para aproximar um público judeu não religioso do Judaísmo.

As instituições de ensino fundamental e médio do *Movimento Chabad Lubavitch* em São Paulo estão voltadas para a comunidade judaica ortodoxa, para as famílias de judeus ultra-ortodoxos, de judeus ortodoxos centristas radicais e aqueles que se tornaram judeus ortodoxos.

Em 1957, já com o Rebe Menachem Mendel Schneerson na liderança do *Movimento Chabad Lubavitch Mundial*, o Rab. Jacob Leiba Zajac, filho de imigrantes judeus ultra-ortodoxos paulistanos, que já faziam parte do grupo do líder anterior do *Movimento Chabad Lubavitch* ainda na Europa Oriental,

retorna a São Paulo após terminar seus estudos de rabinato nos Estados Unidos.

Neste espírito, o Rabino Jacob Leiba Zajac inicia oficialmente no final dos anos 50 a *Associação Chabad* na região paulistana dos Jardins, como responsável pela instituição *Tzeirei Agudath Chabad* de São Paulo. Assim, data do final dos anos 50 e começo dos anos 60 o primeiro núcleo do *Movimento Chabad Lubavitch* paulistano, que se preocupa em recrutar novos judeus para o cumprimento das leis rabínicas e aumentar a comunidade judaica ortodoxa mundial. Hoje, a instituição do Rabino Jacob Leiba Zajac encontra-se sob a direção do Rabino Yehuda L. Zajac.

5.3.5 Instituições de Ensino do Movimento Chabad Lubavitch

A primeira instituição paulistana de ensino do *Movimento Chabad Lubavitch*, o *Talmud Torá Lubavitch*, foi fundada em 1960 no bairro do Bom Retiro pelos irmãos Rabinos Jacob e Henrique Begun, descendentes de imigrantes das colônias de judeus do Barão Hirsch em Porto Alegre.

Na década de 70 o Rabino Jacob Begun fundou a instituição de ensino *Tiferet Lubavitch*, na região de Higienópolis, para as famílias da comunidade judaica em geral, chegando a ter duzentos alunos e a receber um prêmio do Ministério da Educação. Hoje, contudo, somente a sinagoga desta entidade continua ativa. O prêmio do Ministério da Educação para a instituição de ensino *Tiferet Lubavitch* revela o esforço de algumas entidades do *Movimento Chabad Lubavitch* para atingir padrões de excelência. Tal esforço é motivado pelo intento de atrair a comunidade judaica local.

1. Talmud Torá - Gani e Escola Lubavitch

Em 1983 a instituição de ensino dos irmãos Begun, no Bom Retiro, dividiu-se em duas instituições judaicas ortodoxas hassídicas, o *Talmud Torá - Gani* para meninas e a *Escola Lubavitch* para meninos. A instituição de ensino

original tinha alunos não judeus que se transferiram para outras escolas em decorrência dessa mudança estrutural e religiosa.

A *Escola Lubavitch* é filiada à Rede Mundial de Escolas *Oholei Yossef Yitschak – Lubavitch*, fundada pelo Rebe de Lubavitch, o Rabino Menachem Mendel Schneerson, há mais de cinquenta anos.

Atualmente a escola *Talmud Torá - Gani* das meninas oferece maternal, ensino fundamental e ensino médio completo até o terceiro ano e mais um ano optativo, definido extra-convencionalmente pela escola como 4º colegial. O programa de disciplinas de Judaísmo é lecionado de manhã e as matérias do currículo escolar comum, no período vespertino. A instituição de ensino *Escola Lubavitch* dos meninos tem aulas do maternal até a 6ª série ou 7º ano do ensino básico. As disciplinas de Judaísmo são lecionadas de manhã e as outras, à tarde.

As disciplinas de Judaísmo das instituições de ensino do *Movimento Chabad Lubavitch* são lecionadas em hebraico, sendo utilizado de modo geral somente material pedagógico de livros editados sob supervisão de autoridades rabínicas ortodoxas.

Atualmente, as instituições de ensino *Talmud Torá - Gani* e *Escola Lubavitch* do *Movimento Chabad Lubavitch* são voltadas principalmente para a sua própria comunidade. Portanto, nelas predominam os modelos educacionais judaicos ultra-ortodoxos. Mas, pelo fato de essa comunidade incluir muitos judeus ortodoxos centristas, os programas de estudos se apresentam como ortodoxos centristas radicais, com aulas de filosofia hassídica, que induzem as estudantes a um comportamento judaico ultra-ortodoxo.

As duas instituições de ensino apresentam seus programas educacionais como se fossem *Torá im Derech Erets*, ou *Torá u'Madá*, atraindo os judeus ortodoxos centristas, mas de fato seguem modelos educacionais de *Torá ke'Negued Kulam*, pendendo para *Torá im Malachá*, dos judeus ultra-ortodoxos.

2. *Ieshivá Machané Israel*

Para delinear o desenvolvimento e crescimento da comunidade judaica ortodoxa paulistana, deve-se mencionar as instituições de ensino do Rabino Chaim e sua esposa Rivka Binjamini, em Petrópolis e Teresópolis, no Rio de Janeiro. Um comitê de judeus paulistanos, cariocas e fluminenses fundou a *Ieshivá Machané Israel* em 1966, na cidade de Petrópolis. A partir de então vários paulistanos começaram a receber educação rabínica de uma *Ieshivá*-dormitório masculina que libera seus alunos do primeiro ao terceiro ano do ensino médio somente dois finais de semana por mês.

O Rabino Chaim e sua esposa Rivka Binjamini se dizem discípulos do Rebe de Lubavitch⁵¹ e seguem costumes ortodoxos hassídicos do *Movimento Chabad Lubavitch*. A *Ieshivá Machané Israel*, diferentemente da *Ieshivá Or Torah*, fundada em 1958 em São Paulo, oferece o programa de estudos rabínicos nos períodos matutino e noturno, sendo as matérias do currículo comum lecionadas no período vespertino. As aulas de Judaísmo são em hebraico e não em ídiche. De 1976 até 1984 funcionou, na cidade de Teresópolis, a *Michlálá*, o ensino médio feminino equivalente ao curso magistério ou normal, dirigida pela Sra Rivka. Muitos dos ex-alunos e alunas destas duas instituições estudaram posteriormente em entidades judaicas ortodoxas em Israel e nos EUA e retornaram a São Paulo seguindo preceitos da ortodoxia judaica, tornando-se rabinos ortodoxos e líderes de entidades paulistanas.

A *Ieshivá Machané Israel* (assim como antes a *Michlálá*) é hoje conhecida claramente como uma instituição de ensino do *Movimento Chabad Lubavitch*. Ela enfatiza os estudos religiosos matutinos e noturnos, mas não deixa de propiciar uma boa formação no que diz respeito aos estudos seculares no período vespertino.

A *Ieshivá Machané Israel* do Rabino Chaim e da Sra Rivka Binjamini é uma instituição que incute o ideal de *Talmud Torá ke'Negued Kulam*, mas se baseia no modelo educacional ultra-ortodoxo de *Torá im Malachá*, confusamente apresentado como *Torá u'Madá*. No entanto, a ênfase no ensino

⁵¹ Rebe Menachem Mendel Schneerson.

doutrinário judaico ultra-ortodoxo e a boa qualidade mantida nas disciplinas seculares fizeram com que esta instituição formasse tanto rabinos ultra-ortodoxos, quanto profissionais judeus religiosos. Vale citar que muitos de seus alunos são *Hozrei beTeshuvá*⁵² e filhos de *Hozrei beTeshuvá*.

5.3.6 Judeus Sefaraditas e Orientais Ortodoxos Paulistanos

A *Congregação Mekor Haim* foi fundada em 1959 por judeus egípcios e começou a ser freqüentada por judeus sírio-libaneses de famílias mais religiosas a partir das décadas de 60 e 70. Ainda antes dos anos 80 o Rabino Isaac Dichi, ex-aluno da *Ieshivá Machané Israel* de Petrópolis, foi contratado, iniciando um centro masculino de estudos rabínicos que formou a maior congregação judaica sefaradita e de judeus orientais paulistanos.

A sinagoga *Mekor Haim*, apesar de originariamente ter sido freqüentada por famílias de judeus tradicionais e ortodoxos centristas sefaraditas, tornou-se gradualmente um centro de estudos judaicos sefaradita cada vez mais ortodoxo. E, apesar de a sinagoga e parte de sua comunidade terem se tornado praticamente ultra-ortodoxas, ela continua a ser freqüentada por algumas famílias de judeus tradicionais e ortodoxos centristas sefaraditas que não são nem se portam como judeus ultra-ortodoxos.

No entanto, parte da freqüência judaica não ortodoxa da *Congregação Mekor Haim* migrou, na última década, para a *Sinagoga Beit Yaacov*, fundada pela família Safra em 1993.

Tanto a *Sinagoga Beit Yaacov* como outras entidades judaicas sefaraditas e orientais não ortodoxas paulistanas têm rabinos ortodoxos contratados para dirigir seus cultos, seus estabelecimentos de ensino e as suas atividades religiosas. Embora contratem rabinos ortodoxos, essas instituições não têm como objetivo atrair os judeus à ortodoxia judaica nos moldes do *Movimento Chabad Lubavitch*.

⁵² *HozerBeTeshuvá*: do hebraico: retorno. Simboliza a aproximação de um judeu à ortodoxia judaica, no sentido de que um judeu que vem a cumprir os costumes judaicos retorna às origens de seus antepassados.

As instituições judaicas sefaraditas e orientais não ortodoxas paulistanas demonstram prezar que os cultos e as atividades religiosas sigam estritamente as leis rabínicas de acordo com a ortodoxia judaica. A coletividade de famílias deseja que seus filhos recebam uma educação secular e também uma educação judaica rabínica, mas possam escolher o seu próprio nível de religiosidade.

A instituição de ensino *Escola Beit Yaacov*,⁵³ aberta em 2001, também pela família Safra, homônima da sinagoga fundada pela mesma família em 1993, é mais um exemplo deste tipo de instituição judaica freqüentada por judeus que prezam sua liberdade religiosa. Esta escola está programada para seguir os padrões das melhores escolas bilíngües (inglês-português) paulistanas e inclui o ensino de hebraico e de disciplinas judaicas, atraindo muitos judeus tanto sefaraditas quanto asquenazitas.

5.3.7 Desenvolvimento do *Movimento Chabad Lubavitch Paulistano*

Em 1974, o Rabino Shabsi Alpern, então diretor do *Colégio Iavne*, judeu ultra-ortodoxo polonês com família em Nova York, nos EUA, ao lado do Rebe Menachem Mendel Schneerson, líder do *Movimento Chabad Lubavitch Mundial*, fundou um *Beit Chabad* na região paulistana dos Jardins. Para a abertura desse novo *Beit Chabad*, o Rebe Menachem Mendel Schneerson orientou para que os irmãos Begun e o Rabino Jacob Leiba Zajac fossem consultados. O *Beit Chabad* deveria ser administrado por uma comissão conjunta destes rabinos, com rotatividade anual do posto de diretor entre o Rabino Alpern, os irmãos Begun e o Rabino Jacob Leiba Zajac.

Sob a liderança contínua do Rabino Shabsi e de sua esposa Esther e com o advento da revista *Chabad News*, enviada gratuitamente a milhares de leitores judeus, e muitas atividades festivas, aulas e encontros com comes e bebes para a comunidade judaica paulistana em geral, foi atraído para as atividades do movimento um público regular de judeus de todas as

⁵³ Atenção: Deve-se saber que a *Escola Beit Yaacov* e a Sinagoga *Beit Yaacov*, da família Safra, não têm nada a ver com a instituição de ensino *Beth Jacob* do casal Jacks Moscowits e também não estão relacionadas a outras entidades paulistanas de nomes semelhantes.

proveniências, aumentando gradativamente o número de judeus ortodoxos paulistanos.

Este *Beit Chabad* paulistano assumiu, inicialmente, nas décadas de 80 e 90, a responsabilidade por algumas atividades do *Movimento Chabad Lubavitch Mundial* em outros estados (unidades federais) brasileiros e no Paraguai e com o tempo se autodenominou *Beit Chabad Central do Brasil*. No entanto, esta entidade hoje é somente responsável por suas próprias atividades e começa o século XXI sob a direção do Rabino Yossi Alpern e do Rabino Avraham Steinmetz, respectivamente o filho e o genro do Rabino Shabsi Alpern, juntamente com o Rabino Daniel Jaques Eskinazi.

É importante ressaltar que o *Beit Chabad* da região dos Jardins, conhecido como *Beit Chabad Central*, tornou-se a partir dos anos 80 talvez a mais importante referência judaica ortodoxa paulistana. A sinagoga egípcia *Congregação Monte Sinai*, na região de Higienópolis, ainda nos anos 80, contratou o Rabino Isaac Michaan, assim como, nos anos 90, a *Sinagoga Israelita Paulista* de judeus húngaros não ortodoxos contratou o Rabino Shimon Brand. Ambas chegaram a estes rabinos ortodoxos através do *Beit Chabad Central*.

A partir dos anos 80 o movimento de *Chabad* se expande pelas capitais dos estados brasileiros e pelos mais diversos bairros paulistanos. São abertos: 1) *Beit Chabad* do Itaim do Rabino Iossi Schildkraut; 2) *Beit Chabad* do Morumbi do Rabino Yossef David Weitman; 3) *Beit Chabad* em Santo André (grande São Paulo) do Rabino Shamai Ende; 4) A sinagoga e o centro de estudos *Colel Torá Temimá*, posteriormente *Colel Torat Menachem*, transferidos no dia 18 de setembro de 2005 para o prédio *Centro Judaico Bait*, do *Movimento Chabad Lubavitch* em Higienópolis, do Rabino Isaac Michaan e do Rabino Ierachmiel Belinov; 5) A sinagoga *Chabad* do Rabino Iosef Motl Malowani também em Higienópolis; 6) *Beit Chabad* em Perdizes do Rabino Zalman Slonim, genro do Rabino Shabsi Alpern; 7) *Beit Chabad* de Pinheiros, inicialmente do Rabino Avraham Zajac e de seu pai, o Rabino Motel Zajac, irmão do Rabino Jacob Leiba Zajac, mais tarde, em janeiro de 2006, transferido para o Rabino Eliahu Rosenfeld, genro do Rabino Yossef David Weitman do

Morumbi; 8) *Beit Chabad* da Vila Mariana do Rabino Eddy David Khafif; 9) *Beit Chabad* do Brooklin do Rabino Yacov Gerenstadt; 10) *Beit Chabad* da Pompéia do Rabino Iosef Benzecry; 11) Sinagoga *Chabad* no Jardim Paulista do Rabino Shalom Ber Gourarie; 12) A Sinagoga *Eichal Menachem* Santana do *Beit Chabad* de Santana, do Rabino Ariel Aharon Antebi; 13) Torá no Campus, que é um movimento *Chabad* para universitários paulistanos fundado pelo Rabino Moshe Paim.

Além das atividades destes centros *Chabad*, o Rabino Noach Gansburg, de formação rabínica *Chabad*, depois de ter trabalhado para algumas instituições *Chabad* no Brasil, fundou o Centro Judaico Novo Horizonte, que organiza atividades de artes com Judaísmo após o horário das aulas para crianças e cursos de artesanato e culinária judaica, eventos, festas, viagens e passeios com atividades radicais para jovens judeus com o intuito de aproximá-los da ortodoxia judaica.

A mão-de-obra religiosa rabínica qualificada de Chabad expandiu-se também dentro das várias entidades da comunidade israelita paulistana. Devem ser lembradas aqui: 1) *Congregação Monte Sinai*, que depois do Rabino Isaac Michaan contratou o Rabino David Azulay, também de formação rabínica *Chabad*; 2) As entidades fundadas pela família Safra - a *Congregação Sefaradi Paulista* da *Sinagoga Beit Yaacov*, que contratou o Rabino Yossef David Weitman para a diretoria rabínica, e a *Escola Beit Yaacov*, que contratou inicialmente o filho do Rabino Henrique Begun, o Rabino Shmul Osher Begun, que já não trabalha mais na instituição, mas cuja irmã foi anexada em 2007 ao quadro de funcionários do estabelecimento. As escolas Bialik, Peretz e Renascença, escolas israelitas não ortodoxas da comunidade judaica paulistana, também têm em seu quadro de professores de Judaísmo vários judeus ortodoxos e rabinos de formação *Chabad*.

Neste contexto de expansão, no final do século XX, o *Movimento Chabad Lubavitch* tem escolas, centros de estudos, várias editoras próprias, sinagogas e atividades em diversos bairros paulistanos, tendo se tornado, provavelmente, o maior movimento judaico ortodoxo de São Paulo.

5.3.8 *Yeshiva Or Israel College*

Sua história começa em 1989, quando foi fundada na região de Cotia na periferia da capital paulista. A *Yeshiva Or Israel College* foi formada por judeus ortodoxos paulistanos de origem sírio-libanesa e outros judeus ortodoxos de emigrações da Europa Oriental que não desejavam enviar seus filhos para cursar os últimos anos do ensino fundamental e o ensino médio na *Ieshivá Machané Israel* em Petrópolis ou para mais longe ainda, em alguma outra instituição masculina de ensino judaico ortodoxo. Seu diretor responsável desde a fundação é o Rabino Raphael Shammah, judeu paulistano de origem síria, que estudou rabinato em uma instituição de ensino rabínico ortodoxa centrada em Israel.

Atualmente esta *yeshiva* encontra-se em um condomínio arborizado na região de Cotia, com instalações amplas para os alunos e com residências para as famílias dos professores responsáveis. Esta *yeshiva* tem aulas da 7ª série, 8º ano, até o fim do ensino médio. A partir do primeiro ano do ensino médio, esta *yeshiva* funciona em sistema de internato, ou seja, seus alunos hospedam-se nos dormitórios da instituição, podendo sair todos os domingos e durante dois finais de semana por mês.

O programa de estudos segue o modelo ortodoxo centrado radical, em que as disciplinas de Judaísmo são lecionadas no horário matutino e as disciplinas do currículo comum, no horário vespertino. Para as matérias de Judaísmo são usadas somente referências rabínicas autorizadas por autoridades rabínicas ultra-ortodoxas e o conhecimento da língua ídiche não é requisitado.

A *Yeshiva Or Israel College* é definida pela sua diretoria como uma instituição de ensino ortodoxa centrada. Atende filhos de famílias de judeus ortodoxos centristas asquenazitas e sefaraditas e recebe rapazes de famílias de judeus não religiosos e também alguns poucos filhos de famílias de judeus ultra-ortodoxos que querem estudar disciplinas laicas para, segundo eles, poder obter posteriormente uma melhor formação profissional.

Esta *yeshiva* propõe o modelo educacional judaico ortodoxo centrista *Torá u'Madá*, considerando o currículo das disciplinas laicas e dos estudos técnicos como incorporado aos estudos de Judaísmo, tendo dificuldades com o seu corpo docente de disciplinas seculares para adaptar o material didático secular de maneira que o estudo se mantenha em uma perspectiva judaica. A proposta desta *yeshiva* é garantir que seus estudantes obtenham conhecimentos que os capacitem a prosseguir tanto nos estudos para rabinato quanto nos estudos profissionalizantes de nível superior.

5.3.9 Desenvolvimento da Comunidade de Judeus Asquenazitas Ortodoxos Paulistanos

Um ano depois de aberta a *Yeshiva Or Israel College*, em outro setor da comunidade judaica ortodoxa paulistana, chega ao Brasil, precisamente em outubro de 1990, o Rabino Shmuel A. Havlin para dirigir o centro masculino de estudos rabínicos da comunidade judaica ultra-ortodoxa paulistana do Rabino Iliovits.

Em dezembro de 2001 o Rabino Shmuel A. Havlin foi contratado para ser o responsável pela formação de um novo *Kolel*⁵⁴ na sinagoga *lavne*, que veio a se tornar o centro masculino de estudos rabínicos asquenazita da comunidade judaica ortodoxa paulistana mais conhecido no Brasil e no exterior.

Com a recorrência dos mesmos nomes de instituições, é muito importante saber que dentro das instalações atuais do *Centro de Educação Religiosa Judaica* existem duas sinagogas, um *micve*⁵⁵ e o *Colégio Beth Chinuch - lavne*, que tem sua própria sinagoga. Uma das sinagogas, que não é do colégio, mas que sempre foi freqüentada principalmente por pais de alunos e por ex-alunos, chama-se *Beth Chinuch – Abyr Yaacov* e é dirigida pelo Rabino Eliahu David Valt, o Rabino-Chefe de São Paulo, reconhecido em Israel desde 1978, em sucessão a seu pai.⁵⁶ A sinagoga anteriormente foi dirigida por outros rabinos ultra-ortodoxos. A segunda sinagoga (também não pertencente

⁵⁴ *Kolel*: do hebraico: Instituição masculina de estudos rabínicos.

⁵⁵ Vide nota 54 no presente capítulo.

⁵⁶ Rabino David Valt, que chegou a São Paulo em 1937.

ao colégio) foi formada por um grupo de ex-alunos e ficou conhecida nos anos 90 como sinagoga do *lavne*, recebendo posteriormente o nome de *Minyian do Kolel Ohel Yosef no lavne*.

A comunidade que frequenta a sinagoga *lavne* e o *Kolel Ohel Yossef* recebeu o nome de *Kehilat Meor Hatorá*. Neste *kolel* rabinos ultra-ortodoxos e ortodoxos estudam Judaísmo de manhã, à tarde e à noite e lecionam os mais variados tópicos de leis e filosofia judaica rabínica individualmente e para grupos de judeus.

A diferença principal entre os rabinos do *Kolel Ohel Yossef* e os rabinos do *Movimento Chabad Lubavitch* está em que os primeiros não têm como missão fundamental procurar outros judeus para aproximá-los da ortodoxia judaica. Eles se esforçam, antes, para satisfazer os anseios de aproximação daqueles que os procuram.

5.3.10 Movimentos *Aish HaTorá* e *Binyan Olam*

Também nos anos 90 a região de Higienópolis, na capital paulista, recebeu o movimento *Binyan Olam*, fundado pelo carioca Alexandre Chachamovits em Jerusalém. O *Binyan Olam* formou-se na década de 80, resultado de uma dissidência do departamento latino do movimento *Aish HaTorá* em Jerusalém, dedicado a atrair judeus à ortodoxia judaica. O crescimento do *Binyan Olam* em Jerusalém resultou na abertura de uma filial em São Paulo

Como, nos anos 50, o *Movimento Chabad Lubavitch*, o movimento *Aish HaTorá* originou-se da ação de rabinos ultra-ortodoxos, entre eles o Rabino Noach Weinberg, na cidade de Baltimore, nos EUA, nos anos 60. Com o Muro das Lamentações acessível e Jerusalém unificada por Israel em 1967, a *Aish HaTorá* abriu em 1974 uma instituição na cidade antiga de Jerusalém, que se tornou um dos centros de grande relevância no recrutamento de jovens judeus falantes de inglês à ortodoxia judaica.

O Rabino Raziél Pilatowski é um dos principais fundadores do movimento *Binyan Olam* em São Paulo. Hoje, juntamente com os rabinos Moshe Igal e Itzchak Benroubi, administra as aulas e as atividades paulistanas do movimento. O movimento *Aish HaTorá* paulistano, estabelecido somente em 2003, tem o Rabino Reuven Yosef Segal e sua esposa paulistana Stella Segal como principais responsáveis pela sua formação.

O modelo a que se refere Marta Topel – "*É importante ressaltar que para estes dois movimentos não existem meios-termos, pois os seus alunos são confrontados com a escolha entre o caminho verdadeiro ou se perderem no marasmo de uma vida sem sentido...*" (Topel 2005:109) – concretizou-se somente no movimento *Binyan Olam* paulistano. Isto porque o movimento *Aish HaTorá* paulistano tornou-se um ambiente de atividades religiosas organizadas sob os cuidados de seu rabino e de um grupo de judeus solteiros até os 35 anos que promovem atividades e eventos sociais não necessariamente judaicos ortodoxos.

Neste histórico faz-se necessária a observação de que a estratégia principal destes dois movimentos é enviar judeus, após o ensino médio, para as suas instituições em Jerusalém. Muitos entre os que participam dos programas do *Binyan Olam* em Israel são desestimulados a retornar ao ambiente não religioso em que viviam anteriormente. E, entre aqueles que retornam ao Brasil como judeus ortodoxos casados, boa parte procura uma sinagoga ortodoxa e suas esposas saem à procura de um *micve*⁵⁷ e de outros serviços religiosos, passando a freqüentar outros ambientes judaicos ortodoxos paulistanos mais estruturados.

5.3.11 Instituições de Ensino *Maguen Avraham*

Em 11 de fevereiro de 1992 judeus ortodoxos sírio-libaneses paulistanos fundaram a instituição de ensino masculino *Maguen Avraham* e em 1994 foi aberta a instituição *Maguen Avraham* para meninas. No ano de 2005 este complexo educacional, dividido entre os bairros paulistanos Barra Funda e

⁵⁷ Vide nota 31 no presente capítulo.

Pacaembu, contava com 303 meninos e meninas do maternal até o fim do ensino médio. As duas instituições são mantidas sob a coordenação e liderança do Rabino Isaac Dichi, rabino oficial da *Congregação Mekor Haim*. A instituição feminina de ensino *Maguen Avraham* tem como diretora a Sra. Raquel Dichi, esposa do Rabino Isaac Dichi, ao passo que a instituição masculina tem a Sra Ruth Dichi, cunhada do Rabino Isaac Dichi, como coordenadora e no final do ano de 2006, início de 2007 esta instituição encontrava-se em vias de contratação de um novo diretor.

O *Maguen Avraham* é uma instituição de ensino de judeus ortodoxos sefaraditas semelhante aos estabelecimentos de ensino judaico ultra-ortodoxo dos asquenazitas. Apesar de o ídiche não ser estudado, por não ser o idioma característico dos sefaraditas, algumas professoras e coordenadoras de hebraico da parte feminina da instituição pertencem a famílias influentes dentro da comunidade judaica ortodoxa asquenazita paulistana.

Tanto na parte feminina quanto na masculina, as disciplinas do programa de Judaísmo são retiradas somente de material autorizado por suas autoridades rabínicas ultra-ortodoxas, sendo lecionadas de manhã. As disciplinas laicas são lecionadas no período vespertino. O programa de estudos desta instituição prioriza as disciplinas de Judaísmo, mas não isenta do estudo secular. Apesar de esta instituição ter os mesmos professores de disciplinas seculares de outras instituições ortodoxas centristas paulistanas que prezam a qualidade e adaptação do currículo secular, a organização dos estudos da *Maguen Avraham* segue o modelo educacional ultra-ortodoxo judaico de *Torá im Malachá*, restringindo e censurando ao máximo os conteúdos seculares.

A instituição *Maguen Avraham* recebe alunos principalmente de famílias de judeus sefaraditas e asquenazitas ortodoxos centristas e ultra- ortodoxos. Segundo uma declaração da diretoria da instituição, dirigida a mim: "O *Maguen* recebe todos os filhos de famílias de judeus que aceitam arcar piamente com as normas dos costumes religiosos e regras sociais ditadas pelos diretores e pela autoridade rabínica desta instituição sem criar conflitos de qualquer gênero."

5.3.12 *Ieshivá Tomchei Temimim - Lubavitch*

Em 1995 foi fundada a *Ieshivá Tomchei Temimim – Lubavitch* com classes a partir da 7ª série ou 8º ano do ensino fundamental, servindo como continuação da instituição de ensino masculina ortodoxa *Escola Lubavitch*. A *Ieshivá Tomchei Temimim* faz parte da rede mundial de instituições masculinas de ensino hassídico *Tomchei Temimim*, cuja primeira *Ieshivá* foi fundada em 1896 pelo Rabino Sholom Dovber Schneerson, quinto rebe da dinastia rabínica da corrente hassídica de Lubavitch, que teve como seu sétimo e último líder o Rabino Menachem Mendel Schneerson. Este último, na segunda metade do século XX, impulsionou o estabelecimento de instituições de sua corrente hassídica ao redor do mundo, tornando o *Movimento Chabad Lubavitch* uma organização global.

O diretor responsável da *Ieshivá Tomchei Temimim - Lubavitch* paulistana é o Rabino Shamai Ende, genro do Rabino Henrique Begun, que é, por sua vez, o diretor-chefe da instituição feminina de ensino judaico ortodoxo *Talmud Torá - Gani* e da instituição masculina de ensino judaico ortodoxo *Escola Lubavitch*. O Rabino Shamai Ende cresceu na capital paulista, estudou na *Ieshivá* de Petrópolis e terminou o rabinato no exterior antes de se tornar diretor da *Ieshivá Tomchei Temimim* e o principal legislador da comunidade paulistana do *Movimento Chabad Lubavitch* no Brasil. Assim, a família Begun e seus parentes próximos vieram a monopolizar as instituições de ensino judaico ortodoxo da comunidade paulistana do *Movimento Chabad Lubavitch*.

A *Ieshivá Tomchei Temimim – Lubavitch*, assim como a *Yeshiva Or Israel College*, foi criada como opção para que as famílias paulistanas não precisassem mais enviar seus filhos para a *Ieshivá Machané Israel* em Petrópolis ou para instituições semelhantes ainda mais longe, ou ainda para que não precisassem matriculá-los nas instituições masculinas de ensino judaico ortodoxo não pertencentes ao *Movimento Chabad Lubavitch* recentemente abertas na capital paulista. Portanto, esta nova instituição foi criada com o objetivo de receber, principalmente, os filhos das famílias que pertencem ao *Movimento Chabad Lubavitch* e todos aqueles que desejam

educar seus filhos rigorosamente de acordo com os padrões e normas religiosas ali seguidos.

Esta *ieshivá* tem aulas da 7ª série, 8º ano, do ensino fundamental até o fim do ensino médio e, eventualmente, mais dois anos de rabinato. As disciplinas de Judaísmo são lecionadas ao longo do dia, de manhã e à tarde, e as disciplinas laicas, somente no período vespertino. Mas a característica marcante da *ieshivá Tomchei Temimim – Lubavitch*, que a torna peculiar, é ter o ensino laico vespertino como optativo. Como as aulas das matérias laicas ocorrem em horário letivo obrigatório, no qual são lecionados vários cursos optativos do programa de Judaísmo, quem escolhe os cursos optativos vespertinos de Judaísmo é dispensado do programa de estudos laicos.

Os estudos religiosos desta *ieshivá* são em hebraico, aramaico e português, sendo lecionados cinco dias por semana, durante mais de doze horas seguidas, das 7 da manhã até as 20:30 e aos domingos das 7 da manhã até as 16:30. Uma vez a cada duas semanas todos os alunos da instituição devem passar a sexta-feira e o sábado envolvidos em atividades, dormindo na própria *ieshivá* e retornando a seus lares somente no sábado à noite. Toda esta carga horária de estudos e atividades é maior do que a de muitos programas de instituições do tipo *ieshivá*-dormitório.

A intenção da *ieshivá Tomchei Temimim - Lubavitch* e de outras instituições masculinas de ensino do *Movimento Chabad Lubavitch Mundial* é tornar seus alunos conhecedores dos textos talmúdicos e bíblicos e agentes doutrinários que professem a fé judaica de acordo com as autoridades rabínicas do movimento. Quando se formam rabinos, seus alunos assumem o dever e a responsabilidade de fazer com que os decretos rabínicos continuem a ser seguidos por todos os judeus segundo a doutrina judaica ortodoxa.

Para que se possa entender a situação religiosa dos alunos desta *ieshivá* em relação ao Judaísmo Ortodoxo e à comunidade judaica ultra-ortodoxa em geral, deve-se considerar que o programa de estudos de Judaísmo da instituição cria a conjuntura em que, apesar de seus alunos se tornarem conhecedores do Judaísmo rabínico, poucos dentre eles têm condições de estudar textos no idioma ídiche dos antigos líderes deste e de

outros movimentos judaicos ultra-ortodoxos. Além disso, o programa de estudos laicos desta instituição, assim como os de outras instituições judaicas ultra-ortodoxas, não oferece condições para que os alunos sejam aprovados diretamente em provas de admissão para cursar estudos superiores seculares. De qualquer modo, a formação que os estudantes recebem tem o potencial de transformá-los em agentes capacitados para abrir estabelecimentos e organizar atividades para o *Movimento Chabad Lubavitch*.

Assim, o programa de estudos desta *ieshivá* pode ser definido como judaico ultra-ortodoxo, segundo o modelo educacional *Talmud Torá ke'Negued Kulam*, mesmo que o seu programa optativo laico às vezes faça com que esta instituição seja divulgada erroneamente como ortodoxa centrista extremamente radical.

Justamente essa imagem de ortodoxia radical atrai, além dos filhos de famílias judaicas ultra-ortodoxas e ortodoxas, também os filhos de famílias que se aproximaram do Judaísmo Ortodoxo e de judeus ortodoxos centristas radicais.

5.3.13 Instituição Feminina de Ensino *Benos Isroel*

Em 1995, o Sr. Benzion Feuerwerger e algumas famílias insatisfeitas com o ambiente judaico e com a ortodoxia da instituição de ensino *Beth Jacob* – a instituição feminina judaica ortodoxa fundada em 1959, que começou a receber nos anos 70 e 80 famílias de judeus ortodoxos orientais – abrem a instituição feminina *Benos Isroel*. Hoje, esta instituição tem até a 6ª série, 7º ano, do ensino fundamental. As disciplinas judaicas utilizam somente literatura rabínica e são lecionadas em ídiche no período matutino. No ensino laico, à tarde, é dada ênfase ao aprendizado da língua inglesa.

A instituição de ensino *Benos Isroel* deve ser classificada como judaica ultra-ortodoxa. Entre suas paredes sentam-se garotas identicamente vestidas e penteadas, com as mesmas brincadeiras, jogos, desenhos e com pronúncia similar à de meninas em escolas similares nos bairros judaicos ultra-ortodoxos de Nova York, Londres e Jerusalém, ou em instituições similares nas cidades

de Manchester, Hamburgo, Zurique e Bene Berak, entre outras cidades de vários países.

Se existisse ainda um outro nível de ultra-ortodoxia judaica, ou seja, um Judaísmo extremamente Ultra-Ortodoxo, este termo se adaptaria corretamente a esta instituição sectária, completamente segregada, anti-sionista e quase desconhecida da comunidade judaica paulistana. Um único fator diferencia esta instituição de ensino de suas similares no bairro de Mea Shearim em Jerusalém: as meninas brasileiras, além do pífio programa de estudos laicos, aprendem português e inglês.

A grande importância dada por este grupo judaico extremamente ultra-ortodoxo paulistano ao conhecimento e fluência do idioma inglês se deve ao intento de estimular o êxodo da nova geração da comunidade em direção à região de Williamsburgh, no bairro do Brooklyn, em Nova York.

5.4 SÉCULO XXI: AS NOVAS ENTIDADES JUDAICAS ORTODOXAS PAULISTANAS

No século XXI a comunidade judaica ortodoxa paulistana continua a abrir novas entidades. Pela falta de pesquisas com dados demográficos substanciais não sabemos se o número de entidades aumentou em decorrência da fragmentação de instituições anteriores dividindo o mesmo grupo de pessoas e seus descendentes e a sua relação com um crescimento real quantitativo no número de novos judeus ortodoxos no cenário paulistano.

No entanto, é impressionante constatar o crescimento da comunidade judaica asquenazita ortodoxa paulistana e a constituição de seus novos estabelecimentos. Uma parte dos integrantes desta comunidade frequentou o *Colégio Beth Chinuch – lavne* e o *Movimento Juvenil Bnei Akivá*, criando, já no século XXI, o centro masculino de estudos rabínicos *Kolel Ohel Yossef* e formando uma nova comunidade judaica ortodoxa chamada *Kehilat Meor Hatorá*.

Vale destacar que, ao mesmo tempo em que a *Kehilat Meor Hatorá* e o *Kolel Ohel Yossef* se formaram entre 2002 e 2005, foi desenvolvida a instituição rabínica *BDK do Brasil*,⁵⁸ para a supervisão de alimentos *kasher*,⁵⁹ também sob a liderança do Rabino Shmuel Havlin, inicialmente com o auxílio do Rabino Mordechai Iehiel Guertzenstein (único rabino e juiz reconhecido pelo Ministério das Religiões do Estado de Israel residente no Brasil) e com o apoio do Rabino Nathan Silberstein (rabino ultra-ortodoxo originalmente da comunidade do Rabino Meir Avraham Iliovits e líder de uma nova comunidade judaica no bairro paulistano de Moema) e de outros dois rabinos ortodoxos da comunidade judaica ortodoxa paulistana sefaradita. Deste modo deu-se início a uma instituição especializada em encontrar os produtos alimentares, produzidos no mercado brasileiro, que atendam aos preceitos do *kasher* e viabilizar no nível industrial a produção de alimentos *kasher*.

Esta entidade de supervisão de alimentos *kasher* aumentou suas vendas no mercado judaico ortodoxo paulistano apesar da resistência de algumas autoridades ortodoxas. Criou-se uma situação em que os consumidores potenciais dos produtos verificados pelo *BDK do Brasil* começaram a procurar saber quais destes produtos as autoridades rabínicas de suas próprias comunidades autorizam que eles consumam.

O crescimento das instituições do *Movimento Chabad Lubavitch*, com grande número de sinagogas e escolas na capital paulista, fez com que autoridades rabínicas do movimento formassem em 2001 uma nova entidade denominada *Vaad Rabanei Chabad*. Esta entidade foi responsabilizada tanto pela verificação de alimentos *kasher* industrializados para sua comunidade, quanto por discussões legais entre pessoas físicas e assuntos institucionais do movimento.

A associação de rabinos autorizados pelo *Vaad Rabanei Chabad* e o Rabino Shmuel A. Havlin da *Kehilat Meor Hatorá* estruturaram um *Beit Din*,⁶⁰

⁵⁸ BDK: sigla de *Beth Din* de *Kashrut*. *Beth Din*: do hebraico: Tribunal Rabínico. *Kashrut*: do hebraico *Kasher*: permitido para consumo de acordo com a lei judaica.

⁵⁹ Vide nota 29 no presente capítulo.

⁶⁰ *Beit Din*: do hebraico: Casa do Juízo, Tribunal. Atualmente este termo é somente utilizado para denominar um Tribunal Rabínico. Os tribunais seculares em hebraico nos dias de hoje são conhecidos como *Batei Mishpat*: Casas da Sentença, Casas da Lei.

que é um Tribunal Rabínico. Este novo tribunal passou a cuidar dos casos de divórcio, de acordo com as leis rabínicas seguidas estritamente pelos judeus ortodoxos.

Por sua vez, os judeus sefaraditas paulistanos foram lentamente desenvolvendo desde os anos 80, na *Congregação Mekor Haim*, um centro de estudos rabínicos, que tem o Rabino Isaac Dichi como principal elemento determinante tanto no campo da educação, quanto em quaisquer assuntos religiosos, entre os quais o consumo de produtos *kasher* pelos integrantes da comunidade. Além de definir quais produtos podem ser consumidos pelos integrantes de sua comunidade, o Rabino Isaac Dichi entrou para a produção de alimentos *kasher*, com o seu genro abrindo já no século XXI a única panificadora e restaurante paulistanos em conformidade absoluta com todas as leis sefaraditas da produção de alimentos *kasher*, segundo o próprio dono.

Também no início do século XXI o rabinato ortodoxo das instituições *Beit Yaacov* fundadas pela família Safra entrou definitivamente para a produção e comércio de carnes e frios *kasher* a preços mais populares. Com selos que apontam as autoridades rabínicas cujas exigências foram cumpridas na elaboração dos produtos, esta entidade tem três lojas de produtos de açougaria, conhecidas como boutiques de carnes, que vieram a ser chamadas em 2006 de *Livenn*.

Até então, a produção de alguns laticínios *kasher* verificados sob supervisão do Rabino Henrique Begun do *Movimento Chabad Lubavitch* era uma das poucas iniciativas em um ambiente no qual o Rabino Eliahu David Valt e as lideranças judaicas ultra-ortodoxas húngaras monopolizavam tanto a verificação de alimentos industrializados *kasher*, quanto a supervisão e a autorização de *kasher* para o funcionamento de estabelecimentos comerciais como padarias e restaurantes, sendo essas também as únicas autoridades rabínicas ortodoxas consideradas competentes para resolver litígios e efetuar divórcios de acordo com a ortodoxia judaica.

5.4.1 Século XXI: Instituições Judaicas Ortodoxas de Ensino Superior

Com o desenvolvimento da comunidade judaica ortodoxa paulistana e a falta de perspectivas locais para a continuação de estudos rabínicos depois do ensino médio, foram abertas, já no século XXI, as primeiras duas instituições paulistanas formais de nível superior.

A primeira destas instituições foi a *Yeshivá Gevohá Beer Avraham* ou *Instituto de Ensino Superior de Talmud e Judaísmo Beer Avraham*, uma instituição masculina de ensino rabínico, fundada e dirigida pelo Rabino Arie Friedman, localizada inicialmente na *Yeshiva Or Israel College* em Cotia, atualmente com sede própria em uma residência com piscina na região entre Higienópolis e o Pacaembu. A segunda é a *Midreshet Orot*, hoje também em uma residência com piscina na região de Higienópolis, com vista para o estádio do Pacaembu. Foi fundada pelo Rabino Moisés Dlin, inicialmente como dormitório feminino, para garotas enviadas pelos pais para estudar nas escolas da comunidade judaica ortodoxa paulistana.

A *Yeshivá Gevohá Beer Avraham* é uma instituição ultra-ortodoxa judaica que tem por objetivo fornecer estudos rabínicos a homens judeus que estudam em universidades paulistanas. A *Yeshivá Gevohá Beer Avraham* ou *Colégio Superior de Talmud e Judaísmo* é um centro de estudos rabínicos autônomo, não reconhecido pelo Ministério da Educação do governo brasileiro ou de qualquer outro país. A instituição feminina de estudos judaicos *Midreshet Orot* é uma instituição ultra-ortodoxa, que em uma tentativa de centralização de sua ortodoxia teve seu programa de licenciatura em História Judaica reconhecido em 2004, como programa de *lato senso* da Universidade Barilan em Israel, mas, por falta de turma satisfatória de inscritas regulares, não teve condições de elaborar algum processo legal de reconhecimento de equivalência de título no Brasil.

A escola *Talmud Torá - Gani* também iniciou em 2002 uma tentativa de abrir sua própria instituição feminina de ensino superior, voltada para as alunas que terminam o ensino médio no estabelecimento. Para este fim, a direção do *Talmud Torá – Gani* nomeou o Sr. Ilan Ende, ex-aluno da *ieshivá* de Petrópolis e formado em farmácia em Israel, irmão do Rabino Shamaï Ende, o diretor da

Ieshivá Lubavitch, e genro do Rabino Henrique Begun, fundador das instituições de ensino paulistanas do *Movimento Chabad Lubavitch*.

Esta nova instituição de ensino superior do *Movimento Chabad Lubavitch*, o *Seminário Devora Léa*, oferece por seis meses cursos de Judaísmo e disciplinas de desenho gráfico, fotografia e comunicação interpessoal.

O *Seminário Devora Léa* não quis se associar com a já formada *Midreshet Orot*. Assim, ambas as instituições, com poucas alunas inscritas, correm o risco de se transformar em cursos de Judaísmo com algumas disciplinas técnicas, para mulheres com expectativas de continuar estudos no exterior e principalmente com objetivos matrimoniais.

5.4.2 Século XXI: Outras Instituições Judaicas da Comunidade Judaica Ortodoxa Paulistana

Uma nova sinagoga ligada ao *Movimento Mizrachi Sionista Mundial*, a *Kehilá Mizrachi*, foi aberta em agosto de 2004 pelo Rabino Daniel Touitoy, na região paulistana de Higienópolis, com vários projetos para atender, principalmente, o público judaico ortodoxo centrista moderado. O *Espaço K*, também na região de Higienópolis, aberto em 10 de março de 2003 pela família Levinson, que pertence ao *Movimento Chabad Lubavitch*, tem o intuito de receber, num ambiente judaico aberto, não ortodoxo e não obrigatoriamente sionista, mas com comida *kasher*, jovens de famílias de judeus não religiosos e de quaisquer judeus ortodoxos e de judeus que não freqüentam ambientes judaicos ortodoxos.

Estas duas entidades são importantes neste histórico, porque foram fundadas como suporte social para a manutenção, ou melhor, para a formação de um suposto novo grupo paulistano inicialmente de judeus ortodoxos centristas extremamente moderados.

5.5 SÍNTESE DA HISTÓRIA DA COMUNIDADE JUDAICA ORTODOXA PAULISTANA

A chegada à capital paulista de judeus da Alsácia e da Lorena no século XIX, de outros judeus ortodoxos de diversas origens no começo do século XX, dos judeus ortodoxos poloneses na década de 30 e de outros não deixou marcas substanciais das características gerais de sua ortodoxia no modelo de Judaísmo Ortodoxo conhecido atualmente em São Paulo.

Assim, sintetizando a história do desenvolvimento da comunidade judaica ortodoxa paulistana, nota-se que o modelo de Judaísmo Ortodoxo centrista paulistano iniciou-se, de fato, com a chegada dos judeus ortodoxos asquenazitas após a Segunda Guerra Mundial e a fundação do *Colégio Beth Chinuch – lavne, do micve* e das sinagogas do *Centro de Educação Religiosa Judaica*. No entanto, as primeiras instituições de ensino ultra-ortodoxas paulistanas dos judeus ultra-ortodoxos húngaros, datadas de 1959, a instituição de ensino feminina *Beth Jacob* e a *ieshivá* de Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro, têm importância fundamental no modelo de ortodoxia judaica desenvolvido posteriormente por todas as entidades e novos institutos de ensino dos movimentos judaicos ortodoxos paulistanos.

A imigração de judeus da Síria e do Líbano ao Brasil, ocorrida majoritariamente na década de 50, fez com que em 1958 judeus com essa origem ocupassem a maior parte da sinagoga dos judeus egípcios paulistanos, a qual foi se tornando, ao longo dos anos 60, uma entidade judaica cada vez mais ortodoxa. Ao mesmo tempo, várias famílias judaicas sírias e libanesas mais religiosas começam a freqüentar outras entidades judaicas ortodoxas paulistanas, recebendo, inclusive, educação rabínica asquenazita dos judeus ultra-ortodoxos húngaros e de instituições de ensino do *Movimento Chabad Lubavitch* em São Paulo e em Petrópolis (RJ). Após freqüentar estas escolas, esta nova geração de judeus sírios e libaneses paulistanos viaja para completar estudos rabínicos no exterior. Nos anos 70 mais judeus sírios e libaneses agregam-se à já formada comunidade sefaradita e oriental de judeus sírios e libaneses ortodoxos paulistanos da sinagoga da *Congregação Mekor Haim*, originariamente da comunidade judaica egípcia.

Na capital paulista havia poucos pontos de venda de comida *kasher*, escolas ou lojas de artigos religiosos judaicos. Os judeus ultra-ortodoxos, majoritariamente de ascendência húngara, que chegaram ao Brasil em 1958 e na década de 60, monopolizavam o mercado *kasher* paulistano. Os judeus sefarditas,⁶¹ sírios, libaneses, orientais e outros, que consumiam seus produtos, eram recebidos com alegria e em idioma ídiche. A alegria que estes judeus ultra-ortodoxos húngaros paulistanos demonstravam com o aumento de suas vendas não se refletia na escola de suas filhas, que já recebia alunas judias ortodoxas de origens síria e libanesa, o que deu início ao processo único e totalmente brasileiro de unir judias de várias proveniências em classes onde antes predominavam judias ultra-ortodoxas de origem húngara.

Já nos anos 80 e 90, o crescimento da comunidade judaica ortodoxa em geral e do *Movimento Chabad Lubavitch* exige o aumento geométrico da produção de produtos *kasher* no mercado. Porém, aos poucos, cada grupo judaico ortodoxo paulistano começa a abrir suas próprias entidades. Dá-se, deste modo, o início da escola feminina *Talmud Torá - Gani*, da *Yeshiva Or Israel College*, de algumas editoras judaicas ortodoxas, de alguns restaurantes, panificadoras, pizzarias, empresas de organização de eventos especiais, colônias de férias, passeios e outros serviços voltados especialmente para esta comunidade judaica ortodoxa paulistana emergente.

Nos anos 90 continua a crescer o número de entidades de judeus ortodoxos, mas a comunidade ortodoxa paulistana começa a se desintegrar. A escola *Maguen Avraham*, a *Ieshivá Tomchei Temimim - Lubavitch* e o *Benos Israel* são abertos para receber filhos e filhas de pais que querem seguir os preceitos rabínicos somente de acordo com os líderes de suas próprias comunidades, migrando assim para escolas fundadas pelos líderes de seus grupos.

Assim, desde a virada para o século XXI, mais especificamente desde o ano de 2003, vinha sendo acalentada a idéia de abrir uma nova instituição masculina de ensino judaico ortodoxo equivalente à *Escola Lubavitch*. Tal projeto partiu de judeus asquenazitas ortodoxos paulistanos insatisfeitos com

⁶¹ Vide nota 30 no presente capítulo.

as instituições de ensino do *Movimento Chabad Lubavitch* e que não queriam seus filhos estudando em uma instituição de ensino judaico ultra-ortodoxo húngaro. A fundação, em janeiro de 2007, da instituição masculina de ensino *Talmud Torá Hamaor* representou a concretização do projeto.

Esta nova instituição de ensino fica no bairro de Santa Cecília na região de Higienópolis. Seu diretor e responsável é o Rabino Shmul A. Havlin, conhecido líder comunitário e fundador de vários estabelecimentos da comunidade judaica ortodoxa asquenazita paulistana. A instituição conta, em seu primeiro ano, com classes de mini-maternal, maternal e jardim I. O seu projeto escolar tem no programa de Judaísmo a disciplina de hebraico, que as outras escolas paulistanas semelhantes não oferecem. E seu programa de disciplinas seculares deverá se basear nos referenciais curriculares nacionais do Ministério da Educação e Cultura do Brasil, além de contar com aulas de inglês, educação física, musical e artística.

Paralelamente, o mercado de produtos religiosos e de comida *kasher*⁶² também se divide, com cada grupo consumindo produtos *kasher* preferencialmente, ou exclusivamente, sob supervisão do seu próprio líder comunitário.

Na última década do século XX e começo do século XXI, chegam à capital paulista o *Binyan Olam* e a *Aish HaTorá*, dois movimentos judaicos ultra-ortodoxos israelenses, o segundo de origem norte-americana. Estes dois movimentos abrem entidades em São Paulo para recrutar jovens judeus da capital paulista à ortodoxia judaica.

No século XXI são fundadas as instituições judaicas de ensino superior *Yeshivá Gevohá Beer Avraham* e *Midreshet Orot*. Ambas, se tiverem sucesso, começarão a desenhar um novo quadro de formação profissional para os jovens da comunidade judaica ortodoxa paulistana que optam por permanecer na cidade e aqui concluir sua formação religiosa.

Contudo, pode-se notar que o mais interessante, e talvez preocupante, para esta pesquisa é a tendência da caracterização de identidades e sub-

⁶² Vide nota 29 no presente capítulo.

identidades no ambiente judaico ortodoxo. Deve-se notar também, como já foi constatado com relação à fragmentação da comunidade judaica ortodoxa, que a cristalização destas diversas identidades judaicas gera conflitos culturais e confrontos ideológicos e sociais entre os indivíduos dos vários grupos. Todavia, o objetivo desta pesquisa é relatar como as instituições de ensino judaicas ortodoxas paulistanas escolhidas participam do ambiente secular e da sociedade através do ícone da modernidade, que é o computador.

6 COMUNIDADE JUDAICA ORTODOXA PAULISTANA E CIBERCULTURA

6.1 MODERNIDADE, GLOBALIZAÇÃO, IDENTIDADE E JUDAÍSMO ORTODOXO

Os conceitos *modernidade*, *globalização* e *identidade* devem ser inicialmente definidos para que os dados desta pesquisa sobre a comunidade judaica ortodoxa paulistana e o uso do computador pelos seus integrantes sejam entendidos no contexto da *modernidade*, que aliás é conhecida também como *alta modernidade*, *modernidade tardia* e como *pós-modernidade*.

A *alta modernidade* é percebida como o período da alta velocidade, da rapidez das mudanças tanto em nível mundial quanto individual, em decorrência de um mercado sem fronteiras altamente desenvolvido, com redes de informação globalizadas, que fazem com que as pessoas pouco tenham a ver com a localidade em que se encontram. Tal processo enfraqueceu a soberania dos Estados nacionais e de autoridades distritais.

Neste contexto de modernidade tardia, os indivíduos passam a ser vistos como informações de bancos de dados de um mundo cada vez mais dominado pelas forças globalizantes do mercado transnacional e progressivamente mais inseguro em relação ao corpo e à propriedade particular. Os anseios de segurança e garantia são transferidos para a procura individual e contínua de melhores oportunidades em um ambiente cada vez maior de ofertas, o que faz com que cada indivíduo seja responsável pela sua própria sobrevivência, sem as idealizações do romantismo pré-moderno ou o compromisso de submissão dos antigos grupos sociais.

É nestas circunstâncias que a busca individual sucessiva de melhores opções torna-se uma das características fundamentais da alta modernidade, afetando os laços humanos e alterando inclusive os relacionamentos amorosos e conjugais. Cada indivíduo se torna um corpo independente e tem transformadas as suas funções e responsabilidades sociais.

Zygmunt Bauman (2005:53) explica que a modernidade cria uma sociedade cada vez mais privatizada na qual as pessoas se sentem abandonadas a suas próprias iniciativas e recursos, ambos desordenados e insuficientes. Os indivíduos abandonados, dessocializados, fragmentados e solitários ficam assim propensos a construir e cercar pequenos refúgios onde passam a depositar suas destituídas e frágeis identidades.

E justamente estes elementos de dessocialização e sensação de abandono são muito bem aproveitados por líderes doutrinários na tentativa de aumentar quantitativamente seus rebanhos e investir na homogeneização identitária de seus fiéis.

A *globalização*, segundo Anthony Giddens (2002:13), é a dinâmica do mercado mundial nas regiões, que acarreta a pluralização de contextos de ação e a diversidade de escolhas, fatores cada vez mais importantes na constituição da auto-identidade e na transformação da intimidade, da atividade diária e dos estilos de vida amplamente difundidos nas formas de comportamento e no consumo.

Conseqüentemente, a modernidade e a globalização possibilitam a formação e transformação de identidades. Isto porque a multiplicidade de escolhas permite a mutação de estilos de vida, que implicam diretamente o pertencimento social. Tais fatores justificam, em parte, a quantidade de pessoas que convertem seus comportamentos a outros estilos de vida.

Pierre Lévy (2003:39) acredita que não são mais as identidades étnicas e nacionais que fazem diferença entre os grupos sociais, mas as qualidades de "inteligência coletiva", a qual pode ser explicada como conhecimento partilhável pela humanidade. E é neste contexto da alta modernidade que a tradição local perde o seu domínio. E, como Giddens (2002) escreve, ela passa a fazer parte do "desencaixe" das instituições sociais. Ou, como Bauman (2005) teoriza, as tradições são como "fragmentos" da sociedade e, na modernidade, suas "autoridades" passam a ser entendidas somente como peritos de seus respectivos desencaixes institucionais pós-modernos.

Segundo Giddens (2002:92, 172), o desenvolvimento moderno cria cada vez mais condições de relações puras entre as pessoas, surgidas através da confiança mútua, dependentes da autenticidade e não de posições estabelecidas como o parentesco. As relações puras, escreve Giddens (2002), se desenvolvem através do forjar de uma identidade distinta e da confiança que supõe a abertura de um indivíduo para o outro. Saber que o outro está comprometido conosco e não abriga ressentimentos é o único referencial para a confiança quando praticamente não existem suportes exteriores como parentescos e compromissos. Na pós-modernidade, acima de tudo, as qualidades individuais de cada pessoa definem a sua identidade e integração na sociedade.

O livro de Bauman *Amor Líquido* (2004), sobre a fragilidade dos laços humanos, propõe que o relacionamento fugaz pós-moderno, quando levado à intimidade, não deve ser confundido com laços sexuais. Em acréscimo, esses relacionamentos íntimos caracteristicamente pós-modernos, apesar de fugazes, não podem ser definidos como superficiais. Pois suas mensagens revelam sentimentos profundos, que provavelmente não seriam expostos facilmente na comunicação face-a-face, mesmo que figurem nas mensagens virtuais como itens de listas de supermercado.

Isto nos faz notar o conflito entre o relacionamento independente e fugaz, característico da procura individualista pós-moderna, que não pode ser confundida com egoísmo, e o relacionamento romântico anterior, que enaltece uniões perpétuas feitas de sacrifícios mútuos. Nos relacionamentos românticos os segredos mais íntimos não eram revelados para não ferir a norma vigente de uma união forçosa que desejava representar o "felizes para sempre".

Segundo Levy (2003:131), a pós-modernidade é determinada pela cultura universal e a globalização é a convergência de tradições, que ele chama de linhagens. Desse modo, não existe mais a "filosofia oriental" ou a "ciência ocidental". Por conseguinte, sabedoria é sabedoria em qualquer lugar. Neste contexto, a caridade também não deve ser vista somente como cristã, ou a compaixão como budista, e sim como qualidades humanas universais.

Nesse sentido, as religiões e filosofias, entre elas obviamente também as diversas tendências e correntes da religião judaica, podem ser entendidas, cada uma delas, como uma de muitas linhagens, fragmentos e desencaixes institucionais com valores universais em propostas definidas de pertencimento social. Estas linhagens acabam por ser elementos pós-modernos de consumo que servem para aplacar a ânsia dos ávidos navegadores pós-modernos, na formação de suas identidades e na conversão de seus costumes e do seu pertencimento social.

No entanto, no concernente a esta tese, o que nos importa é levar em consideração que cada identidade é um conjunto de características que define um grupo ou um indivíduo, sendo marcada pela exclusão, pela disjunção de uma identidade coletiva humanista e cosmopolita, pela negação e pelo estranhamento, dividindo grupos e pessoas, constituindo-os como estranhos uns aos outros. Podemos interpretar as identidades sociais como produtos do desenvolvimento histórico das linhagens e do processo conciliatório dos seus valores tradicionais na sociedade contemporânea e a identidade individual como produto da formação, informação e transformações pessoais que resultam em estilos de vida singulares.

Como esta pesquisa tem por objetivo entender a singularidade do uso do computador e da Internet pelos integrantes dos segmentos da comunidade judaica ortodoxa paulistana, devemos levar em conta, assim como no estudo de qualquer outra comunidade, em perspectiva universalista, que quaisquer entidades regionais e comunidades locais são órgãos "glocais",⁶³ onde, apesar da venerada sensação de unipresença da globalidade, o global e o local são como dois lados de uma mesma moeda. Constantemente as autoridades e forças locais se empenham em atenuar o impacto dos processos globais. No caso das comunidades judaicas ortodoxas, suas autoridades identitárias podem ser vistas em grande parte como elementos determinantes na mediação do relacionamento dos fiéis com a sociedade mais ampla.

⁶³ O termo "glocalização" surgiu com o mercado japonês da década de 80. Foi utilizado pelo sociólogo escocês Roland Robertson e desenvolvido posteriormente por Zygmunt Bauman.

É importante saber que as várias regiões, principalmente as mais cosmopolitas, como a capital paulista, desenvolvem diversas organizações locais. Cada uma destas entidades é portadora de uma identidade social distinta, que se concilia a seu próprio modo com os valores, culturas e indivíduos dos outros desenhos da sociedade global. Assim, a exposição das organizações, das autoridades e das identidades da comunidade judaica ortodoxa paulistana pode dar a ver, ainda que parcialmente, a assimilação de elementos da inteligência coletiva e a conciliação de valores universais pelos seus integrantes.

É importante ressaltar que a obediência rigorosa a um conjunto de princípios básicos doutrinários, teorias e crenças determina a interação dos fiéis de uma comunidade religiosa ortodoxa na sociedade. Quanto mais fundamentalista uma pessoa, mais suas decisões são severamente tomadas de acordo com os seus conceitos doutrinários e mais circunscritas são as suas atividades, o que dificulta a sua integração fora da sua comunidade, a assimilação de novos elementos tecnológicos por esta e a associação entre diferentes conhecimentos e saberes.

Segundo Giddens (2002:95-98), o corpo parece um conceito simples se comparado ao "eu" e à auto-identidade. Contudo, afirma ele, a pluralidade de opções da modernidade tardia torna possível a escolha da aparência do corpo, de sua postura e de seus adornos. Os tratamentos corporais, como dietas, adornos, postura e modos de vestir, são meios de individualização que refletem estilos de vida e suas respectivas identidades, de modo que podemos inferir a identidade de uma pessoa com base em sua escolha alimentar, incluindo a opção pelo *kasher*⁶⁴ dentro do Judaísmo, no modo como ela se veste, no que consome e nas referências que utiliza para efetuar as suas tarefas.

Assim, o extremismo de identidades e o fundamentalismo de seus portadores são perceptíveis no corpo e nas ações dos indivíduos, em suas roupas e no estilo de vida. Os integrantes mais ortodoxos são mais facilmente reconhecíveis na medida em que consomem mais bens compatíveis com seus padrões de identidade. Podemos constatar o aumento da ortodoxia no

⁶⁴ *Kasher*: do hebraico: significa permitido para consumo de acordo com as leis judaicas.

Judaísmo pelo aumento do consumo estritamente direcionado e pelo crescimento da segregação de suas entidades, que de um modo ou outro devem ser reconhecidas como desencaixes sociais ou órgãos locais.

No obstante, em um mesmo grupo o que para uns é proibido pode tornar-se permitido para outros, em alguns contextos particulares. Daí, por exemplo, as permissões individuais para a prática pública ou secreta, pessoal ou para o bem coletivo, de ações proibidas ou desaconselhadas para todos os outros integrantes da mesma comunidade. Esta pode ser definida como uma situação arcaica de certo modo romântica, em que a submissão ou o incômodo da necessidade de justificativas para determinadas ações vigoram em nome da preservação de um vínculo permanente com um estilo de vida que garante a felicidade eterna ou o reino dos céus.

Contudo, quando os indivíduos rompem drasticamente os limites de seus grupos sociais sem justificativas ou permissões adequadas, tanto na pré quanto na pós-modernidade, eles passam a ser excluídos, ainda que através de estratégias diferentes. A exclusão da vida é a morte, a exclusão social são as prisões,⁶⁵ a exclusão comunitária é o veto de participação nas instituições e os discriminados são rejeitados em seu próprio ambiente social. Os últimos dois tipos de exclusão podem ser notados facilmente em quaisquer organizações sociais e inclusive nos vários grupos da comunidade judaica ortodoxa paulistana. Trata-se de armas efetivas de coação emocional e controle social, que fazem com que determinadas pessoas se submetam a padrões comportamentais segregacionistas. A submissão ocorre não pela legitimidade das autoridades, mas pela necessidade, para o indivíduo, de se sentir parte de uma comunidade.

É curioso constatar que, nas comunidades judaicas ortodoxas, as autoridades rabínicas e os demais membros se unem para cumprir regras e rituais e se tornam prisioneiros voluntários destas circunstâncias.

⁶⁵ No Brasil (2007) o sistema carcerário permite que os presos utilizem telefones celulares, muitos dos quais são usados como instrumento na direção do crime organizado e em tentativas de extorção através de trotes em chamadas a cobrar a cidadãos comuns. O celular permite aos prisioneiros interagir ativamente fora das cadeias, o que demonstra a inclusão social destes.

Em uma análise mais profunda sobre a globalização e identidades virtuais, constatamos que a globalização tanto une quanto divide, elimina as distâncias, mas também separa os que têm acesso ao conhecimento coletivo dos que não têm. E mesmo a rede de conexões do sistema global de computadores não possibilita o acesso a todos os seus endereços, ou a interação direta entre os integrantes dos diversos fragmentos sociais pós-modernos, que têm em comum o fato de serem navegadores virtuais. Contudo, a rede virtual facilita a criação de novas identidades, ou ainda de identidades fictícias. Cada identidade virtual proporciona opções adicionais de interação, que contribuem para a contínua estruturação da auto-identidade de cada indivíduo.

A proximidade virtual e a liberdade pós-moderna ocasionam controvérsias e conflitos sempre que os indivíduos sentem ameaçados os seus modos tradicionais de comportamento, associados a sua segurança ontológica. A lealdade e a submissão a uma autoridade dominante são usadas como refúgio contra a tendência à dúvida universal em meio à multiplicidade de escolhas proporcionada pela alta modernidade.

A liberdade pós-moderna deixa conservadores, tradicionais, moderados, radicais e fundamentalistas submissos a determinadas teorias, filosofias ou religiões, na situação arcaica na qual o indivíduo aflito pela dúvida, diante da liberdade de escolha, refugia-se nas certezas e dogmas de uma doutrina supostamente capaz de garantir a sua segurança ontológica. Giddens (2002:182) avalia que, nas versões mais pronunciadas, a submissão a uma autoridade assume a forma de paranóia ou de uma paralisia da vontade tão completa, que o indivíduo efetivamente se retira por inteiro do intercurso social ordinário.

O Judaísmo Ortodoxo caracteriza-se pela fidelidade às autoridades rabínicas e quanto mais ortodoxo um judeu, mais seu estilo de vida é respeitoso para com a autoridade religiosa. Quanto mais obediente ele é, mais regulada a sua assimilação de elementos da inteligência coletiva e de produtos do mercado global, o que limita a sua aquisição de conhecimento, as suas oportunidades de trabalho, os seus relacionamentos sociais, as suas atividades

de lazer e o uso das tecnologias dos meios de comunicação na sua interação na sociedade.

Do mesmo modo, quanto mais subordinado um indivíduo a uma autoridade rabínica ortodoxa (nos diferentes graus de ortodoxia), menor o casulo cultural e social em que vive. Menor o seu sincretismo cultural, menor a sua inclusão e maiores seu provincianismo e a exclusão da sociedade externa à sua própria comunidade.

Podemos classificar dois tipos de casulo comunitário. O primeiro deles representa a segregação de uma comunidade que se impõe a submissão às autoridades locais e é aversa a utilizar meios de comunicação que facilitem a interação de seus integrantes com elementos externos. O segundo tipo de casulo representa a segregação de uma comunidade globalizada, de uma rede de instituições ou movimento judaico com entidades e integrantes em vários países, que procuram evitar a assimilação cultural de valores considerados estranhos a esta comunidade, mas utilizam mais do que o primeiro grupo os meios de comunicação para manter contato com os integrantes desta comunidade e com as suas instituições em outros países.

Como foi mencionado, a modernidade trouxe a possibilidade da transformação das identidades. O mundo virtual possibilitou a criação de identidades abstratas e relacionamentos fluidos, em que as interações dependem de características pessoais e não de identidades étnicas, sociais ou geográficas. Estes novos parâmetros se chocam com o rigor da concepção de "identidade judaica" da doutrina rabínica, para a qual somente a mulher judia transfere a toda a prole que lhe saiu do útero a identidade judaica, que pode ainda ser adquirida pelo processo de conversão presencial, que exige submissão total às leis das autoridades rabínicas. E se chocam, ainda, com o conceito de mestre e tutor responsável de muitas autoridades rabínicas convencionais que enxergam seus pupilos como filhos.

Portanto, a modernidade traz mudanças que abalam a relação de dependência com o mestre e criam no seio da sociedade global e pós-moderna a sensação de mobilidade que permite a um indivíduo estruturar sua identidade no conhecimento universal e assumir, ou criar, novas identidades e participar

de diferentes grupos comunitários. Em decorrência das ilusões que motivam e nutrem as crenças, ou da sensação de abandono provocada pela fluidez pós-moderna, as pessoas trocam rapidamente e com facilidade seus ambientes sociais. Encontram novos textos doutrinários e submetem-se a novas autoridades carismáticas, descartando a dependência com relação às normas de interação e integração na sociedade ditadas pelas suas autoridades comunitárias anteriores.

É esta nova dimensão que preocupa as autoridades rabínicas. No ambiente virtual onde interagem os membros de suas comunidades, nem sempre importa a origem, a formação e o estilo de vida real do usuário. Além de que o ambiente virtual faz com que seus usuários possam assumir identidades abstratas e assimilar valores de fontes com as quais a interação presencial já é desaconselhada pelas autoridades rabínicas.

Portanto, a possibilidade de transformação dos relacionamentos humanos e conseqüentemente de seus grupos sociais é temível aos olhos das autoridades rabínicas, o que faz com que estas se desdobrem na elaboração de novas normas comportamentais, legitimadas pela tradição, para continuar determinando o estilo de vida dos integrantes de suas comunidades nestes novos tempos.

Apesar de o casulo cultural e social ser proporcional ao nível de ortodoxia, como resultado dos decretos das autoridades rabínicas que determinam a obrigatoriedade do relacionamento presencial entre os membros da comunidade, existem muitos endereços na rede mundial de computadores subsidiados por estas autoridades e mantidos pelos seus subordinados mais próximos. Estes endereços virtuais de informações disponibilizadas por entidades judaicas ortodoxas, como congregações, revistas e grupos de discussão, são fontes ricas de conhecimento coletivo, universal, mas não deixam de refletir as características observadas nos ambientes presenciais, no que diz respeito à interação seletiva com elementos de fora ou de dentro das comunidades.

Neste quadro de mudanças, os integrantes da comunidade judaica ortodoxa, homens, mulheres e jovens, podem igualmente se expressar através

de identidades virtuais e modificar suas visões de mundo. Independentemente do sexo e da idade, eles têm a oportunidade de dirigir diretamente tanto atividades de coesão comunitária, quanto iniciativas sociais de seus movimentos comunitários, e também de suprir suas próprias necessidades culturais com informações disponibilizadas em ambientes virtuais.

A indiscriminação sexual ou etária e a possibilidade de mudança de papéis sociais e de aquisição de outros conhecimentos estão entre as maiores preocupações dos líderes comunitários. Os líderes mais radicais enxergam nestas mudanças o possível desvirtuamento de suas doutrinas e outros líderes temem que seus subordinados deixem de lado a submissão às normas das autoridades rabínicas da comunidade a que pertencem.

As autoridades rabínicas tendem a desaprovar mudanças de estilo de vida de fiéis e se preocupam em defender os integrantes de suas comunidades de ataques anti-semitas. Elas apresentam como pretexto para a resistência à inclusão no universo da cibercultura o ressentimento provocado pela quantidade de endereços virtuais com identidades dúbias que se autodefinem como judaicos ou judaicos ortodoxos, mas não pertencem a judeus ortodoxos nem os representam. Tais endereços fariam com que judeus e não judeus à procura de Judaísmo passem a compartilhar ambientes missionários que apresentam alguns elementos da cultura judaica com o objetivo de atrair novos integrantes para a comunidade de alguma doutrina cristã. Ou, ainda, judeus e judeus ortodoxos poderiam ser levados a participar de ambientes virtuais e de outras comunidades que estimulam práticas em desacordo com as leis ditadas pelas autoridades ortodoxas, afastando ainda mais estas pessoas de suas comunidades.

6.2 COMUNIDADE JUDAICA ORTODOXA, TECNOLOGIA E CIBERCULTURA

A cibercultura pode ser entendida como o universo de informação do aparato tecnológico da sociedade moderna e pode ser interpretada como um processo de rendição da cultura à tecnologia. Segundo Neil Postman (1994), o

estágio mais avançado desse processo é o tecnopólio, em que as resoluções da sociedade são ditadas de acordo com as informações obtidas pelos processos tecnológicos.

Para pensar a relação entre Judaísmo Ortodoxo e Cibercultura podemos emprestar de Postman (1994:86-87) o exemplo das Escrituras, que teriam um núcleo mitológico poderoso usado como um minucioso mecanismo de controle para certas pessoas, de modo que aqueles que aceitam a Bíblia como palavra literal de Deus estariam livres para dar um peso mínimo às noções que se baseiam em outras teorias.

Além disso, continua Postman, os que observam as leis de Deus, ou, como concluímos, aqueles que se submetem aos princípios de qualquer teoria ou doutrina, terminam por receber orientação sobre quais livros não devem ler, quais peças e filmes não devem assistir, qual música não devem ouvir, quais assuntos seus filhos não devem estudar, e assim por diante.

Isto torna óbvia a afirmação de Postman de que as pessoas estritamente fundamentalistas acreditam que as normas e condições deduzidas de sua doutrina as protegem da informação indesejada, de maneira que suas ações são investidas de sentido, clareza e, acreditam elas, autoridade moral.

Antes de analisar as orientações e decretos rabínicos recolhidos nas entrevistas com vários rabinos ortodoxos paulistanos, vale a pena abordar um princípio geral da doutrina rabínica e pelo menos esclarecer uma lei rabínica severamente seguida pelos judeus ortodoxos. Enfatize-se que os princípios e as leis são fatores que diferenciam e separam os judeus ortodoxos das outras pessoas ao mesmo tempo em que agregam a comunidade.

O princípio geral é: "Faremos e Ouviremos".⁶⁶ Extraído da Bíblia Hebraica, retorna em outros exemplos no Talmud Babilônico e nos subsequentes códigos de leis judaicas. Esse princípio determina que o que importa no Judaísmo é a ação, havendo, em consequência, a responsabilidade de tutelar o pensamento para que este não gere atos proibidos pela lei. A isto podemos acrescentar uma possível definição de doutrina judaica para os

⁶⁶ Do Pentateuco, Livro de Êxodo 24:7.

judeus ortodoxos: o Judaísmo seria uma religião ortoprática, com ênfase no correto desempenho de condutas normatizadas (Topel 2005:49).

É justamente esta característica ortoprática a responsável pelo imperativo do relacionamento presencial entre os integrantes das comunidades judaicas ortodoxas. Pois as autoridades rabínicas determinam que os preceitos judaicos exigem a presencialidade física dos judeus ortodoxos. Por exemplo, é necessário, para a manuscrição dos rolos das escrituras, o trabalho físico presencial de um escriba autorizado pelas autoridades rabínicas reconhecidas pelas comunidades judaicas ortodoxas, assim como é necessária a presença de uma pessoa conhecida como judia ortodoxa para acender o fogo e supervisionar o processamento de alimentos *kasher*⁶⁷ que necessitam cozimento para serem consumidos, do mesmo modo que é necessária a presença física de um, três ou dez homens judeus para diferentes rezas e para que sejam executadas algumas atividades religiosas. Não é permitido que estas atividades sejam intermediadas por máquinas, ondas de rádio, impulsos e dígitos. Ou ainda que estas mesmas atividades sejam substituídas por gestos simbólicos, ou produzidas virtualmente, por exemplo, através do telefone ou por videoconferência, ou em qualquer situação divergente do que foi outorgado pelas autoridades rabínicas.

A diferença entre o real e o virtual pode ser ilustrada com uma explicação do Rabino Levi Itzhak Halperin⁶⁸ diretor executivo do Centro de Tecnologia e Lei Judaica situado em Jerusalém,⁶⁹ que interpreta que o nome divino gravado ou escrito em qualquer material sólido não pode ser apagado. Como se sabe, uma projeção deste nome, ou ainda a memória digital destes caracteres pode ser cancelada ou deletada. Assim, a proibição de apagar o nome divino é válida somente para a grafia concreta e não para projeções e reflexos.

Este mesmo rabino explica que existem elementos concretos insubstituíveis nos mais diversos rituais judaicos,⁷⁰ do mesmo modo que a

⁶⁷ Vide nota 64 no presente capítulo.

⁶⁸ Informações para contato e carta deste rabino sobre este assunto inclusa entre os anexos desta tese.

⁶⁹ Institute for Science and Halacha at 1 Hapisga St, Jerusalem 91161, POB 16121, Israel.

⁷⁰ Entrevista realizada com o Rabino Levi Itzhak Halperin pela autora em janeiro de 2007.

intenção não substitui a prática dos rituais. No entanto, o mundo virtual equivale à presencialidade na execução de determinadas práticas religiosas.

A diferença entre o concreto e o virtual é demonstrada na obrigação do judeu ortodoxo de relacionar-se presencialmente com as suas autoridades e comunidade. Um dos muitos exemplos é que pelo menos algumas vezes por ano o homem judeu tem um dever maior de escutar a voz do leitor litúrgico lendo os manuscritos dos pergaminhos bíblicos hebraicos qualificados pelas autoridades rabínicas.

E, quanto mais ortodoxo o judeu, maior a quantidade de práticas religiosas e rituais comunitários presenciais que ele se sente obrigado a vivenciar. Lembrando que estas atividades estritamente presenciais são insubstituíveis, pois os fundamentos da doutrina rabínica proíbem usar amplificações e reproduções de textos e sons nos rituais litúrgicos presenciais. A transmissão e o estudo do Judaísmo devem se dar presencialmente na convivência com outros judeus submissos às leis rabínicas.

A coesão, a segregação e a restrição aos padrões e ambientes da própria comunidade ilustram o provincianismo cultural dos integrantes tanto de uma comunidade local quanto de uma comunidade global, cujas normas doutrinárias limitam a interação de seus membros em espaços públicos tanto reais quanto virtuais, além de inibir novos tipos de comunicação que possam gerar relacionamentos e comportamentos desaprovados.

As autoridades rabínicas no passado e no presente determinaram e determinam as regras doutrinárias de utilização e acesso às novas tecnologias e contextos culturais. É evitada, na medida do possível, a comunicação com elementos estranhos às comunidades, a não ser em casos previamente autorizados e por motivos justificados de subsistência, como sustento e saúde.

A propósito, a práxis religiosa judaica que obriga à presencialidade é tratada pelos rabinos como *vecadshenu bemitsvotcha*,⁷¹ que significa “nos santifica através do cumprimento dos teus preceitos”. Cabe lembrar que a

⁷¹ Consta no texto da Grande Oração da Reza do Sábado e da Reza Adicional do Sábado e dos dias festivos nos livros de rezas tanto dos judeus asquenazitas quanto dos judeus sefaraditas.

palavra “santificar” no hebraico é utilizada e entendida como “separar para uma função”. Portanto, a maneira como cada judeu ortodoxo tem a sua identidade construída e se submete às leis de autoridades rabínicas é o caminho para ele se sentir santificado e se distinguir das outras pessoas. Assim, sua inclusão na sociedade presencial ou digital é influenciada pela sua submissão às autoridades rabínicas, refletindo suas características identitárias.

Por exemplo, a aplicação da lei do uso da eletricidade pelo Judaísmo Ortodoxo na era da eletricidade e da eletrônica diferencia os judeus ortodoxos dos outros judeus e não judeus na medida em que a lei rabínica proíbe (exceto quando há perigo de vida) que um judeu acenda ou apague fogo, ligue ou desligue um interruptor de luz elétrica no sétimo dia judaico ao longo do descanso sabático, que se inicia ao entardecer da sexta-feira e termina no horário em que aparecem as primeiras três estrelas após o pôr-do-sol de sábado.

Esta conduta faz com que os judeus ortodoxos sejam identificados por não ligar pessoalmente, se não for por motivo de vida e morte, as luzes de suas casas, seus automóveis, computadores ou quaisquer aparelhos nesta data e por se excluir das atividades comuns e profissionais em ambientes presenciais e virtuais no sétimo dia e em outras festividades judaicas.

No entanto, os judeus ortodoxos podem previamente programar nos dias comuns quaisquer atividades que venham a ser executadas independentemente de sua participação durante o sétimo dia judaico. Por exemplo, podem instalar e programar previamente um relógio elétrico para acender e apagar as luzes durante este dia. Podem usufruir, também, da luz produzida através de uma automatização programada e preparada anteriormente a este dia.

Em acréscimo, as leis das autoridades rabínicas dos judeus ortodoxos permitem que eles desfrutem dos recursos permitidos nos dias comuns se estes forem acionados no sétimo dia por não judeus para o benefício dos próprios não judeus. Isto quer dizer que se um não judeu, por exemplo, acende uma luz ou liga um computador por uma necessidade própria, o judeu pode passivamente usufruir destas atividades.

Embora tenham a permissão de seus rabinos para beneficiar-se de determinados serviços executados por não judeus, os judeus ortodoxos não têm permissão para participar, de forma presencial ou virtual, de ambientes proibidos, ou atividades ilícitas de não judeus ou de judeus.⁷²

Mesmo que a inclusão social dos judeus ortodoxos possa ser analisada através de suas práticas religiosas, a inserção de cada um deles na sociedade depende de suas qualidades pessoais, de seus objetivos sociais e do padrão de vida almejado. Se estes indivíduos são submissos às suas autoridades rabínicas, como integrantes do segmento social judaico ortodoxo, eles procuram as suas autoridades para mediar o horizonte fluido das múltiplas opções disponibilizadas pelos ambientes pós-modernos, tanto os virtuais como os presenciais.

Além da coesão comunitária criada através da presencialidade local dos rituais religiosos ortopráticos, das aulas, das conferências, das rezas, das discussões e da produção de materiais especializados para o consumo da própria comunidade, encontra-se disponível na Internet uma grande quantidade de informações divulgadas pelas autoridades rabínicas da comunidade judaica ortodoxa. Por exemplo, pode-se acessar páginas da Orthodox Union, das autoridades rabínicas ortodoxas norte-americanas,⁷³ a página dos serviços judaicos da Autoridade Nacional dos Serviços Religiosos do Estado de Israel,⁷⁴ a página do Rabino Dr. Jonathan Sacks,⁷⁵ Rabino Chefe da União das Comunidades Hebraicas Inglesas, entre várias outras páginas de rabinatos ortodoxos formais de outros países.

A inclusão nos ambientes públicos da Internet de determinadas autoridades rabínicas é justificada, por elas mesmas, não só pela necessidade de se integrar na sociedade formal e de se comunicar, profissionalmente, com ambientes fora de suas comunidades, mas, também, pelo desejo de disponibilizar os serviços a muitos judeus ortodoxos, que de qualquer modo já

⁷² Este comportamento é explicado no preceito rabínico *Dina DeMalchuta Dina*, do aramaico – Lei da terra é a lei a ser obedecida, codificada no *Shulchan Aruch* de Joseph Karo (1488-1575), volume *Choshen HaMishpat*, p. 369.

⁷³ www.ou.org - Informação válida em fevereiro de 2007.

⁷⁴ www.religions.gov.il/Structure/RabanutStruct.htm - Informação válida em fevereiro de 2007.

⁷⁵ www.chief Rabbi.org/index1.html - Sir Jonathan Sacks, Chief Rabbi of the United Hebrew Congregations of the Commonwealth. Informação válida em fevereiro de 2007.

se encontram conectados à Internet. É sabido que a inclusão dos integrantes da comunidade judaica ortodoxa na Internet aumenta cada vez mais, por motivos diversos, entre eles o trabalho.

Muitos rabinos ortodoxos organizam eventos presenciais e respondem a perguntas pela Internet, além de participar ativamente de comunidades virtuais como o Orkut.⁷⁶ O objetivo destes rabinos é atrair a maior quantidade possível de judeus para cumprir práticas rabínicas. Entre estes rabinos estão os líderes de centros de atividades do Movimento *Aish HaTorá*⁷⁷ e do Movimento *Chabad*⁷⁸ de São Paulo.

Existe também no mundo e no Brasil uma quantidade crescente de iniciativas pessoais e entidades judaicas ortodoxas que disponibilizam o acesso a textos e gravações de aulas de rabinos através da Internet.⁷⁹ Estes rabinos ortodoxos explicam a sua interação virtual como parte de suas atividades profissionais. De qualquer modo, a inclusão virtual de todos estes usuários judeus ortodoxos faz com que a quantidade de informação de fontes rabínicas e de indivíduos da comunidade judaica ortodoxa cresça na Internet, proporcionando condições para a globalização e universalização destes conhecimentos digitalizados.⁸⁰

O Movimento *Chabad Lubavitch* carrega no seu seio a resistência à universalização de seus conhecimentos, havendo um conflito no que diz respeito à necessidade de utilizar os meios de comunicação digital para a educação religiosa judaica de seus integrantes ao redor do mundo. Os mensageiros deste movimento são rabinos ortodoxos que se encontram nos mais diversos lugares e países para atrair somente judeus aos preceitos judaicos ortodoxos. Essa circunstância faz com que muitos destes rabinos e suas famílias dependam dos meios de comunicação virtual para se manter conectados com as suas próprias autoridades rabínicas e manter atualizada a sua própria identidade de mensageiros do movimento.

⁷⁶ www.orkut.com - Informação válida em fevereiro de 2007.

⁷⁷ www.aishbrasil.com.br - Informação válida em fevereiro de 2007.

⁷⁸ www.chabad.org/centers/default.asp ; www.chabad.org.br ; www.chabadmorumbi.org.br – Informação válida em fevereiro de 2007.

⁷⁹ www.shiurim.com.br e www.morasha.com.br – Informação válida em agosto de 2007.

⁸⁰ A exposição virtual divulga aos internautas informações que antes circulavam, geralmente, só entre os integrantes destas próprias comunidades.

A inclusão dos integrantes do Movimento *Chabad* nos meios de comunicação virtual ocorre de duas maneiras. A primeira é como produtores de informação para auxiliar a integração de judeus nas atividades de seus movimentos. Em lugares onde a comunidade judaica ortodoxa local ainda não tem desenvolvida uma instituição de ensino de seu movimento, os mensageiros atuam de uma segunda maneira, desenvolvendo uma organização virtual de ensino, por meio da qual os filhos dos membros da comunidade são incentivados a estudar em casa e inclusive a ocupar-se com jogos no computador e a usufruir de serviços de mensagem para manter contato com seus parentes em outros países. Assim, é minimizada a influência da sociedade mais ampla sobre o ambiente familiar.⁸¹

Estas providências dos mensageiros do Movimento *Chabad* que se encontram distantes de suas comunidades são tomadas em franco contraste com a presencialidade obrigatória das atividades e dos rituais judaicos. Contudo, essas iniciativas fazem com que estas pessoas se mantenham conectadas, alimentando e atualizando, de uma nova forma, a identidade de seu movimento.

No entanto, não são todas as informações digitalizadas da comunidade judaica ortodoxa que se encontram disponíveis para qualquer usuário de Internet. Por exemplo, as aulas interativas para as crianças do Movimento *Chabad* precisam de um contrato de acesso. E muitas aulas de rabinos aos integrantes de suas comunidades são arquivadas e disponibilizadas somente em CDs e unicamente aos integrantes da própria comunidade, que escutam estes arquivos em seus leitores de CD, ou no máximo convertem os arquivos para Ipods, MP3 e MP4⁸² sem se conectarem à Internet. Esse dado demonstra que, apesar da inclusão tecnológica destas pessoas, existe resistência à divulgação universal de parte de suas informações e conhecimentos.

Portanto, aparentemente, se a inclusão dos judeus ortodoxos no ambiente virtual pode ser avaliada como o resultado do processo de aquisição

⁸¹ Informações obtidas no convívio da pesquisadora com mensageiras deste movimento e inclusive como mensageira, nas lousas de informações e palestras do Congresso de Mensageiras do Movimento *Chabad*, em Crown Heights, Nova York, em fevereiro de 2005.

⁸² Ipod, MP3 e MP4 são leitores de mídia portáteis.

de novos hábitos através da mediação das autoridades rabínicas, a exclusão destes usuários pode ser, então, definida como o traço peculiar da restrição às operações digitais, ou ainda às atividades da Internet permitidas pelas suas autoridades.

Algumas comunidades virtuais judaicas ortodoxas podem ser denominadas, talvez romanticamente, como *cibershtetels*.⁸³ Contudo, diferentemente dos *shtetels*, os *cibershtetels* são públicos.

Nos *cibershtetels*, seus integrantes, assim como os das comunidades presenciais, se relacionam entre eles mesmos, com a diferença de que a interação é pública nos ambientes virtuais. Além de que uma das muitas inovações do *cibershtetel* em relação aos antigos *shtetels* consiste na comunicação intermediada por mensagens digitais, que gera maior liberdade de expressão e fluidez na interação entre os integrantes.

Os *cibershtetels*, diferentemente do ambiente presencial, propiciam a interação entre homens e mulheres, identidades fictícias e reais, judeus e não judeus, sem a interferência das antigas hierarquias sociais ou das distâncias geográficas entre os usuários.

Entre estas comunidades temáticas judaicas ortodoxas virtuais encontramos, por exemplo, as comunidades do Orkut elaboradas por particulares vinculados a movimentos judaicos ortodoxos paulistanos, como *Chabad*, *Binyan Olam* e *Aish HaTorá*, e a instituições de ensino israelitas paulistanas, entre elas a *Escola(3)*, a *Escola(4)*, a *Escola(5)* e a *Escola(6)* em São Paulo.

Nas entrevistas com as autoridades judaicas ortodoxas paulistanas para esta pesquisa foi perguntado o que cada uma delas institui que seja permitido e o que, segundo elas, é proibido no uso do computador e da Internet pelas suas próprias comunidades. Foram abordados os usos das tecnologias digitais no ambiente profissional, escolar, familiar e no lazer tanto dos integrantes de suas comunidades quanto delas próprias e de suas respectivas famílias.

⁸³ Os *shtetlechs* (em ídiche) foram pequenos povoados com grandes aglomerações de população judaica na Europa Oriental. A alusão cultural ao *shtetlech* é uma metáfora de um ambiente provinciano judaico, que sublima sua própria cultura apesar dos azares externos.

As informações reveladas a seguir, obtidas nas entrevistas com os rabinos ortodoxos, apresentam as novas normas decretadas por estas autoridades, com o objetivo de determinar um estilo de vida e solidificar um modelo de identidade judaica ortodoxa contemporânea em um mundo em que as informações e relacionamentos fluem, em uma eterna tentativa de mediar e coibir a interação livre de seus fiéis com elementos estranhos às comunidades. Em outras palavras, com o objetivo de proteger um modelo ideal de comportamento judaico baseado nos textos bíblicos das escrituras hebraicas e nos textos da tradição oral rabínica.

6.3 AUTORIDADES RABÍNICAS JUDAICAS ORTODOXAS PAULISTANAS

Apesar da regra geral de que, quanto mais radical e ultra-ortodoxa uma comunidade judaica, mais restrito e direcionado será o acesso de seus integrantes à Internet, todas as autoridades rabínicas consultadas nesta pesquisa apresentaram, em termos gerais, os mesmos fundamentos religiosos para o uso do computador e da Internet pelos integrantes de suas comunidades.

No que se refere ao uso dos meios de comunicação e da Internet, podemos constatar que as autoridades judaicas ortodoxas paulistanas utilizam as mesmas fontes rabínicas e outorgam normas semelhantes às das autoridades judaicas ortodoxas no exterior.⁸⁴ No entanto, as autoridades judaicas ortodoxas paulistanas demonstraram não estar informadas sobre os planos de mediação e de acesso limitado à Internet⁸⁵ que permitem ao usuário interagir somente em ambientes previamente aprovados por autoridades rabínicas, planos esses disponibilizados no mercado tanto de Israel quanto dos Estados Unidos da América.

⁸⁴ Os sefaraditas paulistanos têm um vínculo mais estreito com autoridades rabínicas israelenses, ao passo que os asquenazitas paulistanos utilizam muitas vezes como referência algumas autoridades rabínicas norte-americanas mundialmente conhecidas.

⁸⁵ Exemplo: Servidores como a ACTCOM em Israel e nos EUA, que oferecem um plano de conexão restrito ao site MORESHET e/ou a outros sites similares. Estes sites servem como conexão única à Internet, monitorando e bloqueando a navegação do usuário por outros sites e atividades vetadas pelas autoridades rabínicas judaicas ortodoxas.

O fundamento principal das autoridades judaicas ortodoxas pesquisadas nesta tese consiste na proibição de executar quaisquer atividades consideradas como *Bitul Torá*.⁸⁶ Segundo as autoridades rabínicas, *Bitul Torá* abrange todas as ações que não sejam estritamente em prol do desenvolvimento do estudo da doutrina judaica. Assim, todos os interesses e práticas dos fiéis devem estar voltados exclusivamente para o benefício do cumprimento dos preceitos de suas autoridades. Desse modo, estes judeus fortalecem as características identitárias de seu fragmento social judaico ortodoxo pós-moderno.

As autoridades rabínicas entrevistadas não demonstraram preocupação em outorgar leis diferentes quanto ao uso de tecnologias e da Internet para os homens ou para as mulheres, mas todas elas determinam que a Internet não deve ser utilizada diretamente na educação das crianças.

Os fundamentos principais apresentados por todas as autoridades judaicas ortodoxas paulistanas entrevistadas são:

- 1) PROIBIDO utilizar o computador e/ou a Internet para atividades que podem vir a fazer, ou fazem, com que as pessoas executem atividades proibidas e se encontrem em situações contraditórias com os mandamentos judaicos ortodoxos.
- 2) PROIBIDO utilizar o computador e/ou a Internet para desvirtuar o estilo de vida judaico ortodoxo, assimilando elementos estranhos à ortodoxia judaica, ao invés de usufruir das novas tecnologias somente da maneira permitida pela ótica das autoridades rabínicas.
- 3) PROIBIDO utilizar o computador e/ou a Internet para obter, usufruir ou apresentar qualquer produto que não tenha sido avaliado como material compatível com os preceitos rabínicos por autoridades judaicas ortodoxas.
- 4) PROIBIDO utilizar o computador para participar indiscriminadamente de ambientes do domínio público.

⁸⁶ *Bitul Torá*: do hebraico: *bitul* significa cancelar. Representa perda para a doutrina judaica.

- 5) Nos ambientes judaicos mais ortodoxos circula um veto contra a infraestrutura dos serviços de comunicação a cabo que oferecem pacotes promocionais de televisão, telefonia e Internet.

Estes são, portanto, os fundamentos, os princípios básicos de censura e de seleção que determinam, *grosso modo*, a assimilação do uso da tecnologia digital e a interação virtual dos integrantes das comunidades judaicas ortodoxas na sociedade.

O veto contra a infra-estrutura dos cabos óticos representa a resistência à inclusão dos meios de comunicação digital e a dificuldade de interação, integração e participação em ambientes externos às próprias comunidades.

Contudo, através de um serviço cada vez mais amplo de telefonia com acesso aberto à Internet, a comunicação digital adentra cada vez mais os limites geográficos das regiões judaicas ultra-ortodoxas, pelo menos nas regiões urbanas mais cosmopolitas. Ademais, a indústria tecnológica vem produzindo a preços cada vez mais acessíveis modelos de telefones móveis acoplados a computadores e de computadores com sistema de telefonia embutido que se conectam automaticamente aos servidores de Internet disponíveis.

Portanto, torna-se complexo avaliar o uso do computador e da Internet principalmente quando os serviços de telefonia, televisão e multimídia demonstram uma crescente tendência à conversão de todos os seus serviços em programas digitais transmitidos pela Internet. Por cabo, através da telefonia móvel, ou pelo acesso de um computador a uma conexão sem fio à Internet – restará a cada uma das autoridades rabínicas determinar a medida da inclusão tecnológica de suas comunidades, pela definição de quais serviços digitais podem ser utilizados.

A seguir é apresentada cada uma das diversas autoridades judaicas ortodoxas separadamente. As pequenas diferenças na seleção de serviços de computador e de Internet definem diferentes estilos de vida e identidades. Cada autoridade fixa as normas a serem obedecidas pelos membros de suas

comunidades, projetando as maneiras ideais de exclusão voluntária e a inclusão tecnológica seletiva destas pessoas na sociedade contemporânea.

6.3.1 Rabino A e Rabino B

O Rabino A é rabino da comunidade judaica ultra-ortodoxa paulistana *Kehilas Hacharedim*, responsável pelas instituições masculinas de ensino judaico ultra-ortodoxo *Ieshivá Or Torah* e *Mesivta* e por uma instituição masculina de estudos rabínicos para adultos.

A primeira regra do Rabino A é seletiva. Este rabino dita que os integrantes de sua comunidade podem utilizar somente programas e serviços digitais permitidos pelas autoridades rabínicas da comunidade. Entre os programas aprovados por este rabino encontram-se os programas de contabilidade, os editores de textos e editores de fotos necessários para trabalhos comuns de escritório que funcionam em um terminal ou em uma rede fechada sem conexão com a Internet.

São permitidos também os programas de simulação gráfica, entre eles os programas de engenharia, arquitetura e medicina, para examinar a viabilidade da execução de situações reais no exercício de uma profissão. Todos estes programas são permitidos com a condição de não serem utilizados através da Internet.

As professoras e professores foram autorizados a utilizar coleções de arquivos digitais (a palavra enciclopédia não agrada este rabino) de livros de fontes rabínicas. Podem também utilizar editores de som para objetivos escolares. E, por circunstâncias a serem avaliadas, para determinadas pessoas é proibido editar multimídia de audiovisuais de conteúdo previamente aprovado, como gravações de eventos institucionais e familiares, nos computadores.

Na comunidade deste rabino existe o princípio de que é absolutamente proibido utilizar tudo que é por eles entendido como espaço cultural público e Internet tanto em casa e para a família, quanto na escola e para a própria

formação básica escolar. Fica proibido, deste modo, que os integrantes da comunidade acessem a Internet e/ou utilizem arquivos multimídia criados para serem divulgados na Internet nos computadores de seus domicílios e nos terminais das instituições de ensino da comunidade.

Este rabino decidiu que, se os integrantes de sua comunidade necessitam de informações encontradas somente na Internet, cada caso deve ser analisado previamente por uma autoridade judaica competente juntamente com o interessado.

Portanto, cada pessoa deste segmento social pode ser orientada de uma maneira diferente, no que diz respeito ao acesso a informações básicas profissionais, sobre infra-estrutura de serviços, emergências, no campo da segurança pública e da saúde, da prevenção social e dos impostos etc. E, também, cada um destes judeus ortodoxos pode ser orientado, individualmente, pela sua autoridade rabínica, sobre o modo de executar os processos de atualizações de seus sistemas de computação e de obter as informações necessárias para seus projetos profissionais através da Internet, de modo que a qualidade de seus trabalhos profissionais não seja comprometida ou subestimada no mercado.

O rabino responde que, caso algum serviço ou navegação na Internet tenha sido permitido por uma autoridade rabínica, o serviço em questão pode ser utilizado somente para o fim para o qual foi permitido. De qualquer modo, mesmo que tenha sido permitido, continua o rabino, este determinado serviço só deve ser acessado fora do âmbito familiar e de qualquer ambiente de ensino das instituições de educação judaica da comunidade.

Nesta comunidade não é permitido obter formação formal para a aquisição de alguma profissão através da Internet. Contudo, como alguns de seus integrantes necessitam utilizar a Internet no ambiente em que trabalham, o aprendizado de uma profissão ou o aperfeiçoamento profissional pode ser entendido como uma atividade necessária ao próprio trabalho.

Apesar de tudo que é entendido como parte da Internet ser vetado nesta comunidade, o rabino permite que sejam utilizadas as linhas telefônicas VoIP

(Voz por Protocolo de Internet), chamadas também de linhas telefônicas virtuais internacionais de transmissão de voz pela rede de computadores da Internet.

Estas linhas telefônicas são somente disponibilizadas ao usuário através de um contrato com uma empresa de telefonia virtual na Internet e podem ser utilizadas de qualquer lugar do mundo através de um telefone comum ligado a um processador VoIP (Voz por Protocolo de Internet), conectado a um *modem*⁸⁷ com acesso a uma conexão de banda larga com um provedor local de Internet.⁸⁸

Sobre a necessidade da conexão direta do usuário com um provedor de Internet local, este rabino responde: *"Sim, se é permitido (legalmente) ter esta linha, pode-se, então, usar este telefone tanto no trabalho quanto em casa. Digo: O telefone."*

O Rabino A tem no escritório de sua entidade rabínica um computador conectado à Internet que recebe e responde emails. Contudo, a instituição de ensino da qual é rabino não tem um email formal.

O rabino afirma que o email deve ser utilizado somente para atividades profissionais que necessitam desse tipo de comunicação, como os seus contatos com não judeus e judeus para a supervisão de alimentos *kasher*,⁸⁹ com as indústrias, importadoras e exportadoras, e obviamente a difusão da lista de produtos sob a sua supervisão a quem acessa a Internet.

Este rabino trabalha em uma empresa de supervisão de alimentos *kasher*, formalmente fundada em 1995, que pode ser encontrada atualmente na Internet.⁹⁰ Todavia, os integrantes de sua comunidade geralmente obtêm a lista impressa atualizada dos produtos *kasher* autorizados ou no escritório do rabino ou através de alguém que acessa a Internet. Ademais, muitos integrantes da comunidade fazem suas compras em mercearias que

⁸⁷ Modem: dispositivo de entrada e saída, modulador e desmodulador, utilizado para transmissão de dados entre computadores através da linha telefônica.

⁸⁸ Pode-se adquirir um número telefônico de uma empresa virtual de qualquer país; com o prefixo da área desse país as chamadas para aquela região são consideradas locais. Para contratar este serviço necessita-se um cartão de crédito internacional ou da nacionalidade da empresa provedora da linha.

⁸⁹ Vide nota 64 no presente capítulo.

⁹⁰ www.koshermart.com.br – Informação válida em agosto de 2007

comerciam somente produtos *kasher* e vendem produtos alimentícios sob a supervisão do rabino.

Os integrantes da comunidade do Rabino A, assim como são proibidos de freqüentar cinemas, teatros, participar de discussões culturais não estritamente profissionais com elementos estranhos à comunidade, assistir a programas televisivos e filmes, programas radiofônicos, fitas cassetes e ler material impresso não autorizado pelas suas autoridades religiosas, são previamente proibidos de executar atividades virtuais semelhantes. Portanto, analogicamente, eles são proibidos de interagir em fóruns e espaços públicos da Internet para assistir filmes, ler, ou ver materiais concretos ou digitais que ainda não foram analisados e autorizados pelas autoridades rabínicas.

No passado, os integrantes desta comunidade assistiam filmes que eles mesmos realizavam, no formato super-8, projetados em uma superfície branca. Com o advento das fitas de vídeo, eles foram proibidos de assistir os produtos deste novo meio de comunicação audiovisual, pois para isso necessitariam de um aparelho de televisão.

A proibição de assistir televisão remete à proibição de freqüentar cinemas e teatros comuns não autorizados pelas autoridades comunitárias. A proibição de assistir fitas de vídeo ocorreu para evitar a infiltração do emergente mercado cinematográfico mundial nos lares e nas instituições da comunidade. Estas duas medidas foram tomadas para inibir a assimilação de valores e costumes de outras comunidades apresentados em suas produções audiovisuais. Tais medidas aumentam os níveis de exclusão e servem inclusive para a manutenção de uma identidade caracteristicamente sectária.

Apesar da proibição às fitas de vídeo, atualmente, os integrantes desta comunidade são autorizados a assistir filmes em arquivos de CD, ou em DVD. Tal permissão ilustra como a inclusão tecnológica, resultado da universalização da linguagem digital, atinge esta comunidade.

Não obstante, todos os arquivos devem ser previamente supervisionados e autorizados pelas suas autoridades religiosas.⁹¹ As apresentações multimídia devem ser expostas em monitores de computador ou telões. Isto porque o rabino desta comunidade decreta que continua válido o antigo veto de seu antecessor à utilização de qualquer aparelho ou monitor de televisão.⁹²

A comunidade do Rabino A, os descendentes do Rebe de Ratzfert e a comunidade do Rabino B seguem as mesmas normas de censura, demarcando de modo muito semelhante sua inclusão tecnológica e sua exclusão cultural e social na rede de serviços digitais públicos.

Contudo, o Rabino B acrescenta uma regra a mais: Ele proíbe que os integrantes de sua comunidade assistam quaisquer filmes, sejam eles projetados em monitores de vídeo ou por qualquer outra técnica, ou expostos em telas de computador.

Esta proibição irrestrita a todos os audiovisuais diferencia e separa os discípulos do Rabino B de todos os outros judeus ultra-ortodoxos paulistanos. E, conseqüentemente, exclui ainda mais drasticamente esses fiéis da sociedade moderna.

Um rabino da comunidade de Ratzfert e o Rabino B afirmam não ter nem utilizar "a Internet" e confirmam não possuir emails particulares e também não utilizar emails formais para as suas instituições. Isto porque ambos, assim como alguns outros rabinos ortodoxos paulistanos entrevistados,⁹³ definem a "Internet" como "uma rede multimídia de ambientes públicos virtuais", mas consideram a linha telefônica VoIP de transmissão de Voz por Protocolo de Internet como um serviço restrito similar ao de qualquer linha telefônica, portanto igualmente permitido.

⁹¹ A supervisão e a aprovação geralmente ocorrem através do procedimento em que um membro da comunidade judaica ortodoxa relata a um rabino o conteúdo do material. Em Israel a *National Geographic* produziu uma série de seus documentários em formato CD censurada e autorizada sob a supervisão de uma pequena entidade judaica ortodoxa local, a fim de inserir pelo menos estes produtos no mercado judaico ortodoxo – os produtos encontram-se à venda somente nas lojas de produtos judaicos ortodoxos, como, por exemplo, na loja Galpaz na R. Malchei Israel, 5, em Jerusalém (informação confirmada em julho de 2007).

⁹² Esta proibição continua, mesmo quando o código de recepção do aparelho de televisão é incompatível com a rede da região em que se encontra, impossibilitando a recepção da programação televisiva local.

⁹³ Rabino A e Rabino F.

Assim como o Rabino A, o Rabino B e um rabino da comunidade de Ratzfert dizem que esta conexão deve ser configurada para que seja utilizado exclusivamente este acesso: *"Por aparelhos de telefone comuns, não podem ser aqueles modernos como os celulares com monitores gráficos e Internet."*

Isto fez com que estes rabinos e alguns dos integrantes de suas comunidades optassem por esta inclusão tecnológica, juntamente com seus parentes e conhecidos no exterior, o que permitiu o usufruto de pacotes promocionais. Com estas linhas telefônicas virtuais internacionais por VoIP, muitas vezes custa menos conversar mais tempo com pessoas que utilizam o mesmo serviço tanto no Brasil quanto no exterior, do que utilizar as linhas telefônicas brasileiras comuns para as próprias chamadas locais.

Tanto o Rabino A, quanto o rabino da comunidade de Ratzfert e o Rabino B representam as autoridades supremas de seus movimentos. No entanto, o rabino da comunidade de Ratzfert não é um legislador que determina o que é proibido e permitido, como os outros dois rabinos. O rabino da comunidade de Ratzfert vem deste movimento hassídico, mais próximo da Rússia, no qual sempre houve um legislador e um líder espiritual, ao contrário de outros movimentos hassídicos poloneses, em que o líder espiritual do movimento é também o seu legislador.

O rabino da comunidade de Ratzfert herdou o espírito de liderança espiritual do movimento hassídico de Ratzfert e se mantém como um bom ouvinte, apesar de falar somente com homens. Sua postura é a de um mestre espiritual que escuta, orienta, abençoa e incentiva o cumprimento das leis da doutrina rabínica, estreitando o vínculo da pessoa com o Todo Poderoso que deu a Israel todos os seus ensinamentos.

6.3.2 Rabino C e D

O Rabino C é um representante oficial do Rabinato de Israel em São Paulo. Até o ano de 2005 ele utilizava uma máquina de escrever para redigir suas cartas. E adquiriu o seu primeiro email pessoal no ano de 2006.

O discurso doutrinário deste rabino enfatiza a submissão e a fé no cumprimento da vontade divina, ditadas nos decretos e normas das autoridades rabínicas para a comunidade judaica ortodoxa. Enfatiza também a necessidade de não perder tempo nem “cabeça” acreditando ou sendo influenciado por idéias vãs, efêmeras e fúteis de outras doutrinas e de assuntos novos, modernos e pós-modernos não judaicos.

O Rabino C não disse a esta pesquisadora que a Internet é proibida. Ele disse que é proibido gastar tempo com coisas profanas e ser influenciado pelos falsos valores da Internet.

Resistente a elementos considerados modernos, este rabino critica tudo que, segundo ele, pode tirar os judeus da fé na submissão às leis e aos rituais religiosos.

Este rabino afirma que sabe que crianças e adultos, ou seja, muitas pessoas da comunidade utilizam computadores. Mas que não se deve utilizar a Internet na educação infantil e que a verdadeira educação é participar das rezas, estudar nos livros judaicos e dar o exemplo à nova geração, fazendo só o que se deve fazer. E todos os adultos que utilizam serviços da Internet para suas atividades profissionais não devem perder tempo com outras coisas fúteis. O rabino não criticou o aproveitamento de material publicado na Internet de origem aprovada e reconhecida por autoridades da comunidade judaica ortodoxa e/ou enviado por email aos integrantes de sua comunidade.

O Rabino C tem, entre suas responsabilidades, o serviço funerário judaico em São Paulo e a supervisão dos alimentos produzidos na *Escola*(4). Tem como costume circular nos dias festivos judaicos pelas sinagogas ortodoxas asquenazitas paulistanas, para aplicar seus discursos doutrinários. Este rabino é conhecido e respeitado por ter sua própria comunidade bem estabelecida, cujos membros apóiam atividades de grande parte da comunidade judaica paulistana.

O Rabino D não teve nada a declarar sobre a Internet. Este rabino é uma personalidade importante no cenário judaico ortodoxo paulistano. É uma autoridade rabínica paulistana que auxiliou e assumiu a fundação de uma

entidade judaica ortodoxa responsável pela verificação de alimentos *kasher*, com a primeira página pública na Internet.⁹⁴ A página desta entidade na Internet surgiu com o intuito de disponibilizar informações para os próprios integrantes da comunidade judaica ortodoxa.

Foi concedido que fosse informado que seus filhos e filhas não utilizam a Internet. No entanto, este rabino tem acesso domiciliar à Internet e email particular.

Na comunidade do Rabino C e do Rabino D, as linhas telefônicas virtuais internacionais do serviço VoIP (Voz por Protocolo de Internet) são consideradas um dos muitos serviços de comunicação da Internet cuja utilização é autorizada aos integrantes de uma comunidade judaica ortodoxa.

Os integrantes mais ortodoxos da comunidade destes rabinos, entre eles os rabinos que estudam no centro masculino de estudos rabínicos *Kolel Ohel Yosef* sob a liderança do Rabino D, assimilaram publicamente somente o uso das linhas telefônicas do serviço VoIP. Outros membros desta mesma comunidade utilizam computadores e a Internet para atividades profissionais, pessoais e inclusive para auxiliar seus filhos nas suas lições escolares.

Estes dois rabinos têm, entre os integrantes de suas comunidades, pessoas próximas a eles que se mantêm atualizadas e os informam sobre os novos programas e produtos digitais de entidades judaicas ortodoxas. Essas pessoas também providenciam para que ambos tomem ciência dos novos serviços digitais governamentais e em geral de atividades, situações e práticas em ambientes virtuais consideradas potencialmente perigosas para a integridade dos membros da própria comunidade e da sociedade em geral.

Com o conhecimento dos rabinos, existem entre estas pessoas aqueles que disponibilizam na Internet, sem fins lucrativos, material apresentado em aulas e livros de outros rabinos e judeus da comunidade judaica ortodoxa, cedidos pelos próprios autores para serem divulgados por meio de listas de

⁹⁴ www.bdk.com.br – Informação válida em agosto de 2007.

emails ou para serem copiados de uma página na Internet para o computador do usuário.⁹⁵

6.3.3 Rabino E e Rabino F

O Rabino E pertence as Instituições de Ensino do Movimento *Chabad Lubavitch* da cidade de São Paulo e, o Rabino F é rabino da instituição masculina de ensino *Escola(6)*. O segundo tornou-se conhecido nos anos 90 como rabino oficial desta comunidade para o esclarecimento de quaisquer dúvidas sobre leis judaicas. Estes dois rabinos apresentam divergências entre si, no que se refere aos meios de comunicação.

O Rabino E ensina os seus alunos e os integrantes de sua comunidade a investir na formação judaica ortodoxa e introduzir em suas vidas o mínimo necessário de costumes não judaicos. Ele evita falar sobre Internet, televisão e outros meios de comunicação que considera como públicos ou cultura de massa, incompatíveis com o espírito judaico.

Este rabino declarou a esta pesquisa: "O cinema, teatros, televisão, atividades na Internet e atração demasiada pelo futebol e esportes devem ser evitados. Pois estas atividades foram decretadas como proibidas pelas autoridades judaicas ortodoxas e elas definitivamente afastam seus usuários do Judaísmo".

Contudo, afirma o mesmo Rabino E: "É menos pior que os integrantes da comunidade selecionem filmes que eles consideram decentes de alguma locadora de vídeo normal do que freqüentar o cinema. E que os pais saibam não somente proibir seus filhos de freqüentar cinemas e usar a Internet mas que inculquem neles a valorização das atividades e práticas judaicas ortodoxas e os orientem a consumir somente valores já autorizados pelas autoridades judaicas ortodoxas".

⁹⁵ www.shiurim.com.br – Informação válida em agosto de 2007.

Neste âmbito, o rabino aconselha igualmente: "Deve-se selecionar os programas de computador permitidos e a navegação livre na Internet fica prioritariamente proibida."

No entanto, segundo o Rabino E, que nesse ponto se aproxima de outros rabinos ortodoxos, se alguns serviços da Internet são necessários para que os judeus continuem obedecendo aos preceitos judaicos, estes serviços devem ser previamente avaliados e consentidos por alguma autoridade judaica ortodoxa para que possam e devam ser utilizados. E continua:

"... é um absurdo que as crianças não saibam mais brincar e queiram ocupações como jogos de computador, sempre mais vídeos e outras coisas deste tipo. Mas felizmente já se encontram muitos filmes *kasher*⁹⁶ que podem auxiliar na educação judaica tanto infantil quanto adulta. ... os emails e outras atividades da Internet devem ser proibidas às crianças. ... mas para adultos e em casos muito específicos algumas atividades na Internet são permitidas por alguns dos nossos rabinos e podem e às vezes devem ser utilizadas mesmo que eu pessoalmente desaconselhe e diga que é melhor que se procure usar outras técnicas equivalentes."

O Rabino E permitiu sob condições muito específicas o acesso à Internet às alunas do curso superior feminino *Seminário Devora Léa*, que faz parte de uma das instituições de ensino de que ele é responsável. Sob a fiscalização do Sr. Ilan Ende, diretor desta instituição, uma determinada turma pode freqüentar um curso de informática em uma sala exclusiva nas dependências de uma escola de computação, com o objetivo único de executar, no sistema interno de computação e na Internet, todas e somente as atividades necessárias para a conclusão do curso. E deve-se lembrar que todos os programas e as atividades de qualquer disciplina devem ser previamente avaliados e permitidos pela diretoria da instituição, a qual automaticamente se submete às suas próprias autoridades religiosas, antes de inserir qualquer novo contexto no currículo.

⁹⁶ Vide nota 64 no presente capítulo.

O Rabino F não gosta de ser abordado com perguntas sobre a Internet e não se dispôs a conceder uma entrevista sobre este assunto, mas concordou em conversar com a entrevistadora,⁹⁷ sabendo que suas palavras poderiam ser citadas em artigos, aulas e na tese da autora desta pesquisa. Este rabino proíbe televisões e programas não judaicos ortodoxos, veta o acesso à Internet nos lares judaicos ortodoxos e orienta os alunos de sua instituição de ensino a não participar de atividades fora de seus programas institucionais como estudantes da doutrina rabínica.

Nesta conversa e também em uma apresentação sobre educação judaica e Internet,⁹⁸ o Rabino F respondeu a todas as questões da autora desta tese e de outros ouvintes com a sumária proibição de usar a Internet no âmbito domiciliar. Contudo, afirmou que, para quem necessita da Internet em seu trabalho, somente as operações permitidas pela lei judaica e obrigatórias no trabalho não só podem, mas “devem” ser executadas.

Apesar da proibição do acesso domiciliar à Internet, o Rabino F permite que as residências judaicas ortodoxas de sua comunidade tenham acesso a uma linha telefônica virtual internacional do serviço VoIP (Voz por Protocolo de Internet). Isto porque ele, assim como o rabino da comunidade de Ratzfert e o Rabinos B, entende este tipo de linha telefônica como um serviço de comunicação restrito permitido e não como uma atividade da "Internet" que as autoridades rabínicas judaicas ortodoxas definem como proibida.

Ainda no que diz respeito à telefonia, foi importante para o Rabino F criticar, enfaticamente, o uso multimídia e acesso à Internet nos novos celulares, lembrando que as autoridades judaicas ortodoxas israelenses proibiram o uso destes aparelhos. Ele acrescentou que em Israel se encontram à venda celulares *kasher* que permitem somente chamadas de voz. Ademais, já se encontram companhias de telefonia celular israelenses que disponibilizam

⁹⁷ É necessário lembrar que a autora desta pesquisa é quem entrevistou estas autoridades. E que esta autora é considerada como integrante da comunidade em questão.

⁹⁸ Fórum sobre Judaísmo e Educação no Congresso Rabínico Internacional do Movimento *Chabad Lubavitch* Brasileiro, realizado pelo Rabino Y. David Weitman na última semana de janeiro de 2006 na cidade de Nazaré (SP).

“pacotes *kasher*”.⁹⁹ Um dos tipos de pacote promocional, por exemplo, disponibiliza somente chamadas de voz. Outro permite chamadas de voz e envio de mensagens somente para o grupo de usuários cadastrados conjuntamente no mesmo plano.

O Rabino F disse também que o material judaico ortodoxo disponibilizado na Internet pelo seu movimento religioso é direcionado ao público em geral e que os arquivos e interações digitais não podem ser utilizados em substituição ao estudo presencial nos ambientes físicos da comunidade judaica ortodoxa. Ele não quis escutar sobre as atividades dos alunos de sua instituição de ensino no Orkut,¹⁰⁰ em uma comunidade virtual com um codinome e apresentação fotográfica que se assemelha a sua pessoa. Também não quis discutir sobre as comunidades virtuais e material disponibilizado na Internet por outros rabinos ortodoxos.

Em julho de 2007 o Rabino F afirmou a esta pesquisadora que após tomar conhecimento das impropriedades postadas em anonimato por alguns poucos estudantes e ex-estudantes de sua instituição masculina de ensino judaico ortodoxo, a *Escola(6)*, em uma comunidade no Orkut, mais uma vez proibiu, enfaticamente, que seus estudantes acessem a Internet.¹⁰¹

O Rabino F disse não conhecer nem estar interessado, absolutamente não querendo discuti-las, em algumas orientações de outras autoridades rabínicas ortodoxas do Movimento *Chabad*,¹⁰² sobre como comportar-se nos ambientes digitais. Como, por exemplo, os princípios abaixo:

1) Os judeus ortodoxos usuários da Internet podem utilizar, unicamente, ou sempre que possível, servidores de acesso à Internet que disponibilizam

⁹⁹ Planos promocionais de empresas de telefonia móvel com limitações de comunicação especificadas por autoridades rabínicas, visando possibilitar uma maior contratação de serviços de telefonia móvel pelos integrantes das comunidades destas autoridades religiosas. Exemplo: A escola e dormitório *Beit Chana*, na cidade israelense de Safed, desde 2005 permite que suas alunas portem somente celulares de um plano promocional feito pela escola com uma companhia de telefonia móvel, a CELCOM. O plano desta escola, em janeiro de 2007, concedia o direito de fazer chamadas e enviar mensagens somente entre os números dos usuários registrados.

¹⁰⁰ Comunidades Virtuais do Orkut, entre elas a "Turma do Barba", que tem como apresentação uma fotomontagem que se assemelha ao rosto do rabino entrevistado.

¹⁰¹ Comunidade virtual do Orkut intitulada "Chutáismo-Brasil", com 33 membros em julho de 2007.

¹⁰² Entre eles o Rabino David Weitman de São Paulo (SP) e o Rabino Josef Shusterman de Los Angeles (E.U.A.).

pacotes de navegação limitada, que permitem o acesso do usuário somente às páginas previamente autorizadas por autoridades judaicas ortodoxas, como existe em Israel;¹⁰³

2) Na inexistência de servidores com este serviço, os judeus ortodoxos usuários da Internet devem utilizar programas de controle de acesso tanto em casa, quanto no trabalho e devem manter os monitores de seus computadores voltados para o espaço aberto e público e não para os cantos da sala e ângulos e perspectivas que propiciem maior privacidade;

3) As regras comportamentais das autoridades judaicas ortodoxas são transferidas do ambiente real para o ambiente digital. Por exemplo, não seria permitido criar relações virtuais que fossem presencialmente proibidas e executar operações digitais que levem a atividades imorais.

Dois parágrafos do documento *Devar Halachá*, que se encontra entre os anexos desta tese, foram selecionados e apresentados a seguir, para que se tenha uma idéia mais aproximada do que o Rabino F pensa sobre o uso da Internet nas residências dos membros de sua comunidade e pelas pessoas de seu fragmento social:

"Todo o dito acima foi para alertar sobre o perigo que a Internet pode trazer ao lar judaico. Como é de conhecimento público, este meio de comunicação abre as portas, e com grande facilidade, a todos os que deles usufruem, para todos os temas e assuntos proibidos pela *Torá*, sendo que muitos jovens e adultos já caíram em suas garras de formas drásticas. Estou falando não só de imagens, mas também das salas de conversas e demais textos, inclusive o pacato e-mail.

Nenhum pai pode ter a certeza que controla os filhos e que mantém um código especial, etc. pois todos os tipos de controle se mostraram insuficientes como é conhecido por todos. Não se deve deixar enganar por estas falsas lógicas que vêm do lado negativo. Além do mais, mesmo que os pais se considerem bons '*mashguichim*'¹⁰⁴ de seus filhos, quem é o *mashguiach* dos pais? Sendo assim não há dúvida que devemos aderir à proibição instituída por

¹⁰³ Servidores como a ACTCOM em Israel e nos EUA, ou planos de conexão restrita ao site MORESHET e/ou a outros similares que monitoram e bloqueiam a navegação e atividades vetadas pelas autoridades rabínicas judaicas ortodoxas, atividades estas que podem ser efetuadas por um programa *firewall* pessoal.

¹⁰⁴ *Mashguichim*: do hebraico: significa supervisores.

inúmeros rabinos do mundo atual, e não ter este meio de comunicação em nossos lares em prol da educação e integridade do lar judaico."

Apesar de o Rabino F não concordar em discutir sobre programas de enciclopédias rabínicas virtuais e arquivos de computador judaicos ortodoxos, ele é um adepto dos filmes de todas as palestras do falecido líder religioso mundial do Movimento *Chabad Lubavitch*, o Rabino Menachem Mendel Schneerson, produzidos pelo escritório principal deste movimento em Nova York, nos Estados Unidos da América.

Estes filmes são apresentados aos sábados à noite aos alunos do sistema de internato da sua instituição de ensino e assistidos por muitos integrantes deste movimento. Estas produções audiovisuais são também apresentadas em ocasiões e eventos especiais ao público em geral.

Tanto o Rabino E, quanto o Rabino F afirmam não ter acesso multimídia à Internet em seus domicílios. Ambos confirmam que, quando necessário, acessam somente o indispensável às suas atividades como rabinos judeus ortodoxos e no local de trabalho. Suas instituições de ensino têm email e ambos têm emails próprios.

O Rabino F não quis nem ao menos ouvir sobre cursos profissionalizantes através da Internet, concluindo que quem trabalha com a Internet já a acessa de qualquer modo. Contrariamente, o Rabino E permitiu que fosse especialmente elaborado e monitorado um curso profissionalizante com acesso à Internet para uma de suas instituições de ensino e a Internet pode ser utilizada por adultos, com todos os cuidados necessários, para este fim. Entre os cuidados está a seleção do material virtual a ser estudado, a atenção em não praticar atividades doutrinárias proibidas, como envolver-se em situações ilegais, e em não desenvolver relacionamentos potencialmente proibidos com pessoas na Internet.

O Rabino E é responsável por ter atraído muitos judeus para a submissão aos decretos rabínicos e afirmou na terceira pessoa que: "Deve-se

ensinar a diferença entre o certo e o errado. E o que é certo está na doutrina judaica e é exatamente o que as autoridades rabínicas decretam".

Este rabino diz sobre si próprio que orienta os judeus a cumprirem o melhor possível o que é certo, legitimando sua autoridade como professor que orienta os interessados em participar cada vez mais de atividades doutrinárias e aprender das autoridades rabínicas judaicas ortodoxas as leis e suas explicações de como um judeu deve comportar-se.

O Rabino F, conhecido, no seu movimento, como um erudito das leis rabínicas, tem a convicção de estar interpretando a vontade divina dos textos rabínicos ao outorgar leis e normas para a sua comunidade. Este rabino justifica seu comportamento com parágrafos dos textos do seu falecido Rebe, o Rabino Menachem Mendel Schneerson, explicando que as leis que ele decreta servem para que: "Os integrantes da comunidade continuem seguindo a vontade do seu Rebe mantendo-o vivo¹⁰⁵ e assim trazendo a vinda do Messias". O Rabino F explica que os textos do Rebe são *Hassidut*¹⁰⁶ e que a *hassidut* é o sumo do Judaísmo, ou seja, as explicações espirituais com todo o conhecimento revelado e oculto da doutrina judaica.

6.3.4 Rabino G

O Rabino G é chamado pela sua comunidade de *Chacham*. *Chacham* significa, em hebraico, sábio. Os integrantes de sua comunidade, sefaradita ultra-ortodoxa, contam com a maior fitoteca rabínica, que consiste em um imenso arquivo digital de aulas de seus rabinos em formato MP3, ou seja, arquivos de voz, mas são proibidos de utilizar a Internet. Mesmo assim este rabino afirma que cada caso deve ser pensado separadamente.

¹⁰⁵ Esta é uma maneira simbólica dos integrantes do Movimento *Chabad Lubavitch* de sentir que o seu líder está vivo, independentemente do fato de que este movimento se dividiu, após o falecimento de seu último líder, em dois grupos, um denominado messiânico e outro, não messiânico. Os messiânicos são os discípulos que continuam mantendo todos os rituais que cumpriam quando o líder estava vivo. Assim, ainda abrem espaço no meio da multidão, na sinagoga na 770 Eastern Prkwy no Brooklyn em Nova York, para que o líder passe no horário em que sempre terminava sua reza. Entre os messiânicos há quem afirme ter visto o líder passando mesmo depois de ele ter falecido.

¹⁰⁶ Movimento surgido no século XVIII que enfatizava a espiritualidade e a alegria no Judaísmo. O *Hassidismo* chocou-se com as autoridades rabínicas da época, pois estas temiam que o movimento fosse uma nova seita que desvirtuaria a doutrina judaica.

O Rabino G é avesso a entrevistas e disse à autora desta pesquisa que não conhece e não sabe o suficiente sobre meios de comunicação e Internet e não quer falar sobre o assunto.

No entanto, ele respondeu à autora desta pesquisa algumas questões práticas sobre o uso da Internet na educação de crianças de sua comunidade. Vale dizer que ele foi alertado de que suas respostas poderiam ser publicadas por esta pesquisadora em artigos ou nesta tese.

O Rabino G aconselha que seja deletado o endereço virtual, ficando como referência o autor e o produtor do material adquirido na Internet e utilizado nas aulas da instituição de ensino da comunidade ou em aulas particulares para integrantes dela. Isto deve ser feito, segundo o rabino, para que quem quer que veja o material não fique curioso e vá procurá-lo na Internet. Ainda segundo ele, os judeus ortodoxos não devem utilizar a Internet, mas se um deles, no exercício de sua profissão, necessita de informação, deve selecionar o material e apagar os traços do ambiente virtual.

Os integrantes da comunidade do Rabino G são proibidos de contratar serviços de acesso à Internet e/ou de acessá-la de qualquer lugar. Assim, como não podem ter o acesso direto à Internet, eles, normalmente, não possuem linhas telefônicas virtuais internacionais de VoIP (Voz por Protocolo de Internet).

Para executar as suas ligações internacionais, tanto a família deste rabino como também muitos integrantes de sua comunidade compram cartões telefônicos e/ou contratam serviços de empresas de telefonia pequenas e às vezes pouco conhecidas no grande mercado brasileiro.¹⁰⁷ Isto porque estas companhias menores normalmente cobram tarifas inferiores às da Embratel ou da Telefônica para ligações para Israel e para os Estados Unidos da América.

As companhias utilizadas por esta comunidade disponibilizam números de telefones fixos na capital paulista e em outras cidades importantes brasileiras. Os usuários dos cartões telefônicos ligam assim para o número de

¹⁰⁷ Serviço por Cartões Telefônicos de 30 ou 50 reais: Speak Max - www.speakmax.com.br (informação válida e verificada em 2005-2006-fevereiro de 2007), *Fale Brasil e Intercol*.

telefone fixo escrito no cartão e executam a senha que obtiveram na aquisição deste, recebendo a quota de ligações referente aos minutos pagos.

Os integrantes desta comunidade também efetuam contratos com companhias de telefonia como a *Kesher*.¹⁰⁸ Seus usuários devem ligar para o telefone fixo da empresa e efetuar a sua senha particular. Esta companhia permite que determinados números telefônicos possam efetuar ligações sem que haja necessidade de utilizar a senha.

Portanto, os integrantes desta comunidade que não contratam o serviço de linhas telefônicas virtuais internacionais VoIP de empresas na Internet, que necessitam que o usuário tenha acesso direto banda larga à Internet, utilizam o serviço similar de transferência de voz para terminais de telefones de empresas locais, que transformam a mesma comunicação de voz para VoIP, transmitindo-a a baixo custo pelas conexões digitais da Internet até ser reconvertida no terminal de outro número de telefone em que o valor for menor, para que seja enviada para o telefone do destinatário.

Desse modo, a diferença fundamental entre os judeus ortodoxos que obedecem às normas do Rabino G e os demais consiste em que os primeiros utilizam obrigatoriamente um intermediário entre eles e o serviço VoIP, pois todos, através de um provedor ou através da conexão banda larga com a Internet, têm suas vozes transmitidas em VoIP.

Isto tudo para que os integrantes da comunidade do Rabino G não tenham acesso direto à Internet. Mas também para que eles paguem pelas suas ligações preços menores do que os cobrados pelas grandes companhias brasileiras.

Para a comunidade do Rabino G não existem discussões públicas. Aqueles que não se apresentam como totalmente submissos às normas desta comunidade são tidos como pessoas que, de algum modo, não pertencem completamente ao grupo.

¹⁰⁸ A *Kesher* pertence à *Voitel Ltda* – www.voitel.com.br (informação válida e verificada em 2005-2006-até fevereiro de 2007).

6.4 AUTORIDADES JUDAICAS ORTODOXAS PAULISTANAS E OUTRAS COMUNIDADES JUDAICAS ORTODOXAS NO EXTERIOR

As autoridades judaicas ortodoxas paulistanas aqui pesquisadas apresentaram posições que oscilam entre o Judaísmo Ultra-Ortodoxo, caracterizado pela aversão a tudo que representa o mundo exterior à própria comunidade, e posições judaicas ortodoxas mais complacentes, que admitem com mais facilidade o uso de tecnologias e a inclusão de seus integrantes em ambientes sociais não judaicos.

Entre as autoridades rabínicas paulistanas entrevistadas não houve nenhuma que pudesse ser reconhecida como uma autoridade judaica ortodoxa centrista, que defenda a cartilha educacional aberta ao aprendizado das novas tecnologias, integrado aos estudos doutrinários judaicos ortodoxos.

As comunidades dos Rabinos A, B, da comunidade de Ratzfert, G e parte das comunidades dos Rabinos F e dos Rabinos C e D são semelhantes às de outros ambientes conhecidos como ultra-ortodoxos. Por exemplo: 1) Regiões de residentes judeus ortodoxos e ultra-ortodoxos no bairro do Brooklyn em Nova York;¹⁰⁹ 2) Bairros com aglomerações residenciais de judeus ortodoxos e ultra-ortodoxos em cidades européias;¹¹⁰ 3) O bairro judaico ultra-ortodoxo de Mea Shearim em Jerusalém; 4) A cidade israelense judaica ultra-ortodoxa de Bene-Brak; 5) Algumas cidades judaicas ultra-ortodoxas recentes como Beitar Illit, próxima a Jerusalém.

Tanto estas autoridades rabínicas da comunidade judaica ortodoxa paulistana como outras autoridades judaicas ortodoxas e os conselhos populacionais¹¹¹ e prefeituras das novas cidades judaicas ultra-ortodoxas israelenses, como Beitar Illit, vetam a instalação da infra-estrutura apropriada

¹⁰⁹ Williamsburg, Crown Heights, Borough Park e Flatbush.

¹¹⁰ Bairro de Stanford Hill em Londres com várias comunidades judaicas ultra-ortodoxas, comunidades judaicas ultra-ortodoxas em Bruxelas, comunidades judaicas ultra-ortodoxas na Antuérpia, etc...

¹¹¹ *Vaadat Halchluss*, do hebraico: Conselho Habitacional, que consiste em uma comissão de residentes de uma determinada região (comissão de representantes de uma determinada população), que tem entre suas obrigações institucionais o dever de determinar quem é aceito para residir no local e de autorizar transferências de alunos entre as escolas sob sua jurisdição e outras jurisdições.

para a transmissão e recepção de Internet e/ou televisão a cabo¹¹² para os membros de suas comunidades.

Interessante constatar que nos prédios destas regiões israelenses os construtores colocam barbantes ao invés de cabos nos tubos que descem do telhado ou que chegam a cada residência diretamente do lugar projetado para a instalação de alguma antena ou do equipamento receptor de serviços de comunicação digital. Estas e outras situações prosaicas servem como exemplo da mentalidade provinciana e localista de algumas comunidades judaicas ultra-ortodoxas.

Contudo, à medida que a infra-estrutura para antenas e a implantação de cabos óticos vão se tornando elementos obrigatórios em todas as unidades de construção das civilizações modernas, e a inclusão tecnológica de equipamentos de última geração com acesso a uma conexão de Internet se torna pré-requisito para efetuar declarações de impostos, envio de relatórios e pagamento de contas, a interação digital se torna uma realidade obrigatória.

Em um contexto avançado de inclusão tecnológica e integração econômica visado pela sociedade global, as autoridades judaicas ortodoxas que não viabilizam a interação direta na Internet dos integrantes de suas comunidades levarão estas pessoas a frequentar filas de uma quantidade cada vez menor de agências de atendimento presencial ao público das mais diversas entidades. Sem condições de pagar pelos serviços de intermediários, elas irão se juntar à aglomeração dos outros destituídos e excluídos do acesso à Internet.

Nesta pesquisa foi constatado que a aversão a jornais, rádios, televisão e a todos os meios de comunicação públicos e inclusive à Internet é enfaticamente pregada tanto pelas autoridades rabínicas ortodoxas israelenses quanto pelas paulistanas. Disso resulta que, na comunidade judaica ortodoxa em geral, em todo o mundo, principalmente nas comunidades judaicas ortodoxas centristas radicais e nas comunidades ultra-ortodoxas, em graus variados de acordo com o nível de ortodoxia, quem quer assistir a qualquer

¹¹² A prefeitura da cidade de Beitar Illit vetou a instalação da infra-estrutura dos cabos do servidor de Internet e televisão a cabo HOT em todo o seu município.

programa televisivo ou navegar na Internet tem que apresentar pretextos plausíveis perante os membros de sua própria comunidade. Esta atitude é parte dos cuidados tomados pelos indivíduos para evitar a rejeição de sua comunidade.

No decorrer desta pesquisa foi apurado, por meio de relatos pessoais de indivíduos da comunidade judaica ortodoxa que se encontram em Israel, nos EUA e no Brasil, que os usuários virtuais judeus ultra-ortodoxos executam da forma mais discreta possível sua inclusão na Internet. Isto é, se parte deles não efetua mesmo suas atividades virtuais longe dos olhos dos integrantes de suas comunidades.

Estes navegadores virtuais judeus ultra-ortodoxos explicam que, se são flagrados assistindo qualquer material não aprovado pelas suas autoridades rabínicas ou se são tomados como internautas que não apresentaram uma justificativa religiosa cabível, passam a ser considerados pessoas menos religiosas ou problemáticas. E temem ser sumariamente rotulados como indivíduos doentes ou depravados.

Não houve um rabino, dos ambientes mais ultra-ortodoxos até os menos ortodoxos citados nesta pesquisa, que não tenha permitido que crianças e adultos, independentemente do sexo e da idade, com dificuldades reais de inclusão social sejam beneficiados por aulas e terapias em que são necessários programas de computador.

No campo do desenvolvimento pessoal através de programas de computador, constatou-se que é mais comum um monitor do mesmo sexo sem formação profissional orientar uma criança judia ultra-ortodoxa na utilização de programas digitais com fins didáticos do que um especialista de sexo oposto administrar presencialmente a mesma prática.

Nas comunidades que dividem as suas atividades sociais e seus ambientes de acordo com o sexo, como os ambientes judaicos ortodoxos, podem ser observadas mais facilmente as diferenças entre a inclusão digital masculina e a feminina.

Entre os jovens integrantes homens da comunidade judaica ultra-ortodoxa é comum que circule informalmente, ou sem o conhecimento dos rabinos, cópias de jogos eletrônicos e arquivos de filmes de lutas sem figuras femininas, sendo bem mais raros os programas em que elas aparecem. Esta seleção demonstra que os meninos, que não assistem filmes românticos, se excitam com confrontos violentos de lutadores projetados pelos produtores de videogames e filmes. Diferentemente, as meninas, que aprendem a editar textos, figuras, fotos e apresentações nas suas escolas, geralmente se ocupam em comunicar-se com as amigas, em procurar filmes judaicos, românticos não judaicos e jogos.

Na capital paulista o Rabino C é o único rabino que, apesar de pregar contra o consumo de produtos e valores considerados profanos da Internet e de não acessá-la pessoalmente com facilidade, tem em sua comunidade muitos integrantes que discutem assuntos relacionados ao mundo em geral e à cibercultura, fora do campo religioso, e não se sentem rejeitados por isto. Esta postura faz com que judeus próximos à ortodoxia judaica que chegam a conhecer presencialmente membros desta comunidade – já que o este rabino e a sinagoga *Abyr Yaacov* freqüentada por estas pessoas não se encontram representados na Internet – passem com mais facilidade a frequentar suas atividades.

7 EDUCAÇÃO JUDAICA ORTODOXA PAULISTANA E CIBERCULTURA

O termo cibercultura designa um conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos e costumes dos usuários das redes de comunicação digital. Pode-se dizer que a cibercultura representa o complexo de atividades, instituições, padrões sociais, criação e difusão das belas-artes, ciências e afins da sociedade pós-moderna.

A cibercultura surgiu como um produto da revolução científica iniciada no século XVII, envolvendo valores como o racionalismo, humanismo e individualismo em detrimento da fé, misticismo, intuição ou revelação religiosa. Todos esses fatores resultaram na assunção da razão como a nova soberana do mundo ocidental, o que possibilitou ao homem moderno e ao seu descendente almejar conhecer, entender e dominar o universo.

O caráter universal do humanismo propicia que todas as comunidades locais possam ser entendidas como fragmentos da sociedade global que é a sociedade pós-moderna. Em acréscimo, o desenvolvimento do humanismo, aliado aos princípios de cidadania, torna possível que cada pessoa seja reconhecida individualmente como parte da sociedade.

Quanto ao desejo de domínio e conhecimento do homem pós-moderno, podemos citar muitas formas de investimento em estudos, análises e pesquisas científicas que visam conhecer a interação dos mais diversos elementos da complexidade universal, com o objetivo de aplacar a inquietação resultante da insegurança humana e auxiliar na previsão e no controle das mais adversas circunstâncias.

A partir do momento em que a cultura não é mais um privilégio de monarquias e de elites, com a cada vez maior disponibilidade de acesso aos mais variados provedores de informações, e os Estados respondem pela ordem e segurança em seus territórios, os órgãos governamentais são responsáveis por assegurar a supervisão da qualidade do meio ambiente e fiscalizar a legalidade das atividades executadas sob a sua jurisdição e a formação profissional das pessoas.

No campo da educação moderna muitos dos novos programas de ensino procuram introduzir metodologias pedagógicas cujos objetivos são criar condições para que todos os estudantes possam desenvolver suas próprias habilidades e cada um deles possa adquirir orientação, capacidade, estímulo, curiosidade e autonomia para assimilar conhecimentos, interagir e se integrar tanto em ambientes reais quanto virtuais. Mas esta formação que incentiva o autodidatismo e a independência não diminui de modo algum a responsabilidade de um Estado soberano de avaliar os conhecimentos e habilidades das pessoas que autoriza a exercer determinadas práticas e profissões.

À medida que as tecnologias digitais se desenvolvem, elas vão sendo inseridas em todos os ambientes e incorporando mais informações. Aos olhos dos incautos o complexo de informações digitais assemelha-se a um mar agitado no qual pessoas podem se comunicar e executar novas práticas. Quando há privacidade de acesso, os usuários se sentem livres para interagir, mesmo que somente com uma ínfima parte de um universo de informações antes indisponíveis. Apesar da extensão do ciberespaço, sabe-se que existe possibilidade de controle na Internet, na medida em que o número do computador, as conexões utilizadas e a localização podem ser rastreados em questão de minutos através dos registros armazenados na memória dos provedores dos serviços.

Para Neil Postman (1994:79-98), no momento em que a sociedade for dominada por decisões tomadas com base em análises de dados computadorizados e não mais de acordo com a hierarquia de valores dos antigos padrões morais, individuais ou locais, ela se encontrará em um estado que pode ser denominado como "tecnopólio". Trata-se do estágio em que as decisões são tomadas em favor de interesses globais. Os interesses das autoridades locais ou as hierarquias teocráticas podem entrar em conflito com tal sistema.

No tecnopólio surge o perigo da crença de que o conhecimento tecnológico é um elemento superior, tal como foram considerados em épocas passadas os saberes religiosos. O fenômeno seria correlato ao das religiões

proselitistas, que catequizam, evangelizam, islamizam e se disseminam na tentativa de atrair indivíduos das mais diversas populações, a fim de controlar, dominar e harmonizar o universo de acordo com a erudição de suas próprias doutrinas.

Os valores de cidadania fazem com que as autoridades de ensino de governos locais sejam as principais responsáveis pela inclusão de todos os cidadãos em idade escolar em instituições de ensino reconhecidas pelas mesmas. E a ânsia de domínio do homem pós-moderno faz com que movimentos de elite econômica e social influenciem na elaboração do currículo escolar. Isto ocorre, inclusive, porque todos os cidadãos são vistos como potenciais usuários, consumidores de programas educacionais tanto presenciais quanto virtuais que normatizam seus comportamentos e desenvolvem suas aptidões e anseios de pertencimento social.

O sonho megalomaniaco e monopolista de culturas dominantes que incutem convicções doutrinárias absolutas é posto em xeque nas teorias de Edgar Morin (2005:37, 73, 101), que defende que os educadores devem estar cientes da incerteza permanente do mundo. Segundo Morin, o futuro é incerto, mas esta não é uma incerteza absoluta, pois sempre navegamos num oceano de incertezas em meio a arquipélagos de certezas locais. Ademais, os educadores, através do amor pela matéria que ensinam, são responsáveis por se auto-educar na abertura de seus programas disciplinares, educando-se e educando para a complexidade.

Quanto à midiaticização da sociedade, Morin afirma que a privação do saber é muito mal compensada pela vulgarização do acesso aos conteúdos da mídia, que coloca na ordem do dia o problema histórico-chave da democracia cognitiva. A questão é que a cidadania não pode ser confundida com a mundialização tecnoeconômica.

Alison Armstrong & Charles Casement (2001:190) lembram que Howard Gardner considera que uma boa educação deve abranger o desenvolvimento das múltiplas inteligências, espacial, musical, corporal-cinestésica, interpessoal e intrapessoal, engajando toda a criança, oferecendo-lhe um currículo rico e mais desafiador.

Para Peter Mittler (2003) e Mônica Pereira dos Santos (2006), a educação inclusiva, ou a inclusão em educação, deve atingir todas as pessoas, independentemente de suas diferenças individuais, culturais, ou deficiências físicas e mentais, fazendo com que todos possam receber, teoricamente, amparados nas mais diversas técnicas, programas e tecnologias, as melhores condições para o seu desenvolvimento pessoal.

A educação judaica ortodoxa se fundamenta em princípios doutrinários de autoridade e princípios teocêntricos de temor e obediência às leis religiosas, vistas como decretos ditados pela força que criou o universo e supervisiona e controla cada um de seus elementos. Quanto mais restrito o programa educacional ao estudo da doutrina rabínica, maior o número de produtos culturais externos à metodologia desse estudo definidos como influências proibidas. A inclusão na rede global de conhecimentos e a universalização de valores culturais são entendidas como práticas e conceitos heréticos.

Mesmo que as instituições ultra-ortodoxas e as mais ortodoxas sejam as entidades mais fechadas e as menos ortodoxas sejam mais abertas às influências externas e mesmo admitindo que as vertentes mais ortodoxas consideram que os elementos externos devem em tese ser evitados, somente a corrente judaica ortodoxa centrista tem como ideal integrar os avanços e informações do conhecimento tecnológico global em seus programas curriculares.

Conseqüentemente, as instituições judaicas ortodoxas centristas são aquelas cujo corpo docente tem a obrigação de se manter atualizado, de estar integrado em ambientes onde são divulgadas pesquisas e informações de fontes acadêmicas reconhecidas globalmente. Por exemplo, nestas instituições de ensino é exigido que a orientadora pedagógica se mostre competente para discutir o programa escolar utilizando referências acadêmicas de Piaget a Howard Gardner. Isto porque, geralmente, parte dos pais que matriculam seus filhos nestas instituições, assim como as entidades associadas a elas, cobra dos seus administradores e diretores um programa que demonstre eficiência escolar tanto nos estudos não judaicos, quanto nos estudos judaicos ortodoxos.

As instituições judaicas ortodoxas centristas são também as mais propensas a utilizar novas tecnologias, a acessar a Internet e a criar alianças com entidades virtuais de educação à distância não judaicas para compor seus currículos escolares.

As novas tecnologias são admitidas também nos programas curriculares de instituições judaicas ultra-ortodoxas, na hipótese de que suas autoridades institucionais não vejam risco para os estudos doutrinários ou contradição com sua posição identitária. Assim, tais instituições podem fazer alianças com fornecedores de programas educacionais para computadores que não estejam em conexão aberta com a Internet.

Contudo, a questão não é o uso do computador e da Internet. O verdadeiro conflito de interesses encontra-se na inclusão dos conhecimentos externos à doutrina no programa de estudos, que se torna mais restrito pelo menos nas instituições de ensino ultra-ortodoxas masculinas cujos alunos estão na faixa etária acima de 13 anos. Muitas destas instituições preenchem a carga horária dos alunos com mais de 13 anos com uma média de mais de oito horas de estudo presencial por dia letivo dedicadas às disciplinas da doutrina judaica.

As instituições de ensino judaicas ortodoxas paulistanas examinadas nesta pesquisa são todas regulamentadas e reconhecidas pelo Ministério da Educação e Cultura do governo brasileiro. Contudo, assim como muitas outras instituições de ensino regulamentadas país adentro, cada instituição, imbuída de sua cultura local e com suas circunstâncias físicas e sociais, tem a liberdade de escolher as prioridades do seu programa de ensino e a medida de inclusão tecnológica, interação e integração nos mais variados ambientes sociais presenciais ou virtuais.

O fato de, no Brasil, uma instituição de ensino presencial, no caso das escolas de ensino fundamental e médio, ou uma instituição de ensino à distância ser autorizada e reconhecida por órgãos governamentais da área de educação não significa necessariamente que ela ministre suas disciplinas com qualidade.

A independência de cada entidade no que diz respeito à qualidade do seu programa de ensino e à realização de suas próprias provas oficiais para a conclusão de curso pelos estudantes faz com que os exames estatais de avaliação de conhecimentos dos estudantes por disciplinas possam servir como instrumento normatizador do nível de qualidade exigido, principalmente, no programa das disciplinas relacionadas às competências básicas necessárias para a inclusão dos estudantes na sociedade. A realização de tais exames não impede que as mais diversas instituições de ensino brasileiras continuem tendo a liberdade de enfatizar seus interesses culturais por meio de estudos doutrinários, propostas sociais comprometidas com o desenvolvimento de determinados tipos de profissionais ou com o enfrentamento de certas dificuldades ambientais, sempre mantendo o compromisso de formar cidadãos dentro das normas exigidas pelo Estado vigente.

Após a idade escolar, que pode estender-se ilimitadamente, os judeus ultra-ortodoxos podem se matricular em cursos de entidades não judaicas, por necessidades profissionais. Esta inclusão pode ser dolorosa, por causa das deficiências da formação anterior. O estudante pode não ter cumprido as exigências mínimas institucionais para concluir o ensino fundamental e/ou o ensino médio regulamentado e pode apresentar insuficiência de conhecimentos formais.

A seguir são apresentadas as respostas aos Questionários para a Direção das Escolas (QDE), que demonstram a medida da inclusão do computador e da Internet nas instituições de ensino pesquisadas, na data em que os questionários foram aplicados. As informações sobre o uso de tecnologias, computadores e Internet obtidas nos questionários são referentes à área pedagógica e não à parte administrativa escolar.

7.1 INSTITUIÇÃO FEMININA DE ENSINO ESCOLA(1)

A instituição feminina de ensino *Escola(1)* possuía computadores com acesso à Internet nas salas da secretaria. Estes computadores eram utilizados

somente na parte administrativa da escola e o corpo docente da instituição era proibido de utilizá-lo.

O QDE foi respondido no dia **04 de novembro de 2004** pela diretora pedagógica e pela professora de computação e responsável pela contabilidade da instituição.

Esta instituição de ensino contava com uma sala de computadores para estudantes com 6 computadores com caixas de som e sem microfones em rede e sem acesso a Internet, 3 impressoras, 1 escaneador e nenhum data-show.

Os softwares informados foram o Windows 98, o Microsoft Office XP, Quicken e Adobe. Nesta escola não eram utilizados programas de pesquisa, não havia enciclopédias, filmes ou jogos pedagógicos. As disciplinas que utilizavam computadores eram Informática, Inglês, Fotografia e História. As professoras necessitavam requisitar horário para o uso da sala de computadores e as alunas só podiam utilizá-los no horário da aula. Tanto as professoras quanto as alunas eram proibidas de acessar a Internet na escola e de citá-la como referência.

Foi respondido que existiam regras das autoridades rabínicas quanto ao uso dos meios de comunicação, do computador e da Internet e que, apesar de a escola não ter um regulamento escrito sobre estas atividades, as alunas não podiam freqüentar cinemas, não podiam assistir televisão e não deviam usar a Internet para nenhum objetivo, mesmo que suas famílias agissem de modo diferente. Foi informado que as alunas na escola desfrutavam dos programas Office, não utilizavam jogos nem assistiam filmes e, obviamente, não acessavam a Internet e que a supervisão e o controle destas atividades competiam à diretora. Assim, as professoras podiam apresentar material audiovisual e programas multimídia previamente autorizados pela diretora.

Foi ressaltado que na escola os meios de controle físico e operacional do uso dos computadores eram a senha de acesso e a proibição oral já mencionada.

7.2 INSTITUIÇÃO FEMININA DE ENSINO ESCOLA(2)

Na instituição feminina de ensino *Escola(2)* não havia computadores com acesso à Internet. Contudo, no edifício da instituição masculina que integra a entidade de ensino *Escola(2)* encontravam-se, no escritório administrativo, computadores com acesso à Internet, mas os professores e estudantes eram proibidos de utilizá-los.

O QDE foi respondido no dia **15 de dezembro de 2004** pela responsável pela área de Informática do currículo escolar de ambas as instituições de ensino da entidade da *Escola(2)*.

Não foi relatado o número de computadores, mas sim que eles não tinham conexão com a Internet, caixas de som, microfones ou impressoras, e não havia na instituição um escaneador nem um data-show.

Os softwares informados foram o Windows, o Microsoft Office, Photoshop, Corel Draw, Kid Pix. Não foi respondido se eram utilizados programas de pesquisa, enciclopédias, filmes, mas, sim, que eram utilizados jogos pedagógicos para matemática e lógica e os estudantes aprendiam a utilizar os programas Word e Excel em aulas de 45 minutos ministradas semanalmente para cada uma das séries.

Foi confirmado que na instituição ocorria a instrução de regras para o uso do computador e da Internet por algum rabino. Era proibido o acesso à Internet e cabia à direção da escola responder sobre a existência de um regulamento e sobre as técnicas de controle do uso dos meios de comunicação, do computador e da Internet na escola e fora dela. Os professores podiam executar apresentações multimídia e audiovisuais previamente autorizadas pela direção da escola.

Foi declarado que o controle do uso dos computadores na escola é feito com a presença obrigatória de um professor responsável que monitora as atividades.

7.3 INSTITUIÇÃO FEMININA DE ENSINO ESCOLA(3)

A instituição feminina de ensino *Escola(3)* era administrada conjuntamente com uma instituição de ensino infantil masculina e tinha uma página na Internet, a qual até o momento em que os questionários desta pesquisa foram aplicados exibia o aviso de que se encontrava em construção.¹¹³

A instituição feminina de ensino *Escola(3)* respondeu a duas cópias do QDE. A primeira cópia foi respondida no dia **05 de novembro de 2004** pela responsável pelos computadores e pela disciplina de computação da instituição e a segunda cópia foi respondida no dia **22 de fevereiro de 2005** pelo diretor pedagógico da área de hebraico.

Quando as cópias do QDE foram respondidas, a instituição proporcionava acesso à Internet para todos os computadores dos escritórios de sua área administrativa, para os computadores de sua diretoria pedagógica, para os terminais das coordenadoras das disciplinas laicas e das coordenadoras da área de hebraico e para um único terminal na sala das professoras.

No segundo semestre de 2005 foi retirado o terminal das professoras sob a alegação de que tal medida representaria o cumprimento da regra contra o uso da Internet do Rabino Shamai Ende,¹¹⁴ um dos líderes do *Movimento Chabad Lubavitch* paulistano. Esta atitude fez parte de uma manobra do diretor pedagógico da área de hebraico, que destituiu coordenadoras, retirou liberdades, direitos e a autonomia do corpo docente tanto da área de hebraico quanto das disciplinas regulares para elaborar e executar as atividades do programa escolar.

Os entrevistados relataram que a sala de computadores para as alunas tinha 12 terminais e que a escola tinha um total de 25 computadores, com caixas de som e sem microfones. Na sala de computadores para as alunas havia 1 impressora, 1 data-show e rede interna sem acesso disponível à

¹¹³ Informação válida em outubro de 2004.

¹¹⁴ Documento *Devar Halachá* que se encontra nos anexos desta tese.

Internet. A instituição possuía um total de 4 impressoras, 1 escaneador e rede interna com conexão com a Internet.

Os programas operacionais informados foram o Windows e o Office. A professora não informou se eram utilizados programas de pesquisa e enciclopédias digitais e respondeu que não eram apresentados filmes e que eram utilizados vários jogos pedagógicos. O ensino médio utilizava o programa CABRI de trigonometria uma vez por semana e os computadores eram utilizados pelas alunas esporadicamente para a disciplina de Ciências na 5ª série, para a disciplina de Inglês e para a disciplina de Geografia no ensino médio. Em contraste, o diretor respondeu que, sim, eram apresentados filmes, mas somente filmes “hebraicos” (filmes da área de hebraico autorizados por ele¹¹⁵).

Foi informado por ambos os entrevistados que não existiam regras para uso dos meios de comunicação, jornais, cinema, TV, vídeo, rádio, computador e Internet pelas alunas fora da escola. Tal informação revelou pleno desconhecimento do regulamento assinado pelo próprio diretor e distribuído todos os anos antes do início das aulas. E é no próprio boletim informativo do ano de 2004, assim como nos boletins dos anos seguintes, que se encontra escrito:

"É proibido participar de apresentações e programas diversos que não sejam adequados ao espírito da escola. A aluna deve pedir opinião clara da diretoria da escola em relação a cada evento! É proibido ir ao cinema e ao teatro. É proibido ler jornais, revistas ou livros que não sejam adequados ao espírito da escola. Não deve ouvir ou assistir programas de rádio ou de televisão."

Os entrevistados responderam que os professores da escola não podiam requisitar o uso da Internet pelas estudantes, contudo, afirmou o diretor, as alunas podiam utilizá-la se as famílias autorizassem. Na escola, as alunas desfrutavam do programa Office, jogos pedagógicos, assistiam filmes hebraicos e não podiam acessar de modo algum a Internet, já os professores

¹¹⁵ Esta afirmativa foi adicionada aqui pela pesquisadora. Isto porque o diretor repetiu oralmente inúmeras vezes que somente os filmes hebraicos que ele sabe que autoriza podem ser apresentados nesta instituição de ensino.

podiam apresentar trabalhos multimídia e audiovisuais na escola com a permissão do diretor.

O meio de controle dos computadores nesta instituição, informado pelos entrevistados, é manter a sala de computadores sempre trancada quando não há uma professora responsável com as alunas.

7.4 ESCOLA(4)

A *Escola(4)* disponibilizava uma página na Internet, que oferece acesso às suas informações institucionais.¹¹⁶ Esta escola oferecia acesso à Internet tanto para o seu corpo administrativo quanto aos seus docentes e estudantes.

Esta instituição de ensino respondeu a duas cópias do QDE. As duas cópias foram respondidas no dia **08 de novembro de 2004**. A primeira foi respondida pela coordenadora de informática e a segunda pelo diretor da área judaica.

Os entrevistados declararam que existiam na escola dois laboratórios, um com 19 micros e o segundo com 13, todos com caixas de som, microfones e conectados a 4 impressoras e um escaneador, das 14 impressoras e três escaneadores da entidade. A escola contava então com dois aparelhos de data-show e conexão com a Internet por banda larga da Telefônica.

Foi informado que o Windows 98 e XP eram utilizados como sistemas operacionais e os programas operacionais eram o Office e o Antivírus, além dos jogos pedagógicos. Foi relatado que não eram dadas aulas fixas de informática e os laboratórios ficavam disponíveis para o agendamento das aulas dos professores de todas as disciplinas através de um planejamento prévio com a coordenadora de informática. Todas as séries do maternal II até a 3ª série do ensino médio utilizavam os computadores como apoio didático em algumas de suas disciplinas e era bloqueado o acesso a salas de bate-papo, jogos, programas de conversa como o Messenger da MSN, o ICQ e o Skype e

¹¹⁶ <http://www.iavne.com.br>

assuntos pornográficos e não existiam regras quanto ao uso dos meios de comunicação pelos alunos fora da escola.

Os entrevistados afirmaram que na escola os professores pesquisavam em enciclopédias digitais e na Internet, apresentavam material multimídia e audiovisuais e o uso dos computadores e da Internet pelos alunos era livre no caso de atividades avaliadas pela coordenação como pedagógicas.

Nesta instituição, que liberava o uso dos computadores e da Internet para os estudantes no horário do intervalo, foi feita a seguinte declaração a respeito do meio de controle: "Utilizamos o programa Wingat, que possibilita bloquear sites indesejados, como os pornográficos, jogos, bate-papos..."

7.5 ESCOLA(5)

A instituição masculina de ensino *Escola(5)* tinha computadores ligados à Internet no seu escritório administrativo, na diretoria e em salas em que os terminais eram utilizados exclusivamente por professores da instituição.

Esta instituição de ensino respondeu a duas cópias do QDE. A primeira cópia foi respondida no dia **08 de novembro de 2004** pelo responsável pelo programa das disciplinas regulamentadas pelo Ministério da Educação e Cultura do governo brasileiro e a segunda cópia foi respondida no dia **10 de novembro** pelo diretor da entidade.

Pelo fato de esta instituição funcionar em sistema de internato, alguns alunos que contavam com a permissão do diretor haviam trazido naquele ano computadores portáteis para os seus dormitórios; mas todos eles eram terminantemente proibidos de usá-los nos dormitórios para acessar a Internet.

Esta instituição tinha 14 computadores para os estudantes, com caixas de som e cinco microfones, tinha 7 impressoras, 1 escaneador, não tinha data show, tinha 4 redes internas e 3 computadores que acessavam a Internet.

O sistema operacional informado foi o Windows XP – Profissional e o Windows 98 e os programas utilizados eram o Word, o Excel, o Photoshop, o

3D, o Power Point, o Corel Draw, o Front-Page e o W.Pad. A instituição não tinha enciclopédias digitais ou filmes, mas tinha os jogos digitais xadrez, futebol e tênis. Eram ministradas duas aulas semanais de computação para a sétima e para a oitava série do Ensino Fundamental, no 1º ano do Ensino Médio era ensinado como utilizar o programa 3D e o programa Corel Draw era ensinado a todos os estudantes do Ensino Médio. A sala de computadores era utilizada também pelas disciplinas Português, Matemática, Inglês, Geografia e Educação Artística.

Quanto às regras para o uso de computadores na escola, os entrevistados responderam que o uso é livre no horário de aula e que os alunos podem utilizá-los três noites por semana. O responsável pelas disciplinas regulares afirmou que o uso da Internet na escola pelos professores é livre e para os alunos é proibido. Contraditoriamente, o diretor afirmou que a Internet é utilizada na escola pelos professores e pelos alunos no horário de aula. Esta contradição ocorreu porque o diretor permitia que os alunos que necessitassem acessar a Internet utilizassem o computador ao lado da secretária da diretoria do ensino judaico.

O responsável pelas disciplinas regulares respondeu que a instrução ou instituição de regras ou regulamento para o uso do computador e da Internet dentro e fora da escola cabia a algum rabinato ou rabino. O diretor negou essa afirmação, mas constatou que sempre deve ser feita uma avaliação prévia do que pode ser utilizado e que os professores podiam apresentar programas multimídia e audiovisuais.

O controle do uso do computador e da Internet na escola, segundo o seu diretor, é feito através do provedor do serviço de Internet. E quando interrogado, então, sobre que provedor ou programa de controle havia sido instalado, disse: "É 'a gente' que verifica se é permitido".

7.6 ESCOLA(6)

A instituição masculina de ensino *Escola(6)* possuía computadores ligados à Internet na diretoria, na secretaria e em salas utilizadas

exclusivamente por rabinos que lecionam nesta entidade. O acesso à Internet ocorria através da companhia telefônica e de um provedor de Internet através do equipamento de acesso sem fio que se encontrava na secretaria do edifício escolar.

O então recém-admitido coordenador pedagógico foi responsabilizado por um dos diretores, o diretor responsável pelo programa de estudos, para responder ao QDE, aplicado nesta instituição no dia **08 de novembro de 2004**.

Esta instituição de ensino possuía 5 computadores com caixas de som e microfones, duas impressoras, 1 escaneador, não possuía rede interna e o acesso à Internet ocorria pelo seu sistema sem fio que se encontrava na secretaria da instituição.

O sistema de operação declarado foi o Windows e o programa mais utilizado, o Office. A pesquisa para os professores na Internet era livre e ainda não tinham sido estipuladas regras para os alunos.

Sobre as regras quanto ao uso dos meios de comunicação, do computador e da Internet pelos alunos fora da escola, o coordenador registrou: "Não é permitido ler jornais, ir ao cinema, assistir televisão, vídeo e escutar o rádio", mas assinalou "OK" quanto ao uso do computador e da Internet e não citou nenhuma regra para o uso destes. Disse também que eram tomadas todas as medidas possíveis para controlar o uso dos meios de comunicação pelos alunos dentro e fora da escola.

Durante o horário letivo os professores podiam pesquisar em enciclopédias digitais e na Internet e apresentar material multimídia e audiovisual. O coordenador afirmou ter um projeto em que os alunos teriam que utilizar os programas de pesquisa na Internet, como o Google, e que a supervisão rabínica é que determinaria o meio de controle do uso de computadores.

Assim o coordenador resume as atividades dos alunos em 2007: "Exercitam e aprendem a utilizar processadores de textos e outros programas básicos de informática de acordo com os objetivos educacionais do programa

de ensino e com as normas traçadas pelos líderes desta instituição." Isto é, sem de modo algum acessar a Internet.

7.7 INSTITUIÇÕES DE ENSINO JUDAICAS ORTODOXAS PAULISTANAS E SUAS SIMILARES NO EXTERIOR

As instituições de ensino judaicas ortodoxas paulistanas examinadas nesta pesquisa encontram entidades similares no exterior, equivalentes tanto no que se refere aos seus programas de ensino e ao reconhecimento legal destes, quanto no nível de inclusão de equipamentos tecnológicos em seus ambientes. Existe, porém, uma grande diferença na exclusão voluntária, ou seja, na escolha de não participar dos ambientes culturais públicos virtuais ou presenciais. Tal padrão de exclusão voluntária é seguido pela maioria dos integrantes das instituições de ensino judaicas ultra-ortodoxas israelenses, ao contrário do que ocorre em instituições congêneres em outros países.

Todas as instituições de ensino judaicas ortodoxas paulistanas que fizeram parte desta pesquisa são entidades particulares com programas de estudos regulares devidamente reconhecidos pelas secretarias de educação do Ministério da Educação e Cultura do governo brasileiro. A inclusão digital e a interação nos espaços de domínio público na Internet por parte destas instituições de ensino paulistanas podem ser resumidamente representadas pelos seguintes dados: 1) A *Escola*(4) tem diversos emails para os seus departamentos e funcionários e disponibiliza informações ao público sobre a sua história e as atividades de sua instituição no seu provedor próprio, o domínio na Internet; 2) A direção da *Escola*(3) e a sua entidade gêmea masculina, têm o seu próprio provedor na Internet, o domínio virtual, que oferece um único email para a secretaria administrativa de ambas as instituições, alguns emails para os rabinos que fundaram e dirigem as duas instituições e, em 2005, apresentava o seu nome e a mensagem de site em construção na página inicial – aliás esta página não se encontra mais disponível ao público;¹¹⁷ 3) Em todas as outras instituições de ensino judaicas ortodoxas paulistanas que fizeram parte desta pesquisa, a secretaria

¹¹⁷ Informação válida em 02 de maio de 2007.

administrativa, ou pelo menos um representante responsável de cada instituição utiliza um email oficial, mesmo que este não pertença a um domínio virtual particular da própria instituição, mas seja um serviço oferecido por um domínio público como o "hotmail.com", o "yahoo.com" e o "walla.com" entre outros.

Neste âmbito, as instituições de ensino paulistanas pesquisadas são semelhantes a outras instituições de ensino de mesma tendência religiosa na região de Crown Heights, de Borough Park, no bairro do Brooklyn, na cidade de Nova York, e em Los Angeles, nos EUA.¹¹⁸ São semelhantes também às instituições congêneres em Montreal e em Toronto, no Canadá, e em Londres, na Inglaterra. Todas estas instituições similares oferecem programas de estudos reconhecidos pelos órgãos governamentais da educação e cultura de seus próprios países e apresentam um padrão semelhante de inclusão digital, em relação ao uso de tecnologias, dos computadores, seleção dos terminais no ambiente escolar que devem receber conexão com a Internet e interação na Internet. Além disso, todas estas instituições de ensino no exterior apresentaram métodos de controle do uso dos computadores e de acesso e navegação na Internet semelhantes aos das suas similares brasileiras.

A semelhança entre estas instituições de ensino judaicas ortodoxas nos EUA e no Brasil demonstra que a participação dos estudantes em domínios públicos culturais com objetivos escolares, em ambos os países, tende a ser maior quando o nível de ortodoxia judaica da instituição é menor. Pois quanto menor o nível de ortodoxia da instituição, mais requisitada é a pesquisa livre de informações complementares ao conteúdo do material didático selecionado ou editado pela própria instituição para as disciplinas regulares de seu programa letivo. Ou seja, a ortodoxia judaica e a rejeição de usufruir de conteúdos de ambientes culturais públicos virtuais ou presenciais são menores nas instituições de ensino judaico ortodoxo que orientam seus estudantes para

¹¹⁸ Estas informações foram coletadas em entrevistas com as diretoras das instituições de ensino do *Movimento Chabad Lubavitch* e de escolas judaicas ortodoxas asquenazitas frequentadas por membros do *Movimento Hassídico Satmer* nas cidades citadas e nas apresentações dos trabalhos destas diretoras na *International Conference of Shluchos* de 11-16 de fevereiro de 2004 pelo *Lubavitch World Headquarters* no bairro de Crown Heights no Brooklyn em Nova York – EUA.

efetuar pesquisas em ambientes culturais públicos, preparando-os para ingressar em universidades e ambientes de qualidade acadêmica reconhecida.

A constatação de que um maior grau de ortodoxia judaica implica uma maior exclusão dos ambientes culturais públicos não é óbvia ou absoluta como pode parecer. Isto porque os judeus ortodoxos centristas, que são aqueles que prezam se integrar nos ambientes públicos, mas estritamente de acordo com a doutrina judaica, terminam muitas vezes por se incluir em um número maior destes ambientes do que os judeus menos ortodoxos do que eles.

Esta diferença ocorre na medida em que a seleção de atividades pelos judeus ortodoxos centristas é maior, mas, ao mesmo tempo, a quantidade de ambientes culturais públicos freqüentados por eles não necessariamente é menor do que a de ambientes freqüentados por judeus menos ortodoxos. Isto é importante para que se saiba que algumas escolas judaicas ortodoxas centristas, como a *Escola*(4), orientam seus estudantes sobre como interagir e apontam as atividades e ambientes públicos de que estes devem participar, contratando, inclusive, cursos preparatórios para exames de admissão no ensino superior de boas faculdades.

Desta forma, notou-se que o incentivo aos estudantes para realizar pesquisas em ambientes culturais públicos virtuais ou presenciais aumenta à medida que a instituição judaica ortodoxa se torna mais comprometida em prepará-los para o que pode vir após o ensino médio,¹¹⁹ como os exames oficiais, como, por exemplo, o ENEM,¹²⁰ e as provas de vestibulares, como, por

¹¹⁹ A Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei 9.394/96, confere ao ensino médio a nova identidade de educação básica. A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, inciso II do artigo 208, prevê “a progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade do ensino médio”. Mas, com a emenda constitucional nº 14/96, este inciso foi modificado para “a progressiva universalização do ensino médio”, o que confere a este nível de ensino o estatuto de direito de todo o cidadão. Contudo, a LDB reitera a obrigatoriedade do ensino médio, tornando-a uma diretriz legal mesmo que não seja mais constitucional - <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/baseslegais.pdf> - Informação válida em 02 de maio de 2007.

¹²⁰ O ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) foi criado com o objetivo de avaliar o desempenho do aluno ao final da escolaridade básica, para aferir o desenvolvimento das competências e habilidades requeridas para o exercício pleno da cidadania - <http://www.enem.inep.gov.br/> - Informação válida em 02 de maio de 2007. Porém, seu caráter é optativo, pois a Lei nº 4.024/61 habilita as escolas privadas autorizadas pelos conselhos e secretarias de ensino governamentais assim como os estabelecimentos oficiais de ensino a realizar os exames que aferem a seriação ou a conclusão dos níveis de ensino – Parecer CNE/CEB 11/2000 – Homologado.

exemplo, a FUVEST,¹²¹ ou o exame oficial SAT,¹²² ou ainda o ACT.¹²³ A FUVEST é o exame oficial de admissão para cursos de ensino superior de universidades públicas que se encontram no Estado de São Paulo. O exame oficial SAT e o ACT são exames nacionais dos EUA que servem como pré-requisito para todos os estudantes do ensino médio¹²⁴ que queiram se candidatar para as avaliações e/ou entrevistas de admissão das melhores e mais conhecidas instituições de ensino superior dos EUA.

Quanto à educação em Israel, deve-se saber que o ensino fundamental e médio é um direito público garantido pelo Estado e é dever dos pais matricular os filhos e fazer com que eles freqüentem uma escola. O governo israelense paga um subsídio por cada estudante matriculado para cada instituição de ensino cadastrada nos órgãos governamentais da educação. Como esta tese verificou que os membros das instituições de ensino judaicas ultra-ortodoxas israelenses se encontram mais segregados culturalmente e isolados tecnologicamente do que os integrantes de quaisquer outras instituições de ensino judaicas ultra-ortodoxas fora do Estado de Israel, é importante saber como o governo israelense classifica cada uma das suas instituições de ensino fundamental e médio cadastradas e como se dá a interação destas entidades na rede pública virtual.

A classificação utilizada nos departamentos de educação das prefeituras dos municípios israelenses divide as instituições de ensino fundamental e médio em: 1) Escolas Públicas; 2) Escolas Públicas Religiosas e 3) Escolas Particulares cadastradas.¹²⁵ Estas escolas particulares são reconhecidas como instituições de "Educação Independente". Em acréscimo, existe uma minoria de crianças registradas nos departamentos de educação de algumas prefeituras

¹²¹ FUVEST: Fundação Universitária para o Vestibular.

¹²² SAT: <http://www.collegeboard.com/student/testing/sat/about.html>,. A inscrição nos exames oficiais do SAT pode ser efetuada on-line executando o seu pagamento com cartão de crédito. O cadastro para a inscrição pode também ser recebido pelo correio – Informação válida em 02 de maio de 2007.

¹²³ ACT: <http://www.act.org/>. A inscrição no exame ACT pode ser efetuada on-line executando o pagamento com o cartão de crédito – Informação válida em 02 de maio de 2007.

¹²⁴ A instituição de ensino paulistana *Colégio Bandeirantes* oferece o serviço de inscrição no exame oficial SAT aos seus estudantes interessados em continuar estudos acadêmicos nos EUA e orienta que estudem o material dos cursos preparatórios para este exame.

¹²⁵ Estes são os três tipos de instituições de ensino autorizados a receber o subsídio governamental para cada estudante devidamente matriculado.

como "estudantes domiciliares", isto é, que aprendem o currículo escolar em seus lares.

A inclusão tecnológica e a interação em ambientes culturais públicos virtuais e presenciais das escolas públicas religiosas judaicas israelenses são semelhantes ao que se observa nas instituições de ensino de ortodoxia judaica equivalente nos outros países. Pois, enquanto, na década de 90, as escolas públicas israelenses estavam recebendo subsídios do governo para a compra de equipamentos digitais e instalação de redes, outras instituições ortodoxas semelhantes fora de Israel começavam a adquirir os primeiros computadores para seus estudantes. Isso não significa que as escolas públicas religiosas mais próximas à ultra-ortodoxia judaica, assim como as suas equivalentes em nível de ortodoxia fora de Israel, tenham disponibilizado o acesso à Internet nos terminais para os seus estudantes.¹²⁶

Quanto à elaboração dos programas escolares e seleção do conteúdo das disciplinas religiosas e regulares, as escolas públicas israelenses diferem conceitualmente das instituições de ensino particulares. Não existem escolas públicas israelenses que possam manter as características dos programas de estudos judaicos ultra-ortodoxos, ou de qualquer outra ideologia ou religião que minimiza os estudos das disciplinas regulares em prol do programa dos estudos doutrinários.

Aliás, uma disciplina obrigatória de todas as escolas estaduais israelenses no ensino fundamental é "Cidadania". Esta disciplina, aparentemente com o objetivo de conscientizar os estudantes, incute nestes os principais valores éticos dos direitos humanos herdados do Iluminismo, dos ideais democráticos e o compromisso com as leis do Estado. Não existe a obrigatoriedade de uma disciplina sobre o desenvolvimento da sociedade ou sobre a história das religiões ou de uma determinada religião.

Na medida em que as escolas públicas religiosas judaicas israelenses e suas equivalentes fora de Israel têm o objetivo de enfatizar, no programa escolar, mais as disciplinas regulares que aliam aos conteúdos científicos

¹²⁶ Informações obtidas das escolas estaduais religiosas em bairros da cidade de Jerusalém, na região de Gush Dan e na região de Gush Etzion.

valores humanistas e noções sobre deveres civis do que as disciplinas regulares e optativas religiosas, estas entidades podem ser definidas como instituições de ensino judaico ortodoxo centrista moderado. Se a ênfase passa das disciplinas regulares para as disciplinas de religião, o ensino pode ser qualificado como judaico ortodoxo centrista mais radical.

A inclusão nos ambientes públicos virtuais e presenciais dos estudantes das escolas estaduais religiosas judaicas israelenses dá-se de modo semelhante ao de instituições de nível de ortodoxia equivalente fora de Israel. A inclusão ocorre principalmente por conta das exigências de um programa de estudos de disciplinas regulares, que prepara os estudantes para se submeterem aos exames oficiais *Mivchanei HaBagruiot*¹²⁷ do Ministério da Educação e Cultura de Israel, aplicados anualmente aos estudantes do ensino médio devidamente inscritos. Estes exames do Ministério da Educação de Israel são pré-requisito para as avaliações e/ou entrevistas de admissão para ingressar nos cursos de graduação das melhores universidades israelenses.

Esta pesquisa de doutorado verificou que todas as instituições de ensino judaicas ortodoxas pesquisadas que se comprometem a orientar seus estudantes para ingressar nos melhores ambientes acadêmicos não são instituições judaicas ultra-ortodoxas. As instituições de ensino judaicas ultra-ortodoxas se caracterizam basicamente por incentivar a maior exclusão possível dos seus membros de ambientes culturais fora de suas próprias comunidades, orientando-os a continuar seus estudos em entidades de ensino superior judaicas ortodoxas, ou a estudar para adquirir conhecimentos técnicos do campo profissional em que o estudante começou a trabalhar.

A maior exclusão de elementos estranhos às comunidades e do uso de tecnologias digitais foi encontrada, por esta pesquisa, nas instituições israelenses de ensino fundamental e médio particulares reconhecidas como "Ensino Independente". Estas, apesar de receberem verba por cada estudante matriculado, para que sejam responsáveis por ministrar as disciplinas obrigatórias do currículo escolar obrigatório, conseguem manter seus

¹²⁷ Os *Mivchanei Bagrut*, em português, Exames de Maturidade, são avaliações oficiais de conhecimentos de ensino médio. Estes exames são aplicados anualmente por representantes do Ministério da Educação e Cultura do Estado de Israel e são divididos por unidades em cada disciplina.

integrantes nos maiores níveis de exclusão tecnológica e social encontrados nesta pesquisa de doutorado.¹²⁸

Este nível de exclusão tecnológica ocorre em maior escala nas comunidades judaicas ultra-ortodoxas israelenses, que têm rabinos que proíbem completamente que os estudantes de suas instituições de ensino utilizem computadores tanto na escola, quanto em suas residências ou em qualquer outro lugar. Este isolamento cultural é facilmente constatado porque somente em Israel as autoridades religiosas judaicas ortodoxas se sentem no direito de dizer abertamente quais tecnologias e meios de comunicação desejam utilizar.

Aos integrantes destas comunidades restam as explicações de suas autoridades religiosas, que garantem que, quando se utilizam as novas tecnologias da informação, o prejuízo é maior do que o benefício. O nível de exclusão torna-se preocupante quando diretores ou professores afirmam que os seus estudantes, mesmo sem utilizar computadores, podem ter um desempenho melhor do que o dos outros estudantes em quaisquer ambientes ou comunidades, ignorando a própria eventualidade de que atualmente, fora de suas comunidades, muitos exames são realizados digitalmente e a falta de capacidade de interação com ambientes tecnológicos virtuais pode ser decisiva.

Contudo, o governo israelense defende o direito de ir e vir de cada pessoa que se encontra em situação legal em seu país, independentemente de sua estatura física, credo e cultura. Não permite o isolamento físico, a segregação cultural ou que não se possa transitar pelos bairros israelenses habitados somente por judeus ultra-ortodoxos. De modo que o convívio urbano e as obrigações com o Estado não permitem, nem em Israel, que a segregação e o isolamento total de judeus ultra-ortodoxos transformem bairros em aldeias isoladas física e tecnologicamente.

¹²⁸ Foram visitadas também escolas públicas israelenses não judaicas, mas não se teve a pretensão de analisar nesta tese o nível de segregação cultural e social destas instituições. E, não se teve conhecimento de comunidades judaicas mais isoladas culturalmente em seus países do que as comunidades judaicas ultra-ortodoxas israelenses citadas.

Mas, a exclusão tecnológica e a rejeição à Internet pela comunidade judaica ultra-ortodoxa israelense obriga seus integrantes, os diretores e representantes administrativos de suas instituições a freqüentar, presencialmente, por exemplo, as filas cada vez mais cheias de judeus ultra-ortodoxos, em um número cada vez menor de agências bancárias israelenses. Ou, ainda, há judeus ultra-ortodoxos que preferem ir ao terminal aberto ao público com acesso exclusivo ao sistema de atendimento virtual do Seguro de Previdência Nacional, para que não necessitem acessá-lo através de um terminal com acesso à Internet.

Apesar de algumas instituições de ensino judaicas ultra-ortodoxas israelenses, mais lentamente do que fora de Israel, terem começado a contratar intermediários para efetuar as suas obrigações legais através da Internet, muitos judeus ultra-ortodoxos estão entre os excluídos virtuais que formam filas nas prefeituras israelenses, para requisitar informações e na busca de um intermediário oficial para efetuar uma tarefa que pode ser executada diretamente através da Internet. Estas pessoas anseiam pelo direito de enviar um fax, ao invés de ter um email próprio e utilizar a Internet. E, obviamente, preferem pagar seus impostos e outras taxas através de boletos, ou pelo telefone com o cartão de crédito, ao invés de fazer a mesma operação através da Internet.

7.8 CIDADANIA, RELIGIÃO, AMBIENTES VIRTUAIS E APRENDIZAGEM

A divisão entre cidadania e religião deve ser pensada no momento em que tanto os estabelecimentos oficiais quanto as escolas privadas de ensino fundamental e médio, ou seja, de ensino básico, autorizadas pelos conselhos e secretarias da educação brasileiros, têm a responsabilidade de formar cidadãos com competências e habilidades de integração plena na sociedade, desempenhando a informação e o conhecimento papel principal no desenvolvimento econômico do país.

Portanto, uma vez que estas instituições são oficialmente autorizadas a adaptar seus programas de ensino de acordo com necessidades diferenciadas,

exercendo a inclusão de estudantes dos mais diversos segmentos da população, e são responsáveis pelos seus exames de seriação, as avaliações oficiais como o ENEM¹²⁹ e as provas dos vestibulares das melhores universidades brasileiras revelam a capacidade destas instituições de ensino de formar cidadãos segundo os parâmetros oficiais do governo brasileiro e de capacitá-los para que se integrem em ambientes acadêmicos, os quais têm o objetivo de qualificá-los, propiciando sua inclusão no mercado de trabalho.

De qualquer modo, a escola se encontra atualmente diante dos desafios impostos por uma sociedade complexa, na qual não é suficiente modernizar e atualizar os processos formais da rigidez das salas de aula, inserindo novas tecnologias. O papel do professor transformou-se, de fonte de informações e conhecimentos ele passa a mediador, que educa os estudantes, orientando-os na maneira como eles devem procurar, adquirir e assimilar informações, o que impõe novos desafios à formação inicial e continuada do professor.

Neste cenário cultural e de ensino, os professores das instituições de ensino judaico ortodoxo paulistanas afirmaram conhecer a tecnologia dos Cadernos Digitais de Apoio (CDAs).¹³⁰ Contudo, esta prática é pouco utilizada por eles como ferramenta didática, de modo que as aulas com computadores se resumem na edição de textos, fotografias e apresentações. Mas, caso os CDAs sejam introduzidos no programa de estudos destas instituições, a seleção de conteúdos será semelhante à de qualquer outro material pedagógico, já que a inserção de uma nova tecnologia não representa necessariamente uma mudança significativa na inclusão, integração e diálogo desses estudantes com outros ambientes fora do circuito restrito de suas próprias escolas.

Quanto à Internet, todos os professores das disciplinas regulares das instituições de ensino judaicas ortodoxas paulistanas afirmaram conhecer ambientes virtuais com conteúdo relativo às disciplinas disponível ao público em geral. Constatou-se, porém, que os professores das instituições de ensino judaicas mais ortodoxas requisitam trabalhos e não orientam a pesquisa dos

¹²⁹ Vide nota 120 no presente capítulo.

¹³⁰ CDAs: programas pedagógicos digitais multimídia que podem estimular e orientar a interação do estudante.

seus estudantes. A isto deve-se acrescentar que a falta de livros e bibliotecas tornou a pesquisa na Internet, pelo menos para as disciplinas regulares, uma prática informal mas muito comum para grande parte dos estudantes das instituições judaicas de ensino mais ortodoxas. Contudo, vários entre estes estudantes admitiram omitir a Internet como fonte de pesquisa, apresentando instintivamente só o nome do autor e/ou a publicação. Essa prática de omissão também é recomendada por alguns rabinos aos professores e profissionais que necessitam selecionar material da Internet para apresentá-lo a membros da comunidade judaica ortodoxa.

Em se tratando da dinâmica dos ambientes virtuais de aprendizagem,¹³¹ todos os professores das disciplinas regulares das instituições judaicas ortodoxas paulistanas entrevistados afirmaram conhecer cursos supletivos, cursos profissionais por correspondência e ambientes virtuais de aprendizagem e prática que são extensão da sala de aula de cursos presenciais. Estes professores afirmaram conhecer cursos de Ensino à Distância (EAD) totalmente realizados através da Comunicação Mediada por Computador (CMC), nos quais os estudantes produzem trabalhos coletivos. Mas nenhum deles afirmou ter capacitação ou vontade de começar a mediar um ambiente virtual de aprendizagem. Assim, embora muitas instituições de ensino privadas brasileiras tenham provedor de Internet próprio e usem formalmente a Internet, nem a *Escola(4)* tem professores preparados ou projetos de disciplinas a serem ministradas em um espaço virtual de aprendizagem com um ambiente de interação entre os seus usuários.¹³²

Contudo, os estudantes judeus ortodoxos paulistanos anteciparam-se às suas instituições de ensino e em um exemplo de autodidatismo tecnológico e

¹³¹ Um Ambiente Virtual de Aprendizagem criado como extensão de um curso presencial, por exemplo, é o *Nexus* da ECA/USP, da Profa. Dra Brasilina Passarelli. Este ambiente tem vários espaços com níveis de interação que variam. Tem Página Inicial, Orientação Bibliográfica, Metodologia, abriga um Fórum para discussões, um espaço de Atividade Individual para apresentação de relatórios, Atividade Coletiva e Fale Conosco. Uma outra atividade virtual da mesma professora consiste no projeto *Tô Ligado*, que é um jornal interativo para a escola.

¹³² Com a admissão do Prof. Michel Metzger no quadro docente da *Escola(4)* no primeiro semestre de 2007, esta instituição começou a incentivar seus professores a disponibilizar material no provedor <http://www.iavne.com.br>. Passou-se a analisar como desenvolver uma atividade em um espaço virtual de aprendizagem em que ocorra interação entre os seus usuários, propiciando a integração e estimulando a participação coletiva nas atividades. No entanto, até o instante somente uma professora de hebraico do 2º ano do ensino médio disponibilizou material bíblico para uma pesquisa de lição de casa - Informação obtida em maio de 2007.

de liberdade de acesso a computadores e à Internet em suas próprias residências ou no escritório de seus pais, na casa de familiares, com amigos e em lojas que disponibilizam computadores e Internet, criaram *blogs* para algumas das disciplinas que estão cursando e para bate-papo. Assim, apesar das restrições rabínicas, da proibição de qualquer uso da Internet pelos rabinos ultra-ortodoxos, como o Rabino G, e de o Rabino F ter vetado especificamente esta nova prática entre os estudantes, estes espaços virtuais, mesmo que não sejam ambientes formais de aprendizagem, se tornaram um lugar de troca de informações sobre os trabalhos escolares e de atividades em geral.

Isto nos leva a considerar que as instituições de ensino judaicas ortodoxas que utilizam oficialmente a Internet encontram-se, potencialmente, disponíveis para criar ambientes virtuais de aprendizagem. Porém, interagir na comunidade virtual da própria escola não modifica a participação ou a inclusão dos seus estudantes em ambientes fora de suas próprias comunidades, mesmo que estes estejam desenvolvendo habilidades que possibilitam interações mais amplas. Em outras palavras, as transformações nas maneiras de se comunicar não implicam necessariamente alterações no relacionamento destas pessoas com agentes fora de suas próprias comunidades. Assim, as instituições de ensino médio e superior judaicas ortodoxas em sistema de internato do Movimento *Chabad Lubavitch*, na cidade israelense de Safed, autorizam desde 2003 seus estudantes a terem somente telefones celulares do mesmo plano da empresa de telefonia móvel CELCOM, que permite enviar mensagens apenas entre os seus usuários.

Mas também não é correto afirmar que as novas maneiras de se comunicar não modificam as interações humanas. Pois, quando os interlocutores podem se comunicar instantaneamente sem que se vejam, escutem ou possam se tocar, podendo, inclusive, utilizar um codinome, os seus discursos se tornam mais importantes do que as suas qualidades sociais e características físicas e sexuais, fator este que contribuiu para a emancipação

religiosa de mulheres judias ortodoxas, as quais passaram a produzir conteúdos digitais e a interagir nos espaços virtuais.¹³³

O conflito entre a religião e a liberdade na cibercultura pode ser demonstrado pelo domínio e controle tecnológico limitados por uma doutrina ou pela possibilidade de utilização das tecnologias para prover a autonomia das pessoas, de modo que cada uma delas possa compartilhar de mais oportunidades independentemente de sua classe social, localização geográfica e aparência física e sexual.

Justamente em um contexto social em que as autoridades judaicas ultra-ortodoxas não têm poder para monitorar o acesso aos meios de comunicação pelos integrantes de suas comunidades, pelo menos uma parte destes passou a ler jornais, participar de salas de bate-papo, assistir filmes, copiar músicas, entre outras atividades virtuais, entre elas discussões com outras pessoas na Internet. Tais atividades influenciam seus próprios pontos de vista e opiniões, as quais, quiçá, estas pessoas ocultem dos membros de suas próprias comunidades presenciais. De modo que, possivelmente, algumas transformações em suas famílias e comunidades tenderão a acontecer mais lentamente.¹³⁴

Todavia, como os meios de comunicação digital estão se popularizando, não surpreende se o custo de um computador portátil escolar¹³⁵ se tornar mais acessível e conveniente do que o preço do material impresso adquirido por cada estudante. Esta tecnologia, então, pode passar a ser utilizada nas instituições de ensino judaicas ortodoxas. A inclusão dos computadores

¹³³ Editar fotos, textos, produzir animações digitais tornaram-se tarefas femininas entre os judeus ortodoxos e ensinadas em muitos cursos superiores e profissionalizantes judaicos ortodoxos e ultra-ortodoxos para estudantes do sexo feminino.

¹³⁴ No MSN em Israel <http://www.msn.co.il> todos os dias (dados averiguados em 2005-2006 até 07/2007) foi constatada a participação de usuários que demonstram conhecimentos de quem integra diferentes segmentos da comunidade judaica ortodoxa, discutindo exaustivamente nos rodapés para comentários dos leitores dos artigos principalmente sobre política e religião em Israel. Entretanto, jornais israelenses de linhas intolerantes à ultra-ortodoxia judaica já apresentaram casos individuais de judeus ultra-ortodoxos que aproveitaram da privacidade de algum acesso à Internet para cometer ações aparentemente incompatíveis com a ortodoxia judaica. A intenção desses jornais era caricaturizar e estereotipar as proibições religiosas, interesses e ações dos judeus ultra-ortodoxos na Internet.

¹³⁵ O governo federal brasileiro está implantando um projeto piloto de computadores portáteis por estudante. Escolas como as da Fundação Bradesco em Campinas já estão utilizando computadores portáteis para cada estudante. A produção de um computador XO com vida útil de cinco anos estará custando, segundo algumas previsões, por volta de 150 dólares.

portáteis por estudante pode ocorrer se estas escolas virem as vantagens pedagógicas de inserir esta tecnologia em seus ambientes, sem conflitos com as autoridades rabínicas de suas próprias comunidades, e se se sentirem capacitadas para mediar o espaço virtual que disponibilizarem, selecionando o seu conteúdo digital e a rede de acesso permitida aos seus estudantes.¹³⁶

A inclusão das instituições de ensino judaicas ortodoxas paulistanas e de seus estudantes em ambientes virtuais públicos deverá ocorrer somente no momento em que a interação das escolas e de seus estudantes em atividades de espaços virtuais oficiais se tornar obrigatória em disciplinas com programa de ensino regulamentado pelo Ministério da Educação e Cultura ou em avaliações para que estas instituições sejam reconhecidas pelos órgãos governamentais da educação brasileiros. O que não implica necessariamente mudanças nas disciplinas de religião. Se estas são consideradas atividades extracurriculares permitidas, a organização, a execução e a avaliação destas ficam a critério de seus responsáveis e de seus padrões doutrinários.

De qualquer modo, o desenvolvimento de uma sociedade, ou de uma comunidade é facilitado quando seus integrantes passam a utilizar novas maneiras de se comunicar e têm oportunidades de vivenciar novas experiências que podem implicar mudanças nas suas vidas particulares, nas suas organizações sociais e nos seus valores culturais.

Um exemplo de como as maneiras de interagir afetam o desenvolvimento da comunidade judaica ortodoxa é o dos alunos dos antigos mestres talmúdicos, que anseavam por *“ficar junto à poeira dos pés destes e beber com sede suas palavras”*.¹³⁷ Atualmente, estes mestres são ainda venerados pelos seus discípulos e suas palavras, escutadas como elemento vital. Mas os discípulos não se sentam mais na areia aos pés dos mestres como no versículo. E, a partir do momento em que as aulas passaram a ser ministradas de modo que os olhos dos discípulos e dos mestres se

¹³⁶ A inclusão de computadores portáteis por estudante, mesmo em uma rede muito limitada, torna obrigatória a participação nos espaços virtuais de aprendizagem escolares e pode estimular a produção de trabalhos individuais e coletivos fora do horário escolar. Educar para interagir em trabalhos coletivos pode se transformar em um elemento vital da formação de cidadãos produtivos.

¹³⁷ Cap.1 Vers. 4 do Tratado *Avot* do Talmud Babilônico. Este Tratado do Talmud é conhecido como o *Livro da Ética dos Pais*.

encontrassem na mesma altura e não mais em desnível, estes mestres passaram a ser vistos mais como mediadores de conhecimento do que como criaturas sublimes em seus pódios.

A cada dia encontramos mais arquivos digitais autorizados pelas autoridades rabínicas ortodoxas e proliferam grupos de judeus ortodoxos como os *cibershtetels*,¹³⁸ o que resulta em comunidades judaicas ortodoxas virtuais globalizadas, cujos integrantes, homens e mulheres, interagem no mesmo idioma e se reconhecem por características em comum de suas identidades judaicas, o que implica a não-integração de pessoas consideradas alheias a essas identidades.¹³⁹ Assim, a formação de *cibershtetels* ocorre mesmo que a Comunicação Mediada pelo Computador (CMC), as identidades virtuais e a possibilidade da construção de perfis virtuais fictícios tenham alterado a comunicação presencialmente inibida entre pessoas por conta de suas diferenças sociais, culturais, físicas e sexuais.

Isto quer dizer que, apesar de os judeus ortodoxos encontrarem na Internet uma oportunidade única de participar dos mais diversos ambientes virtuais e interagir com quaisquer indivíduos, homens, mulheres da própria comunidade presencial e elementos externos a esta, muitos deles, assim como no mundo físico presencial, procuram compartilhar de ambientes judaicos ortodoxos, vivendo na Internet parte de seu tempo em *cibershtetels* com integrantes judeus ortodoxos.

Um *cibershtetel* não é exatamente uma comunidade virtual de aprendizado formal. Ele é um ambiente virtual público em que ocorrem discussões sobre tópicos relacionados ao seu tema. Um *cibershtetel* judaico ortodoxo porta a característica de igualdade de oportunidade virtual de comunicação, apresentação e participação dos seus membros, assim como outras comunidades virtuais do mesmo gênero. Entretanto, alguns *cibershtetels* compartilhados por judeus ortodoxos carregam a herança cultural do respeito

¹³⁸ Ambientes virtuais acessíveis a todos os internautas, mas nos quais, após rituais de reconhecimento, somente um seletto grupo continua “residindo”, integrando-se de fato.

¹³⁹ Existem rituais de reconhecimento dos usuários, antes que estes consigam se integrar e participar nos ambientes virtuais judaicos ortodoxos.

ou até da submissão às palavras apresentadas por alguém considerado como autoridade rabínica ortodoxa, assim como discípulos honram seus mestres.¹⁴⁰

Quanto aos vários domínios na Internet de entidades judaicas ortodoxas, como as organizações paulistanas do Movimento *Chabad*,¹⁴¹ segundo seus responsáveis, mesmo que os conhecimentos se encontrem disponíveis para todos os usuários da Internet, os sites existem para divulgar informações sobre Judaísmo e o cronograma dos eventos de suas organizações, com o objetivo de complementar a vivência judaica e desenvolver conhecimentos básicos da tradição, garantindo a continuidade da identidade judaica de quaisquer judeus, igualmente para homens e para mulheres, principalmente aqueles que não freqüentam instituições de ensino judaicas ortodoxas e não aprendem presencialmente ou estudam diretamente nos livros em hebraico desde pequenos.

¹⁴⁰ Comunidades: *Judaísmo, Beith Chabad do Brasil, Galera Idishe, Espaço K* e outras no Orkut.

¹⁴¹ <http://chabad.org.br> - <http://www.chabadmorumbi.com.br/> - <http://www.chabadvilamariana.org.br> – <http://beitmenachem.com.br>

8 ESTUDANTES JUDEUS ORTODOXOS PAULISTANOS E O CIBERESPAÇO

O desenvolvimento da rede global de computadores e a facilitação de acesso à Internet tornaram a comunicação digital um meio de comunicação de massa, sem que esta perdesse a característica de ser um meio de comunicação interpessoal de duas mãos. O ciberespaço pode ser definido como uma esfera que abrange, interliga e engloba todos os meios de comunicação digital, convergindo nele os meios de comunicação anteriores, que ganham com seu potencial de reciprocidade e de partilha de seu contexto. Estas propriedades o transformaram em um ambiente coletivo, público, de todos para todos, no qual a interação de cada pessoa é única e individual.

O primeiro capítulo do livro *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*, de Marshall McLuhan (1974:21-37), apresenta a visão de que a tecnologia utilizada por alguém para se comunicar é como uma extensão, como uma prótese do usuário, empregada por ele para se manifestar e interagir, de modo que a forma de todas as suas ações e das associações humanas é dada pelas tecnologias que ele utiliza.

Neste contexto, McLuhan chama de “idiota tecnológico” o indivíduo que não percebe que o meio é a mensagem. Podemos demonstrar que o meio é a mensagem lembrando que um telefonema ou os bate-papos na Internet (MSN, ICQ, Skype) não são como conversas presenciais face a face, pois a tecnologia determina a maneira como a interação é executada, modificando o relacionamento entre as pessoas e transformando a sociedade. Ainda, refletindo sobre a interação interpessoal intermediada por reproduções técnicas, Walter Benjamin (1990:209-40) escreveu que as cópias não têm a aura do original. Por exemplo, um documento impresso pelo fax não tem a autenticidade do seu arquétipo.

Em se tratando de “idiotice”, mensagens e meios de comunicação, se podemos pensar que cada expressão é reflexo dos componentes de algum fragmento do universo, deveria ser chamado de “idiota universal” quem não

entende que o sentido de uma mensagem varia de acordo com a percepção que o avaliador tem do universo em que tanto ele quanto o objeto analisado se encontram.

Um usuário virtual que interage em diversas circunstâncias no ciberespaço vê o MSN (Windows Messenger) como uma nova maneira barata mas muito limitada de se comunicar, ao passo que quem conhece poucos serviços digitais e somente utiliza o MSN na Internet vê este serviço como uma abertura espetacular para conversar, a baixo custo, com tantas pessoas quantas ele selecionar ao redor do mundo. Talvez esse usuário ignore as proporções de sua própria exclusão virtual, ou simplesmente opte por esta inclusão limitada por sentir maior segurança diante das mudanças de paradigmas de sua própria comunicação e interação social.

No que diz respeito a esta pesquisa, como foram apresentadas anteriormente as divergências entre as normas religiosas dos vários rabinos líderes da comunidade judaica ortodoxa paulistana e as diferenças entre as metas educacionais das escolas desta comunidade, "idiota sociológico" é quem não entende que podem existir perspectivas singulares diferentes de pessoa para pessoa, assim como de judeu ortodoxo para judeu ortodoxo, e concepções gerais, relativas ao que é permitido ou proibido, que podem ser categorizadas por nível de ortodoxia judaica.

Isto quer dizer que os limites da interação no ciberespaço que não são totalmente consensuais entre os rabinos de comunidades judaicas ortodoxas também não o são entre os membros de uma mesma família, ou entre os discípulos de um mesmo rabino, ou ainda entre os estudantes de uma mesma instituição de ensino ou membros de uma mesma comunidade.

Os comentários nas entrevistas preliminares aos questionários para estudantes sobre computadores e Internet, com estudantes das escolas judaicas ultra-ortodoxas e ortodoxas centristas radicais, revelaram principalmente a preocupação deles com as regras religiosas relativas à interação no ciberespaço, além de terem dado pistas sobre alguns poucos serviços e programas que eles utilizam.

Na *Escola(4)*, que é uma instituição de ensino judaica ortodoxa centrista moderada, os estudantes não revelaram muito incômodo com as normas religiosas de seus rabinos, antes se mostraram satisfeitos com a possibilidade de confraternizar virtualmente com conhecidos e de se comunicar com companheiros de classe, pessoas que freqüentam a mesma escola e o mesmo movimento juvenil, sendo menos lembrado o uso da Internet para executar as suas próprias obrigações escolares.

A visão do ciberespaço como reflexo especular tanto entre os estudantes judeus mais ortodoxos quanto menos ortodoxos da comunidade judaica ortodoxa paulistana, ou seja, como um novo espaço para interagir somente com componentes de suas próprias comunidades, demonstra que estes usuários virtuais não têm como verdadeiro objetivo utilizar o acesso à Internet como entrada a um novo e interessante mundo a ser explorado, repleto de novos ambientes e pessoas de fora de suas próprias comunidades, talvez até com interesses e gostos em comum.

Apesar de muitas das atividades virtuais destes estudantes serem voltadas para o próprio umbigo, elas devem ser entendidas como elementos de um mutante complexo global, que incorpora todas as interações humanas tanto dos ambientes presenciais quanto dos virtuais. Os computadores são as próteses eletrônicas de seus usuários, as quais se estendem dentro de uma dimensão no universo que une os ambientes virtuais e os ambientes reais através da interface da linguagem digital.

De modo que a inclusão tecnológica, a inserção virtual e o compartilhamento dos mais variados elementos e ambientes da esfera eletrônica pelos estudantes da comunidade judaica ortodoxa paulistana demonstram o grau de inclusão virtual destes, a transformação virtual de suas comunidades através da interação digital de seus membros, o alcance de seus equipamentos cibernéticos e principalmente a integração destes nos diferentes ambientes judaicos e não judaicos da sociedade pós-moderna, os quais imaginamos como partes de um universo em constante transformação.

As informações de cunho qualitativo das entrevistas com os estudantes são apresentadas para que se possa ver como os entrevistados enxergam a

própria inserção no mundo virtual. Os dados quantitativos dos questionários para estudantes são expostos de modo que sejam notadas as diferenças proporcionais, de acordo com sexo, instituição de ensino e nível de ortodoxia judaica, do número de estudantes que utilizam cada uma das diferentes atividades virtuais citadas.

8.1 ENTREVISTAS COM ESTUDANTES

A seguir são apresentados os comentários mais recorrentes dos estudantes de cada instituição de ensino nas entrevistas que antecederam a elaboração dos questionários para estudantes e a aplicação destes nas escolas.

8.1.1 Escola(1) e Escola(2)

Tanto na *Escola(1)* quanto na *Escola(2)* conversar sobre Internet era proibido, mas mesmo assim falava-se sobre o assunto em particular tanto entre as professoras quanto entre as estudantes.

Durante as entrevistas preliminares, estudantes tanto de uma quanto da outra escola pediram encarecidamente para que a pesquisadora não revelasse as informações para a diretoria da escola, para rabinos e/ou para professores citando nomes e avisaram a pesquisadora que elas prefeririam responder aos futuros questionários anonimamente.

1. Escola(1)

As entrevistas preliminares com as estudantes da *Escola(1)* ocorreram em outubro de 2004 e os comentários transcritos abaixo demonstram claramente o conflito entre o permitido e o proibido a estas estudantes pelas suas autoridades rabínicas e pela escola e o permitido ou, digamos, autorizado pelos seus pais nas suas residências:

1) "Na escola nós só usamos computador. Na minha casa tem computador sem Internet e meus pais permitem usar alguns **programas para preparar trabalhos para escola, ver se eu escrevo em hebraico e um pouco de jogos** que eles acham que não são violentos ou com coisas feias. Os *rabunim*¹⁴² proíbem que a gente use a Internet e não estão nem mais concordando que **a gente assista os nossos filmes**¹⁴³ **nem no computador...**"

2) "Como é que eu vou responder um questionário sobre computadores falando de Internet se alguém na escola descobrir que eu respondi que eu entro na Internet?... Vai dar para saber que fui eu que respondi? Quem vai ficar sabendo? Como é que eu posso responder que meus pais sabem tudo o que eu faço no computador e que eles me deixam **jogar no computador, assistir alguns filmes que eles sabem quais são e conversar com algumas das minhas amigas da escola pelo MSN (Windows Messenger)?**"

2. Escola(2)

As entrevistas preliminares com as estudantes da *Escola(2)* ocorreram também em outubro de 2004 e as declarações apresentam, assim como os comentários das estudantes da *Escola(1)*, a contradição entre um sistema ideal exigido pelas suas autoridades rabínicas e escolares e a situação real em que as estudantes se encontravam:

1) "Não é para eu falar que a gente conversou pelo MSN (Windows Messenger)? A senhora sabe que o computador na minha casa fica na sala e eu não converso com ninguém de escondido; a senhora conhece a minha mãe e sabe que ela está sempre por perto quando eu uso a Internet... Se a senhora quiser pode perguntar para ela..."

2) "A 'gente' tá perdida se a diretora ficar sabendo quem fica na Internet... A senhora trabalha com a Internet e então vai ver que a senhora pode. Para a gente ela vai achar tudo de mal... **O computador não serve só para organizar as lições de casa, tem jogos e filmes e não é que é bom ficar conversando com as amigas sem pagar telefone?**"

Em se tratando de instituições de ensino em que o uso da Internet pelas estudantes é proibido, é relevante constatar que 2 das 18 estudantes da *Escola(1)* e 5 das 17 estudantes da *Escola(2)*, além de revelarem nas

¹⁴² *Rabunim*: pronúncia ídiche da palavra rabinos.

¹⁴³ Filmes de casamentos familiares, filmes das próprias instituições de ensino e ainda filmes na maioria de produtoras israelenses judaicas ortodoxas.

entrevistas que conversavam com as suas amigas através do MSN (Windows Messenger), também conversaram com a entrevistadora e pesquisadora através deste programa.

Como o universo de pesquisa era relativamente pequeno e a autora desta pesquisa conhecia pessoalmente todas as estudantes e suas famílias, foi constatado nas entrevistas e em conversas informais que, enquanto a pesquisa estava sendo realizada, aproximadamente 1 em cada 4 estudantes dos grupos pesquisados nestas duas instituições de ensino utilizava o MSN em um Computador Pessoal (PC), para conversas entre elas e com algumas estudantes da *Escola(3)*.

As usuárias dessa rede formada no MSN, estudantes de famílias judaicas ultra-ortodoxas e de famílias judaicas ortodoxas centristas radicais, declararam se comunicar somente com outras estudantes de famílias judaicas ultra-ortodoxas e ortodoxas centristas radicais tanto da *Escola(1)* quanto da *Escola(2)* e também da *Escola(3)*. Não foi relatada comunicação similar de estudantes da *Escola(1)* e da *Escola(2)* com estudantes de famílias judaicas ortodoxas centristas moderadas da parte feminina da *Escola(4)* ou com estudantes das instituições judaicas ortodoxas masculinas.

A falta de comunicação destas estudantes com os estudantes das turmas masculinas no MSN ocorre porque, segundo elas disseram nas entrevistas, elas não devem falar livremente com homens e rapazes. De modo que estas estudantes não queriam ter nomes de pessoas do sexo oposto de fora da família nas suas listas de MSN nem nos seus celulares, evitando se comunicar diretamente com outros homens, afirmam elas, para evitar mal-entendidos.

As estudantes destas escolas apresentaram conhecimento das páginas de jornais dos seus provedores de Internet, de serviços de mensagens postadas por organizações judaicas ortodoxas para suas listas de emails (listservers) e de atividades virtuais da Turma da Mônica¹⁴⁴ (convenhamos que esta é uma atividade um tanto infantil para garotas do ensino médio), além de

¹⁴⁴ Atividades de pintura e jogos com os personagens da Turma da Mônica do Maurício de Sousa – <http://www.monica.com.br>.

afirmarem que utilizam o email para enviar mensagens. As alunas demonstraram não conhecer muitos jogos de PC que não necessitam de acesso à Internet e também não conhecer jogos que necessitam desse acesso.

Apesar de estas estudantes acessarem a Internet, até setembro de 2007 não foi constatada a presença de nenhuma identidade de alguma estudante da *Escola(1)* ou da *Escola(2)* no site de relacionamentos Orkut.¹⁴⁵ Sabemos que participar do Orkut foi se tornando desde o final de 2004 e começo de 2005 um costume global bastante comum indiscriminadamente entre menores de idade e também entre os estudantes e as estudantes de todas as outras instituições de ensino judaicas ortodoxas paulistanas, embora esse site de relacionamentos exija, teoricamente, que todos os seus membros tenham a idade mínima de 18 anos. De todo modo, até agora não foi acionada nenhuma ferramenta de controle.

8.1.2 Escola(3), Escola(4), Escola(5) e Escola(6)

1. *Escola(3)*

As declarações das estudantes da *Escola(3)* nas entrevistas preliminares feitas entre setembro e outubro de 2004 demonstram, principalmente, como as normas e as regras dos rabinos e da escola, que proíbem totalmente o acesso à Internet, eram seguidas ou manipuladas por estas estudantes e pelas suas famílias. Já se tornara corriqueiro o descumprimento das regras do diretor da instituição:

1) "Tem muito **filme novo *dati*¹⁴⁶ e *haredi*¹⁴⁷ em hebraico**, a senhora conhece, de histórias assim como de filmes comuns mas sobre coisas nossas e feito só com pessoas religiosas... A gente precisa **usar a Internet para fazer as lições da tarde (disciplinas seculares)** mas não pode falar que é material da Internet, então de onde acham que é?..."

2) "Não podemos falar sobre televisão e Internet, aqui na escola tem aquelas que só usam mesmo o computador. Mas, a maioria de nós encontra

¹⁴⁵ <http://www.orkut.com>

¹⁴⁶ *Dati* – do hebraico, religioso; refere-se, neste caso, aos judeus religiosos ortodoxos.

¹⁴⁷ *Haredi* – do hebraico, temente aos céus; refere-se ao judeu ultra-ortodoxo.

um jeito de entrar na Internet no computador dos pais em casa com o monitor virado para que todo mundo possa ver o que estamos fazendo, isto é, como se estivéssemos acessando a Internet do trabalho deles.¹⁴⁸ ... A gente **conversa pelo computador, manda muita foto, algumas de nós aqui da Escola(3) temos Orkut...**"

2. Escola(4)

As entrevistas preliminares com os estudantes desta escola ocorreram em setembro de 2004 e as declarações transcritas abaixo representam os comentários mais recorrentes das estudantes da turma feminina:

1) "A gente usa o computador na escola só quando precisa para a aula e se precisar terminar alguma coisa da aula ainda no intervalo. Dá vontade de mostrar para as amigas o que tem em alguns **blogs do nosso pessoal** e umas coisas interessantes, mas aí o sistema da escola não deixa acessar... Acho que todo mundo tem computador com Internet em casa, na escola a gente conversa e em casa a gente **conversa pelo computador e dá para ver e mostrar as fotos do nosso pessoal que a gente tira...**"

2) "**Todo mundo usa o computador para fazer lição de casa, para conversar com os amigos da escola e para ver o que se precisa...**"

E abaixo estão transcritos os comentários mais recorrentes entre os estudantes da turma masculina:

1) "Nós podemos usar os computadores da escola nos intervalos para fazer as lições. Na escola não pode entrar em **site de jogos e conversar pelo computador**; mas a gente sempre encontra algum jeito... A senhora quer o meu email? Eu uso o MSN, abri um *blog* para conversar sobre o que rola entre os amigos e acho que vou abrir um orkut. Quase todo mundo aqui na escola usa o MSN..."

2) "Vale a pena entrar no *site* da escola para verificar o cardápio do almoço. Os professores não usam o *site* da escola, mas mandam sempre a gente **fazer pesquisas que precisam da Internet, bom mesmo é não só falar com o pessoal da nossa turma mas sim jogar no computador, ler jornal e baixar músicas...**"

¹⁴⁸ O Rabino Yossef David Weitman, um dos líderes do Movimento *Chabad Lubavitch* de São Paulo, responsável pelo *Beit Chabad* do bairro paulistano do Morumbi e membro da Comissão Rabínica da comunidade sefardita da Sinagoga *Beit Yaacov*, todos os anos dá palestras para as estudantes da *Escola(3)*. Em 2004, 2005, 2006 e 2007 este rabino orientou para que não se insira a Internet nos lares judaicos ortodoxos e, se for necessária para o trabalho dos pais, ela pode ser conectada nos escritórios destes, devendo o monitor dos computadores estar visível para quem passa no local.

3. *Escola(5)*

Na realização das entrevistas preliminares na *Escola(5)* em setembro de 2004, um estudante de uma família que se tornou judaica ortodoxa através da comunidade judaica ultra-ortodoxa paulistana entregou à entrevistadora uma folha impressa em hebraico com citações inflamadas contra a Internet de rabinos de várias vertentes judaicas ultra-ortodoxas israelenses. Esta folha era um manifesto que proibia em absoluto o uso da Internet e de jogos de computadores, sob a justificativa de que estes “bestializam” os seus usuários.

Entre as respostas dos estudantes da *Escola(5)* às perguntas das entrevistas preliminares destacamos as frases que apresentam a maior quantidade de informações recorrentes na fala da maioria dos estudantes entrevistados:

1) "Na escola tem sala de computadores para digitar trabalhos e para algumas aulas. Mas na escola a gente usa a Internet só se arranjar um pretexto e conseguir que o rabino deixe a gente acessar a Internet na secretaria, com a secretária lá do lado como se fiscalizando... Mas quase todo mundo acessa a Internet quando volta para casa no fim de semana livre... **Tem que ver os filmes nossos no youtube, as fotos do pessoal que viaja para Israel e os passeios que a gente faz...**"

2) "Tem que se usar o MSN para falar com o pessoal do *Bene* (*Bnei Akiva* - Movimento Sionista Religioso Juvenil Bnei Akivá) e da *Escola(4)* (outra das instituições de ensino judaicas ortodoxas paulistanas) para combinar o que vai rolar no *Bene*... **Através do MSN dá também para falar com as meninas e no ORKUT dá para ver e ficar sabendo o que está acontecendo com todo o pessoal...** Aqui na *Escola(5)* eu posso entrar no MSN para falar com os meus pais ou minha irmã em Israel, eles avisam a que horas vão estar e eu aviso o rabino e peço permissão para ele..."

4. *Escola(6)*

As entrevistas preliminares na *Escola(6)* foram efetuadas em setembro de 2004 e ocorreram presencialmente e pelo MSN.

A situação contraditória dos estudantes, que sentiam medo de revelar publicamente que não se submetiam às normas sobre a Internet ditadas pelo diretor da instituição, o Rabino F, fez com que eles alimentassem a audácia

coletiva de declarar nas entrevistas e de registrar, minuciosamente, nos questionários desta pesquisa, as suas atividades virtuais, com referências precisas para que tudo pudesse ser devidamente confirmado.

1) "Faz com que todo mundo coloque o questionário dentro de um envelope para que ninguém saiba quem respondeu..."

2) **"Todo mundo aqui usa computador nem se for só para videogames e filmes *haredim*¹⁴⁹ novos israelenses.** Só um ou outro por aqui talvez pode dizer que nunca entrou na Internet... Mas, **todos nós sabemos o que aparece no site de *anash*** (pessoas do movimento religioso). 3) Tem coisa rolando no orkut, sabe o que é orkut?"

8.2 QUESTIONÁRIO CURTO PARA ESTUDANTES (QCE) - SEM INTERNET

Devido às exigências das escolas *Escola(1)* e *Escola(2)* para que suas estudantes fossem autorizadas oficialmente pela diretoria a responder a um questionário para esta pesquisa, foi elaborado o Questionário Curto para Estudantes (QCE) – sem perguntas sobre a Internet.

As estudantes da *Escola(3)*, as estudantes da turma feminina da *Escola(4)*, os estudantes da turma masculina da *Escola(4)*, os estudantes da *Escola(5)* e os estudantes da *Escola(6)* responderam inicialmente o QCE como primeira parte do Questionário Longo para Estudantes (QLE) – com perguntas sobre a Internet.

De modo que todos os estudantes de todas as instituições de ensino pesquisadas responderam primeiramente às questões do QCE para tornar possível a comparação entre a proporção de estudantes em cada turma de cada uma das instituições.

Para tanto, para facilitar a comparação, as informações nas figuras são apresentadas por turma de estudantes de cada instituição de ensino, pela porcentagem aproximada e não pela proporção de estudantes que executam uma determinada atividade no PC em relação ao total de estudantes da turma.

¹⁴⁹ *Haredim* – do hebraico, no plural, refere-se aos judeus ultra-ortodoxos.

8.2.1 PCs por Estudantes

Foi constatado que todos os estudantes de todas as turmas femininas e masculinas das seis instituições de ensino que participaram desta pesquisa tinham acesso a PCs.

O universo de pesquisa foi de 18 estudantes na *Escola(1)* e de 17 estudantes na *Escola(2)*. Tanto na *Escola(1)* quanto na *Escola(2)* constatou-se que todas as estudantes tinham PCs em suas casas e utilizavam PCs em suas residências e na escola.

Na *Escola(3)* 32 das 33 estudantes, na *Escola(4)* todas as 31 estudantes da turma feminina e todos os 19 estudantes da turma masculina, na *Escola(5)* 27 dos 28 estudantes e na *Escola(6)* 17 dos 18 estudantes registraram nos questionários que eles utilizavam PCs em suas casas. E, exceto na *Escola(6)*, todos os estudantes tinham possibilidade de acesso regular a PCs na escola.

8.2.2 PC: Computador Pessoal - Uso Individual e em Grupo de um PC

Na *Escola(1)* a quantidade de estudantes que declarou utilizar um PC individualmente foi de 16 em 18 estudantes e na *Escola(2)*, de 16 em 17 estudantes. Na *Escola(1)* 5 das 18 estudantes e na *Escola(2)* 8 das 17 estudantes afirmaram que também utilizavam freqüentemente um mesmo PC em conjunto com outras pessoas.

Na *Escola(3)* 30 das 33 estudantes declararam que usavam o PC individualmente e 10 também em grupo. Na *Escola(5)* 27 dos 28 estudantes responderam que utilizavam o PC individualmente e 11 também em grupo. E, na *Escola(6)*, 16 dos 18 estudantes responderam que utilizavam o PC individualmente e 3 destes responderam que também o utilizavam em grupo, além de 1 estudante que não respondeu afirmativamente a nenhuma das duas opções.

Contudo, na *Escola(4)*, que é a instituição de ensino judaica ortodoxa centrista moderada, podendo ser considerada como a instituição de ensino judaica ortodoxa menos ortodoxa da comunidade ortodoxa paulistana, todas as

31 estudantes da turma feminina afirmaram utilizar o PC individualmente e somente 1 delas declarou utilizá-lo também em grupo. E, na turma masculina, todos os 18 estudantes afirmaram utilizar o PC sempre individualmente.

O uso de um PC por mais de uma pessoa ao mesmo tempo não demonstra uma possível falta de PCs entre os judeus ortodoxos paulistanos. Neste caso, esse dado pode ter refletido um hábito comum nas comunidades judaicas ultra-ortodoxas, a formação de laços de irmandade entre os membros, com a conseqüente falta de privacidade em diversas atividades, entre elas o estudo da doutrina religiosa,¹⁵⁰ o aprendizado de um ofício e a realização de diversos tipos de trabalhos.

Das 18 estudantes da *Escola(1)* 11 afirmaram que utilizavam o programa Office; 6, o Print Artist; 4, o Quiken; 3, o Corel e o Paint. Além destes programas ensinados pela escola, somente 1 das 18 estudantes afirmou que utilizava para suas pesquisas o *Almanaque Abril* e um outro programa de pesquisa referido como “hebraico”.

Na *Escola(2)*, das 17 estudantes 11 declararam que utilizavam o Office; 8, o Corel; 3, o Photoshop; 2, o Media Player e 1, o Acess e o Paint. Destas 17

¹⁵⁰ Mantém-se nas comunidades judaicas ortodoxas o costume de aprender sob orientação rabínica (preceito *aase lechá rav*: (heb) tenha um rabino – do Talmud Babilônico; Tratado *Avot* 1:6 e 1:16) e na medida do possível sempre compartilhar o estudo com um parceiro, com um *havruta*. *Havruta*: (aramaico) companheiro, amigo, pessoa que tem uma ligação com a outra.

estudantes 5 não mencionaram programas e as 2 que citaram o Media Player provavelmente o utilizavam para diversão, com conteúdos não obrigatoriamente permitidos pelos rabinos, e absolutamente não como ferramenta educacional sob orientação das autoridades rabínicas e das autoridades da escola que freqüentam.

Na *Escola(3)* 25 das 33 estudantes, na turma feminina da *Escola(4)* todas as 31 estudantes, na turma masculina da *Escola(4)* 16 dos 18 estudantes, na *Escola(5)* 22 dos 28 estudantes e 8 dos 18 estudantes da *Escola(6)* declararam que utilizavam o programa Office.

E, quanto ao programa Corel, na *Escola(3)* 24 das 33 estudantes, na turma feminina da *Escola(4)* 5 de suas 31 estudantes, na turma masculina da *Escola(4)* 3 dos seus 18 estudantes, na *Escola(5)* 10 dos seus 28 estudantes e 8 dos 18 estudantes da *Escola(6)* utilizavam o programa.

Alguns outros programas foram citados pelas estudantes da *Escola(3)* e da turma feminina da *Escola(4)*, pelos estudantes da turma masculina da *Escola(4)*, da *Escola(5)* e da *Escola(6)*. Contudo, não mais de 2 estudantes por turma citaram outro programa em comum, o que demonstra que não necessitavam para suas tarefas escolares de outros programas além dos já mencionados.

8.2.3 O Uso do PC para Jogos

Em contraposição ao relativamente baixo número de estudantes que utilizam os programas de PC para tarefas escolares, entre as estudantes da *Escola(2)* e em seguida entre as estudantes da *Escola(1)* encontravam-se mais usuárias de jogos de PC proporcionalmente em relação às suas próprias turmas do que entre as estudantes da *Escola(3)* e da turma feminina da *Escola(4)*, mas menos do que entre os estudantes das turmas de sexo oposto, ou seja, da *Escola(4)*, da *Escola(5)* e da *Escola(6)*.

Os jogos citados pelas estudantes tanto da *Escola(1)* quanto da *Escola(2)* foram Paciência, Free Cell, Campo Minado, Mário, Pinball, Gamão, Memória. Destes jogos somente o jogo de Gamão da Microsoft permite que o jogador escolha jogar contra o próprio programa ou ativar a procura de um oponente na Internet.

Apesar da proporção de estudantes da *Escola(3)* e da turma feminina de estudantes da *Escola(4)* ser menor do que a proporção de estudantes da *Escola(1)* e da *Escola(2)* que utilizavam seus PCs para jogos em suas turmas, 23 das estudantes que declararam jogar em PC, entre as 33 estudantes da *Escola(3)*, citaram 22 jogos diferentes e 18 das estudantes que declararam jogar em seus PCs, das 31 estudantes da turma feminina da *Escola(4)*, citaram 10 jogos diferentes.

Portanto, mesmo que a proporção de estudantes da *Escola(3)* que utilizavam seus PCs para jogar seja menor, a quantidade de jogos conhecidos foi maior do que na *Escola(1)*, na *Escola(2)* e na turma feminina de estudantes da *Escola(4)*, e somente menor do que a quantidade de jogos diferentes declarados pelos estudantes das turmas masculinas.

Os estudantes que jogam em PCs das turmas masculinas declararam um total de 69 filmes diferentes. Na *Escola(4)* 15 dos 18 estudantes da turma masculina declararam 38 jogos diferentes. Na *Escola(5)* 26 dos 28 estudantes

declararam 35 jogos diferentes e na *Escola(6)* 15 de seus 18 estudantes declararam 26 jogos diferentes.

Em outras palavras, percebe-se que não só mais estudantes por turma das turmas masculinas jogam em seus PCs, mas também que entre eles são conhecidos mais jogos de PCs do que entre as estudantes das turmas femininas.

8.2.4 O Uso do PC para Filmes

A porcentagem de estudantes da *Escola(2)* que afirmou que assistia filmes em PCs foi a maior entre as várias instituições. E a porcentagem de estudantes da *Escola(1)* que afirmou que assistia filmes em PCs foi maior do que a porcentagem de estudantes das outras turmas femininas, igual à porcentagem de estudantes da turma masculina da *Escola(4)* e maior do que a porcentagem de estudantes que afirmou que assistia filmes entre os estudantes das turmas masculinas das outras escolas.

Vale a pena revelar que 2 questionários para estudantes da *Escola(1)* foram rasurados pelas próprias estudantes que os responderam. Estas estudantes originalmente registraram que assistiam filmes, mas riscaram esta resposta, marcando e grifando que não assistiam filmes.

Se o valor numérico destas duas respostas rasuradas tivesse sido levado em consideração, na *Escola(2)* e na *Escola(1)* estaria a maior porcentagem de estudantes usuárias de filmes em PCs por turma, maior do que em todas as turmas de estudantes das outras escolas que fizeram parte desta pesquisa.

A *Escola(2)*, a *Escola(1)* e a *Escola(3)* foram as escolas em que menos estudantes, proporcionalmente em suas turmas, declararam não utilizar o PC para assistir a filmes. E somente 1 única estudante entre as 18 da *Escola(1)* e 2 entre 33 estudantes da *Escola(3)* não responderam se assistiam filmes em PCs.

Quanto à pequeníssima minoria de estudantes que não respondeu se assiste ou não filmes em PCs (e, obviamente, elas assistem ou não a filmes nos PCs), esta omissão pode ter ocorrido porque elas temiam que uma resposta afirmativa desse margem à suposição de que elas assistiam filmes não autorizados pelos seus rabinos.

Estes dados demonstram que, apesar da oposição rabínica ao hábito de assistir filmes no PC, declarada pelas estudantes nas entrevistas preliminares, as informações obtidas nos questionários para estudantes afirmam que assistir filmes tornou-se uma nova prática entre as estudantes das instituições *Escola(1)* e *Escola(2)*, cujos pais afirmaram aos diretores, na admissão de suas filhas nestas escolas, que não permitiam que os membros de suas famílias assistissem televisão ou freqüentassem cinemas.

Até setembro de 2007, a quantidade de estudantes de todas as escolas que assistem filmes e a quantidade de filmes assistidos por eles aumentaram cada vez mais. O uso de DVDs portáteis (leitores de DVDs sem restrição de códigos de área e de CDs) e os MP4 com filmes e estação de jogos estão sendo rapidamente assimilados pelos integrantes dos grupos estudados nesta pesquisa.

Não obstante, a inserção da mídia eletrônica visual e o seu uso pelas turmas femininas de estudantes de perfil judaico ultra-ortodoxo e ortodoxo centrista radical não implicaram um aumento equivalente no consumo de produtos audiovisuais não produzidos por judeus ortodoxos de ortodoxia semelhante e permitidos pelos seus rabinos.

Mesmo assim, foram os PCs e a inclusão tecnológica da mídia digital que possibilitaram que este segmento judaico ortodoxo das estudantes da *Escola(1)* e da *Escola(2)* começasse a assistir filmes. E, neste contexto, apesar da resistência a produtos não autorizados pelas autoridades rabínicas das comunidades judaicas ortodoxas, foi constatada a inserção de filmes e de audiovisuais não judaicos.

A assimilação do hábito de assistir filmes reflete a inclusão tecnológica e o fato de estes judeus ortodoxos passarem a assistir filmes não judaicos representa uma mudança significativa de interação e relacionamento com valores e produtos de ambientes fora de suas comunidades, outrora proibidos. Pois, em uma comunidade cujos membros não assistiam os filmes que agora assistem, porque estes eram apresentados na televisão ou no cinema e não tinham sido previamente avaliados e autorizados por um de seus rabinos, a assimilação e o consumo destes produtos em um PC sem autorização dos rabinos são uma novidade.

Portanto, justamente a possibilidade de individualização do consumo de diversos produtos, quando os PCs são entendidos cada vez mais como produtos de uso pessoal, exclusivo e individual, diferentemente dos meios de comunicação de massa como a televisão e o cinema, faz que os produtos digitais sejam consumidos em PCs pelos usuários da comunidade judaica ortodoxa paulistana cada vez mais em concordância com as vontades, necessidades e características de cada um, e não do mesmo modo por todos.

A privacidade do uso exclusivo de um PC e do acesso à Internet tornou cada vez mais individuais as atividades virtuais praticadas por cada usuário, de modo que as regras de um rabino podem servir como parâmetro ideal de comportamento, mas, se os PCs são utilizados individualmente, sem supervisores ou programas de controle nos terminais, cada usuário pode

utilizá-lo como quiser, assim como, teoricamente, se é mantida a mesma individualidade e privacidade no campo da alimentação, ele pode escolher o que come. E, geralmente, cada pessoa sente-se livre para se expressar sobre o que consome quando acha que suas liberdades individuais são respeitadas.

Uma vez que esta pesquisa foi realizada dentro das escolas, pode ter sido conveniente para as estudantes destas instituições de ensino declarar que assistiam somente filmes judaicos, hebraicos, e não filmes comuns, pelo medo que elas apresentaram, nas suas declarações nas entrevistas preliminares, de contradizer as normas de suas autoridades rabínicas, apesar de os questionários para estudantes terem sido respondidos individualmente e em anonimato. Este desvio nas respostas pode de fato ter ocorrido, mas pode ser também que estas estudantes tenham sido francas.

Na medida em que cada estudante poderia citar 3 filmes que assistiu, a quantidade de 7 filmes citados pelas 10 das 18 estudantes da *Escola(1)* foi relativamente muito pequena tanto em relação ao mercado de filmes judaicos ortodoxos, que já conta com dezenas de filmes em hebraico, como em relação aos milhares se não milhões de filmes comuns. E 6 destes filmes foram produzidos por judeus ortodoxos e 1 era a famosa série juvenil do bruxo inglês Harry Potter, portanto uma produção do mercado comum – talvez assistida pela estudante, apesar do assunto “mágica” ser proibido entre os judeus ortodoxos, por esta obra ser entendida como uma peça irreal com heróis infantis de um modo geral moralmente aceitos e protagonistas bem vestidos para os moldes judaicos ortodoxos.

As estudantes da *Escola(2)* também citaram relativamente poucos filmes, foram mencionados somente 23 filmes diferentes pelas 17 estudantes. Destes filmes 18 foram produzidos por judeus ortodoxos e 5 eram comuns, sobre a vida dos animais. Geralmente é mais fácil receber permissão dos rabinos das comunidades judaicas ortodoxas para assistir filmes sobre a natureza produzidos por pessoas de fora de suas comunidades do que para assistir filmes com protagonistas humanos.

Apesar de, nas entrevistas preliminares com as estudantes da *Escola(1)* e da *Escola(2)*, parte delas ter mostrado conhecer produções da National

Geographic em Israel especialmente editadas para judeus ortodoxos, nas quais a narrativa é adaptada para não apresentar conflitos com os preceitos religiosos desse público, elas revelaram também conhecer filmes dos estúdios da Walt Disney. Estas estudantes conheciam também o filme *O Pianista*,¹⁵¹ *Uma Vida Iluminada*,¹⁵² alguns filmes de Steven Spielberg e inclusive filmes de lutas com o ator Jackie Chan, segundo elas assistidos pelos seus irmãos.

O pequeno número de filmes citados pelas estudantes da *Escola(1)* e da *Escola(2)* pode talvez ser atribuído ao medo das alunas de que o nome de algum filme despertasse a curiosidade da diretoria da escola de encontrar quem o citou. Assim, seria mais fácil para elas repetir os nomes dos filmes mais comentados por elas mesmas em suas próprias classes.

As turmas femininas da *Escola(2)* e da *Escola(1)* foram aquelas que tinham o maior número de estudantes por turma que assistiam filmes em PCs. Mas, diferentemente do que foi observado na *Escola(1)* e na *Escola(2)*, a quantidade de filmes não produzidos por judeus ortodoxos assistidos em PCs citados pelas estudantes da *Escola(3)*, pelos estudantes da *Escola(6)*, da *Escola(5)*, pelas estudantes da turma feminina da *Escola(4)* e pelos estudantes da turma masculina da *Escola(4)* foi maior do que a quantidade de filmes citados, assistidos em PCs, produzidos por judeus ortodoxos.

Na *Escola(3)*, de 25 filmes assistidos pelas 33 estudantes, 13 eram comuns, portanto, pouco mais da metade dos filmes assistidos não eram produzidos por judeus ortodoxos. Entre eles: *Harry Potter*, *O Pianista*, *Scooby Doo*, *Driblando o Destino*, *Nova Cinderela*, *Um Príncipe em Minha Vida*, *Homem Aranha*, *Piratas do Caribe*.

Na *Escola(6)* 6 dos seus 18 estudantes afirmaram assistir filmes em PCs e citaram 6 filmes, 5 produzidos por judeus ortodoxos e 1 filme comum. Somente 15 entre os 49 estudantes das turmas femininas e das turmas masculinas da *Escola(4)* afirmaram assistir filmes em PCs e citaram 31 filmes

¹⁵¹ Filme do gênero [drama biográfico](#), dirigido por [Roman Polanski](#) em 2002. Seu roteiro é baseado em obra autobiográfica de [Władysław Szpilman](#), sobre a sua experiência como sobrevivente da perseguição [nazista](#).

¹⁵² Filme de aventura/comédia/drama escrito e dirigido por Liev Shreiber em 2005. Obra adaptada do romance *Everything is Illuminated*, de Jonathan Safran Foer, sobre rapaz à procura de suas origens na Ucrânia antes da guerra.

comuns. Na *Escola(5)* somente 10 de 28 estudantes afirmaram assistir filmes em PCs e mencionaram 24 filmes comuns.

Na *Escola(3)* e na *Escola(6)* a inclusão tecnológica sob a forma do uso de PCs para assistir filmes demonstrou ter sido uma nova brecha para que seus estudantes passassem a assistir filmes não produzidos por judeus ortodoxos, sem a estrita supervisão rabínica de, por exemplo, um dos líderes da *Escola(6)*, o Rabino F. Vale notar que este rabino proíbe o uso da Internet pelos estudantes, mas incentiva estes a assistir aos sábados à noite, exceto quando a noite coincide com uma data festiva judaica, filmes produzidos por judeus ortodoxos do Movimento *Chabad Lubavitch*, com cenas do seu falecido líder mundial, o Rabino Menachem Mendel Schneerson.

Contudo, em se tratando da *Escola(5)* e da *Escola(4)*, através das entrevistas preliminares se soube que a inclusão de tecnologias digitais e o consumo de filmes em PCs é uma extensão do hábito, cultivado por uma grande parte destes estudantes, de assistir filmes em vídeo exibidos em monitores de televisão, filmes da própria programação das emissoras e nos cinemas.

A diferença principal entre as estudantes da *Escola(3)* e da *Escola(4)* foi que na *Escola(3)* a educação judaica ortodoxa centrada radical impunha que o acesso à Internet fosse dificultado e/ou proibido; além disso, a separação entre ambientes de estudantes de sexos diferentes seria obrigatória em um sistema educacional em que a submissão às leis rabínicas era maior.

Na *Escola(4)* os pais e a escola seguiam o modelo de educação judaica ortodoxa centrada moderada, que apesar de ter turmas separadas por sexo permitia conversas entre os estudantes de sexos diferentes no pátio da escola. Era permitido acessar arquivos não judaicos e utilizar a Internet, frequentar cinemas, assistir televisão e vídeos e consumir mais produtos do mercado comum sem a restrita supervisão rabínica.

De qualquer modo, na medida em que os estudantes da *Escola(4)* frequentavam cinemas, assistiam televisão e filmes em vídeo e DVD nos seus monitores de televisão, assistir filmes em PCs não era propriamente uma

novidade para eles. Mas, o fato é que todos os estudantes estavam começando a assistir mais filmes em mais lugares, assim como o resto da população que tem acesso às novas tecnologias, PCs, nano-equipamentos digitais, leitores de CDs e DVDs portáteis, MP4, etc.

8.2.5 Atividades no PC

Na questão "Para que mais você utiliza o computador? Definir (ex: cópias de músicas, edição de trabalhos escritos, etc...)", com três linhas para que opções abertas fossem declaradas, observaram-se três respostas diferentes:

Os dados obtidos nos questionários para estudantes respondidos pelas estudantes da *Escola(1)*, da *Escola(3)* e pelos estudantes da *Escola(5)* mostraram mais estudantes, proporcionalmente ao número de estudantes de cada turma, que utilizavam PCs para deveres escolares do que para diversão.

Contudo, nas outras instituições de ensino notou-se que a quantidade de estudantes, proporcionalmente aos estudantes de sua turma, que utilizam o PC para a diversão é maior do que a proporção de estudantes em relação às suas próprias turmas que o utilizam para a edição de trabalhos e para a realização de pesquisas.

As informações sobre as atividades dos estudantes no PC demonstram que a maioria dos estudantes de todas as escolas pesquisadas da comunidade judaica ortodoxa paulistana utiliza o PC para diversão; em seguida, vem o número de estudantes que afirma editar trabalhos escolares e, por fim, uma franca minoria que utiliza o PC para pesquisas.

Esta questão tratava somente sobre o uso do PC sem acesso à Internet. Não obstante, a edição de trabalhos escolares pode ser relacionada não só ao uso de editores de textos e programas aprendidos na escola, mas inclusive à pesquisa e colagem de conteúdos da Internet; os poucos estudantes que afirmaram realizar pesquisas no PC, excluindo uma estudante que declarou usar a Enciclopédia Abril, provavelmente utilizavam a Internet para tal fim. Pois,

se eles não a utilizassem, provavelmente teriam respondido o item do questionário para estudantes sobre enciclopédias e arquivos para pesquisas que não necessitam de conexão com a Internet.

Nesta mesma questão sobre as atividades dos estudantes no PC, em um contexto em que os estudantes podiam escrever sobre a Internet nos questionários (isto é, na *Escola(3)*, *Escola(4)*, *Escola(5)* e *Escola(6)*), parte deles declarou atividades digitais que necessitam da Internet.

Entre as estudantes da turma feminina da *Escola(4)*, da turma masculina da *Escola(4)* e da *Escola(5)*, mais estudantes proporcionalmente em relação às suas próprias turmas responderam utilizar o serviço de email e o MSN no PC, sendo menor o número dos que responderam utilizar o PC para pesquisar.

Contudo, a comunicação interpessoal dos estudantes através do MSN, revelada nas entrevistas, e as pesquisas declaradas nos questionários, embora relativamente poucos estudantes realizem pesquisas, não tendo sido citada nenhuma enciclopédia digital instalada em seus PCs ou em um CD, demonstram que a inclusão digital envolve o uso do PC e implicitamente a sua conexão com a Internet em um sistema tecnológico em que um PC e a Internet são cada vez mais uma coisa só. Alguns rabinos de comunidades judaicas

ortodoxas insistem em selecionar tipos de aparelhos, conexões e acessos limitados aos serviços que eles permitem, diferenciando e restringindo deste modo as atividades dos membros de suas comunidades no universo digital.

8.3 QUESTIONÁRIO LONGO PARA ESTUDANTE (QLE) – COM INTERNET

8.3.1 Acesso à Internet

1. Local de Acesso

Todos os 49 estudantes da *Escola(4)* tinham acesso à Internet disponível na escola; entre eles todas as 31 alunas e 16 dos 18 alunos utilizavam a Internet na escola. Isto significa que 2 de 18 alunos da *Escola(4)*, apesar de terem a Internet disponível na escola e de serem orientados a utilizá-la para tarefas escolares, não a acessavam.

Na *Escola(3)* 29 das 33 estudantes, na *Escola(5)* 25 dos 28 estudantes e na *Escola(6)* 14 dos 18 estudantes tinham acesso à Internet em suas residências.

Mesmo que as estudantes da *Escola(3)* e os estudantes da *Escola(6)* não devessem, segundo as direções de suas escolas, ter nenhum acesso à Internet, eles revelaram acessar a Internet em seus lares e 1 estudante da *Escola(6)* revelou que fazia uso da Internet na própria escola. Na *Escola(5)* 6 dos 28 estudantes afirmaram ter acesso à Internet na escola.

A porcentagem de estudantes que freqüentavam casas de Internet abertas ao público foi maior nas turmas masculinas do que nas turmas femininas das escolas judaicas ortodoxas paulistanas.

Nas entrevistas preliminares a porcentagem de estudantes na *Escola(6)* que acessava a Internet na escola resultou maior do que a obtida no questionário (proporção de 1 em 18 estudantes). Este desvio pode ter ocorrido

porque o grupo de estudantes que respondeu aos questionários não obrigatoriamente envolveu os filhos dos funcionários, ou então os alunos omitiram esta informação por escrito.

2. Acesso a Internet Individual e em Grupo

Como foi constatado que existia o costume de usar um PC em grupo e sabendo-se que o acesso à Internet era proibido por rabinos da comunidade judaica ortodoxa, era de imaginar que o uso de um PC para acessar a Internet ocorria com mais frequência individualmente, ao contrário do uso de um PC sem acesso à Internet.

No entanto, no quadro abaixo, vemos que, na *Escola(3)*, na turma masculina da *Escola(4)* e na *Escola(6)*, o número de estudantes que declararam acessar a Internet em grupo foi maior do que o número dos que declararam utilizar um mesmo PC com outras pessoas somente para programas sem acesso à Internet.

8.3.2 Atividades na Internet

Na *Escola(3)* foi confirmado pelas estudantes, durante as entrevistas preliminares e em situações informais, pelo fato de a pesquisadora também conhecer pessoalmente suas famílias, que muitas delas se comunicavam através do MSN com as estudantes da *Escola(1)* e da *Escola(2)* e também com as estudantes da turma feminina da *Escola(4)*.

Assim como foi constatado que as estudantes da *Escola(1)* e da *Escola(2)* se comunicavam por MSN, as estudantes da *Escola(3)* apresentaram à pesquisadora nas entrevistas preliminares suas listas de amigos e familiares no MSN. Como as estudantes da *Escola(1)* e da *Escola(2)*, parte das estudantes da *Escola(3)* declararam se comunicar somente com estudantes de famílias de ortodoxia judaica semelhante e com mulheres e parentes.

Algumas estudantes da *Escola(3)* e todas as estudantes da turma feminina da *Escola(4)* afirmaram se comunicar também com os estudantes das instituições masculinas de ensino judaico ortodoxo.

Todas as estudantes da *Escola(3)* e da *Escola(4)* entrevistadas declararam que acompanhavam *blogs*, todavia, o nome e o próprio acompanhamento de *blogs* não foram mencionados nas respostas das estudantes aos questionários.

As estudantes da *Escola(3)* e da turma feminina da *Escola(4)* atualizaram o hábito de observar o comportamento do sexo oposto, verificando agora também as atividades deste nas comunidades virtuais. Estas estudantes revelaram nas entrevistas preliminares que observavam anonimamente os perfis dos membros de comunidades virtuais de estudantes das instituições masculinas de ensino judaico ortodoxo e as suas discussões. Nessas comunidades virtuais os meninos discutiam desinibidamente tópicos que não seriam discutidos face a face, muito menos na presença feminina.

1. Lições, Jornais e Jogos em Rede

Na *Escola(3)* 19 das 33 estudantes e na *Escola(4)* 28 das 31 estudantes da turma feminina afirmaram que utilizavam a Internet para tarefas escolares. Entre as estudantes da *Escola(3)* novos hábitos, como ler jornais não produzidos por judeus ortodoxos, foram assimilados e atividades anteriores, como jogar com as amigas, se transformaram em atividades em rede, ou seja, na Internet.

Na *Escola(3)* 48,5% das estudantes afirmaram que jogavam em rede, isto é, proporcionalmente mais estudantes por classe do que os 41,9% de estudantes da turma feminina da *Escola(4)* e os 33,3% da *Escola(6)*, e somente menos do que os 72,2% dos estudantes da turma masculina da *Escola(4)* e os 57,1% dos estudantes da *Escola(5)* que responderam aos questionários.

Assim como nos jogos em PCs sem Internet, a porcentagem de estudantes que jogavam na Internet era maior na *Escola(3)* do que na turma feminina da *Escola(4)*, e somente menor do que a porcentagem de estudantes de cada uma das turmas do sexo oposto. Entre as estudantes da turma feminina da *Escola(4)* a porcentagem que utilizava a Internet para preparar lições era maior do que para quaisquer outras atividades e maior do que a porcentagem de estudantes da *Escola(3)* e das turmas masculinas para esta mesma atividade.

A inclusão virtual das estudantes das turmas femininas de instituições de ensino para judeus ultra-ortodoxos e para judeus ortodoxos centristas radicais parece surgir como produto da falta de orientação e monitoramento das instituições para que o PCs e a Internet sejam utilizados como ferramenta educacional. Assim, mais alunas assistiam filmes e jogavam em seus PCs nessas instituições do que na turma feminina da *Escola(4)*.

Na *Escola(6)* ocorreu a contradição de que, dos 18 estudantes, 13 afirmaram se divertir em seus PCs, apesar de 15 destes 18 afirmarem que utilizavam jogos em PCs, além de 6 que utilizavam jogos na Internet. Ficamos, então, imaginando por que seria que 2 destes estudantes não consideraram que se divertiam quando estavam jogando em um PC.

Nas entrevistas preliminares vários estudantes da *Escola(6)* revelaram ser aficionados por jogos de videogame e jogar nestes quase que diariamente em um monitor da escola comprado para que nele fossem assistidos somente os filmes de atividades do Movimento *Chabad Lubavitch*. E afirmaram que, se os equipamentos digitais tivessem celulares e recebessem automaticamente sob responsabilidade do fabricante suas atualizações, eles usariam ainda mais estes jogos.

Esta resposta dos estudantes da *Escola(6)* previa a assimilação do uso dos nano-computadores e aparelhos de MP4 com jogos e conexão com a Internet. Apesar da oposição rabínica, por causa do envolvimento destes usuários em assuntos externos aos estudos rabínicos, cada vez mais estes aparelhos estavam sendo vistos nas mãos dos estudantes.

A falta de orientação de uso da Internet como ferramenta educacional na *Escola(3)*, na *Escola(5)* e na *Escola(6)* contribuiu para que o ambiente virtual e a cibercultura fossem assimilados pelos seus estudantes informalmente. Como resultado, a inclusão virtual destes estudantes em ambientes não judaicos começou a ocorrer não somente através da nova prática da leitura da página principal dos jornais produzidos pelos seus provedores de Internet e de email, principalmente no caso dos estudantes do sexo masculino, mas também, apesar de o corpo docente destas escolas não orientar seus estudantes em atividades na Internet, para a execução das lições escolares.

Do total de estudantes da comunidade judaica ortodoxa paulistana que revelou suas atividades na Internet em questionários, a maior porcentagem é justamente a que declara utilizá-la para ler jornais, seguida da porcentagem que a utiliza para executar as suas lições escolares e da porcentagem que a utiliza para jogos em rede.

É interessante assinalar que, entre as estudantes da turma feminina da *Escola(4)*, a porcentagem de estudantes que declarou que se divertia em seus PCs sem Internet era maior do que a porcentagem de estudantes que editava deveres escolares e pesquisava. Mas, em relação à Internet, as alunas que declararam utilizá-la para suas lições escolares estavam em maior número do que as que afirmaram ler jornais ou jogar na rede.

A turma masculina da *Escola(4)*, a *Escola(5)* e a *Escola(6)* podem ser diferenciadas pelo nível de ortodoxia judaica do programa de estudos de cada uma delas. O programa de estudos da *Escola(4)* é judaico ortodoxo centrista moderado e disponibilizava PCs e acesso à Internet a todos os seus estudantes como ferramenta escolar. A *Escola(5)* é uma instituição de ensino judaica ortodoxa centrista radical que permitia que seus estudantes utilizassem a Internet sob a supervisão de seus pais e a *Escola(6)* seguia o modelo de

educação judaico ultra-ortodoxo que proibia o acesso à Internet através de PCs.

Nas turmas masculinas da *Escola(4)* a porcentagem de estudantes que declarou ler jornais na Internet foi de 94,4% e 77,8% declararam utilizá-la para tarefas escolares. Nas turmas femininas desta mesma escola a porcentagem de estudantes que declarou utilizar a Internet para as lições escolares foi de 90,3%; 64,5% declararam utilizá-la para a leitura de jornais, menos do que as 67,7% entre elas que confirmaram que assistiam filmes na Internet.

Se estas atividades virtuais fossem recolocadas no antigo contexto físico presencial, poderíamos visualizar a maioria dos estudantes das turmas masculinas como homens lendo jornais e a maioria das estudantes das turmas femininas como mulheres leitoras de livros, almanaques ou outras fontes que auxiliam na execução de suas tarefas.

2. Músicas, Filmes e Pesquisas para Compras

Obter músicas pela Internet foi a atividade virtual com mais usuários por turma na *Escola(4)*, depois de tarefas escolares, para as estudantes da turma feminina, e de leitura de jornais, para os estudantes da turma masculina.

Lembremos que os questionários desta pesquisa foram aplicados no final de 2004 e início de 2005 e que já então o uso da mídia digital, ao menos em PCs sem acesso à Internet, pelos membros de todas as instituições de ensino judaico ortodoxo em São Paulo estava consolidado. E, nas instituições que permitiram que fosse aplicado o questionário sobre a Internet, foi constatado que o uso de email, MSN e teleconferências já era comum entre os entrevistados, independentemente do sexo.

Todos os estudantes da *Escola(4)* afirmaram, então, ter email; segundo eles próprios, todos eles podiam, teoricamente, receber tarefas escolares por email, o que tornava esta ferramenta da Internet, entre estes estudantes, mais comum que o telefone celular.

A porcentagem de estudantes das turmas femininas que declarou nas entrevistas preliminares conceder uma maior importância ao uso do MSN era maior do que entre os estudantes do sexo masculino. No entanto, a porcentagem das estudantes da *Escola(3)* que utilizavam o MSN era menor do que a porcentagem de estudantes da turma masculina da *Escola(4)* e maior do

que a porcentagem de estudantes das turmas masculinas da *Escola(5)* e da *Escola(6)*. Nestas duas instituições, a porcentagem de estudantes que utilizavam o email era maior entre os meninos do que entre as meninas.

A porcentagem de estudantes da turma masculina da *Escola(4)* que utilizavam emails, MSN e executavam videoconferências era maior do que a porcentagem de estudantes em cada uma das outras escolas. Esse dado mostra que a inclusão destes serviços de comunicação interpessoal direta nos PCs pela Internet era relativamente maior entre os estudantes da *Escola(4)* do que entre os estudantes das demais escolas judaicas ortodoxas paulistanas.

8.4 COMUNIDADES VIRTUAIS DOS ESTUDANTES

Apesar dos blogs e comunidades virtuais não terem sido citados pelos estudantes nos questionários, algumas comunidades virtuais e *blogs* foram criados no MSN em 2003, 2004 e 2005 pelos estudantes da *Escola(4)* e da *Escola(3)* para exposição de fotos, notícias e troca de lições.

No final de 2004, durante a finalização das entrevistas preliminares com os estudantes e antes da aplicação dos questionários para estudantes, cada vez mais estudantes da *Escola(3)*, da *Escola(4)*, da *Escola(5)* e da *Escola(6)* começavam a construir seus perfis no Orkut,¹⁵³ abandonando os já antigos *blogs*.

Os estudantes das turmas femininas e masculinas da *Escola(4)* se comunicavam por MSN, por email e acessavam a comunidade pública (aberta a todos) e não anônima (que não permite postagem anônima) no Orkut intitulada “lavne - Beith Chinuch”, criada no dia 27 de junho de 2004 por um aluno, e a comunidade “Bnei Akivá”, também pública e não anônima, criada no dia 7 de julho de 2004 por um monitor deste movimento juvenil como ferramenta útil para execução de atividades. Na data de 18 de setembro de 2004 foi criada no Orkut a comunidade “Turma do Barba”, pública e anônima

¹⁵³ Site de relacionamentos que permite que todas as pessoas que se tornam seus membros elaborem seus próprios perfis, criem comunidades e interajam com os outros usuários e comunidades - <http://www.orkut.com>

(que permite postagem anônima), por um estudante da *Escola(6)*, para ele e para os seus companheiros de escola.

No dia 26 de dezembro de 2004 o mesmo estudante da *Escola(6)* criou outra comunidade no Orkut, chamada “Chutaísmo-Brasil”, também pública e anônima, com o objetivo de que todas as pessoas interessadas em se expressar pudessem, protegidas pelo anonimato, discutir sentimentos de rejeição e atividades dissonantes do comportamento judaico ultra-ortodoxo.

Embora a comunidade Chutaísmo-Brasil fosse aberta para qualquer integrante do Orkut que quisesse se tornar membro, as mensagens que pareciam ter sido postadas para convencer seus membros a mudar de religião foram respondidas por estes com efusivos protestos.

Os estudantes da *Escola(5)* afirmaram no final de 2004 que tinha sido aberta uma comunidade no Orkut, por um aluno, para os estudantes e simpatizantes desta instituição. Contudo, somente no dia 21 de outubro de 2006 foi criada a comunidade *Escola(5)* existente neste momento¹⁵⁴ no Orkut. Esta comunidade era moderada, portanto, não pública, ou seja, os perfis interessados em se tornar membros necessitavam ser aceitos pelo responsável pela comunidade e não era possível postar anonimamente mensagens em seu fórum.

8.4.1 Comunidade Chutaísmo-Brasil

A comunidade “Chutaísmo-Brasil” era o espaço virtual que reunia o maior número de leitores e membros entre os estudantes de todas as turmas das instituições de ensino que responderam ao Questionário Longo para Estudantes - com perguntas sobre a Internet. De modo que a apresentação desta comunidade tem profunda relevância no contexto desta tese.

Paradoxalmente, a comunidade Chutaísmo-Brasil teve o seu número de membros inicialmente aumentado quando o Rabino F, em 2005, proibiu que os

¹⁵⁴ Setembro de 2007.

estudantes judeus ortodoxos das instituições de ensino do Movimento *Chabad Lubavitch* em São Paulo acessassem a Internet.

Esta proibição não surtiu resultados satisfatórios para este rabino, pois as estudantes da *Escola(3)* e os estudantes da *Escola(6)*, instituições que pertenciam ao movimento, eram os principais membros e leitores das mensagens da comunidade. E, apesar de a proibição ser repetida de tempos em tempos pelo rabino, o número de membros variou de 30 a 44, em um total de 76 pessoas diferentes que se mantiveram membros desta comunidade por mais de um mês seguido, desde sua criação até setembro de 2007.

Em setembro de 2007 os membros da Chutáismo-Brasil eram principalmente estudantes e ex-estudantes da *Escola(6)*, da *Ieshivá Machané Israel* de Petrópolis e da *Escola(5)* no Brasil e no exterior.

As figuras apresentadas a seguir são imagens de páginas da Internet do navegador Explorer de um PC com o Windows XP em hebraico com caracteres dos idiomas inglês e português instalados. (Esta configuração faz com que a única diferença significativa seja a moldura invertida do programa Explorer – as definições da barra de serviços aparecem da direita para a esquerda, algumas delas em hebraico com caracteres hebraicos).

PÁGINA INICIAL DA COMUNIDADE ORKUT “CHUTAÍSMO-BRASIL”

The screenshot shows the Orkut community page for 'Chutaismo-Brasil'. The page is in Portuguese and features a description, a list of members, and a forum section.

Chutaismo-Brasil
Home > Communities > Chutaismo-Brasil

description: Comunidade criada para troca de experiencias,ponto de vista e opinião sobre o "chutaismo", sobre "chutar de vez" ou ser apenas um "chutado".

ATENÇÃO: vc NÃO precisa ser nem a favor do assunto, nem um "chutado" ou um que "já chutou" para entrar nesta comunidade. Ou seja, fazer parte de nossa comunidade NÃO quer dizer que vc é um chutado.

É contra o tema??? Então aqui é a sua chance de dar umas ashpoes pra galera!

É a favor??? Então entre e se divirta!

REGRAS DA COMUNIDADE: SÓ serão aceitos topicos e posts ANONIMOS, os demais serão deletados.

language: **Portuguese**
category: Romance & Relationships
owner: Gabriel Mandelsberg
type: public
forum: anonymous
location: Brazil
created: December 26, 2004 8:44 PM
members: 42

members (42)

Beny (196) Ariel (107) Khaff (195)
Avraham (111) Martin (47) Manas (46)
Shai (149) zevi (112) alex (72)

related communities

Turma do Barba (26) Baladas Vila Olimpia (75,268)

forum

topic	posts	last post
Chutaismo	9	10/15/07
VERDADEIRO CHUTISMO DE OLIMPIADE	10	10/13/07

O criador da comunidade e único moderador desde a sua criação não assumiu a posição de chefe e anfitrião de aldeia, selecionando os membros e respondendo ou deletando mensagens inoportunas. A comunidade Chutaísmo-Brasil pode ser considerada visceral e umbilical, pelo fato de agregar somente estudantes e ex-estudantes de instituições de ensino judaicas ortodoxas, reunindo virtualmente indivíduos ligados aos mesmos lugares, práticas e grupos de pessoas, e não pessoas desconhecidas entre si que resolveram aderir à comunidade pela afinidade com o tema nela proposto.

Esta comunidade mantinha em si a globalidade da dimensão virtual, porque dava a oportunidade de reunir digitalmente estas pessoas, intensificando a troca de mensagens entre elas. Seus membros podiam se comunicar no espaço virtual mesmo quando se encontravam separados pela distância ou pelas suas rotinas.

A comunidade se comportava como um *shtetel virtual*,¹⁵⁵ porque, apesar de as infovias permitirem que todos os usuários do Orkut transitem entre suas mensagens e de a comunidade ser pública, somente se tornam membros da Chutaísmo-Brasil, residindo virtualmente no espaço e literalmente participando e postando na comunidade, estudantes com formação em escolas judaicas ortodoxas.

O anonimato permitiu que os usuários utilizassem uma linguagem vulgar, com a qual, pelo que estas mesmas pessoas dizem, elas nunca ousariam dialogar publicamente face a face. Os membros da comunidade, em 2005 e 2006, discutiam anonimamente sobre a primeira coisa que transgrediram dos preceitos rabínicos, sobre mulheres e sobre as suas dúvidas e fofocas sobre rabinos e suas famílias. A comunidade também ocultou a face de membros que entravam no espaço para desferir insultos e agressões aos outros membros, a terceiros e terceiras, criando uma rede de mentiras, intrigas, insultos e palavrões.

No entanto, foi somente no dia 10 de julho de 2007 que uma mensagem anônima, com conexões a dois filmes no *YouTube*¹⁵⁶ que apresentavam os estudantes da *Escola(5)* aprendendo a dançar e tentando matar um inseto em seus quartos com uma raquete elétrica para matar insetos, contribuiu para a peripécia de uma comunidade virtual reunir como membros muitos dos estudantes das turmas masculinas das instituições de ensino selecionadas para esta pesquisa.

O filme de poucos minutos dos dançarinos no YouTube, uma enquete sobre qual escola teria mais “viadice” e o desprezo demonstrado por um estudante da *Escola(5)* por judeus asquenazitas¹⁵⁷ transformaram este *shtetel virtual* em uma arena de ofensas e insultos, transparecendo duas tribos de estudantes de escolas diferentes com algumas diferenças padrão. Os estudantes da *Escola(5)* escreviam com erros de português e com muitas gírias características da Internet, ao passo que os estudantes da *Escola(6)*

¹⁵⁵ *Shtetel* – Em alusão às aldeias habitadas por judeus até o século XX na Europa Oriental.

¹⁵⁶ O *YouTube* é um serviço na Internet fundado em fevereiro de 2005 que permite que seus usuários carreguem, assistam e compartilhem vídeos em formato digital.

¹⁵⁷ Judeus que descendem de famílias judaicas originárias das terras onde na Idade Média habitavam os povos germânicos.

demonstravam desconhecer estas gírias, transparecendo involuntariamente também erros gramaticais e de ortografia, como a falta do “r” nos infinitivos, entre outros erros de português não intencionais, provavelmente devidos às deficiências do ensino da língua portuguesa nesta escola.

Os estudantes da *Escola(5)* que ingressaram nesta comunidade não acataram a regra do anonimato. Mostrando seus verdadeiros rostos, passaram a insultar os estudantes da *Escola(6)*, o que levou alguns destes a também revelar seus próprios rostos.

Apesar de o anonimato ter sido parcialmente abandonado por parte dos membros da comunidade, o costume virtual de insultar os outros e escrever palavrões não pereceu. Em meio a ofensas diretas nominais, alguns de seus membros passaram a implorar para que a comunidade fosse deletada pelo seu criador.

Este confronto virtual transbordou rapidamente, em agosto de 2007, para situações em ambientes presenciais em comum. Nos encontros físicos os estudantes teriam começado a se dividir como tribos escolares, "prontos para o combate", mas, segundo eles, não ocorreram confrontos corporais ou troca de palavrões face a face.

No entanto, foi por causa dos olhos das transeuntes femininas assíduas no Orkut, estudantes da *Escola(3)* e posteriormente também das turmas femininas da *Escola(4)*, que esta comunidade foi se tornando desde o seu início uma polêmica entre os pais dos estudantes. A atualização do costume das mulheres de observar o comportamento masculino e discuti-lo entre elas levou as meninas a revelar aos seus irmãos, pais, professoras, professores e rabinos o temor e o terror que desenvolviam em relação aos estudantes que escreviam no Chutaísmo-Brasil sobre elas e depois também brigavam entre si.

Na falta de autoridades rabínicas prontas a tratar deste fenômeno cultural de brigas entre tribos escolares, desencadeado e catalisado pela comunidade Chutaísmo-Brasil, surgiu a novidade da inclusão da primeira identidade fictícia entre seus membros no dia 04 de setembro de 2007.

Surgiu, assim, a identidade virtual *kosher dog*, que, apesar de ter um perfil masculino e de suas mensagens apresentarem um vocabulário semelhante ao de outros membros da comunidade, mas sem palavrões, expressava idéias maduras, não sabia bem o hebraico, como era esperado de um estudante de uma das instituições de ensino judaico ortodoxo paulistano, e apresentava preocupações semelhantes às das mães destes estudantes, que a pesquisadora conhecia pessoalmente. Além disso, seu perfil tinha como amigos o perfil de ativistas femininas para assuntos judaicos no Orkut.

Portanto, a identidade *kosher dog* teve o mérito de elevar as discussões da comunidade Chutaísmo-Brasil, de elaborar e coordenar votações em enquetes, cobrando para que os membros votassem nelas. Assim, a primeira identidade *fake* entre os anônimos membros da comunidade corre o risco de ter sido uma mamãe moralista, ou uma pessoa que não pertencia à comunidade judaica ortodoxa e não dominava o idioma hebraico nem as leis rabínicas.

FÓRUM CHUTAÍSMO-BRASIL: PÁGINA DOS TÓPICOS DISCUTIDOS

Os últimos dez tópicos que receberam mensagens até a data de 15 de outubro de 2007 foram, respectivamente, na ordem tópico, autor, quantidade de mensagens enviadas e data em que foi postada a última mensagem:

- 1) Chutaismo – *Khafif* – 9 - Oct 15;
- 2) VERDADEIRO CHUTAISMO DE QUALIDADE – *anonymous* - 10 - Oct 12;
- 3) de sua opinião - sefas são yehudim ? – *anonymous* – 43 - Oct 2;
- 4) יחי המלך – *anonymous* - 12 - Oct 2;
- 5) sucot - *anonymous* - 12 - Sep 26;
- 6) ou olhem isso urgente - *Yoni* - 14 - Sep 21;
- 7) Mashguichim!!! - *Daniel Felipe* - 1 - Sep 20;
- 8) meninas brasileiras chabad tem salvacao? - *anonymous* - 18 - Sep 20;
- 9) shiduch - *anonymous* - 46 - Sep 20;
- 10) lubavitch e cotia, quem ganha em viadice? - *anonymous* - 33 - Sep 19.

Os tópicos sobre o tema “chutaísmo” discutem o que os membros desta comunidade consideram ser um “chutado”. Alguns de seus membros

expressaram que o "chutado" é uma pessoa que não se adapta às regras da comunidade judaica ortodoxa e se sente "diferente" ou "rejeitado" por esta. Ou, que o "chutado" pode ser quem "chuta" a religião e a comunidade judaica ortodoxa. Entre revelações de sentimentos ambíguos com relação à ortodoxia judaica por parte de alguns dos membros da comunidade, eles discutiram as qualidades de um "chutado". No entanto, parece existir o consenso de que um "chutado" é uma pessoa revoltada, ignorante tanto na religião como nos estudos não religiosos.

Os tópicos "lubavitch e cotia, quem ganha em viadice" e "de sua opinião – sefas são yehudim" são arenas virtuais onde os membros da comunidade se confrontam, uns insultando os outros, onde alguns desesperados ainda tentam ensinar história ou pedir para que os membros se comportem mais dignamente e tenham amor ao próximo.

Encontra-se, entre tópicos sobre casamento e mulheres, o tópico "shiduch". Este, com 24 mensagens postadas até a data de 15 de outubro, inicialmente procurava uma esposa para um rabino de 24 anos divorciado. No entanto, anonimamente, um ou mais membros da comunidade se aproveitaram para insultar várias filhas de rabinos, provavelmente desconhecendo o fato de que elas tinham menos de 16 anos e incomodando, assim, grande parte das estudantes da *Escola*(3) e da *Escola*(4), além de seus irmãos.

Outros tópicos sobre filhas de rabinos e casamentos haviam sido postados anteriormente, simulando e imaginando situações e romances entre pessoas reais, que de fato não ocorreram.

Selecionamos então dois tópicos que apesar de não constarem entre os dez tópicos acima, eles são aqueles que melhor demonstram o tipo de discurso mais comum nesta comunidade e o relacionamento belicoso neste espaço virtual.

TÓPICO NA CHUTAÍSMO-BRASIL SOBRE GAROTAS

As estudantes das turmas femininas alegaram acessar a Comunidade Chutaísmo-Brasil por causa das mensagens postadas sobre elas.

TÓPICO NA CHUTAÍSMO-BRASIL SOBRE OS ESTUDANTES

No tópico "de sua opinião – sefas são yehudim" (ou seja, os judeus de origem sefaradita seriam judeus?), os membros da comunidade trocam insultos, ofendendo indiscriminadamente uns aos outros. O tópico abaixo – "lubavitch e cotia, quem ganha em viadice?" – igualmente mostra um pouco da belicosidade, mas também um pouco da ironia, de alguns dos membros da comunidade.

Resumindo, este *shtetel virtual*, fugindo à proposta inicial do seu criador, tornou-se sob os olhos femininos das estudantes e de algumas mães de estudantes da comunidade um campo de batalhas, uma arena de gladiadores aparentemente com hormônios masculinos em altos níveis, adolescentes exaltados que, sem orientação ou monitoramento, aproveitavam-se desta situação descontrolada para desferir chutes para todos os lados, acertando literalmente suas próprias vísceras.

Portanto, na Comunidade Chutaísmo-Brasil, dadas as restrições para o relacionamento presencial entre homens e mulheres, que dificultam a conversa face a face entre pessoas do sexo oposto, e a norma religiosa que proíbe ofender e envergonhar outras pessoas, estes estudantes se sentiram estimulados pelo anonimato e pela informalidade do ambiente virtual e passaram a se expressar descontroladamente.

Em meio às pressões dos pais, professores e rabinos, alguns estudantes da *Escola*(5) abandonaram em outubro de 2007 a comunidade, cancelando as mensagens que nela postaram, mas outros entraram.

Surgiram também, em reação à “Chutaísmo-Brasil”, novas comunidades criadas por membros e ex-membros, como a “Orkut, proibido nunca”, pública e que permite postagem anônima, criada no dia 31 de agosto de 2007, “EU ODEIO A CHUTAÍSMO BRASIL”, criada no dia 30 de setembro de 2007, moderada, que não permite postagem anônima, entre outras.

8.5 MUDANÇAS NA COMUNICAÇÃO E DIFERENÇAS ENTRE SEXOS

Algumas estudantes da *Escola(1)* e da *Escola(2)* faziam parte de famílias em que a educação determina que os homens evitem conversar com mulheres¹⁵⁸ e as mulheres com os homens. No entanto, o desenvolvimento da comunicação digital facilitou a comunicação escrita entre pessoas de sexos diferentes destes segmentos da comunidade judaica ortodoxa e com pessoas de fora da comunidade.

Enquanto, para os adultos, estas mudanças implicavam a modificação das tarefas, funções, trabalhos e responsabilidades dos judeus ortodoxos usuários da mídia digital, já que as mulheres passavam a representar instituições e a interagir à distância e impessoalmente com homens, utilizar o MSN, para as estudantes da *Escola(1)* e da *Escola(2)*, significava um “negócio de jovens”. Pois estas estudantes avaliavam que seus pais desconheciam ou não dominavam o uso do MSN, na medida em que elas achavam que eles se atinham a outras atividades, inclusive virtuais, consideradas por elas como mais sérias.

Estas estudantes estavam recriando o modo bem peculiar de trocar informações com seus irmãos e os irmãos de suas amigas, em pequenos grupos presenciais, quando viviam próximos e podiam andar pelas ruas e se encontrar às escondidas. Agora, na capital paulista, estes estudantes, sem poder sair livremente pelas ruas, à distância, mesmo que façam parte das mesmas comunidades presenciais, encontram no MSN uma nova oportunidade

¹⁵⁸ “...não converse muito com a mulher, com a tua mulher e obviamente também não com a mulher dos outros; daqui dizem os sábios que o tempo que o homem fala demais com a mulher ele traz mal para si próprio, cancela dos assuntos de Torá e seu fim é herdar o inferno” – Talmud Babilônico, Tratado de Avot 1:5.

de falar com o sexo oposto sem que os pais tenham condições de ver o rosto dos interlocutores com quem estão interagindo.

Moharan-Martin (1998:175-181) afirma que a comunicação na Internet é masculina na medida em que é derivada da cultura da comunicação dos jogos de computadores, o que equivale a dizer que, quando as mulheres participam de ambientes desenvolvidos e dominados por homens, encontram dificuldade em interagir com a agressividade masculina.

Esta visão chauvinista dos PCs e da mídia digital falha, pois, se muitos dos jogos de PC são combates e confrontos e a interação masculina é marcada pela testosterona, existem jogos competitivos que foram muito bem assimilados pelas estudantes da comunidade judaica ortodoxa estudada nesta tese. Ademais, atividades como desenhar, escrever e serviços como o MSN podem ser comparados e associados a maneiras femininas de interagir no mundo. Vale lembrar ainda que o acesso a ambientes virtuais públicos e anônimos concede ao usuário a liberdade de interagir usando uma identidade diferente da real, do mundo presencial.

Na Internet o perfil do usuário é a sua interação no ciberespaço e sua identidade não é associada às suas características físicas ou à região em que ele reside. E, quando não existem programas de controle de acesso e atividades nos terminais utilizados, os usuários estão livres para interagir com pessoas, confraternizar virtualmente e conhecer valores antes inacessíveis e assimilar novos hábitos. A preocupação dos rabinos das comunidades judaicas ortodoxas existe justamente porque estas mudanças podem afastar os membros das atividades religiosas e dos ambientes exclusivos, da prática dos preceitos judaicos e das normas por eles ditadas para a coesão de seus membros e manutenção de suas comunidades.

Assim como as estudantes da *Escola(1)* e da *Escola(2)* se comunicavam através do MSN, os estudantes das turmas masculinas e femininas da *Escola(3)*, *Escola(4)*, *Escola(5)* e *Escola(6)* consideravam o Orkut como um “negócio restrito de jovens” e de pessoas que não faziam propriamente parte da comunidade judaica ortodoxa, seguros de que as pessoas da geração de seus pais pertencentes a esta comunidade não conheciam nem acessavam o

Orkut e outros ambientes virtuais semelhantes, por conta das restrições religiosas de suas autoridades rabínicas.

A inclusão digital espontânea através de atividades informais, acrescida da sensação de liberdade de interação em situações não compartilhadas pelos pais, apesar da oposição dos rabinos à Internet, ou ainda a falta de orientação e a carência de atividades, objetivos, usos e metas educacionais na inclusão virtual por parte das instituições de ensino fizeram com que, apesar da maioria dos estudantes utilizar PCs para editar seus trabalhos escolares, a maior parte dos estudantes da comunidade judaica ortodoxa paulistana que fizeram parte desta pesquisa conhecesse mais programas para atividades informais, como se divertir e se comunicar em ambientes virtuais, do que arquivos de pesquisas ou programas para executar pesquisas para suas próprias obrigações e deveres escolares.

A inclusão informal destes estudantes no ciberespaço fez com que eles passassem a elaborar seus próprios perfis virtuais de acordo com seus próprios interesses, sexo e personalidades, procurando, compartilhando e criando novos ambientes virtuais, diferentes daqueles nos quais seus pais interagiam ou mesmo semelhantes a eles. Os estudantes tiveram a oportunidade de conhecer novos contextos culturais, valores e pessoas, propulsando mudanças em seus hábitos e costumes e, conseqüentemente, em suas próprias comunidades.

9 CONCLUSÕES: PAULICÉIA, CIBERESPAÇO E JUDEUS ORTODOXOS

Deve-se recordar que a pesquisa apresentada é pioneira no contexto brasileiro, já que não existem trabalhos científicos sobre o uso de um Computador Pessoal (PC) e da Internet na comunidade judaica ortodoxa de São Paulo. No que diz respeito a outros contextos nacionais, ainda são poucos os estudos sobre este assunto, sendo que os existentes ainda são trabalhos preliminares. Esta foi uma das razões que levaram à escolha do tema desta tese.

Enfrentaram-se, então, algumas dificuldades no desenvolvimento da pesquisa, pois a bibliografia sobre seu tema é ainda exígua, destacando, entre elas, a falta de uma visão comparativa, o que teria permitido elencar características mais precisas sobre as singularidades da comunidade judaica ortodoxa paulistana em sua relação com as novas tecnologias.

Ao longo deste trabalho, tentou-se seguir rigorosamente metodologias de pesquisa que permitissem obter um panorama fidedigno do uso das novas tecnologias no segmento populacional estudado. O fato de a pesquisadora fazer parte da comunidade estudada foi importante, uma vez que a mesma não encontrou dificuldades em coletar dados e obter as mais diversas informações.

Para concluir este trabalho sobre a comunidade judaica ortodoxa na atualidade, que, apesar de pequena, é significativa por ser uma parcela distinta e vistosa da comunidade judaica contemporânea, deve-se ressaltar que, no entendimento da pesquisadora, a religiosidade de uma pessoa, ou de um judeu, não possui relação direta com a sua submissão às autoridades de alguma instituição religiosa, no caso, com a obediência a uma autoridade da comunidade judaica ortodoxa ou com o fato de a pessoa ser membro desta. Isto quer dizer que uma pessoa pode se sentir um judeu religioso, rezar mais vezes e praticar mais de seus rituais religiosos do que um judeu ortodoxo, pois, para a pesquisadora, a diferença fundamental entre religiosidade e ortodoxia judaica consiste em que a religiosidade é o resultado da influência dos escrúpulos de um indivíduo com relação aos valores de sua crença pessoal e

aos seus princípios éticos sobre as suas atividades cotidianas; ao passo que a ortodoxia de um judeu é definida não só por sua fé, mas principalmente pela rigorosa conformidade da execução de suas ações estritamente de acordo com as leis e normas das autoridades religiosas da comunidade judaica ortodoxa, indiferentemente dos motivos que o levem a ter este comportamento e identidade.

Em se tratando especificamente do Judaísmo Ortodoxo, que é o assunto principal desta pesquisa, assim como foi exposto nos capítulos anteriores, a ortodoxia judaica caracteriza-se pela intolerância ao novo e ao diferente, sendo esta a qualidade principal da ultra-ortodoxia judaica. Por sua vez, a ortodoxia centrista judaica procura um caminho central que viabilize integrar os conhecimentos, elementos e valores religiosos e seculares exclusivamente de acordo com a doutrina rabínica. Os judeus ortodoxos centristas radicais são mais próximos à ultra-ortodoxia judaica e os judeus ortodoxos centristas moderados apresentam uma maior proximidade à sociedade secular.

Esta conclusão traz uma resumida caracterização dos grupos estudados da comunidade judaica ortodoxa paulistana. São também expostos os dados sobre o uso dos computadores e da Internet por seus membros, entidades e estudantes nos anos de 2004 até 2007, destacando-se o aspecto da inclusão, interação e integração que a Internet representa para estes indivíduos em suas relações, tanto no interior de sua comunidade específica, como externas a ela. Ao final, fica claro como as atividades relacionadas ao uso do computador e da Internet modificaram os hábitos dos integrantes desta comunidade, transformando seus relacionamentos e ambientes, certamente, modernizando-os.

9.1 A CAPITAL PAULISTA E OS SEUS JUDEUS ORTODOXOS

A diversidade de escolhas e a pluralização de contextos de ação da cidade cosmopolita, que é a capital paulista, constituem a identidade de seus residentes. Isto significa que, por meio do consumo diferenciado de cada um

deles e de suas atividades, são assimilados novos estilos de vida, modificando seus hábitos, intimidade, identidade e relacionamentos sociais.

Apesar de existirem os excluídos do sistema funcional (Bauman 2005:53), que são os indivíduos que não possuem registros oficiais, o desenvolvimento da rede virtual paulistana faz com que os serviços eletrônicos estejam cada vez mais integrados nas atividades cotidianas de todos os residentes da cidade de São Paulo. O compartilhamento do ciberespaço insere seus usuários em uma esfera global, tanto para acessar e disponibilizar informações por meio da interação livre sem limitações físicas, geográficas e sociais, quanto para o exercício de seus direitos civis diretamente ou por meio de despachantes e intermediários.

Assim, no momento em que mais e mais os ambientes tecnológicos são utilizados, a tradição dos ambientes presenciais perde domínio, o estilo de vida e a identidade dos indivíduos se reconstituem e se transformam, alterando seus comportamentos e pertencimentos sociais (Giddens 2002:13).

Vendo isto, os rabinos da comunidade judaica ortodoxa, temendo que estas mudanças induzam os judeus ortodoxos a abandonar as práticas que asseguram a continuidade desta comunidade, favorecendo a coesão de seus membros em atividades comunitárias presenciais e o consumo de seus próprios produtos, vão estabelecendo normas e critérios quanto ao uso das novas tecnologias para delimitar a interação permitida dos membros de sua comunidade com estes novos elementos, definidos por eles como “ameaças potenciais aos valores pregados pela doutrina rabínica”.

9.2 O CIBERESPAÇO E OS JUDEUS ORTODOXOS

A característica principal da comunidade judaica ortodoxa é a tradição de seus membros de cumprir as normas de suas próprias autoridades rabínicas. Justamente este comportamento é o vetor principal da identidade destas pessoas e de sua interação com o mundo.

Dessa forma, como a imprensa a partir do século XVI tornou as escrituras hebraicas acessíveis a um público maior, atualmente muitas informações da comunidade judaica ortodoxa se encontram disponíveis para qualquer um na Internet, de tal modo que a limitação física e a tradição da leitura de textos registrados sobre papel perderam em parte o seu domínio.

Outra novidade da Internet consiste no fato de que o seu usuário pode identificar-se formalmente, mas pode também compartilhar de ambientes informais públicos ocultamente, visto que nestes a identidade real do interlocutor interessa menos do que sua interação. No entanto, mesmo que em determinados ambientes virtuais sejam discutidos assuntos judaicos, eles não são considerados como ambientes formais da comunidade judaica ortodoxa pelos rabinos ortodoxos. Isto ocorre porque, diferentemente dos ambientes presenciais, no espaço virtual importa mais a interação do perfil do que a identidade real do usuário.

Isto quer dizer que para estes rabinos a comunicação virtual não tem validade religiosa se não for entendida somente como um auxílio para que os integrantes da comunidade judaica ortodoxa obtenham informações, que os tornem mais envolvidos com a doutrina da comunidade em questão, fazendo com que participem mais de suas atividades comunitárias presenciais.

Por outro lado, a diversidade de ambientes virtuais pode servir como um primeiro passo, discreto, para afastar judeus da ortodoxia judaica, mas também para atrair em sua direção novos indivíduos que procuram suprir seus anseios pessoais, curiosidades ou insatisfações. Logo, do mesmo modo que qualquer judeu ortodoxo pode inspirar-se com conteúdos virtuais conflitantes aos valores pregados pela sua autoridade rabínica, qualquer um na Internet pode se entusiasmar com informações que encontrar sobre Judaísmo e sobre o Judaísmo Ortodoxo.

Quanto às autoridades religiosas institucionais da comunidade judaica ortodoxa, ou seja, seus rabinos, eles preservam para si próprios o privilégio de determinar quem pode participar das atividades presenciais de sua comunidade, somente admitindo como judeu o fruto do ventre de uma mãe reconhecida por eles como judia, ou pessoas que se converteram ao Judaísmo

por meio de tribunais rabínicos aceitos por estes. Além disso, esses rabinos consentem como reais integrantes de suas comunidades apenas as pessoas que vivem em conformidade com as *Halachot* (Leis Judaicas) e restrições impostas por eles.

Portanto, os rabinos da comunidade judaica ortodoxa não consideram como judeu nenhum indivíduo pelo fato de este se apresentar presencialmente ou virtualmente como alguém extremamente erudito ou praticante do Judaísmo Ortodoxo, mesmo que ele seja uma ativista em prol dos valores desta comunidade, pleiteando ser considerado seu integrante por quaisquer motivos.

Em um contexto cosmopolita global pós-moderno, em que cresce a diversidade de elementos de interação disponíveis, acentuando-se a fluidez de relacionamentos e a transformação das identidades de seus usuários e de suas comunidades, quanto mais intensa a ortodoxia, menor o cosmopolitismo e maiores o provincianismo, o segregacionismo e a submissão de seus membros às suas autoridades e mais restritivas as normas impostas por estas, o que resulta em, quanto mais ortodoxa e provinciana uma comunidade, mais seletivo o uso de quaisquer tecnologias e maior a exclusão voluntária de seus membros em participar de ambientes presenciais ou virtuais públicos e interagir com elementos que não pertencem à comunidade em questão.

9.3 JUDEUS ULTRA-ORTODOXOS PAULISTANOS

Um dos grupos estudados foi o grupo de judeus ultra-ortodoxos sefaraditas da Congregação *Mekor Haim* na região de Higienópolis, cujos filhos estudavam na instituição de ensino *Escola(2)*. Verificou-se que os integrantes desta comunidade eram proibidos de acessar a Internet, devendo contratar um profissional para realizar as operações que necessitassem acesso direto a esta.

Os membros desta comunidade, caracteristicamente local devido eles residirem próximos uns aos outros, e extremamente provinciana visto que é resistente ao consumo de novos produtos disponíveis em um mercado cosmopolita como o paulistano, inseriram, com a permissão de seu rabino,

alguns novos equipamentos digitais e tecnologias para disponibilizar suas próprias aulas em formato digital aos membros de sua própria comunidade.

Podemos então perceber, em uma reflexão importante sobre a condição social dos membros desta comunidade, que a proibição do uso da Internet acrescida à falta de formação profissional poderá fazer com que a futura inclusão em profissões mais rentáveis no mercado de trabalho se torne uma missão cada vez mais desafiadora para estas pessoas. Caso esses indivíduos se sentirem impelidos a estudar somente religião e a trabalhar apenas na transmissão dos seus próprios ensinamentos para a sua comunidade local, sem patrocinadores, grande parte deles poderá ver seus padrões de vida declinar drasticamente.

Os judeus ultra-ortodoxos asquenazitas paulistanos, quando esta pesquisa foi realizada, se encontravam em evasão do bairro do Bom Retiro em direção a região de Higienópolis e no bairro de Cerqueira César. Nesta comunidade, cujos membros falam melhor o idioma ídiche do que a língua portuguesa, não foi proibido acessar a Internet através de um aparelho telefônico sem multimídia para usufruir de uma linha telefônica internacional VoIP (Voz por Protocolo de Internet).

Essa comunicação constante, a baixo custo, entre pessoas com as mesmas origens familiares, língua e costumes religiosos em comum, vivendo em países diferentes, transformou esses paulistanos em membros de um segmento brasileiro de uma comunidade provinciana global, multinacional. Essa comunidade, apesar de ser global, visto que seus integrantes estão espalhados ao redor do mundo, é extremamente provinciana, porque evita a interação de seus membros com elementos externos à comunidade e incentiva a comunicação somente entre eles próprios, preferencialmente, em ídiche. Pode-se desta forma imaginar esta comunidade, global e provinciana, como um “casulo eletrônico” equivalente a um “gueto virtual” simbólico.

Embora tenha sido constatado que o modelo educacional dos judeus ultra-ortodoxos asquenazitas paulistanos não os preparasse para a inclusão no mercado de trabalho, eles eram incentivados após o casamento ou chegando à idade adulta a trabalhar, podendo então acessar a Internet para objetivos

específicos. Portanto, os judeus ortodoxos asquenazitas podiam sair, assim, deste seu “gueto virtual” para trabalhar.

Nesta pesquisa, foi demonstrado que o uso de computadores, mesmo que sem acesso a Internet, por 100% das estudantes da *Escola*(2) e da *Escola*(1) introduziu informalmente novos hábitos entre as estudantes da comunidade judaica ultra-ortodoxa paulistana. Isto significa que estas estudantes assimilaram novas atividades como jogar e assistir a filmes, mesmo que esses fossem produzidos somente por judeus ortodoxos. Todavia, as informações obtidas na pesquisa de campo demonstraram que algumas delas utilizavam também o MSN (Windows Messenger); segundo as mesmas, para falar com suas amigas, demonstrando que, pelo menos, às vezes, o acesso à Internet era possível.

Tanto o hábito de assistir somente aos filmes e de utilizar os produtos elaborados pela própria comunidade, quanto à prática de utilizar o MSN por algumas destas estudantes, demonstrou a formação de um mesmo tipo de “gueto virtual”, assim como o uso do serviço VoIP utilizado para a comunicação unicamente entre membros de uma própria comunidade.

Pode-se concluir então que o ciberespaço dos judeus ultra-ortodoxos e de suas estudantes apresentou-se na forma de “guetos virtuais”, semelhantes às suas entidades presenciais, em que são determinados limites claros e precisos que dificultam a interação de seus membros com elementos e ambientes externos às suas organizações.

9.4 JUDEUS ORTODOXOS CENTRISTAS PAULISTANOS

Como foi mencionado neste trabalho, os judeus ultra-ortodoxos se caracterizam pelo provincianismo cultural, causado por sua exclusão voluntária dos ambientes externos às suas próprias comunidades. Já os judeus ortodoxos centristas se distinguem pelo cosmopolitismo, concebido pela assimilação de novos elementos e por sua inclusão na sociedade maior sempre de maneira compatível com as leis da doutrina religiosa do Judaísmo Ortodoxo. Em acréscimo, outra grande diferença entre as vertentes judaicas

ortodoxas está em ao contrário dos judeus ultra-ortodoxos, os judeus ortodoxos centristas valorizam a autonomia pessoal.

No que se refere às instituições de ensino judaicas ortodoxas paulistanas, a *Escola(3)*, a *Escola(5)* e a *Escola(6)*, verificou-se que as mesmas tinham como diretores judeus ultra-ortodoxos, cujas deliberações por vezes conflitavam com outras necessidades do programa de ensino da própria instituição. Um exemplo disso é a forma como, principalmente na *Escola(3)* e na *Escola(6)*, eles minavam a autonomia dos estudantes e de suas famílias, proibindo-os de utilizar a Internet inclusive fora da escola, mesmo sendo o seu uso decisivo para a execução dos deveres escolares das disciplinas seculares lecionadas nestas próprias instituições.

A proposta original da *Escola(3)* e da *Escola(6)* prometia formar rabinos e professoras de Judaísmo, imbuídos da missão de estimular o crescimento da própria comunidade e consolidar entre seus membros a visão de mundo de suas próprias autoridades rabínicas. Contudo, tais diretrizes não lograram a introdução dos seus estudantes, como profissionais, em um mercado de trabalho formal ou em capacitá-los para a sua admissão em instituições acadêmicas ou cursos profissionalizantes.

A *Escola(5)* era a única entre as três instituições de ensino citadas que tinha um programa de disciplinas seculares que permitia que seus estudantes fossem aprovados para continuar seus estudos em instituições acadêmicas reconhecidas.

Já a proposta educacional da instituição de ensino *Escola(4)* perdia quanto aos estudos religiosos para as outras instituições de ensino judaicas ortodoxas paulistanas, pois seus estudantes não dominavam os textos talmúdicos e livros das suas autoridades rabínicas, porém o seu programa de disciplinas seculares de nível elevado apresentou esta instituição de ensino como a única das escolas estudadas, onde os alunos eram orientados em como interagir em ambientes virtuais e eram preparados para os melhores cursos superiores.

Uma curiosidade pode demonstrar que a seleção do uso das tecnologias e ambientes virtuais não obrigatoriamente prejudica a qualidade do ensino. Por exemplo, no ano de 2005 o provedor de Internet da *Escola(4)* foi programado para não permitir o acesso a páginas com termos alusivos a conteúdos pornográficos, enquanto que no Colégio *Dante Alighieri*, que é uma escola tradicional italiana não judaica para a mesma classe social, na mesma região metropolitana, qualquer página não previamente permitida pela coordenação era automaticamente bloqueada. No entanto, o fato de que no Colégio *Dante Alighieri* os estudantes não tinham a possibilidade de acessar nem a Enciclopédia Britânica na escola, parece não tê-los impedido posteriormente de ingressar em boas universidades.

Os estudantes da *Escola(6)*, da *Escola(5)* e de seus movimentos juvenis como *Benei Akivá* abriram comunidades virtuais em uma rede de relacionamentos que podem ser definidas como “aldeias virtuais”, diferentes dos “guetos”, que mantêm seus habitantes isolados por conta de pressões religiosas e circunstâncias sociais.

Resolveu-se, então, definir aqui as comunidades virtuais criadas por estes estudantes para suas próprias escolas e movimentos juvenis de “aldeias virtuais judaicas” e conseqüentemente como “cibershtetels”, em alusão aos povoados judaicos na Europa Oriental até a II Guerra Mundial. Isto porque a leitura dos tópicos e mensagens nos “cibershtetels” é livre como circular pelas vias de uma aldeia, enquanto que em um “gueto virtual” a comunicação e as mensagens são fechadas e podem ser lidas somente pelos seus interlocutores.

As “aldeias virtuais judaicas”, que se encontram no domínio de relacionamento *Orkut* na Internet, criadas pelos estudantes das escolas tratadas neste trabalho demonstraram, entre 2004 e 2007, ter como peculiaridade o fato de seus membros serem quase que somente os mesmos integrantes da comunidade da qual já compartilham atividades presenciais em comum.

9.5 ENSINO OBRIGATÓRIO, INTERNET E AS ESCOLAS JUDAICAS ORTODOXAS PAULISTANAS

Atualmente, no Brasil, é necessário estar matriculado em uma instituição de ensino reconhecida pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura) para que se possa ter a formação escolar reconhecida oficialmente.

No entanto, mesmo se a responsabilidade de ministrar as disciplinas obrigatórias paira sobre a instituição de ensino reconhecida pelo MEC, é possível pleitear a disponibilização na Internet de uma versão oficial gratuita e livre do conteúdo didático mínimo obrigatório de todas as disciplinas regulamentadas por este órgão. Espera-se também que os programas e aulas do Ensino Básico transmitidos por canais de TV públicos possam em breve ser acessados por banda larga via Internet na forma de IPTV (TV por Protocolo de Internet), contribuindo ainda mais para a universalização do Ensino Básico (Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio).

Levando em consideração que no Brasil existe um sistema de avaliação cujo nome é ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), que, apesar de não ser obrigatório, é um exame oficial, no qual uma boa nota pode contribuir no ingresso em algumas universidades, deste mesmo modo, poderiam ser instituídos exames oficiais optativos aplicados por órgãos governamentais brasileiros para contemplar o reconhecimento legal da formação de um cidadão quer esteja ele matriculado em escola pública, particular, ou esteja sendo educado autonomamente.

À medida que nos encontramos em um contexto em que a Internet pode ser utilizada como complemento para as atividades de sistemas presenciais do Ensino Básico¹⁵⁹, devido à importância destas atividades virtuais no aprendizado e na integração de um cidadão à sociedade, a inclusão dela no programa curricular regulamentado pelo MEC deveria ser considerada, de modo que se tornassem obrigatórias em todas as escolas oficialmente reconhecidas, conseqüentemente determinando também a inclusão virtual dos

¹⁵⁹ Entre as soluções para a EAD (Educação à Distância) no Brasil está o *TôLigado - O Jornal Interativo da Escola* e a *Escola do Futuro*, fundada pelo Prof. Dr. Fredric Michael Litto e desde setembro de 2006 coordenada pela Profa. Dra. Brasilina Passarelli da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

estudantes das instituições de ensino judaicas ortodoxas paulistanas reconhecidas pelo MEC.

Seria natural que, assim como ocorre com os livros didáticos, existisse uma contínua supervisão, reconhecimento e aprovação do MEC para o material didático virtual produzido por empresas privadas para as disciplinas regulamentadas que venha a ser disponibilizado na Internet ou instalado em PCs e nos terminais escolares. Além disso, aliás, não se deve esquecer a importância da iniciativa pública e especialmente da privada para implantar ambientes virtuais, a serem utilizados em sistemas de EAD (Educação à Distância) por entidades que oferecem cursos supletivos do Ensino Básico.

Pode-se, inclusive, sugerir que o uso da Internet para EAD e de ambientes virtuais também para a complementação das aulas presenciais, seja uma disciplina obrigatória em um programa de estudos complementares e contínuos de um sistema de credenciamento para os docentes das disciplinas seculares regulamentadas em qualquer instituição de Ensino Básico reconhecida pelo MEC. Isto para que os professores estejam habilitados para orientar seus estudantes numa inclusão virtual mais efetiva.

No entanto, para que tanto o ensino presencial quanto a EAD sejam eficientes, faz-se necessário investir em pesquisas sobre limitações físicas, intelectuais, diversidades religiosas, conflitos culturais e disponibilidade tecnológica nos diferentes segmentos da sociedade. Estas informações, assim como as apresentadas neste trabalho, sobre os diversos grupos da comunidade judaica ortodoxa paulistana deveriam ser levadas em conta na produção de material didático e na implantação de novos projetos nos programas escolares. Atitudes estas que auxiliariam a desenvolver o sistema educacional brasileiro, oferecendo os mais diversificados produtos educacionais voltados para a inclusão e para a integração de todos os cidadãos, independentemente de suas diversidades físicas, sociais, culturais ou religiosas.

Tratando-se sobre a comunidade judaica ortodoxa paulistana, a realidade da inclusão virtual encontrada nas instituições pesquisadas revelou que a *Escola(1)*, a *Escola(2)*, a *Escola(3)*, a *Escola(5)* e a *Escola(6)* foram

eficientes ao integrar o uso de PCs em seus programas escolares para a redação e apresentação de trabalhos, embora proibissem o acesso à Internet; somente na *Escola*(4) os estudantes tinham disponíveis além dos PCs, o acesso à Internet e a um espaço virtual próprio a todos os estudantes para objetivos pedagógicos.

Esta constatação reforça a importância da proposta de disponibilizar presencialmente e na Internet, à semelhança dos cursos oferecidos pelo SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) e pelo SESC (Serviço Social do Comércio), cursos tanto para os judeus ortodoxos quanto para quaisquer outros cidadãos, que, neste país de tamanho continental, com grandes contingentes de heterogeneidade social, receberam educação insuficiente, sendo que os cursos técnicos do SENAC oferecem um diferencial profissionalizante e aqueles do SESC promovem disciplinas e atividades para a formação inicial e continuada, ambos com o objetivo de auxiliar a inclusão social e no mercado de trabalho. Tais propostas estão fundamentadas na noção de que essas pessoas, alcançando a maioria, serão responsáveis pelos seus atos perante a sociedade.

9.6 CONEXÃO PLANETÁRIA: CONFLITOS, CONFRONTOS E TRANSFORMAÇÕES

Para finalizar esta conclusão, deve-se lembrar que os rabinos ortodoxos são contra qualquer sistema ou doutrina moral, econômica ou política que incentive a autonomia individual dos membros de sua comunidade na busca da liberdade e satisfação de suas inclinações pessoais, em detrimento da autoridade exercida pelas lideranças religiosas, formando, assim, um paradoxo no contexto social cosmopolita da cidade de São Paulo que possibilita a privacidade e a liberdade de um consumo individual e personalizado.

Quanto ao uso peculiar da Internet pelos estudantes das instituições de ensino judaicas ortodoxas paulistanas, foi constatado que eles enxergavam a Internet principalmente como um campo de lazer, informal, onde podiam interagir além de suas limitações religiosas e físicas. Enquanto que em

determinadas interações, as pressões de uma comunidade presencial as sobrepujam, inibindo certas alterações desejadas, o gosto por situações fictícias e relacionamentos virtuais pode criar uma vida paralela, como um sonho ou uma esfera à parte na vida de seus usuários.

Entre os estudantes das instituições de ensino da comunidade judaica ortodoxa paulistana, cujos diretores ultra-ortodoxos proibiam os estudantes de usar a Internet e os novos aparelhos de celulares, MP3 e MP4, etc., encontrou-se durante esta pesquisa, que uma parcela destes estudantes convivia com o conflito de dissimular a própria presença nos cantos das congregações e nas escolas para brincar com seus jogos eletrônicos, e mesmo, os do sexo masculino com mais idade, discretamente freqüentavam casas de Internet. Faz-se necessário observar que todos eles evitavam transparecer quaisquer sinais e influências de atitudes aprendidas virtualmente nos ambientes presenciais da comunidade judaica ortodoxa e perante as autoridades desta.

Os ambientes de judeus ultra-ortodoxos, onde a instalação de cabos ou o ato de conectar-se à fiação existente não era permitido, são os melhores exemplos de segregação cultural e social. Contudo, mesmo nesses lugares, grande parte dos judeus ultra-ortodoxos paulistanos utilizava telefones, computadores, celulares especiais e investiam nas mais modernas tecnologias, inclusive contratando profissionais para instalar e administrar quaisquer serviços tecnológicos que tenham como objetivo garantir a segurança dos integrantes e ambientes de sua comunidade.

Por isso, em um mercado global, que se auto-alimenta pela fluidez do consumo de seus produtos e que provê cada vez mais individualidade e privacidade, tem nesses ambientes segregados um “nicho de mercado” para a elaboração de produtos diferenciados, sendo que, esses ambientes são também propícios para que sejam analisadas propostas de tecnologias alternativas que superem barreiras territoriais físicas e obstáculos de hierarquias locais, culturais, sociais e religiosas, dando a autonomia individual para que o ciberespaço possa ser compartilhado indiscriminadamente por qualquer um, em qualquer hora e de qualquer lugar.

Ademais, neste contexto mercadológico pode-se levar em conta a viabilidade de elaborar produtos *kasher*, ou seja, autorizados pelas autoridades rabínicas para as pessoas destes “guetos” ou “nichos de mercado” acima citados, assim como a conversão de seus livros para o formato digital, a preparação de campanhas educacionais e de saúde exclusivas para este público, planos de comunicação entre seus membros e equipamentos que acessam unicamente uma determinada função necessária ao seu usuário como de comunicação direta com serviços de saúde, acessórios de localização GPS inclusive, por exemplo, com a opção de selecionar sua ativação no idioma *ídiche* e aparelhos de segurança.

No entendimento da pesquisadora, a Internet pode ter sua função comparada à rede de neurônios e nervos de um corpo e os meios de locomoção, aos vasos sanguíneos de um complexo em constante transformação, em que a humanidade produz, consome e recicla seus próprios elementos e a si mesma. Em tal complexo, a polarização entre bons e maus foi superada pela fragmentação de identidades. E os aficionados da Internet, desconsiderando os mais variados fatores de exclusão virtual, a imaginam como um espaço de empatia e identificação entre seus usuários por meio de necessidades individuais ou interesses em comum como uma profissão, um passatempo, ou até alguma necessidade por algum tipo de produto. Fatores estes que podem uni-los, mesmo que temporariamente, para além de todas as outras diferenças.

Durante a execução deste trabalho ocorreram algumas mudanças na comunidade estudada e na maneira como as pessoas lidam com as novas tecnologias. Entretanto, as tendências retratadas nestas páginas constituem um ponto de partida de um percurso em desenvolvimento. Em outras palavras, os próximos passos das lideranças rabínicas na seleção dos meios tecnológicos e na determinação de para quais objetivos estes podem ser utilizados pelos integrantes de sua comunidade, as estratégias dos estudantes para driblar estas restrições, as interdições impostas nos seus estabelecimentos de ensino e os conflitos entre estas variáveis, deverão seguir, por muito tempo, os padrões analisados nesta tese.

10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDT, Hannah. *The Origins of the Totalitarianism*. A Harvest Book Harcourt Brace Company, San Diego - New York - London. 1973.
- ARMSTRONG, Alison & CASEMENT, Charles (org). *A Criança e a Máquina*. Artmed, Porto Alegre, RS. 2001.
- AVIAD, Janet. *Return to Judaism: religious Renewal in Israel*. The University of Chicago Press. Chicago - London. 1983.
- BATISTA, Roseli Araújo. *Mídia & Educação: Teorias do Jornalismo em Sala de Aula*. Thesaurus, Brasília. 2007.
- BAUMAN, Zygmunt *Amor Líquido*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, RJ. 2004.
- _____. *Globalização*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, RJ. 1999.
- _____. *Identidade*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, RJ. 2005.
- BERGER, Michael S. *Rabbinic Authority*. Oxford University Press, New York – Oxford. 1998.
- BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. *Uma História Social da Mídia*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, RJ. 2004.
- CAON, Claudia Malbergier. *Quem Tem medo da Educação Religiosa: A Educação Religiosa Ortodoxa Judaica*. Exodus Editora, Rio de Janeiro, RJ. 1996.
- CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, RJ. 2003.
- CHOMSKY, Noam. *Controle da Mídia: Os Espetaculares Efeitos da Propaganda*. Graphia, Rio de Janeiro, RJ. 2003.
- DANZGER, M. Herbert. *Returning to Tradition: The Contemporary Revival of Orthodox Judaism*. Yale University Press. New Haven – London. 1989.
- DUMONT, Louis. *Homo Hierarquicus*. Editora da Universidade de São Paulo, SP. 1992.
- ELAZAR, Daniel J. *Community and Polity: The Organizational Dynamics of American Jewry*. The Jewish publication Society of America. 1976.
- FALBEL, Nachman. *Estudos sobre a Comunidade Judaica*. Federação Israelita do Estado de São Paulo, SP. 1984.
- _____. *Comunidade Judaica no Brasil*. Federação Israelita do Estado de São Paulo, SP. 1984.
- FELDMAN, Marcos. *Memórias das Colônias de Quatro Irmãos*. Maayanot, São Paulo, SP. 2003.
- FREIDENSON, Marília e BECKER, Gabi. (org) *Passagem para a América: Relatos da Imigração Judaica em São Paulo*. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, SP. 2003.
- GACKENBACH, Jayne - (org). *Psychology and the Internet, Intrapersonal, Interpersonal, and Transpersonal Implications*. Academic Press, London. 1998.

- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, RJ. 2002.
- GUINBURG, J. *O Judeu e a Modernidade*. Editora Perspectica, São Paulo, SP. 1970.
- HARTZFELD, Henri. *As Raízes da Religião – Tradição, Ritual e Valores*. Instituto Piaget, Coleção Crença e Razão, Lisboa. 1993.
- HARVEY, Pirre-Léonard. *Ciberespaço e Comunautéica, Apropriação Redes Grupos Virtuais*. Instituto Piaget, Lisboa. 2002.
- HEILMAN, Samuel C. and COHEN, Steven M. *Cosmopolitans & Parochial Modern Orthodox Jews in America*. The University of Chicago Press, Chicago 60637. 1989.
- JOHNSON, Steven. *Cultura da Interface: Como o Computador Muda a Nossa Maneira de Criar e Comunicar*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, RJ. 2001.
- KNAPP, Mark L. and HALL, Judith A. *Nonverbal Communication in Human Interaction*. Harcourt Brace College Publishers, Printed in USA. 1997.
- KUSHNIR, Beatriz. *Baile de Máscaras: Mulheres Judias e Prostituição - As Polacas e suas associações de Ajuda Mútua*, Imago Editora Ltda, Rio de Janeiro, RJ. 1996.
- LA TAILLE, Yves. *Ensaio sobre o Lugar do Computador na Educação*. Iglu Editora, São Paulo, SP. 1990.
- LAMM, Norman. *Torah Umadda: The Encounter of Religious Learning and Worldly Knowledge in the Jewish Tradition*. Jason Aronson Inc. Northvale, New Jersey - London. 1990.
- LEMONS, André. *Cibercultura: Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea*. Editora Sulina Porto Alegre, RS. 2004.
- LERNER, Heidi G. *New Technologies and Old Methodologies: Jewish Studies Research in the Digital Age*. Em: Shofar Vol. 20, issue 4. Summer 2002. Pgs 81-95.
- LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a Questão Judaica: Imigração, Diplomacia e Preconceito*. Imago, Rio de Janeiro, RJ. 1994.
- LEVY, Pierre. *Cibercultura*. Editora 34 Ltda, São Paulo, SP. 1999.
- _____. *A Conexão Planetária: o Mercado, o Ciberespaço, a Consciência*. Editora 34 Ltda, São Paulo, SP. 2001.
- LIMA, Luiz Costa. *Teoria da Cultura de Massa*. 3ª Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, RJ. 1990.
- LINS, Wagner *Estrela Minguante, Memória e Ressignificação do Judaísmo no Interior do Estado do Pará*. Dissertação de Mestrado FFLCH/USP, São Paulo, SP. 2004.
- MAIMONIDES, Moisés. *Mishne Torah*. Mossad HaRav Kook. Jerusalém. 1993 (HEB.)
- MCLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação*. Cultrix, São Paulo, SP. 1964.
- MITTLER, Peter. *Educação Inclusiva – Contextos Sociais*. Artmed, São Paulo, SP. 2000.

MIZRAHI, Rachel. *Imigrantes Judeus do Oriente Médio: São Paulo e Rio de Janeiro*. Coleção Brasil Judaico; dirigida por Maria Luiza Tucci Carneiro - Ateliê Editorial, São Paulo. 2003.

_____ (org) *Lembranças... presentes do passado: Histórias da Vida*. Schmukler, apoio de Associação Brasileira "A Hebraica" de São Paulo. 1996/1997.

MORIN, Edgar. *Educação e Complexidade: Os Sete Saberes e Outros Ensaios*. Cortez, São Paulo. SP. 2005.

PASSARELLI, Brasilina. *Interfaces Digitais na Educação: @lucin[ações] Consentidas*. Tese de Livre-Docência. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP, 2003. v.1.

PARDO, Ferruccio. *Israele Fra i Popoli*. Barulli Editore, Italia. 1973.

PARENTE, André. *Tramas da Rede: Novas Dimensões Filosóficas, Estéticas e Políticas da Comunicação*. Editora Sulina, Porto Alegre, RS. 2004.

POSTMAN, Neil. *Tecnopólio: A Rendição da Cultura à Tecnologia*. Nobel, São Paulo, SP. 1994.

RATTNER, Henrique. *Tradição e Mudança: A Comunidade Judaica em São Paulo*. Ensaio 27, Editora Ática, São Paulo, SP. 1977.

RHEINGOLD, Howard. *The Virtual Community: Homesteading on the Electronic Frontier*. Revised Edition. First MIT Press Edition, Printed and bound in USA. 2000.

SACKS, Jonathan - (ed). *Orthodoxy Confronts Modernity*. Ktav Publishing House. Inc. Hoboken, NJ. In: Association with Jews' College. London – England. 1991.

_____ *Teremos Netos Judeus*. Maayanot, S. Paulo, SP. 2002.

SANTOS, Mônica Pereira dos e PAULINO, Marcos Moreira - (orgs). *Inclusão na Educação – Culturas, Políticas e Práticas*. Cortez, São Paulo, SP. 2006.

SCLIAR, Moacyr. *Caminhos da Esperança: A Presença Judaica no Rio Grande do Sul*. Riocell Vol. 2 O Continente de São Pedro. Sem data.

SENNET, Richard. *Authority*. Farber – Farber, London – Boston, 1993.

SOKOL, Moshe Z. - (ed). *Engaging Modernity: Rabbinic Leaders and the Challenge of the Twentieth Century* (Orthodox Forum). Jason Aronson. September 2000.

_____ *Rabbinic Authority and Personal Autonomy*. Jason Aronson. April 1994.

SUNDFELD, Roberta Alexandre RODRIGUES, Marly. *Fisesp – 50 anos: Uma Trajetória Coletiva*. Federação Israelita do Estado de São Paulo, SP. 1996.

TEDESCO, Juan Carlos - (org). *Educação e Novas Tecnologias: Esperança ou Incerteza*. Cortez Editora pela UNESCO, São Paulo, SP. 2004.

TOPEL, Marta F. *A Nova Ortodoxia Judaica em Cena*. Topbooks Editora, Rio de Janeiro, RJ. 2005.

TURKLE, Sherry. *Life on the Screen: Identity in the Age of Internet*. Simon and Schuster. New York, USA. 1995.

WAINBERG, Jacques A. - (coord). *100 Anos de Amor: A Imigração Judaica no Rio Grande do Sul*. Federação Israelita do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. RS. 2004.

WEBBER, Jonathan - (ed). *Jewish Identities in the New Europe*. Published for The Oxford Centre for Hebrew and Jewish Studies by Littman Library of Jewish Civilization, London - Washington. 1994. Pgs 74–124, 171–178, 193–204, 255–272 e 283–289.

WEBER, Max - (ed). *The Sociology of the Religion*. Social Science Paperbacks in Association with Methuen & Co Ltd, London. 1966. Pgs 46–69 e 80–131.

WERTHEIM, Margaret. *Uma História do Espaço: de Dante a Internet*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, RJ. 2001.

WOLF, Egon e Frida. *Guia Histórico da Comunidade Judaica de São Paulo*. Editora B'nei Brit, São Paulo, SP. 1988.

Publicações e Artigos

Colégio Iavne: Histórico, História e Filosofia. Em: Agenda Escolar do Colégio Beth Chinuch – Iavne 2004 e [http:// www.iavne.com.br/historico.html](http://www.iavne.com.br/historico.html) (10/06/2005).

Internet Alert. Jewish Observer. June 2000. Pg 45.

ABRAMOWITZ, Yosef. *The Next Revolution Must be Virtual: The Day will Come When We Can Download the Torah on a Palm Pilot*. Moment Magazine Vol. 25, issue 4. August 2000. Pg 32.

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. *O Iluminismo como Mistificação de Massa*. Em: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da Cultura de Massa*. 3ª Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, RJ. 1990. Pgs 209–240.

ALDERSTEIN, Yitzchok. *Bytes & PCs: Clicking onto Torah: Internet Sites for Every Jew*. Jewish Action Vol. 57, issue 4. 1997. Pgs 62-64.

_____. *Bytes & PCs: Surfing Kosher*. Jewish Action. Spring 1999. Pgs 50-51.

BARZILAI-NAHON, Karine e BARZILAI, Gad. *Cultured Technology: Internet and Religious Fundamentalism*. Will be Published in The Information Society 21(1). Pre-Print Version August 2004.

BECKER, Henry Jay. *Pedagogical Motivations for Student Computer Use That Lead to Student Engagement*. University of California, Irvine. Published in Educational Technology. hjbecker@ucu.edu. September – October 2000.

BENJAMIM, Walter. *A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica*. Em: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da Cultura de Massa*. 3ª Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, RJ. 1990. Pgs 209–240.

BRAGA, José Luiz. *Interação e Recepção*. Em: *Interação e Sentidos no Ciberespaço e na Sociedade da Coleção Comunicação 11* (Compós Vol. 2). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2001. Pgs 109–165.

BULKA Reuven P., *The Future of Modern Orthodoxy* em: SACKS, Jonathan - (ed). *Orthodoxy Confronts Modernity*. Ktav Publishing House. Inc. Hoboken, NJ. In: Association with Jews' College. London – England. 1991. Pgs 31-47.

COHEN, Mina. *Back to the Shtetl, on to the Information Superhighway*. Jewish Education News Vol. 15, issue 3. Summer 1994. Pgs 36-37.

FINKELMAN, Yoel. *Haredi Isolation in Changing Environments: A Case Study in Yeshiva Immigration*. Modern Judaism 22. Oxford University Press. 2002. Pgs 61-81.

FRIEDMAN M. *The Market Model and Religious Radicalism*. In: SILBERSTEIN, Laurence - (ed). *Jewish Fundamentalism in Comparative Perspective – Religion, Ideology, and Crisis of Modernity*. New York University Press. 1993. Pgs 192-215.

HARTMAN David, *Judaism in Secular Society*. Em: SACKS, Jonathan - (ed). *Orthodoxy Confronts Modernity* Ktav Publishing House. Inc. Hoboken, NJ. In: Association with Jews' College. London – England. 1991. Pgs 17-29.

HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor. *A Indústria Cultural. O Iluminismo como Mistificação de Massas*. Em: LIMA, Luiz Costa – (ed). *Teoria da Cultura de Massa*. 3ª Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, RJ. 1990. Pgs 159–204.

JACOBS, Paula. *Electronic Shtetl*. Moment. June 1994. Pgs 46-51.

LAMM, Norman. *Centrist Orthodox Judaism and Moderationism: Definitions and Desiderata*. Em SACKS Jonathan - (ed). *Orthodoxy Confronts Modernity* Ktav Publishing House. Inc. Hoboken, NJ. In Association with Jews' College. London – England. 1991. Pgs 48-61.

LIEBMAN, Charles S. *A Sociological Analysis of Contemporary Orthodoxy*. Judaism: A Quarterly Journal Vol. 13, number 3. 1964. Pgs 285–304.

_____. *Orthodox Judaism Today*. Midstream: A Monthly Jewish Review Vol. XXV, No 7. August - September 1979. Pgs 19–26.

LITTO, Michael Frederic. *Não Há Censura que Segure a Internet*. Em: PARÉ, Michèle and DESBARATA, Peter – (eds). *Freedom of Expression And New Communications and Technologies*. UNESCO/IQ, Montreal, Canadá. collectif, 1998.

MOHARAM-MARTIN, Janet no artigo *Males, Females, and the Internet*. Em: GACKENBACH, Jayne - (ed). *Psychology and the Internet – Intrapersonal, Interpersonal, and Transpersonal Implications*. Academic Press, USA – UK. 1998. Pgs 169-198.

PASSARELLI, Brasilina. *Tecnologia vira meio para inserir cidadão no mundo - Conexão Escola Aceleram a inclusão Digital*. Folha de São Paulo, São Paulo, 26/mar/2003.

ROOM, Diane. *What a Nice Jewish Kid Like You Doing on the Internet*. Amit. Fall 1996. Pgs 16-17.

SALKIN, Jeffrey K. *Soul Searching on the Internet*. Moment. June 1994. Pgs 52-53.

SHAFFIR, William. *Hassidim and Their Rebbe: Some Initial Observations*. The Jewish Journal of Sociology. Published by Maurice Freedman Research Trust Ltd Vol. 42, numbers 1 and 2 2000. Pgs 73–83.

_____. *Separation from the Mainstream in Canada: The Hassidic Community of Tash*. The Jewish Journal of Sociology. Published by Maurice Freedman Research Trust Ltd Vol. XXIX, Number 1. June 1987. Pgs 19–33.

_____. *Still Separated from the Mainstream: A Hassidic Community Revisited*. The Jewish Journal of Sociology. Published by Maurice Freedman Research Trust Ltd Vol. XXXIX, numbers 1 and 2. 1997. Pgs 46–62.

SILBERSTEIN, Laurence J. *Religion, Ideology, Modernity: Theoretical Issues in the Study of Jewish Fundamentalism*. In: SILBERSTEIN, Laurence (ed). *Jewish Fundamentalism in Comparative Perspective: Religion, Ideology, and the Crisis of Modernity*. New York University Press, New York – London. 1993. Pgs 3–26.

WILSON, Samuel M & PETERSON Leighton. *The Anthropology of Online Communities*. Department of Anthropology. The University of Texas at Austin. Email: s.wilson@mail.utexas.edu. Annu. Rev. Anthropol. 2002. 31. Pgs 449-467.

Trabalhos de Seminários, Congressos e na Internet

GUIMARÃES JR, Mário José Lopes. *A Cibercultura e o Surgimento de Novas Formas de Sociabilidade*. Trabalho apresentado no GT "Nuevos Mapas Culturales: Cyber espacio y Tecnología de la Virtualidad", na II Reunión de Antropología del Mercosur, Piriápolis, Uruguai, Novembro de 1997. <http://www.cfh.ufsc.br/~guima>

KONG, Lily. *Religion and Technology: Refiguring Place, Space, Identity and Community*. Department of Geography, National University of Singapore, Arts Link, Singapore 117570. Email: lilykong@nus.edu.sg. July 2001.

MOITA, Filomena. *Juventude e Jogos Eletrônicos – Que Currículo é Esse?* Universidade Federal da Paraíba. <http://www.bocc.ubi.pt>

RECUERO, Raquel da Cunha. *Comunidades Virtuais Uma Abordagem Teórica*. Trabalho apresentado no V Seminário Interacional de Comunicação, no GT de Comunicação e Tecnologia das Mídias, promovido pela PUC/RS. <http://www.bocc.ubi.pt>

SILVA, Adelina Maria Pereira da. *Ciberantropologia. O Estudo das Comunidades Virtuais*. Universidade Aberta. <http://www.bocc.ubi.pt>

STOCKINGER, Gottfried. *A Interação entre Cibernsistemas e Sistemas Sociais*. Departamento de Sociologia da UFPa. <http://www.bocc.ubi.pt>

Outras obras

Mikraot Gedolot im Arbayim Vehamesh Atarot. Sifrei Kodesh Mishor Ba'm. Printed in Israel. Israel – New York – Europa. 1990.

Shulchon Oruch. Revised Edition. Kehot Publication Society. Printed in Israel New York. November 2002.

Talmud Bavli. The Schottenstein Edition Talmud Bavli. Mesorah Artscroll Publications Ltd. Israel – Europe – South Africa – Australia – USA. First Edition November 2001.

11 ANEXOS

11.1 QUESTIONÁRIOS PARA A DIREÇÃO DAS ESCOLAS (QDE)

ESCOLA:

QUESTIONÁRIO PARA A DIREÇÃO DA ESCOLA

DATA: _____. Função do entrevistado na escola: _____.

Nome do entrevistado: _____.

I) QUARTO DE COMPUTADORES

1) HARDWARE

a) Número de computadores:

i) Caixas de som - () sim, () não.

ii) Microfones – () sim, () não.

b) Impressoras:

c) Scanner:

d) Data Show:

e) Rede interna:

f) Conexão internet:

g) Extra:

2) SOFTWARE

a) Sistema de operação:

b) Programas operacionais:

c) Programas de pesquisa, enciclopédias:

d) Filmes:

e) Jogos:

II) PROGRAMA DE ESTUDOS

1) Cursos (disciplinas) profissionais/artes/outros nos quais o uso dos computadores é o assunto do aprendizado: (definir disciplina, program

s usados, carga horária e série)

2) Disciplinas que utilizam o computador como material de apoio didático:

(definir disciplina, carga horária, série e uso específico do computador)

III) PERGUNTAS GERAIS

1) Quais são as regras, se existem, do uso dos computadores nesta escola?

a) Professore(a)s:

b) Aluno(a)s:

2) Definir uso da internet na escola.

a) Professore(a)s:

b) Aluno(a)s:

3) Existem regras quanto ao uso dos meios de comunicação, do computador e da internet pelos aluno(a)s fora da escola? (definir uso, regras e como elas são transmitidas aos aluno(a)s):

a) Jornais: regra:

b) Cinema: regra:

c) TV: regra:

d) Video: regra:

e) Rádio: regra:

f) Computador: regra:

g) Internet: regra:

4) Uso da internet requisitado dos alunos pelos professores da escola como fonte de pesquisa, ou como material de suporte didático e pedagógico, digamos para a preparação de aulas e/ou lições de casa: (definir disciplina e uso do computador e/ou internet)

5) Quais são as funções do computador e da internet o senhor(a) sabe que os aluno(a)s desfrutam na escola?

a) Office: sim (), não ().

b) Jogos: () sim, () não.

c) Filmes: () sim, () não.

d) Internet: () sim, () não.

i) www.search: () sim, () não.

ii) Salas de chat: () sim, () não.

iii) Messenger, msn e/ou ICQ: () sim, () não.

iv) Outros:

6) Ocorre nesta escola a instrução ou instituição de regras para o uso do computador e da internet por algum rabinato ou rabino?

7) Existe nesta escola algum regulamento que define o uso dos meios de comunicação pelos alunos fora da escola? () sim, não ().

8) Existe algum controle sobre o uso dos meios de comunicação pelos alunos?

() sim, não (). Quais?

9) Uso de computadores e internet pelos professores para a escola.

a) Uso na preparação de aulas (CASA) -

- i) Pesquisa em enciclopédias/CD: () sim, () não.
- ii) Pesquisa em sites e enciclopédias virtuais na internet: () sim, () não.
- iii) Office, Corel e Gráficos p/ preparação de material impresso: () sim, () não.
- iv) Preparação de material audio-visual: () sim, () não.
- v) Outros:

b) Uso durante o horário letivo (ESCOLA) -

- i) Pesquisa em enciclopédias/CD: () sim, () não.
- ii) Pesquisa sites e enciclopédias virtuais na internet: () sim, () não.
- iii) Apresentações multi-mídia: () sim, () não.
- iv) Objeto de estudo da aula: Qual?
- v) Material de suporte didático para apresentação de material: Qual?
- vi) Outros:

V) USO LIVRE DOS COMPUTADORES POR ALUNOS NA ESCOLA

- 1) Pesquisa em material virtual da escola, a exemplo enciclopédias virtuais, filmes, etc... (definir):
- 2) Pesquisa internet: () sim, () não.
- 3) Outros:

VI) MEIOS DE CONTROLE

- 1) A escola tem meios de controle físicos ou operacionais para regular o uso dos computadores e da internet dentro da escola? () sim, () não.

Quais?

11.2 QUESTIONÁRIO CURTO PARA OS ESTUDANTES (QCE)

ESCOLA:

série:

QUESTIONÁRIO PARA ALUNO(A)S DA ESCOLA

DATA: _____; IDADE DO ENTREVISTADO: _____; SEXO: () FEMININO, () MASCULINO.

l) Onde voce usa o computador?

- 1) Em casa: () sim, () não.

a) Sistema operacional do computador utilizado em casa:

() windows 98, () windows xp, () outro, qual? _____

- 2) Na escola: () sim, () não.

3) Cybercaffe: () sim, () não.

4) Outro lugar, definir: _____

5) Voce usa o computador: () individualmente, () acompanhado e/ou em grupo.

II) Usos do computador:

1) Programas de escritório:

a) Office: () sim, () não.

b) Corel: () sim, () não.

c) The Resposta (Barilan): () sim, () não.

d) Outros programas, quais? _____

2) Jogos: () sim, () não.

Três jogos que voce utiliza: _____

3) Filmes: () sim, () não.

Três filmes que voce assistiu no computador: _____

4) Para que mais voce utiliza o computador? Definir: (ex: cópia de musicas e filmes, edição de trabalhos escritos, etc...)

1) _____

2) _____

3) _____

ESCREVA NO VERSO ALGUMAS LINHAS SOBRE:

1) O QUE VOCE MAIS GOSTA DE USAR NO COMPUTADOR.

2) PARA QUE VOCE GOSTARIA DE PODER USAR O COMPUTADOR.

11.3 QUESTIONÁRIO LONGO PARA OS ESTUDANTES (QLE)

ESCOLA:

série:

QUESTIONÁRIO PARA ALUNO(A)S DA ESCOLA

DATA: _____; IDADE DO ENTREVISTADO: _____; SEXO: () FEMININO, () MASCULINO.

I) Onde voce usa o computador?

1) Em casa: () sim, () não.

a) Sistema operacional do computador utilizado em casa:

() windows 98, () windows xp, () outro, qual? _____

2) Na escola: () sim, () não.

3) Cybercaffe: () sim, () não.

4) Outro lugar, definir: _____

5) Voce usa o computador: () individualmente, () acompanhado e/ou em grupo.

II) Usos do computador:

1) Programas de escritório:

a) Office: () sim, () não.

b) Corel: () sim, () não.

c) The Resposta (Barilan): () sim, () não.

d) Outros programas, quais? _____

2) Jogos: () sim, () não.

Três jogos que voce utiliza: _____

3) Filmes: () sim, () não.

Três filmes que voce assistiu no computador: _____

4) Para que mais voce utiliza o computador? Definir: (ex: cópia de musicas e filmes, edição de trabalhos escritos, etc...)

1) _____

2) _____

3) _____

III) Locais de acesso a internet

1) Em casa: () sim, () não.

a) local em que o computador residencial utilizado se encontra:

() sala de estar, () quarto de dormir, () outro, qual? _____

b) Voce acessa a internet:

() individualmente, () acompanhado e/ou em grupo.

c) Duração média de cada acesso a internet:

() menos de uma hora, () mais de uma hora, () varia muito.

2) Na escola: () sim, () não.

3) Cybercafe: () sim, () não.

4) Outro lugar, definir: _____

IV) Uso da internet

1) Preparação de lição de casa: () sim, () não.

2) Leitura de jornais de notícias, esporte e temperatura: () sim, () não.

3) Pesquisa de produtos para compra: () sim, () não.

4) Download de músicas: () sim, () não.

5) Assistir filmes e/ou escutar rádio: () sim, () não.

6) Jogos em rede: () sim, () não.

7) Salas de bate-papo: () sim, () não.

Definir três salas e seus sites que voce mais acessa:

1) _____ 2) _____ 3) _____

8) MSN messenger: () sim, () não.

9) ICQ: () sim, () não.

10) Listservers: () sim, () não.

11) Telefonemas e videoconferência: () sim, () não.

12) E-mail: () sim, () não.

13) Outros: _____.

14) Citar três endereços corretos de sites que voce mais acessa:

1) _____

2) _____

3) _____

14) Citar as três atividades que voce mais usa na internet :

1) _____ 2) _____ 3) _____

AGRADECEMOS A TUA PARTICIPAÇÃO

11.4 DIVERSOS

11.4.1 Rabino Levi Itzhak Halperin do "Institute for Science and Halacha"

<http://www.scienceandhalacha.org/science.shtml>

Página para contato em <http://www.scienceandhalacha.org/contact.shtml>:

[Home](#) | [Areas of Activity](#) | [Consulting](#) | [Lehava](#) | [Contact Us](#) | [Newsletter](#) | [Glossary](#) | [Recommendations](#) | [Publications](#)

Contact Us
 INSTITUTE FOR SCIENCE AND HALACHA
 1 Hapigga Street, P.O.B. 16121, Jerusalem Israel 96465
 Tel: 972-2-642-4880 Fax: 972-2-642-0949 -
halacha@isdn.net.il

Rabbi Levi Yitzchak Halperin
 Executive Director

Rabbi Shmuel Halperin
 Operational Manager

Rabbi Shmuel Strauss
 Educational Director

Eliezer Greenspan
 Development Director
 broadband USA phone: 1-973-954-2399

INSTITUTE FOR SCIENCE AND HALACHA
 1 Hapigga Street, P.O.B. 16121, Jerusalem Israel 96465 Tel: 972-2-642-4880 Fax: 972-2-642-0949 halacha@isdn.net.il

11.4.2 Carta do Rabino Levi Itzhak Halperin que explica que a imagem virtual segundo ele não pode ser considerada no Judaísmo como uma escritura perene da qual os nomes divinos não podem ser apagados

מכון מדעי טכנולוגי להלכה • institute for science and halacha

1 Hapisa St., Jerusalem 96 465, Israel
Fax: 2246569, ATT: M.M.T.

רחוב הפסגה 1, בית וגן, ירושלים 96 465
טל. 02-423230, 416505, 424880

ה/1334189

בס"ד ב"ד יוס ב' ח' אדר א' תשמ"ט

13.2.89

כבוד

הרב יוסף שרייבר הי"ו
שלום וברכה,

את מכתבו ובו השאלה בנושא כתיבת השם בטעות או לא בטעות ואיך לתקנו הן בנוגע למסך והן בנוגע לדיסק, באם ניתן למוחקו ואיך לתקנו כשכיוון לכתוב יהודה וכתב השם ללא ד'.

הנה נחזיר בדבר הקל והפשט יוחר בנוגע לדיסק שבזה לדעתי אין בשינויים המגנטיים לא משום כתיבה וגם לא משום טרק כתיבה והארכת בדברים בזה בספרי שו"ת מעשה חושב חלק' ב' סימן יוד עיי"ש.

ובאשר לכתוב שע"ג המסך, שבדאי יש עליו שם כתב אמנם, אין בזה משום כחב המחיקים אלא משום כחב שאינו מחקים ולא משום זו בלבד שהזרם מחדש בכל פעם ובפרט בזרם חילופין וללא החידוש לא היה הכתב נשאר וכל פעם יש בזה משום כתיבה חדשה. לכאורה הרי שהמסך פועל ע"י סורק פיקוד אלטרונאי שכל הזמן הוא סורק את המסך ונותן את אורו מחדש שבשביל זה בעצמו יש על הכתיבה דין של כתב שאינו מחקים, ובגלל שגם בזה יש מקום לחשוש למחיקה ועכ"פ משום איסור דרבנן יש להנהיג באחד מהדרכים דלהלן:

א. להכניס במחשב מפקס גרמא שמעיקר הדין דינו כגרמא המותרת כמבואר אצלנו ב"מ והוא ע"י מניעת המניעה וההפסקה תהיה ע"י מפקס זה ועיין בזה בסוגיא ק"כ ע"ב.

ב. דרך שניה להכניס התוכנה של המחשב שהכתיבה על המסך נשארת רק זמן מסוים אם לא מחדשים אותו ע"י לחיצה על מחג מסוים.

ג. אי הכנסת שיעון חשמלי מתוכנן מראש שכל זמן מסוים מפסיק את החשמל. וממילא אם קרה שכתב בטעות שם השם ואין זה משנה אם זה שם הויה ית' או שם אחר מהשמות שאינם נחקין והם שבעה שמו, שיחכה עד שהשעון יפסיק את החשמל ואח"כ ימשיך בפעולתו השגרתית וגם בזה ניתן לעשות שע"י פעולה כ"ש מנטרלים את הפסקת השעון וזה כשאינו ענין שהשעון יפסיק ובמקרה שקרה טעות ונכתב השם לתת לשעון לעשות את פעולתו ויפסיק את החשמל כאמור.

ובדרך זו יצאנו מכל חשש ופקפוק של איסור מחיקת השם ח"ו.

בכבוד רב,

הרב לוי יצחק הלפרין

11.4.3 Carta do Rabino Shamai Ende a sua Comunidade

Devar Halachá

Consequências da Internet

Por Rabino Shamai Ende

Durante a época do verão em Israel, a partir de *Péssach* até *Rosh Hashaná*, costumamos recitar a cada *Shabat* um capítulo do *Pirkê Avot*, o livro que nos ensina como deve ser o comportamento ideal de um *chassid*, como consta no *Talmud* (*Bava Kama* 30a): “Aquele que quer ser um *chassid*, deve cumprir os ensinamentos de *Avot*.” O motivo deste estudo ser feito na época do verão, é que durante a época do verão o *yétser hará* está mais desperto, sendo necessário um controle mais rígido; e isto é possível apenas através do estudo deste tratado.

A primeira *Mishná* do *Pirkê Avot* conclui com o ensinamento: “Faça um cerco à *Torá*”. Os comentaristas do trecho explicam, que a pessoa deve fazer certos rigores além daqueles que constam na *Torá*, para não chegar a transgredir uma proibição direta. Por este motivo nossos sábios instituíram vários decretos, proibindo certas coisas, com o intuito de preservar as proibições da *Torá*.

Se esta frase é dita sobre todas as *mitsvot* da *Torá*, com certeza passa a ter uma importância especial no que diz respeito ao *chinuch*, a base de toda a futura vida judaica da criança. O *chinuch* é o assunto que mais ocupou espaço em todas as cartas do *Rebe*, sendo este o ponto central das mais importantes campanhas de toda sua liderança. O *Rebe* frisou em seu livro *Hayom Yom* a obrigação de diariamente dedicar um tempo significativo para pensar e agir sobre a educação dos filhos.

Além disto existe uma proibição de nos colocarmos frente um teste, e diariamente pedimos na Prece Matinal para D-us não nos colocar em prova. Principalmente em assuntos referentes às leis de pudor e *tzeniut* (discrição) – um campo mais atacado pelo *yétser hará*, como encontramos em várias passagens do *Talmud*. Além disso, diz o *Talmud* (*Ketubot* 13b): “Ninguém é forte de espírito suficiente para dizer com certeza que domina o *yétser hará* de *arayot* (proibições imorais).

Todo o acima dito foi para alertar os pais sobre o perigo que a Internet pode trazer ao lar judaico. Como é de conhecimento público, este meio de comunicação abre as portas, e com grande facilidade, a todos os que deles usufruem, para todos os temas e assuntos proibidos pela *Torá*, sendo que muitos jovens e adultos já caíram em suas garras de formas drásticas. Estou falando não somente das imagens, mas também das salas de conversas e demais textos, inclusive o pacote e-mail.

Nenhum pai pode ter a certeza que controla os filhos e que mantém um código especial, etc. pois todos os tipos de controle se mostraram insuficientes como é conhecido por todos. Não se deve deixar enganar por estas falsas lógicas que vêm do lado negativo. Além do mais, mesmo se os pais se consideram bons “*mashguichim*” de seus filhos, quem é o *mashguiach* dos pais? Sendo assim, não há dúvida que devemos aderir à proibição instituída por inúmeros rabinos do mundo atual, e não ter este meio de comunicação em nossos lares em prol da educação e integridade do lar judaico.

14 de *Iyar* é chamado de *Péssach Sheni*, isto é, o *Péssach* do segundo mês (sendo *Nissan* considerado o primeiro). Neste dia, comemos um pedaço de *matsá* para lembrar que D-us deu uma segunda chance às pessoas que não podiam oferecer o cordeiro pascal na véspera de *Péssach* (por estarem em estado de impureza ou longe de Jerusalém) para fazer esta oferenda e comê-la junto com *matsot* um mês depois.

Geralmente sete dias são suficientes para a purificação; por que, no caso de *Péssach Sheni* há um mês de intervalo? Rabi Yaacov Emden contou que a resposta lhe foi revelada pelos Céus. As *matsot* que o povo comeu na saída do Egito, em 15 de *Nissan*, duraram 30 dias, até o final de 14 de *Iyar*. Em outras palavras, a santidade de *Péssach* se estende por 30 dias. Por isso, só um mês depois é que se pode comemorar *Péssach Sheni*.

11.4.4 Informativo do ano 2005 da Escola(3)

Comportamento Chassidut

A aluna deve empenhar-se em servir como exemplo a todos os que a rodeiam, portando-se de forma que amem D'us por sua causa.

A fala deve ser de acordo com uma menina chassidit: suave, tranqüila e respeitosa, sem discussões a altos brados, sem palavras desrespeitosas, sem fofocas e maledicências, sem expressões desagradáveis ou gírias vulgares.

A aluna deve participar somente das atividades oferecidas pela escola, ou autorizadas pela mesma. O mesmo se dá em relação a diversos grupos juvenis, bibliotecas públicas, passeios organizados, etc.

A aluna poderá participar de uma reunião de amigas somente depois de ter se certificado de que a festa está sendo organizada de acordo com a orientação da mechanechet em relação a todos os pormenores.

A aluna deve ter cuidado em não passear ou permanecer sozinha na rua no período noturno.

A aluna deve abster-se de visitar centros de compras cujo ambiente não seja adequado ao espírito da escola.

É proibido participar de apresentações e programas diversos que não sejam adequados ao espírito da escola. A aluna deve pedir a opinião clara da diretoria da escola em relação a cada evento!

É proibido ir ao cinema ou teatro.

É proibido ler jornais, revistas ou livros que não sejam adequados ao espírito da escola. Não se deve ouvir ou assistir a programas de rádio ou de televisão.

הגאון רבי יצחק זילברשטיין שלימו"א

[illegible]

מאת רבותינו הביד"ץ בירושלים עיה"ק, ובראשם כ"ק מרן הגאב"ד שליט"א

אסור להכנס לבית עסק כזה

והשומע לדברינו ישכון בטח וישאנן ויתברכו.

איבערזעצונג אין אידיש

[illegible][illegible]

מניית דמשיבו דאחא לממשיך בתיידיה"א, אשר
לכן חובה להתרחק מאד ממניית אלו.

ישנן שתי נגה השי"ת ח' לעמוד במניית הגוילים של
דורנו דור עני, ואמר למשחית דרך סמנו, ועיי' נוכח לגדל

מכנים טומאה נוראה וגורם קלקולים נוראים בבית קודש הקדשים העליון, והדברים נוראים !

Journal of Management Inquiry 18(6) 709–724